E
A Revista do Expresso
EDIÇÃO 2341
9/SETEMBRO/2017

Aga Khan
Líder dos ismaelitas investe milhões em Portugal
Por Alexandra Carita

Ana Paula Vitorino

Como a ministra do Mar venceu o cancro sem abandonar o Governo

Entrevista de Joana Madeira Pereira e Raquel Moleiro

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

ROLEX

O YACHT-MASTER

Relógio emblemático que incorpora uma herança
náutica que remonta aos anos 1950.
Mais do que contar o tempo, conta a história.

OYSTER PERPETUAL YACHT-MASTER 40

MARCOLINO

SINCE 1926

PORTO - RUA DE SANTA CATARINA 84, TEL. 222 001 606
PORTO - PALÁCIO DAS CARDOSAS, PRAÇA DA LIBERDADE 19, TEL. 220 146 320

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

OS FILHOS DE NINGUÉM

AUNG SAN SUU KYI TEM AS MÃOS ATADAS. CULPÁ-LA E EXIGIR QUE DEFENDA COM VEEMÊNCIA OS ROHINGYA É CONDENÁ-LA A FICAR REFÉM DOS MILITARES E A PERDER O APOIO DA POPULAÇÃO

Jimmy está sentado num dos degraus do templo budista, a limpar o suor da testa. A anglicização do impronunciável nome torna as coisas menos complicadas. Jimmy fala inglês e repete que não é "bengalês". Leia-se rohingya. A família veio da Índia no tempo do império britânico, os antepassados foram soldados coloniais quando Birmânia fazia parte da Índia. As fronteiras e os vizinhos são o principal problema birmanês, além da história de violência, do passado ditatorial, das etnias e tribos, da pobreza, do subdesenvolvimento, da ausência de infraestrutura, da fragilidade da democracia, do budismo ultramontano, dos separatistas armados, da economia incipiente, da predação do capitalismo chinês, da cobiça do turismo, da decadência do património, da poluição, da corrupção, etc., etc., etc. E os militares, o Tamadaw, uma classe à parte que se reclama protetora do povo. A Birmânia tem demasiados problemas e tragédias para considerar os rohingya um problema. Um rohingya é um bengalês, dizem. Não é deste país. Um mês na Birmânia e não encontrei um defensor dos rohingya. Jimmy, é por causa de serem muçulmanos? Não, devem regressar de onde vieram, ao Bangladesh. O Bangladesh não quer os rohingya. Nem a Índia. A Índia tenta deportá-los, voltem para Myanmar, e o Bangladesh, um país miserável e inundado graças ao aquecimento global, junta-os em "campos de refugiados" que fazem a selva de Calais parecer um hotel. São corpos amontoados, esfomeados e rejeitados. Ninguém quer os desgraçados rohingya. Não há pátria para os acolher. Nem as muçulmanas Indonésia e Malásia. Nem a budista Tailândia. Morrem na terra e no mar. Ninguém sabe ao certo quantos são.

Jimmy é muçulmano. E tem a pele da cor dos bengaleses. Confessou-se muçulmano só ao fim de algum tempo. Em Mandalay, onde vive, fica a sede da resistência budista aos muçulmanos, um movimento racista liderado por um monge aparentado com a rapaziada de Charlottesville. Um racista na Alemanha, na América ou na Birmânia dá no mesmo. Um tipo inchado de ódio que agarra no megafone e quer expulsar os que não se parecem com ele. Ashin Wirathu tem uma vasta audiência e é poderoso. Tem as costas quentes dos militares. Nem todos os budistas são assim, nem todos os muçulmanos são extremistas. A maioria não é. Jimmy é muçulmano e esclarece que os muçulmanos são boas pessoas e não são terroristas. E os rohingya? Os "bengali" têm um grupo terrorista. Jiadis? Jiadis, diz ele. Como os da Europa. A fissura entre muçulmanos e outros credos, sobretudo o budista, é antiquíssima. Noutros lugares da Birmânia, como o estado Chan, sempre houve brigas, *pogroms*. No Bangladesh, a violência vira do avesso e os budistas são perseguidos e assassinados. Na Índia, os muçulmanos são indesejados. Para não falar de Caxemira. As feridas coloniais foram reabertas por uma insanável intolerância religiosa. Jimmy diz que os muçulmanos têm má reputação, a de tratarem mal as mulheres e de serem cruéis. Não é verdade, lamenta. Na Birmânia, as mulheres não são maltratadas.

Enquanto conversamos na sombra de um Buda doirado e impávido, a quilómetros dali, numa zona tornada inacessível pelos *checkpoints*, os militares queimam e exterminam a insurreição a que chamam terrorismo. Os rohingya têm uma espécie de novíssimo líder que decidiu pela resistência armada, sacrificando milhares de vidas à retaliação. Mataram doze soldados num posto, e os soldados queimaram as aldeias e mataram cem vezes mais rohingya. Os outros fugiram para o Bangladesh. Dezenas de milhares. Um êxodo bíblico. A população budista maioritária do estado de Rakhine exige proteção contra os terroristas, que têm a sua quota mínima de atrocidades e são pelo recrutamento à força de homens e crianças. Ao mesmo tempo, da Turquia à Indonésia, os muçulmanos ricos ensaiam uma resistência política e preparam-se para financiar secretamente a resistência armada que degenera no pan-jiadismo do costume. O perigo que isto representa para a recente democracia birmanesa é brutal. Aung San Suu Kyi tem as mãos atadas. Culpá-la e exigir que defenda com veemência os rohingya é condená-la a ficar refém dos militares e a perder o apoio da população. Um dos oficiais do seu partido foi condenado a anos de prisão e trabalhos forçados por esse "crime". Myanmar não atingiu o estado da consciência liberal do Ocidente, que sofre pelos rohingya mas ignora olimpicamente as vítimas do Iémen da guerrazinha dos sauditas por nós armados. Exigir que retirem o Nobel à senhora é um disparate. Pensem primeiro em Henry Kissinger. A situação pode piorar e pode saldar-se pelo fracasso político de Suu Kyi e do seu titubeante Governo e o regresso do poder autoritário e absoluto da Junta, que nunca foi embora. Espero que António Guterres não embarque na retórica fácil e compreenda a complexidade de metermos as brancas mãos neste vespeiro à toa. E quem se dispõe a acolher os rohingya e dar-lhes uma casa? Ninguém. Haverá de reserva um futuro igual ao dos naufragados do Mediterrâneo. ●

/ CLARA FERREIRA ALVES

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

SUMÁRIO

EDIÇÃO 2341
9/SETEMBRO/2017

26

Aga Khan O perfil de um dos homens mais ricos e influentes do mundo prestes a estabelecer residência em Lisboa

fisga

7 | **Cirurgias** Quais as operações mais frequentes em Portugal e na Europa

10 | **Do Céu ao Inferno** + **Batata Quente**

12 | **Pimenta na Língua** + **Números Primos**

14 | **Déjà Vu** + **Altifalante**

16 | **O Que Eu Andei para Aqui Chegar** Graça Mira Gomes

18 | **Oito da Manhã** O início do dia com Jorge Corrula

20 | **Planetário** "Tunnel of Love" em Cascais

22 | **Passeio Público** 20 Minutos com... Ruy de Carvalho

+E

34 | **Lisboa** O Lado B do turismo na capital portuguesa

42 | **Basquetebol** A história de Kevin Durant, o melhor jogador do mundo que tinha tudo para não o ser

48 | **Cérebro** Balanço de dez anos de atividade do Programa de Neurociências da Fundação Champalimaud

56 | **Entrevista** Ana Paula Vitorino tornou-se ministra do Mar e doente oncológica ao mesmo tempo. Continua no Governo e venceu o cancro

Culturas

65 | **The National** Matt Berninger e Aaron Dessner contam tudo sobre o novo álbum

68 | **Veneza** Primeiras impressões a meio do Festival

70 | **Marco Rodrigues** O novo rumo de um fadista

71 | **Serralves** "O Museu como Performance"

74 | **Livros** "Atos Humanos", de Han Kang

78 | **Cinema** "Sorte à Logan", de Steven Soderbergh

82 | **Televisão** "The Deuce", no TVSéries

84 | **Música** "American Dream", dos LCD Soundsystem

88 | **Teatro & Dança** "Trilogia Antropofágica", de Tamara Cubas

90 | **Exposições** Coleção La Caixa na Cordoaria Nacional

92 | **Obrigatório** Tudo o que não pode perder

Vícios

95 | **Luxo** Conheça o serviço turístico personalizado

98 | **Receita** Por José Avillez

99 | **Vinhos** Por João Paulo Martins

100 | **Sobre Mesa** Por Fortunato da Câmara

101 | **Recomendações** De "Boa Cama Boa Mesa"

102 | **Sentir** O papão da matemática

103 | **Há Homem** Por Luís Pedro Nunes

104 | **Passatempos**

105 | **10 Perguntas a... Tarantini** Por Inês Maria Meneses

CRÓNICAS

3 Pluma Caprichosa por Clara Ferreira Alves | **24 Cartas Abertas** por Comendador Marques de Correia
75 Isto Anda Tudo Ligado por Ana Cristina Leonardo | **79 O Cinema Dá o Que a Vida Tira** por Manuel S. Fonseca
85 A Desarmonia das Esferas por João Lisboa | **94 Que Coisa São as Nuvens** por José Tolentino Mendonça
102 Diário de Um Psiquiatra por José Gameiro | **106 Fraco Consolo** por Pedro Mexia

FOTOGRAFIA DA CAPA: **LUÍS BARRA**

FICHA TÉCNICA

Diretor
Pedro Santos Guerreiro

Diretor-Adjunto
Miguel Cadete
mcadete@impresa.pt

Diretor de Arte
Marco Grieco

Editor
Jorge Araújo
jmsaraujo@expresso.impresa.pt

Coordenadores
Ricardo Marques
rmarques@expresso.impresa.pt
Rui Tentúgal
rtentugal@expresso.impresa.pt

Coordenadores Gerais de Arte
Jaime Figueiredo (Infografia)
João Carlos Santos (Fotografia)
Mário Henriques (Desenho)

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Elegance is an attitude*

Aishwarya Rai

LONGINES®

The Longines Master Collection

* A elegância é uma atitude.

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Expresso

Liberdade para pensar.

Acesso ilimitado ao Expresso Digital

4 SEMANAS POR 3,50€

Campanha válida até 31/10/2017, salvo erro tipográfico.

VANTAGENS PARA OS ASSINANTES DO EXPRESSO DIGITAL:

- **Expresso semanário** (sábado)
- **Expresso diário** (segunda a sábado)
- **Exame Informática** semanal (sábado)
- Acesso a **conteúdos exclusivos**
- Acesso **a qualquer hora e em qualquer lugar**
- Aproveite agora **4 semanas por apenas 3,50€**

IMPRESA loja

Assine já em

lojaimpresa.pt/assinaturas | 21 469 88 01 (dias úteis – 9h às 19h | sábados – 9h às 17h)

Indique ao operador o código promocional: **C0AYI**

fisga

"QUEM SABE TUDO É PORQUE ANDA MUITO MAL INFORMADO"

Porque vamos ao bloco operatório?

CATARATAS, APENDICITE, OPERAÇÃO ÀS AMÍGDALAS, BYPASS, TRANSPLANTES. QUAIS SÃO AS CIRURGIAS MAIS RECORRENTES NA EUROPA E SOBRETUDO EM PORTUGAL? AVALIÁMOS O PANORAMA E DAMOS-LHE A RESPOSTA

TEXTO **ALEXANDRA CARITA**
INFOGRAFIA **CARLOS ESTEVES**

Foi há cinco séculos que o pai da medicina moderna, o belga Andreas Vesalius, se especializou naquilo a que hoje chamamos cirurgia, na altura corte e observação do corpo humano. É sabido, porém, que o conhecimento do corpo e a cura de patologias através da operação evoluiu desmesuradamente. Hoje, as cirurgias são intervenções comuns e tratam praticamente todas as doenças, tanto mais elas sejam recorrentes. É a forma que a ciência tem de reagir e enfrentar os problemas reais, resolvendo-os da maneira mais eficaz.
De resto, é precisamente a eficácia das cirurgias

GETTY IMAGES

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

CIRURGIAS POR 100 MIL HABITANTES

CATARATAS		AMIGDALITE		BYPASS CARDÍACO		ANGIOPLASTIA CORONÁRIA		APENDICITE		COLECISTECTOMIA	
OS TRÊS MAIS...											
Alemanha	814.969	Alemanha	138.195	Alemanha	53.910	Alemanha	312.509	Alemanha	133.908	Alemanha	200.253
França	773.308	França	66.044	Itália	21.533	França	149.351	França	77.389	França	129.563
Itália	528.699	Reino Unido	62.962	Polónia	20.247	Itália	123.477	Reino Unido	59.830	Itália	120.104
PORTUGAL	132.363	PORTUGAL	8477	PORTUGAL	3870	PORTUGAL	12.167	PORTUGAL	9832	PORTUGAL	16.609
...E OS TRÊS MENOS											
Malta	4277	Chipre	336	Chipre	384	Chipre	1105	Luxemburgo	530	Chipre	726
Chipre	2192	Malta	1	Luxemburgo	237	Luxemburgo	860	Chipre	527	Malta	396
Islândia	1793	Liechtenstein	1793	Malta	204	Malta	847	Liechtenstein	7	Liechtenstein	16

FONTE: EUROSTAT

que as torna mais comuns e recorrentes. Fomos avaliar o que se passa na Europa e sobretudo em Portugal e chegámos a essa conclusão. À qual se ajustam as principais patologias dos habitantes de cada país. Só em Portugal realizam-se 568.765 operações por ano (excetuando pequenas cirurgias) de acordo com as estatísticas hospitalares de 2016. Especialidades como a oftalmologia, a cardiologia, a obstetrícia fazem parte de um top cinco de doenças atualmente tratadas através das mais eficientes operações.

Um estudo da Eurostat põe os pontos nos is no que se refere ao número e ao tipo de intervenções cirúrgicas realizadas no Velho Continente, indicando simultaneamente de que padecem os europeus.

E se há cirurgia que bata recordes de realização, ela é a operação às cataratas. Em 2015, data dos últimos dados disponíveis, mas revistos já este ano, 4,3 mil milhões de europeus com residência nos Estados-membros da EU, tinham sido intervencionados às cataratas. Só em Portugal esse número definia-se como mais de 1300 pessoas por cada 100 mil habitantes. Um valor semelhante aos números apresentados por países como Malta, República Checa, Alemanha, Suécia, França, Áustria ou Estónia.

"Trata-se de uma doença própria da idade e com o aumento substancial da esperança média de vida, o número destas cirurgias cresceu muitíssimo", explica Augusto Magalhães, o cirurgião que preside ao Colégio da Especialidade de Oftalmologia, apontando esta como uma das razões para a frequência da operação. Por outro lado, adianta, a indicação cirúrgica também aumentou, uma vez que a recuperação se tornou "excelente", com as novas técnicas e tecnologias de intervenção, a capacidade operatória idem aspas, bem como a sua funcionalidade. Por outras palavras: "Dantes só operávamos as cataratas quando a patologia estava madura, hoje operamos muito mais cedo — passámos de 1/10 de antigamente para 7/10 de hoje", continua Augusto Magalhães que não deixa de frisar que o paciente está recuperado 24 horas depois e a ver perfeitamente, pronto para desempenhar todas as funções do seu dia a dia. "As taxas de recuperação são excelentes." Outro motivo ainda para o aumento desta cirurgia aos olhos prende-se com o facto de ela ser prescrita e tomar o mesmo nome nos dados estatísticos da cirurgia refrativa à remoção do cristalino transparente, aquilo que se faz a partir dos 50 anos, quando a grande maioria das pessoas passa a ver mal ao perto e nessa remoção se insere uma lente multifocal. Esta operação é em tudo igual à cirurgia às cataratas. Acresce ainda a todas estas razões uma outra que não deve ser descurada: "É aceitável operar oito cataratas por cada período cirúrgico de seis horas", diz o presidente do Colégio de Oftalmologia. Um número que, no entanto, pode duplicar dependendo do cirurgião. "Numa manhã, das 8h às 14h pode operar-se 15 ou 16 cataratas."

Muito frequentes em toda a Europa e também com números elevados no nosso país, são as broncoscopias e angioplastias coronárias.

O país onde mais se realiza este primeiro procedimento médico é na Croácia, com uma média de 685 cirurgias por 100 mil habitantes.

AS CATARATAS SÃO UMA DOENÇA PRÓPRIA DA IDADE E COM O AUMENTO SUBSTANCIAL DA ESPERANÇA MÉDIA DE VIDA, O NÚMERO DESTAS CIRURGIAS CRESCEU MUITÍSSIMO. AO MESMO TEMPO, OS EXCELENTES RESULTADOS FAZEM COM QUE A SUA PRESCRIÇÃO TAMBÉM AUMENTE

A Alemanha e a Letónia andam lá perto com 400 doentes operados. Já Portugal sobe de nível de ocorrências no que respeita às angioplastias. Vasco Gama Ribeiro, presidente do Colégio da Subespecialidade de Cardiologia de Intervenção, não tem dúvidas do porquê. "A causa mais frequente de morte em Portugal são as doenças cardiovasculares." A angioplastia coronária, esclarece, é uma intervenção percutânea que consiste num cateterismo terapêutico, ou seja, com um cateter introduzido pelo braço em 90% dos casos (e pela perna em casos particulares) dilatam-se as artérias. Este procedimento evita a cirurgia. "Há estudos comparativos com a cirurgia que provam que a eficácia é igual", adianta o cirurgião da especialidade. E, tal como no caso das cataratas, os pacientes não ficam mais de 24 horas internados, tendo complicações mínimas. A angioplastia coronária serve ainda os doentes que, por razões específicas, não podem ser sujeitos a cirurgia. "Não é nada descabido que este seja um dos procedimentos mais comum em sala de operação em Portugal. O nosso historial patológico assim o determina", continua Vasco Gama Ribeiro. No serviço que dirige, só no ano passado realizaram-se 1100 angioplastias coronárias. O médico estima que entre 30 a 30 e poucos por cento dos portugueses sofram de doença coronária severa, sendo muitos deles tratados através deste método procedimental. Uma operação, de resto, que sobe para números a rodarem as 200 em cada 100 mil pessoas em países como o Reino Unido, Espanha, Finlândia e Irlanda.

Em França, no Reino Unido, na Irlanda, em Malta, Dinamarca e Bélgica as colonoscopias assumem-se como o segundo procedimento clínico em sala de operações mais frequente. O exame ao cólon é, de resto, tido como o mais comum na Europa. Os valores estão em quase todos os países acima dos mil realizados por ano em cada 100 mil pacientes. Seguem-se-lhe as apendicites. Uma cirurgia aparentemente simples mas que pode trazer complicações, nomeadamente, se se tratar de uma peritonite. Costa Maia, membro do Colégio de Cirurgia

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

HÉRNIA INGUINAL		TRANSPLANTE DE RIM		PRÓSTATA		HISTERECTOMIA		CESARIANA		SUBSTITUIÇÃO DA ANCA	
Alemanha	173.360	França	3109	Alemanha	25.482	Alemanha	124.341	Turquia	683.916	Alemanha	237.067
França	152.872	Turquia	2924	França	24.302	França	64.733	Alemanha	220.306	França	158.124
Itália	139.614	Espanha	2678	Itália	23.701	Itália	60.918	Reino Unido	195.552	Reino Unido	119.806
PORTUGAL	16.734	PORTUGAL	450	PORTUGAL	2630	PORTUGAL	9361	PORTUGAL	261	PORTUGAL	9101
Luxemburgo	1002	Estónia	35	Chipre	120	Malta	602	Chipre	1425	Chipre	412
Chipre	883	Chipre	27	Luxemburgo	85	Chipre	428	Malta	1357	Malta	326
Liechtenstein	40	Malta	20	Liechtenstein	2	Liechtenstein	26	Liechtenstein	18	Liechtenstein	17

Geral, faz notar que o envolvimento do risco não deixa nunca de estar presente mesmo nas operações menos complexas. Mas o aumento do número de casos bem sucedidos prova que a evolução ajuda à prescrição das apendicites. "Atualmente trata-se de uma operação com menor nível invasivo através da técnica laparoscópica. Isto significa que a cirurgia envolve mais conforto, menos dor e muito melhores resultados do ponto de vista estético." No entanto, convém frisar que o número de apendicites agudas operadas é um valor estável. Segundo Costa Maia, isso deve-se ao facto de existir já um tratamento médico com antibióticos que se aproxima da intervenção cirúrgica, à qual antigamente se recorria sempre. Já no que respeita ao risco de que fala o cirurgião Costa Maia, ele é mais comum nestes procedimentos operatórios uma vez que eles podem surgir em urgência. "Nesses casos não há preparação pré-operatória, conhecemos o doente no próprio dia da cirurgia, ele pode ser idoso, o que torna as coisas mais complicadas, ou mais jovem, que normalmente torna tudo mais fácil. Mas o espectro de doentes é muito grande." O mesmo acontece no âmbito das operações à vesícula, outra cirurgia muito comum em Portugal e que tem vindo a aumentar nos seus números absolutos. Um padrão de crescimento que se prende também ao aumento de tumores no intestino, tumores no fígado, biliares, muitas vezes por infeção por vírus, mas também por via do álcool.

Com um número de pacientes a rodar os 160 por cada 100 mil portugueses a serem submetidos a operações para retirar hérnias inguinais, esta cirurgia "rotineira", como lhe chama Costa Maia, este é outro dos procedimentos operáticos mais frequentes no nosso país, apresentando-se mesmo num top cinco, se o quiséssemos fazer. De resto, nos últimos cinco anos, as operações às hérnias inguinais recorrendo à técnica laparoscópica quase triplicou em Portugal, sendo este o país onde se realizou um maior aumento deste procedimento cirúrgico. Mas mais do que no que respeita aos números, os austríacos e os gregos chegam às cerca de 200 operações às hérnias pelos tais 100 mil habitantes. Realizadas de forma eletiva, só o volume da hérnia não permite catalogar a operação como simples, explica ainda Costa Maia, que refere que se trata das hérnias não complicadas. Contudo, o médico frisa e mostra a sua preocupação para com o crescimento das doenças oncológicas (que necessitam de intervenções cirúrgicas) e da obesidade, que sobrecarrega muito os serviços de cirurgia.

Já no ramo da obstetrícia, realizam-se por ano na Europa pelo menos 1,38 milhões de cesarianas. Dados referentes a 2016 estabelecem o número de cesarianas em Portugal em 35 mil ano, uma taxa de pouco mais de 40% em 82 mil partos ano. Estes valores são assumidos como excessivos pela Direção-Geral da Saúde e por muitos médicos. O presidente do Colégio de Obstetrícia, João Silva Carvalho, também acha que há cesarianas a mais, no entanto, frisa que é prioritário termos, como temos, os maiores índices de natalidade em parto do mundo. Nesse campo, a Holanda situa-se no pior lugar da Europa e a Inglaterra também apresenta valores muito baixos de natalidade à nascença. Vejamos as causas para tais números de cesarianas em Portugal. Uma das variáveis que influi na sua grandeza é o índice de doenças do aparelho ginecológico (doenças urinárias, etc.), outra é o número de processos médico-legais levados a cabo contra os médicos. "Quando algo corre mal, é recorrente pensar-se que o médico poderia ter feito uma cesariana e não o fez", diz João Silva Carvalho. Portanto, "isso gera uma atitude de defesa por parte dos médicos". O presidente do Colégio de Obstetrícia considera que os números de cesarianas podem ser reduzidos mas "de forma cuidadosa, monitorizada e acompanhada, de maneira a não prejudicarem os altos índices de natalidade dos bebés no parto".

Ainda no domínio da obstetrícia, a histerectomia, vulgo a retirada do útero, surge com um valor relativamente alto em Portugal. Cerca de 100 mulheres em cada 100 mil recorrem a este procedimento, que ocorreu precisamente 9326 vezes em hospitais públicos no ano de 2014, avança um estudo da Universidade de Coimbra. Mas esse valor tem vindo a diminuir substancialmente, à volta de 20% nos últimos 15 anos. Porquê? "Surgiu uma nova forma de intervenção cirúrgica minimamente invasiva, a histeroscopia, um método que permite ver dentro do útero através de um sistema ótico e assim tratar a doença que lá esteja", explica o cirurgião. Outra inovação que concorre para a mesma diminuição do número de histerectomias são os novos tratamentos médicos por comprimidos que permitem controlar várias outras patologias, nomeadamente "os fibromiomas, a principal causa das histerectomias" em Portugal. Ainda dentro da área cirúrgica, a também minimamente invasiva laparoscopia permite cuidar quase todas as patologias ginecológicas anulando as retiradas do útero. "Isto veio trazer uma enormíssima vantagem para o sistema de saúde e coloca-nos, a nós Portugal, no lugar de um dos países mais avançados nesta matéria", conclui João Silva Carvalho. ●

UMA DAS VARIÁVEIS QUE INFLUI NA GRANDEZA DO NÚMERO DE CESARIANAS É O ÍNDICE DE DOENÇAS DO APARELHO GINECOLÓGICO (DOENÇAS URINÁRIAS, ETC.), OUTRA É O NÚMERO DE PROCESSOS MÉDICO-LEGAIS LEVADOS A CABO CONTRA OS MÉDICOS

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

DO CÉU AO INFERNO

A SEMANA EM REVISTA POR **PEDRO CORDEIRO**

O ex-Presidente americano que deixou saudades não teve papas na língua perante a desumanidade de Trump. Também os juízes europeus foram firmes na condenação do egoísmo xenófobo da Hungria e da Eslováquia. O mesmo não se diga da birmanesa Suu Kyi em relação a uma minoria perseguida. Com o ditador sírio acusado pela ONU e a Catalunha a esticar a corda com Espanha, vai agitado o mundo. Por cá, há nova página de internet sobre a Assembleia da República e a campanha autárquica prossegue, com debates mornos e promessas mirabolantes.

Barack Obama

Certeiro, chamou "cruel e errada" à decisão do sucessor de revogar a amnistia às 800 mil pessoas levadas ilegalmente para os EUA quando eram crianças, sujeitando-as à deportação. A questão é, recordou, de "decência básica". Agora está nas mãos do Congresso.

Tribunal de Justiça da UE

A rejeição dos recursos húngaro e eslovaco contra a obrigação de acolher refugiados foi um gesto de defesa dos valores comuns da UE e do humanismo, num momento em que só foram relocalizadas 28 mil das 160 mil pessoas previstas.

Hemiciclo.pt

Criado por David Crisóstomo (estudante de Economia) e Luís Vargas (*designer*), este novo sítio dá conta de toda a atividade parlamentar, num esforço meritório por aproximar a política do cidadão.

Catalunha

O Parlamento regional aprovou o pretenso referendo à independência, marcado para 1 de outubro. Mas fê-lo atropelando as suas próprias regras e a consulta não terá garantias jurídicas. O impasse mantém-se e ninguém parece capaz de um golpe de asa.

Fernando Medina

O debate televisivo não correu mal ao autarca de Lisboa: sem brilhar, ficou claro que não tem rival à altura. O pior foi a Comissão Nacional de Eleições ter mandado a Câmara suspender a publicidade institucional, que roça a propaganda.

Aung San Suu Kyi

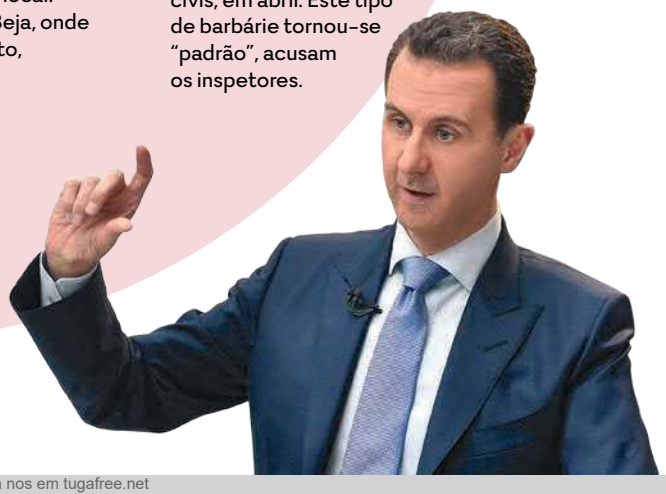
A crise do povo rohingya terá nuances, como todas. Mas é confrangedor alguém com a autoridade moral da Nobel da Paz de 1991 negar as notórias violações dos direitos daquela minoria muçulmana da Birmânia.

Manuel Machado

A promessa de um aeroporto internacional em Coimbra (convertendo o aeródromo de Cernache) vem na linha dos piores vícios da política local. Candidate-se antes a Beja, onde já existe tal equipamento, de resto vazio.

Bashar al-Assad

É improvável que isto incomode o Presidente sírio, mas a investigação das Nações Unidas concluiu que foi o seu Governo que orquestrou o ataque com gás sarin contra civis, em abril. Este tipo de barbárie tornou-se "padrão", acusam os inspetores.



BATATA QUENTE

PERGUNTAS IMPERTINENTES

Onde está o dinheiro de Pedrógão?

Depois da tragédia a 17 de junho, dos 64 mortos, 254 feridos, 491 casas destruídas, 477 cabeças de gado perdidas, só a onda de solidariedade dava ânimo para continuar. Logo nas primeiras semanas, entre contas, concertos e fundos, em Portugal e no estrangeiro, foram angariados cerca de €14 milhões. Não chegavam para curar, mas eram indispensáveis para tratar as dores mais urgentes. Agora, quase três meses depois, os autarcas dos concelhos mais atingidos — Pedrógão Grande, Castanheira de Pera e Figueiró dos Vinhos — falam de desvio de verbas e pedem a intervenção do Banco de Portugal para, através do Ministério Público, rastrear os donativos tresmalhados. António Costa apresentou as primeiras contas: no fundo Revita, criado pelo Governo com donativos particulares, estão depositados €1,96 milhões, podendo subir para os €4,95 milhões se se efetivarem todas as intenções de ajuda. A maioria dos donativos ficou fora do fundo estatal e está a ser gerida por entidades sociais, como a União das Misericórdias e a Cáritas. Marcelo Rebelo de Sousa já pediu a divulgação de quem gere o quê. Entre entradas e saídas, é só fazer as contas. E ver se dá negativo. / **RAQUEL MOLEIRO**

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Bolsas Gulbenkian Novos Talentos

Matemática
Tecnologias Quânticas
Inteligência Artificial

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Candidaturas abertas 1–27 set

Matemática
Para estudantes universitários do 1º, 2º ou 3º anos de cursos com uma forte componente em Matemática.

Tecnologias Quânticas
Para estudantes de licenciatura ou mestrado de cursos com uma forte componente em Ciências, Matemática ou Engenharia.

Inteligência Artifical
Para estudantes do 3º ano de cursos de licenciatura ou mestrado integrado com uma forte componente em Informática.

GULBENKIAN.PT

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

PIMENTA NA LÍNGUA

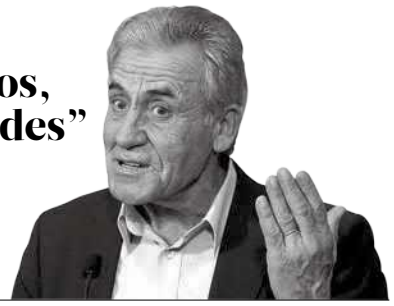
FRASES DA SEMANA

“Não é um bom exemplo quando, hoje, se discute em toda a Europa para onde vai a fábrica da Tesla”

ASSUNÇÃO CRISTAS, PRESIDENTE DO CDS-PP

Deplorando a greve dos funcionários da Autoeuropa que se opõem à obrigação de trabalhar aos sábados, nos termos que a empresa propõe

“Somos suficientemente experientes para dispensar conselhos venenosos vindos, designadamente, do doutor Marques Mendes”



JERÓNIMO DE SOUSA, SECRETÁRIO-GERAL DO PCP

Recusando os conselhos do comentador televisivo (e ex-líder do PSD) a respeito da posição que os comunistas deviam adotar na votação do Orçamento

“Não é primeiro-ministro, mas manda. E muito”

RAUL VAZ E MARTA MOITINHO OLIVEIRA

Justificando no “Jornal de Negócios” a escolha de Marcelo Rebelo de Sousa como o homem mais poderoso de 2017

“Há milhões de crianças para inspirar e só se fala em dinheiro, isto é prejudicial para todos. Temos que ser modelos e sabemos disso, mas não podemos ser personagens”

ERIC DIER

Ex-defesa do Sporting a jogar atualmente no Tottenham Spurs, defendendo a sua classe profissional contra quem lhe faz críticas por ganhar demasiado

NÚMEROS PRIMOS

ELES FALAM

2

MILHÕES DE DÓLARES PARA RIO DE JANEIRO RECEBER JOGOS OLÍMPICOS

Cidade maravilhosa

As autoridades brasileiras e francesas investigam um alegado suborno de dois milhões de dólares (€1,7 milhões) do então governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, a um membro do Comité Olímpico Internacional para assegurar a escolha da cidade para as Olimpíadas de 2016.

180

OVOS CONTAMINADOS COMPRADOS POR EMPRESA PORTUGUESA

Ovos perigosos

Uma empresa portuguesa comprou 180 ovos contaminados, na Bélgica, e colocou Portugal na lista de 26 países afetados. Os ovos foram servidos na cantina da empresa naquele país e não entraram em território nacional.

-0,3%

QUEBRA DO COMÉRCIO A RETALHO

Retalho abranda

O comércio a retalho na zona euro recuou 0,3% em julho, revelou o Eurostat. Em Portugal, a quebra foi de 0,6%.

50

JORNAIS AMERICANOS VENDIDOS EM 2016

Sector em sobressalto

No ano passaram, mudaram de mãos 50 jornais diários nos EUA, segundo dados da consultora Dirks, Van Essen & Murray citados pela Bloomberg.

/ JOÃO SILVESTRE

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Vila Galé
HOTÉIS

O VERÃO AINDA NÃO ACABOU

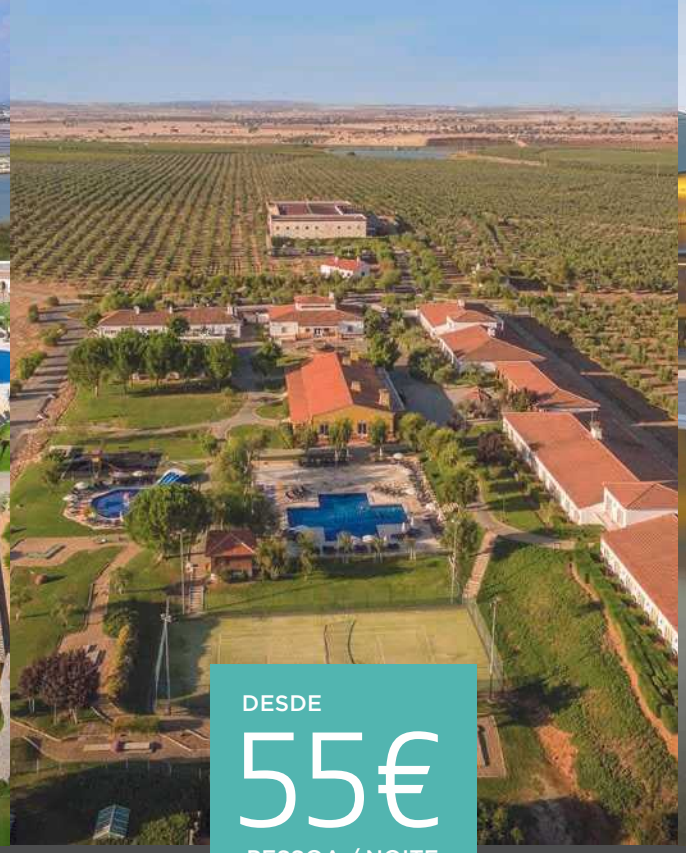
APROVEITE AS NOITES QUENTES DO SUL

Faça a sua reserva em **www.vilagale.com**
com o código promocional **#férias**

DESDE
73€
PESSOA / NOITE

VILA GALÉ
ALBACORA

★ ★ ★ ★



DESDE
55€
PESSOA / NOITE

VILA GALÉ
CLUBE DE CAMPO

★ ★ ★ ★

DESDE
48€
PESSOA / NOITE

VILA GALÉ
ÉVORA

★ ★ ★ ★

PORTUGAL E BRASIL • LAZER E NEGÓCIOS • CIDADE, PRAIA E CAMPO **SEMPRE PERTO DE SI** WWW.VILAGALE.COM • (+351) 217 907 610 • RESERVAS@VILAGALE.COM

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

GETTY IMAGES

1962

DÉJÀ VU

O FUTURO FOI ONTEM

A verdadeira crise dos mísseis

Foi entre 16 e 28 de outubro de 1962 e não por causa dos presentes arrufos entre Donald Trump e Kim Jong-un que o mundo esteve à beira da fornalha atómica. A descoberta em Cuba de mísseis de fabrico soviético com capacidade nuclear pôs americanos e soviéticos à beira da III Guerra Mundial. Bloqueio naval à ilha de Fidel Castro e um avião americano abatido, eis alguns dos ingredientes para um confronto bélico que facilmente poderia evoluir para uma guerra nuclear. John Kennedy e Nikita Khrushchev conseguiram sobrepor-se aos falcões dos dois campos e negociar uma saída hábil sem que ninguém perdesse a face. O Kremlin e a Casa Branca passaram a estar ligados pelo famoso "telefone vermelho". Trump tinha 16 anos e Kim ainda não era nascido, mas nenhum parece ter lido os livros de História. / **RUI CARDOSO**

ALTIFALANTE

NAS ENTRELINHAS

Opiniões

Isto da opinião não é fácil. Quando num café nos trazem a torrada meio preta e notamos que está um bocadinho queimada, arriscamo-nos a ouvir a resposta altiva: "Isso é a sua opinião." Uma confusão óbvia entre opinião e observação. Já no caso das opiniões políticas pode custar mais a distinguir. Há dias, o dr. Passos Coelho fez uma declaração apaixonada a favor da liberdade de opinar: "Não aceitaremos um ambiente de intolerância em que só se discute o futuro segundo a perspetiva do pensamento dominante e em que quem não pensa como quem está no Governo não é bom português, é racista, é xenófobo ou é outra coisa qualquer."

As palavras de Passos Coelho têm que ver com várias situações. Uma é a de um candidato autárquico apoiado pelo seu partido que fez umas generalizações sobre ciganos. Outra é a do prof. Cavaco Silva, que foi à Universidade de Verão do PSD criticar o Governo e o Presidente da República, acusando aquele de imprudência económica e este — sem o nomear — de falar demais. O primeiro-ministro respondeu que Cavaco estava com "saudades de palco", levando Passos a dizer: "O dr. Cavaco Silva não tem direito a exprimir a sua opinião? Se o fizer tem logo de ser o ressabiado, que precisa de palco?"

A defesa do líder do PSD faria mais sentido se Cavaco tivesse apresentado as suas opiniões em termos inteiramente dignos. Acontece que o ex-PR não resistiu a usar expressões de mau gosto. "Acabam por perder o pio ou fingem apenas que piam", disse a respeito de governos como o de António Costa. Sobre o alegado excesso de intervenções do atual PR, usou o termo "verborreia", que além de ser depreciativo é inadequado à pessoa a quem se refere, pois uma coisa é falar vezes demais e outra é falar de uma forma incontinente, caótica. Marcelo pode ter muitos defeitos mas de fluência não carece, ao contrário de Passos, que não raro dá a ideia de ter como missão na vida castigar a língua portuguesa. Ou do próprio Cavaco. Quanto às generalizações do candidato autárquico, basta lembrar que agora tomou como critério de validade das suas opiniões o facto de uma sondagem indicar que a maioria dos portugueses as apoiam. Algures no que disse, a propósito de algo, também falou em oportunismo. / **LUÍS M. FARIA**

> *"... não tem direito a exprimir a sua opinião?"*

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

EM CASA, NA ESCOLA,
DIZIAM-ME:
“POR QUE NÃO ÉS MAIS COMO A TUA IRMÃ?”

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

O QUE EU ANDEI PARA AQUI CHEGAR

UM CURRÍCULO VISUAL

Graça Mira Gomes

É o nome escolhido por António Costa para liderar as secretas. Diplomata de carreira e com experiência em questões de segurança, é a primeira mulher a ocupar o cargo. / **CAROLINA REIS**

1961

Perfil discreto

Sabe-se muito sobre os cargos de política externa que ocupou, mas pouco sobre o seu percurso pessoal. Nasceu no início da década de 60, é casada com João Mira Gomes, embaixador e ex-secretário de Estado da Defesa e Assuntos do Mar, e tem dois filhos. O casal gosta de praticar ténis e ciclismo.

2017

A primeira

É escolhida por António Costa para secretária-geral do Sistema de Informações da República Portuguesa. É a primeira mulher no cargo.

1984

Carreira na diplomacia

Tem feito carreira no Ministério dos Negócios Estrangeiros. A sua formação é em Direito, licenciatura tirada na Universidade Católica, e tem também uma pós-graduação em Estudos Europeus, feita na mesma universidade.

2016

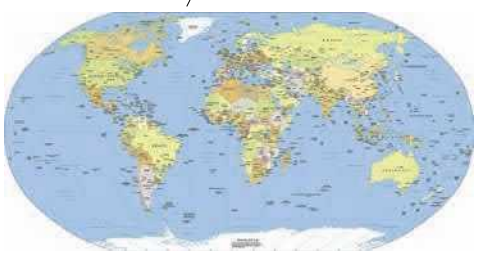
Voos de observação

Na qualidade de embaixadora portuguesa na OSCE destacou-se na presidência à Comissão Consultiva do Tratado Open Skies, que estabeleceu um regime de quotas de observação de voos desarmados nos Estados-membros da organização.

1989

Experiência internacional

São vários os cargos no currículo da embaixadora. O primeiro, poucos anos depois de entrar na diplomacia, foi na Representação de Portugal junto das Comunidades Europeias, em Bruxelas.



1993

Currículo mundial

A longa experiência levaram-na a percorrer várias geografias. Foi vice-chefe, em Macau, do Grupo de Ligação Luso-Chinês até 1996; representante-adjunta na Missão de Portugal na OCDE, de 2000 a 2005; e ministra-conselheira na embaixada em Berlim, de 2005 a 2008. Foi também, em representação do MNE, conselheira para a Igualdade.

2011

Visão estratégica

Foi durante três anos representante permanente de Portugal no Comité Político e de Segurança da União Europeia, em Bruxelas, o que lhe permitiu ter uma visão estratégica sobre defesa e segurança.

2015

Reputação positiva

Há dois anos que representava, em Viena, a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE). É conhecida por ser rigorosa e afável.

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

ESTREIA DIA 11
de 2ª a 5ª às 19h00

25 ANOS

linha aberta

com Hernâni Carvalho

PORQUE TODAS AS PERGUNTAS, DEVEM TER RESPOSTA

sic.pt/linhaaberta

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

OITO DA MANHÃ

PELA FRESCA

Jorge Corrula

O ator começa os dias a levar a filha, Beatriz, à escola. São três quilómetros que ele percorre de bicicleta, "já equipado", aproveitando para "fazer o aquecimento". Desde que terminaram as gravações da novela "Amor Maior", passa os dias a correr no Passeio Marítimo de Oeiras ou no Jamor. Os olhos estão postos na mítica Maratona de Nova Iorque, em novembro, a primeira que o ator, de 39 anos, vai fazer. "Era uma ideia que tinha desde que vi o Carlos Lopes e a Rosa Mota ganharem as medalhas olímpicas, mas achava que era um sonho impossível. Nos últimos três anos comecei a correr algumas provas nacionais e este ano consegui inscrever-me." Além de "muitos quilómetros nas pernas", tem feito reforço muscular e "alguma fisioterapia". "Vão surgindo pequenas lesões e é preciso tratá-las, porque quero chegar bem a Nova Iorque. O objetivo é sofrer o menos possível". / **JOSÉ CARLOS CARVALHO** (FOTOS) E **NELSON MARQUES** (TEXTO)

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

CULTURA POP

Economia chega à edição deste ano da Comic Con

A edição deste ano da Comic Con Portugal, que decorre de 14 a 17 de dezembro na Exponor, em Matosinhos, apresentará uma nova área no evento com a designação Comic To Business na qual "existirá a possibilidade de verificar como se movimenta" e quais são "as tendências e oportunidades que existem na indústria da Cultura Pop em Portugal, no momento e no futuro", revela ao Expresso Paulo Rocha Cardoso, diretor-geral da Comic Con Portugal.
Entre os nomes já confirmados para esta edição estão Dominic Purcell, da série "Prison Break", e Edward James Olmos, que agora retoma, ao fim de 35 anos, a personagem que criou em "Perigo Iminente" no novo "Blade Runner 2049" e que integrou o elenco de "Balltestar Gallactica". Nas áreas da banda desenhada e literatura estão também certas as presenças de Hermann, Andrjez Sapkowski, Rafael Albuquerque e Claire North, assim como os portugueses Nuno Plati e Nuno Saraiva. Nesta quarta edição "haverá novamente conteúdos na área do cinema, televisão, *gaming*, banda desenhada, literatura, anime, manga", entre outras áreas, sendo certo que, depois das experiências efetuadas em 2016, a música vai novamente ganhar presença na programação. Continuará a haver uma aposta em atrações como o concurso "Heróis do Cosplay", o Artists' Alley, Galardões da BD, Fan Zone, Áreas para PhotoBooth e autógrafos um "VIP Stage" e os Auditórios para os painéis com os artistas convidados.
Sobre a possibilidade de a Comic Con Portugal se apresentar futuramente em outros locais, Paulo Rocha Cardoso explica ao Expresso que todas as edições "são efetuados estudos" para analisar "as sugestões dos visitantes, o que possa ter decorrido menos bem e o que é possível melhorar". A análise "de novos locais para a realização do evento" é "mais um desses cenários". É por isso "uma possibilidade em aberto" tal como o planeamento da presença de convidados. A eventual "transição para Lisboa pertence a um desses cenários, é mais uma possibilidade discutida entre tantas outras, presente desde a primeira edição". E só "após a Comic Con Portugal 2017" serão avaliadas "todas as possibilidades e cenários para a próxima edição".

FESTIVAL

Ideias luminosas para ver em

Tem por nome "Tunnel of Love" e é uma escultura inédita feita em bambu através da qual o artista belga Georges Cuvier pretende prestar um tributo à natureza. As formas orgânicas, naturais, do material usado nesta estrutura asseguram desde logo uma ligação desejada ao mundo natural e desafiará todos "à experiência de um mundo desconhecido, uma jornada de descoberta". Cada visitante será convidado a passar pelo túnel e, assim, a "entrar no amor", como explica a nota de apresentação da edição deste ano do Lumina — Festival da Luz, que regressa a Cascais entre os dias 22 e 24 deste mês.
O Lumina vai juntar uma série de artistas que usam a luz como a sua principal forma de expressão artística. O festival, que tem entrada livre, vai apresentar cerca de 20 obras que vão surgir no espaço urbano e envolve espetáculos, performances de luz e cor, projeções multimédia e também instalações abertas à interatividade com o visitante. Além do belga Georges Couvier esta edição do festival vai contar com a participação de cerca de 40 artistas que provêm de países como Portugal, Alemanha, Bélgica, Eslovénia, França, Hungria, Israel, Nova Zelândia, Polónia e Reino Unido, todos eles unidos por um desafio comum: o de criarem obras de luz que reflitam uma relação com a natureza, que é o tema que define esta edição.
A ligação à natureza não se esgota no desafio temático lançado aos artistas nem no modo de colocar em prática ideias as ideias que aqui podem estar em jogo. A experiência luminosa sob o título "No One Left Behind", por exemplo, que aborda o programa Objetivos do Desenvolvimento Sustentável 2030 da ONU, sugere a todos que "ninguém fica para trás" e reflete "o desejo de abranger todas as pessoas e comunidades neste programa central".
As obras a apresentar revelam um espetro de leituras e sugestões abrangente. Criação conjunta de Story Box e do ateliê Ocubo, "Are Atoms Alive?" convida a uma contemplação de realidades em escalas distintas, desde o mais amplo ao microscópico, num percurso por seis capítulos que sugere uma viagem que lança uma questão maior: a de "como nos encaixamos neste universo".

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Cascais

Numa outra dimensão, “Seasons” (na foto), do mesmo ateliê, é uma obra que, usando tecnologia NeoScope, procura transformar o público no elemento central de uma experiência imersiva. A obra, para ser vivida, exige o download de uma aplicação que permite depois um tipo de envolvimento numa viagem de 360 graus que passa pelas quatro estações do ano, estabelecendo, como sugere o mote desta edição, um relacionamento com a natureza.
Dos artistas António Rafael e João Martinho Moura “NaN:Collider” é um projeto que propõe “a exploração de dados, técnicas, algoritmos e representações, inspiradas no contexto da pesquisa e desenvolvimento da exploração espacial, criando um concerto audiovisual imaginário”.
A Bélgica vai ser o país em destaque na programação do Lumina. As potencialidades culturais e as tradições vão estar em destaque numa programação promovida pela embaixada da Bélgica e que permitirá, além de acompanhar atuações musicais e ver a obra de luz do artista belga convidado, experimentar ainda os sabores da culinária do país.

FLASHES

ANIMAÇÃO

Meses depois de terem deixado a Casa Branca, Barack Obama e Joe Biden surgem agora como personagens de uma série de animação. Com o título “Barry and Joe” esta ideia de Adam Reid está neste momento a angariar fundos através do Kickstarter e quer levar aos pequenos ecrãs uma *sitcom* de ficção científica na qual os dois protagonistas viajam no tempo onde tentam mudar o curso dos acontecimentos, tendo Neil DeGrasse Tyson como seu guia.

MÚSICA

Gravações de espetáculos do programa que assinalou o fim de ciclo de 15 anos de atividade do Progetto Martha Argerich (e do festival anualmente realizado em Lugano, na Suíça) vão chegar a disco numa edição em triplo CD da Warner Classics. Realizada em junho de 2016, a última edição do festival assinalou os 75 anos da pianista e contou com as presenças de nomes como os do violinista Renaud Capuçon, dos pianistas Steven Kovacevich e Nicholas Angelich e ainda da filha de Martha Argerich, a violetista Lyda Chen.

HISTÓRIA

Os 100 anos da revolução russa são tema de um ciclo que o CCB apresenta este mês. Abre dia 14 com uma palestra por Stephen Lovell (Professor de História Moderna no King’s College, em Londres), inclui dia 19 um programa de música pela Orquestra Sinfónica Metropolitana com obras de Shostakovich e Prokofiev, um debate dia 23 com José Pacheco Pereira, Raquel Varela, Rúben Carvalho e Jaime Nogueira Pinto, leituras de poemas de Vladimir Maiakovski por José Fanha (dia 26) e cinema, dia 29, com “Ivan, O Terrível”, de Eisenstein.

EXPOSIÇÃO

Imagens e outras memórias da campanha americana de 2016

RUI OCHÔA

Das lutas pelas nomeações pelos dois principais partidos ao confronto direto entre Donald Trump e Hillary Clinton, a história da campanha presidencial de 2016 nos Estados Unidos será fonte de histórias e reflexões durante anos a fio.
A exposição que inaugura hoje no Mira Forum, no Porto, junta olhares dos fotógrafos Alfredo Cunha e Rui Ochoa e também materiais do Ephemera do arquivo de José Pacheco Pereira, propondo um reencontro com esses dias de intensa luta política.
A Ephemera tem por objetivo “promover livros, jornais, efémeras e materiais de arquivo pertencentes à biblioteca pessoal de José Pacheco Pereira”, que é o maior arquivo privado do género em Portugal e que tem um blogue (em ephemerajpp.com) destinado a tornar público os materiais deste acervo. O arquivo inclui milhares de exemplares que cobrem os mais diversos tipos de objetos como, entre outros, *pins*, *flyers*, cartazes, *T-shirts*, autocolantes, panfletos, fotografias publicadas na imprensa, recortes, *posters* e também manuscritos que podemos ver agora em “A Propaganda Nas Eleições Presidenciais dos EUA 2016”, que estará parente no Mira Forum até 21 de outubro.
Durante este mesmo período estarão ali igualmente expostas, em “América América”, fotografias que mostram “os contrastes existentes nos Estados Unidos da América, de Nova Iorque a Washington, passando por São Francisco, entre outras cidades, quase como se estivéssemos a assistir a uma espécie de *road movie*”, como afirma Vasco Rato, presidente do Conselho de Administração da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.
Tanto Alfredo Cunha como Rui Ochoa são profissionais com enorme experiência no fotojornalismo, com reportagens feitas pelo mundo fora e, ambos, com livros publicados.

PHOTO MATON

A passagem dos 40 anos sobre a edição do álbum “News Of The World” dos Queen vai ser assinalada com o lançamento de uma edição especial que inclui 3 CD (dois deles com raridades descobertas nos arquivos da banda) e um DVD com o documentário “Queen: The American Dream”, com imagens captadas nos bastidores da digressão que acompanhou o lançamento deste álbum.

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

PASSEIO PÚBLICO

20 MINUTOS COM

RUY DE CARVALHO

"SOU UM CIDADÃO NORMAL COM JEITO PARA REPRESENTAR"

O ATOR PARTICIPA HOJE NA HOMENAGEM TEATRAL A PAULA REGO, NUMA APRESENTAÇÃO ÚNICA PELO TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS DA OBRA "PETER PAN", ÀS 19H, NO CENTRO COLOMBO, EM LISBOA

ENTREVISTA **ALEXANDRA CARITA**
FOTOGRAFIA **JOSÉ CARLOS CARVALHO**

Vai participar num espetáculo a partir da obra de Paula Rego sobre a história do Peter Pan. Gosta da pintura dela?
Não é bem o meu estilo de pintura. Mas reconheço-lhe o talento. Acho que é uma grande pintora. Na arte é tudo muito subjetivo. Podemos até não gostar do que estamos a ver mas querermos que essa obra exista. A obra da Paula Rego vale realmente a pena ser mostrada ao público. Ela pinta maravilhosamente, disso é que não há dúvida nenhuma. Fico um bocado impressionado com a pintura dela, mas...

Neste "Peter Pan" do Teatro Experimental de Cascais encenado por Carlos Avilez qual é o seu papel?
Sou o narrador. Um papel que pode parecer fácil mas que não é. Tenho de me coordenar muito bem com as falas e as entradas deles todos. Há uma narração e um espetáculo ao mesmo tempo e há muita dificuldade de conseguir isso. Gosto de narrar e de contracenar com as personagens enquanto faço a ligação entre cada episódio.

Qual é a moral da história?
O Peter Pan não quer morrer, é um velho. O Peter Pan é um malandreco. É uma figura deslumbrante. Ora quem é que quer envelhecer? Quem é que gosta de envelhecer? Acho que toda a gente gostava de ser Peter Pan. E de ter uma apaixonada como a Wendy, então... Um sininho, uma índia simpática...

Lembra-se de quando ouviu pela primeira vez a história do Peter Pan?
Não me lembro quando foi a primeira vez que ouvi a história mas o nome do Peter Pan conheço-o desde que me lembro de ser pessoa, e já são 90 anos. Já vi o "Peter Pan" muitas vezes. Tudo isto tem passado por mim em 90 anos de idade e 75 de profissão, 60 de televisão.

Vai contracenar com o seu neto, Henrique Carvalho. É comovente?
Já contracenei muito com o meu neto. Ele agora faz o pirata Estrelado. É jeitoso sabermos que temos um filho e um neto atores, não é verdade? Eles é que escolheram, não fui eu que lhes disse nada. Mas a primeira pessoa a quem contaram foi a mim. "Olha, avô, eu vou para o teatro!"; "Olha, pai, eu vou ser ator!" Acho que ele tem muito talento, e não o digo por ser avô, se não tivesse eu dizia que não tinha e tentava que ele desistisse da carreira. Há muita outra coisa para se gostar no teatro, não é só ser ator. Há figurinistas, cenaristas, iluminadores, contrarregras, carpinteiros, pode ser-se muita coisa no teatro.

Dizia-me que há tudo no teatro, e no teatro, como no "Peter Pan", também não se envelhece?
O teatro é que não envelhece. Nós envelhecemos e os autores também. O que lhes acontece é que vão buscar a sua velhice e são recordados com muita ternura. O Liszt e o Beethoven já não existem e, no entanto, gostamos de os ouvir. O Tchaikovsky também. O teatro pode recordar isso tudo.

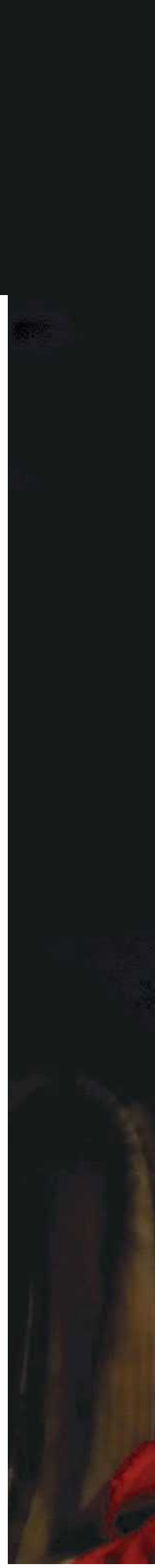
Quando digo que no teatro não se envelhece é porque a personagem não tem idade...
Ah! Isso não. Quer dizer, ela tem idade, nós é que nos adaptamos à idade que ela tem. Eu, por exemplo, ainda não tenho 90 anos para o teatro, dou para os 70. Dizem-me que ainda acreditam que tenho 70! Mas realmente só envelhecemos quando acabamos.

Qual foi a personagem mais jovem que fez?
Talvez num Shakespeare, "Medida por Medida". Era um jovem, o Lúcio, um menino maluco. Mas já fiz muitos jovens. Há 75 anos comecei por fazer jovens e galãs. Era chamado galã. Não sei se era o galã bonito se o galã ator, porque existem os dois. O Humphrey Bogart era galã e não era bonito. Hoje há muitos atores que são galãs e não são bonitos. Antigamente até tínhamos nomes, o galã de ponta, o galã central, o galã mais velho. Hoje isso perdeu-se.

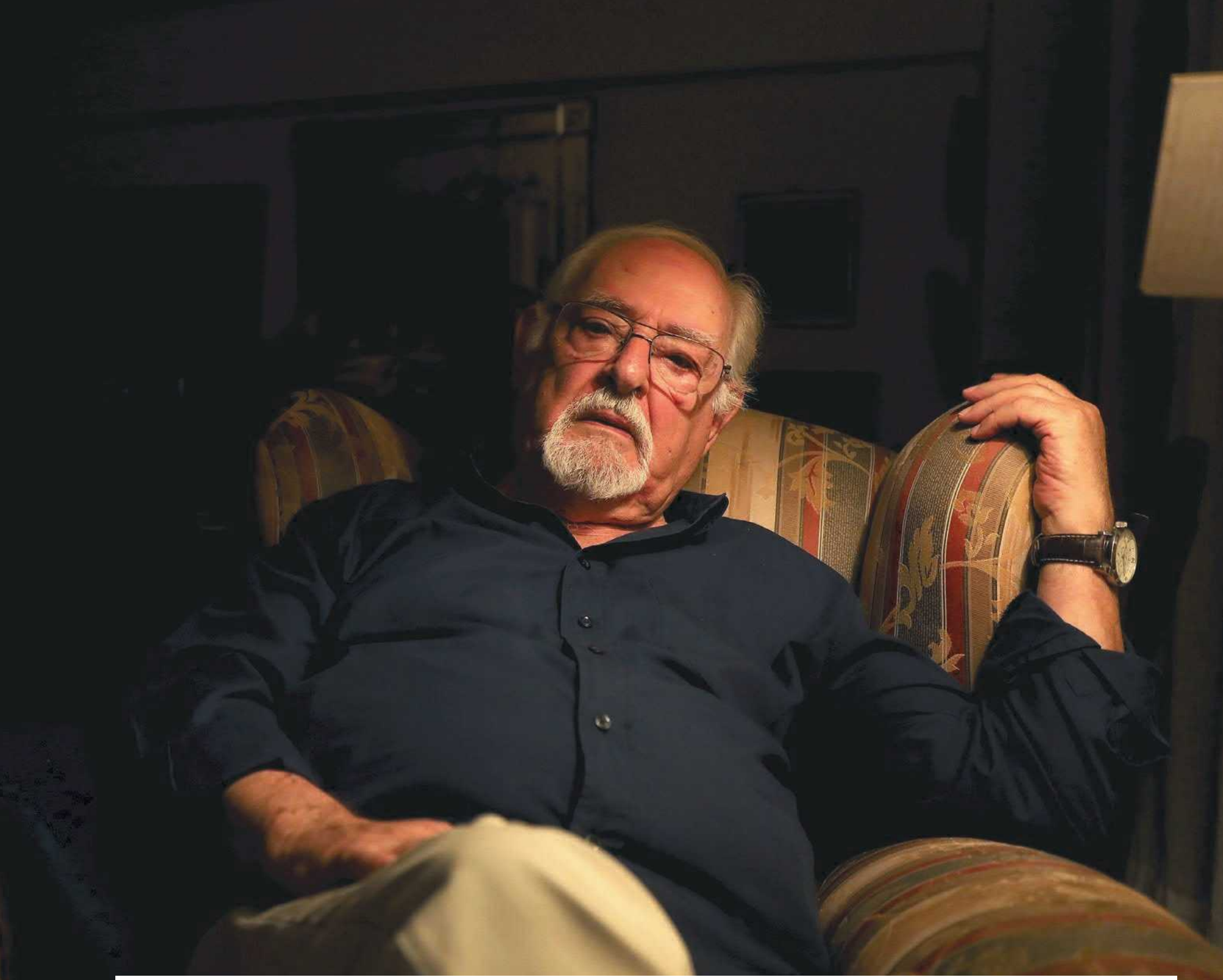
É muito diferente contracenar com os atores mais novos?
É muito bom contracenar com eles, porque eles reciclam-nos. Nós, se ficarmos na experiência não progredimos, não avançamos. Precisamos de alguma coisa que nos desperte, que nos torne a acordar para a vida. É o olharmos a experiência que eles nos vão dar. Eles trazem o caos, normalmente, mas depois tudo isso começa a harmonizar-se. A nossa experiência com o caos deles resulta numa coisa muito bonita. Hoje não se representa como se representava há muitos anos. Para nos fazermos ouvir, tínhamos um empolamento para as palavras chegarem ao longe. Hoje há uma procura da chamada sinceridade, eu não lhe chamo naturalidade. A naturalidade faz parte do ser ou não ser de cada pessoa. Acontece que no teatro, o que o ator tem de procurar é ser sincero para com a personagem que o autor escreveu. Fiz há pouco tempo o pai dos Karamazovs, que era bêbado e mau.

Mas normalmente dizem que faz personagens ditas boas?
Pois é. Mas não é que eu não goste muito de fazer os maus. É aí que o ator tem de aparecer. É sair de si completamente e contrariar tudo aquilo que pensa. É um trabalho interessante de se fazer. Aliás, há maus

"SE NOS FICARMOS PELA EXPERIÊNCIA NÃO PROGREDIMOS. PRECISAMOS SEMPRE DE ALGUMA COISA QUE NOS DESPERTE, QUE NOS TORNE A ACORDAR PARA A VIDA"



Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net



que são muito simpáticos e não há nada pior do que um mau simpático. Peguemos no Iago do "Otelo" e vejamos como é um simpático mau.

Porque aceitou narrar a história do Peter Pan?
Aceitei porque queria absolutamente participar numa homenagem à Paula Rego, uma pintora portuguesa reconhecida mundialmente. Chega a muita gente com a sua fantasia e a sua imaginação e isso é uma coisa que me dá um grande orgulho e uma grande satisfação. A verdade é que tenho mesmo um grande orgulho nos portugueses que aparecem e que vingam no mundo. E são muitos. Nós é que não sabemos. Não nos interessamos muito por aquilo que é nosso.

Às vezes até os deitamos abaixo.
A tentativa é sempre essa. Deitar abaixo. É querer sempre mais do que. É, por exemplo, um filho querer ser mais do que o pai, um neto melhor do que o avô. Não. Cada um é o que é. O meu neto é o meu neto e o meu filho é o meu filho. Cada um tem uma personalidade e uma maneira de ser. Gostam é da mesma coisa que eu. Gostam de teatro.

Influenciou-os?
Influenciou-os a minha vida. Quando escolheram ser atores já eu tinha 30 anos de teatro. Acharam que ser ator era uma profissão digna, como qualquer outra. Aliás, costumo dizer que sou um cidadão normal com jeito para representar. Foi o que aconteceu.

Vestir a pele de tanta gente não é fazer algo um pouco diferente?
É. E é sobretudo bom para as doenças!

Então?
Quando vestimos a pele de outra pessoa não sentimos as doenças.

Que sentido de humor tão aguçado!
É verdade. A minha profissão obriga-me a isso. Sou um observador e para isso tenho de ter sentido de humor. Passo a vida a observar os meus semelhantes. Aliás, nunca estou sozinho, como digo, estou sempre com um canhenho a tomar notas sobre casos conjunto, não individuais. Há cidadãos semelhantes, do mesmo tipo, gordinho, meio gordinho, loiros, morenos e há muitas formas de proceder, avarentos, generosos.

Observa, toma nota e quando vai para cima do palco replica?
Claro. Quando é preciso uso. Temos de ter um armazém de coisas guardadas para nós. Isso só é possível se vier da observação da vida e daqueles que vemos de passagem. Há vidas que levam anos e que são contadas em três horas! ●

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

/ COMENDADOR
MARQUES DE CORREIA

O TEMPO, ESSE GRANDE DECISOR PORTUGUÊS QUE NOS MANTÉM IMPOLUTOS (OU SEM POLUIÇÃO)

PENSAVAM QUE PODIA HAVER GÁS NATURAL OU PETRÓLEO NOS MARES AO LARGO DO ALGARVE? POIS PODIA, MAS NÃO HÁ! PASSOU DO PRAZO...

No geral, pensa-se que a passagem do tempo, falo de milhões de anos, contribuiu para a existência de combustíveis fósseis. Assim sendo, poderemos dizer que Portugal será o único país do mundo (mas não somos únicos em tanta coisa?) em que a passagem do tempo contribuiu exatamente para a impossibilidade de haver petróleo, gás natural ou qualquer coisa que tenha valor económico a sério.

Há uns anos dizia-se que nós precisávamos de uns poços de petróleo para fazer a vida que fazemos. E toda a gente se regozijaria pelo facto de tal matéria-prima surgir, fosse no mar fosse em terra. Andou-se à procura dela ali para a Lourinhã e Torres Vedras... mas não só, em muitos outros locais houve buscas, embora sempre mal-sucedidas, com exceção para o Beato, uma vez que a peça de teatro de revista "Há petróleo no Beato" ainda conseguiu uns rendimentos para os envolvidos, entre os quais o saudoso Raul Solnado.

Eis, no entanto, que chegam hipóteses mais modernas e determinadas com equipamentos mais sofisticados. Haveria petróleo e gás *offshore*, quer dizer no mar. O problema é que era no mar do Algarve.

Muita gente ficou contente. Era uma espécie de galinha de ovos de ouro sem turistas a chatear a molécula no centro de Lisboa e ainda mais os *tuk-tuks* e as camionetas de camónes. Era só fazer o furinho a uns bons quilómetros da praia, o que até tornava as torres das plataformas invisíveis de terra, e começar a esperar que o gás ou o petróleo jorrasse para dentro dos bolsos dos exploradores e para as folhas de Excel do Ministério das Finanças. Alguns, mais afoitos, chegaram a ter esperança de que os impostos baixassem.

Para tal, constituíram diversas parcerias. Tanto a Costa Vicentina (ali para Aljezur, onde primeiro se colocou a hipótese) como a Costa Sul do Algarve iam ser perfuradas. Na Vicentina, seria um consórcio da italiana Eni com a portuguesa Galp a responsável por tal cometimento.

Mas esperem um pouco! A Costa Vicentina é uma maravilha da natureza, não poderia ser destruída assim do pé para a mão com uns tipos a fazer furos. Logo centenas de pessoas (em Odeceixe foram 400) passaram a manifestar-se contra a exploração de petróleo em qualquer parte do Algarve. Como as eleições autárquicas se iam aproximando, os municípios e os seus presidentes e vereadores, salvo raras exceções, passaram a ser contra. Enfim, uma série de gente que nunca viu uma plataforma petrolífera passou a ser especialista dessa matéria, opondo-se a qualquer buraco, mesmo que esteja tão longe que nem em cima de um prédio de 60 andares plantado na praia fosse visível. A maioria deles esqueceu a questão da curvatura da terra e o facto de as Caraíbas, destino turístico não menos importante do que o Algarve, estar mais furado do que um queijo suíço.

Mas isso, agora, não interessa nada. Entre o para a frente e o para trás, o furo ao largo de Aljezur caducou. Ou seja, o prazo dado à concessão foi-se. E haverá outro prazo? A Galp quer, mas os municípios não. Ao mesmo tempo existem três processos a correr na Justiça, que é garantia de que nunca mais se chegará a nenhuma conclusão, até porque está cada processo em seu tribunal. Um no Supremo Administrativo, outro no Tribunal Administrativo e Fiscal e outro no Tribunal de Loulé.

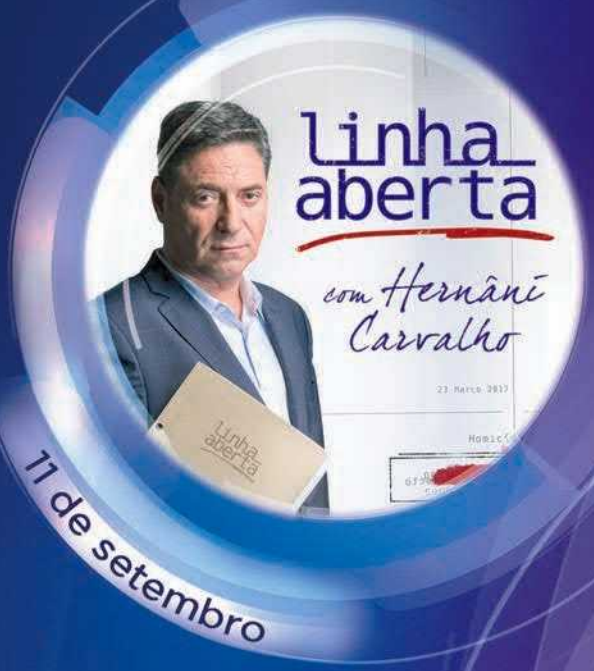
Assim, meus caros amigos, se vê como o tempo, que habilidosa e pacientemente contribui para a formação de petróleo e gás natural através do carbono jurássico, em Portugal, através de processos arqueológicos, contribui para que nunca tenhamos a possibilidade de saber se temos gás ou petróleo.

É por isso que a Galp e a Eni deviam fazer como os *tuk-tuks* e os Uber: primeiro faziam o furo, depois logo pagavam a multa. Eu sei que dá muito nas vistas, mas é eficaz. ●

ILUSTRAÇÃO DE CRISTIANO SALGADO

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Vem aí a NOVA TEMPORADA



sic.tv @instasictv sic.pt

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

+E

Um deus na Terra

Aga Khan IV descende do profeta Maomé e é o líder espiritual de 15 milhões de fiéis muçulmanos, 10 mil dos quais vivem em Portugal. É um dos homens mais ricos e mais influentes do mundo, o qual tem tentado transformar à sua maneira e à do Islão. Está prestes a estabelecer residência em Lisboa. Será o novo sr. Gulbenkian

TEXTOS
ALEXANDRA CARITA

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

CHRISTOPHER LITTLE/AKDN

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

É o príncipe Karim Aga Khan IV. Mas chamam-lhe Sua Alteza. O título foi-lhe atribuído por Isabel II, a rainha de Inglaterra, logo depois de Karim, aos 20 anos, assumir o cargo de imã, o 49º imã dos 15 milhões de muçulmanos xiitas ismaelitas. Há cerca de um mês, a 11 de julho, iniciou as celebrações do seu jubileu de diamante e prepara-se para deixar a região de Paris e estabelecer residência em Lisboa.

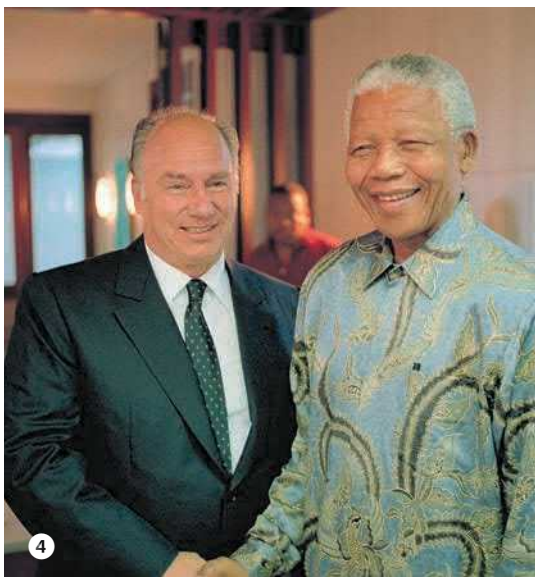
É um dos homens mais ricos do mundo, dizem as revistas estrangeiras da especialidade, que há pouco tempo situavam a sua fortuna nos quase 14 mil milhões de dólares. Mas é ao mesmo tempo líder espiritual de uma comunidade que doa ao Imamato, que ele próprio gere, cerca de 10 a 12% do que ganha. São milhões e milhões que a Rede Aga Khan para o Desenvolvimento (Aga Khan Development Network — AKDN), uma espécie de Nações Unidas privadas, como já foi descrita, põe ao serviço dos fiéis e da sociedade onde se inserem, em mais de 25 países situados maioritariamente na Ásia Central, na África Subsariana, no Médio Oriente, na Europa e na América do Norte.

Com funções múltiplas e muito além da orientação religiosa e da interpretação do Corão, Karim Aga Khan tem a seu cargo a educação cívica da comunidade, que o adula. Significa isso cuidar do seu bem-estar e guiá-los no sentido de criarem os seus próprios meios de subsistência e as suas carreiras com base nessas orientações. "Os meus deveres são bem mais latos do que os do Papa. Ele só tem de se preocupar com o bem-estar espiritual do seu rebanho", disse um dia. O príncipe Aga Khan encaminha os seus fiéis em termos de educação e saúde, bem como de finança e economia, valores éticos e sociais. Um rol de áreas que a constituição que criou em 1986, ratificada em 1998, descreve com clareza e faz seguir em todo o mundo e em todas as comunidades através de conselhos nacionais. Portugal não é

CUMBER STUDIOS/AKDN 1

AKBAR HAKIM/AKDN 2

ROBERT KNUDSEN/AKDN 3


GARY OTTE/AKDN 4

5

PÉRIPLO 1 No Paquistão, em 1970, numa visita a uma escola fundada pelo avô Aga Khan III 2 Em Porshniev, no Tajiquistão, em 2008, com membros da comunidade ismaelita 3 Com o Presidente Kennedy, na Sala Oval da Casa Branca, em Washington, a 14 de março de 1961 4 Com Nelson Mandela, já Presidente da África do Sul, em Moçambique, em agosto de 1998 5 Com a então primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, na inauguração do Centro Ismaili em Londres, em 1985 6 No Paquistão, com os habitantes de Jaglot, perto de Gilgit, em maio de 1983 7 Na Muralha da China, em outubro de 1981 8 Com o Presidente Cavaco Silva, em junho de 2014

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

CHRISTOPHER LITTLE/AKDN

GARY OTTE/AKDN

DEREK ROWE/AKDN

JOSÉ CARIA/AKDN

exceção. No país vivem quase 10 mil ismaelitas, sobretudo na zona da Grande Lisboa, e Aga Khan não tem deixado de investir em terras lusas com protocolos assinados em várias áreas, da ciência à cultura, passando pela educação e pela sustentabilidade.

"A assinatura do acordo histórico entre o Imamat Ismaili e a República Portuguesa para estabelecer em Portugal a sua sede é um marco histórico nos nossos 1400 anos de história. Partilhamos com Portugal os valores da tolerância na diversidade de comunidades e culturas e temos um imenso respeito pelo compromisso do país em partilhar conhecimento para a melhoria das comunidades em todo o mundo", diz Karim Aga Khan ao Expresso.

Essa é a razão por que foi aqui, no Palacete Henrique Mendonça (antiga Reitoria da Universidade Nova de Lisboa), que o príncipe decidiu criar a primeira sede física para o Imamato, que sempre funcionou através de um secretariado que acompanha o imã na sua residência mais perene, ultimamente Aiglemont, a 40 quilómetros de Paris. Um castelo luxuoso, como as outras moradias de Sua Alteza — nomeadamente na Sardenha e em Genebra —, que nos seus 40 hectares de terreno vê crescer os puros-sangue mais caros das corridas de cavalos mais prestigiantes do mundo. É a criação destes animais de *pedigree*, aliás, um negócio nas mãos da família há mais de um século, que oferece a Karim grande parte da sua fortuna pessoal (mas o dinheiro chega-lhe também do ramo imobiliário, que domina em todo o mundo).

São famosos os *jockeys* do domínio de Chantilly trajados a rigor com as camisas de seda verde e vermelha, as cores do Imamato. Como são famosas as aparições do príncipe no Prix Diane, a corrida anual que marca em França, no mês de junho, o troféu mais apetecido da modalidade. Esse ponto alto europeu das corridas de cavalos acontece num domingo, e esse é um dia sagrado para ver Aga Khan, tão raras que são as suas apresentações públicas mundanas. Sexta-feira passada, dia 1 de setembro, abriu uma exceção e apareceu em público em Almancil, no Algarve, para festejar com o amigo Francisco Pinto Balsemão o seu 80º aniversário.

O príncipe sempre foi alvo do interesse desmedido da imprensa cor de rosa e muito sobre ele se escreveu, tanto sobre a sua predileção por barcos e iates como sobre as suas pretendentes, mulheres e divórcios milionários.

Karim tem quatro filhos de dois casamentos. Em 1968, apaixonou-se pela esbelta Sally Chrichton, uma modelo alta e loira, que conheceu em Gstaad. Casou com ela no ano seguinte, e nasceram três filhos: Zahra, Rahim e Hussain. Os três trabalham hoje na Rede Aga Khan para o Desenvolvimento em cargos de relevo, desde a direção do departamento social ao sector ambiental, passando pela gestão do Fundo para o Desenvolvimento Económico. Já com os filhos criados, porém, o casamento terminou. Estávamos no ano de 1994. Logo em 1995, Karim Aga Khan IV voltou a casar, desta vez com a princesa germânica Gabriele zu Leiningen, que depois

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

CERIMÓNIA Sua Alteza, Aga Khan, dirige-se aos membros da comunidade ismaelita no vale de Bartang, no Tajiquistão, a 25 de setembro de 1998

de uma curta carreira como estrela da pop trabalhava na altura como consultora da UNESCO. Cinco anos mais tarde, em 2000, nascia Aly Muhammad, que não veria os pais juntos durante muito tempo. O divórcio fez correr muita tinta e muito dinheiro e foi capa de imensos tabloides, mas não afastou o príncipe dos amores.

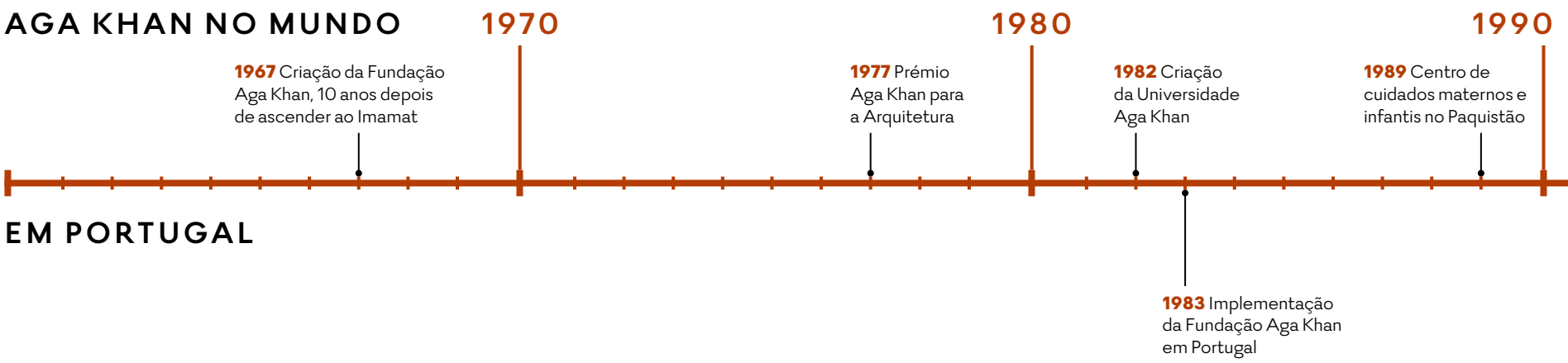
"Tomo todo o tipo de precauções quando saio com amigos. Aprendi a não mostrar qualquer tipo de emoção em público. Nunca me sento ao lado de uma mulher a quem a imprensa me quer associar", disse em tempos numa entrevista. Nessa altura, ainda punha os pés fora de casa. Mas a vida ensinou-o. O correio chegou a ser-lhe violado, os funcionários entrevistados, amigos pessoais tiraram-lhe fotografias na sua própria casa e venderam-nas a revistas interessadas e até foi chantageado por telefone. Hoje e há já muito tempo que não sai. Tem uma vida recatada. Não bebe e não fuma. E dedica todo o seu tempo ao cargo que o avô paterno lhe atribuiu tinha ele 20 anos.

Estudante em Harvard, Karim ansiava por se especializar em História, na vertente de História da Religião Islâmica, em 1957, quando no início de abril recebeu uma curta intimação do avô, já com 79 anos de idade. "Vem ver-me!", nada mais, nada menos. O jovem voou para perto de Cannes, no sul de França, onde este residia. E só voltou à universidade 18 meses depois, já como Aga Khan IV. Era a primeira vez que a hereditariedade do líder ismaelita saltava uma geração. O avô queria-o perto dele, pois pressentia a morte. Quando o seu testamento foi lido, a 11 de julho, o pânico abateu-se sobre o neto: "Foi um choque", escreveu mais tarde. "Mas acho difícil que alguém na minha situação estivesse preparado", adiantou numa entrevista de 2013 à revista "Vanity Fair". A responsabilidade caía-lhe em cima, e o regresso a Harvard não passou de uma brincadeira. Karim estava fadado para liderar o povo ismaelita, e as suas funções começavam imediatamente, não se compadecendo com cursos ou cadeiras em atraso. Se é que não começaram antes. De abril até às primeiras horas do dia 11 de julho, quando o avô Sultan Mahomed Shah Aga Khan III faleceu, o jovem permaneceu a seu lado, mas nesse dia, assim que o advogado do avô chegou à casa perto do lago Léman para ler o testamento, soube o porquê de a escolha ter recaído sobre ele e não sobre o seu pai Aly.

"Foi sempre tradição na nossa família que cada imã escolha o seu sucessor na mais absoluta discrição entre qualquer um dos seus descendentes, sejam eles filhos ou não. De acordo com as grandes alterações do mundo, o que provocou muitas mudanças fundamentais, incluindo a descoberta da ciência atómica, estou convencido de que é do maior interesse para a comunidade ismaelita que eu seja sucedido por um jovem que foi criado e educado nos últimos anos e no centro da nova era e que trará uma nova visão da vida ao seu trabalho." Assim justificou Aga Kahn III a escolha de Karim. No entanto, dizem as más línguas, o que ele não queria era um *playboy* no seu lugar.

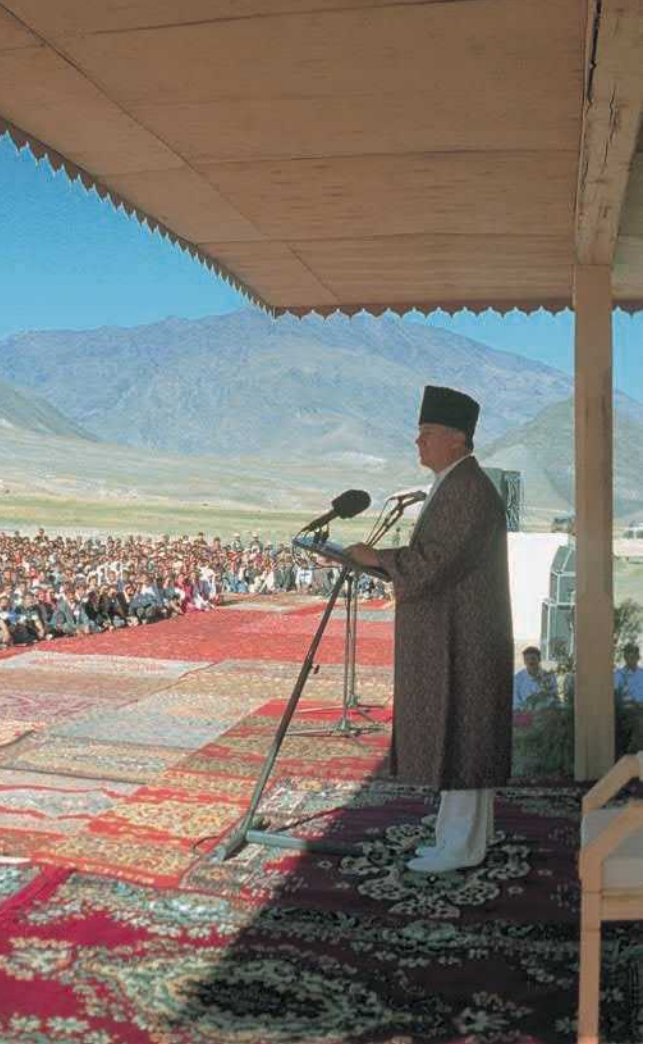
A expressão pode ser um exagero, mas não deixa de ser várias vezes utilizada em relação a Aly Khan, o pai de Karim. Aly, o segundo filho da quarta mulher de Aga Khan III, a bailarina italiana Theresa Magliano, nascera em Turim em 1911. Tido como um dos mais interessantes e bem parecidos homens da sua geração, conheceu a sua primeira mulher era esta ainda casada. O ano era o de 1933, e ela era Loel

AGA KHAN NO MUNDO



EM PORTUGAL

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net



ZAHUR RAMJI/ AKDN

“Os meus deveres são bem mais latos do que os do Papa. Ele só tem de se preocupar com o bem-estar espiritual do seu rebanho”, disse um dia

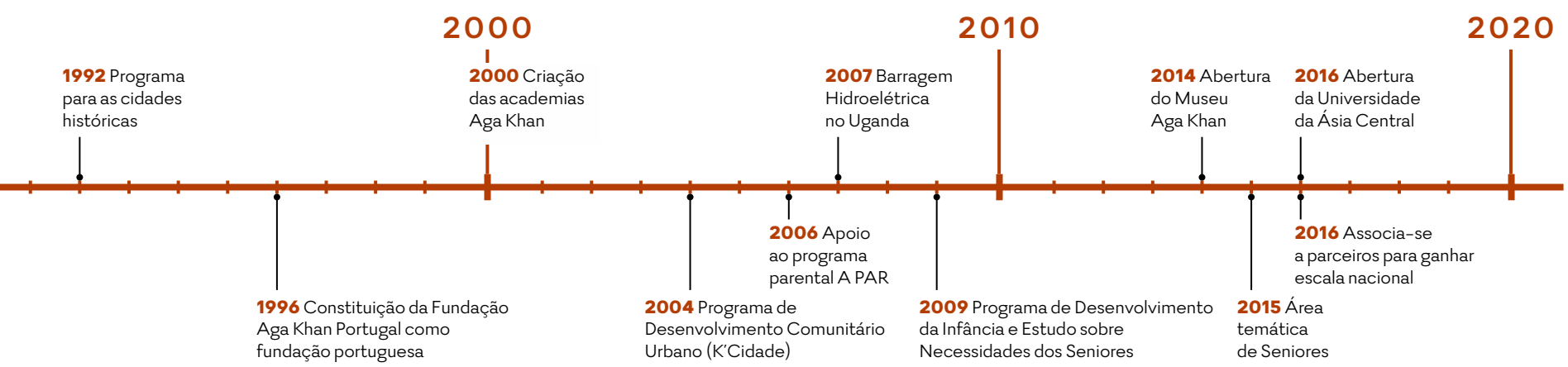
Guinness, uma bonita aristocrata inglesa. Conta-se que na noite em que a encontrou pela primeira vez, num jantar dançante em Deauville, lhe segredou ao ouvido se queria casar com ele. O casamento viria a acontecer três anos depois, em maio, na magnífica Paris. Em dezembro desse mesmo ano, 1936, no dia 13, nascia Karim Aga Khan. Não tardaria muito a nascer o seu irmão Amyn, logo em 1937. Até onde reza a história, tudo bem. Mas é no pós-guerra que o galã Aly dá mais que falar. O seu romance com a estrela de Hollywood Rita Hayworth foi o apogeu de uma vida de grandes aventuras. Conheceu-a em 1948, em plena Riviera francesa, tinha esta acabado de se divorciar do cineasta Orson Welles e vinha substituir Pamela Harriman na vida do príncipe. Chegaram a casar, também em maio, a 27, e também em Paris, em 1949, e tiveram uma filha, a princesa Yasmin. Mas não foram felizes para sempre e separaram-se quatro anos mais tarde. E, em 1960, Aly Khan morria num acidente de viação, às portas de Paris.

“As minhas responsabilidades religiosas começam a partir de hoje”, declarou Karim a seguir à leitura do testamento, que chegou à Suíça numa caixa fechada enviada pelo Lloyds Bank de Londres. Contudo, nos primeiros sete anos do seu Imamato, ouviu e seguiu os conselhos da esposa do avô, como deixara também escrito Aga Khan III. “Durante a noite, a minha vida mudou completamente. Acordei com responsabilidades sérias para com milhões de seres humanos”, explicou numa entrevista dada em agosto de 1964. E, já em 2013, reconhecia que talvez não estivesse tão confiante assim. Na verdade, o avô “governara” durante 72 anos, ele tinha 20!

Não esqueceu, porém, que Aga Khan III iniciara as suas funções com sete anos apenas, numa Índia completamente britânica, antes de se mudar para a Europa, já depois de ter recebido da Rainha Vitória o mesmo título de Sua Alteza, corria o ano de 1886. Este cidadão britânico, tal como agora o neto, pelejou por melhores condições de vida para a sua comunidade e para os que lhe estavam próximos e não deixou de construir uma enorme rede de hospitais, escolas, bancos, mesquitas. No entanto, foi quando, já no início do século XX, chegou ao Velho Continente que tomou consciência de toda uma outra filosofia de vida, a de um mundo moderno que quis também doar aos seus fiéis. Com uma personalidade fora do comum e uma capacidade intelectual forte, passou a mensagem à sua comunidade. Entre os ismaelitas portugueses, há quem ainda se lembre bem de quando Aga Khan III disse aos seus que deveriam aprender inglês, “era a Europa um continente francófono”, ou quando chamou pela primeira vez a atenção para a igualdade de género. “Se tiverem dois filhos, um homem e uma mulher, e se só puderem dar educação a um deles, privilegiem as mulheres”, relembra Nazim Ahmad, representante diplomático do Imamat Ismaili em Portugal. A ideia era não só fazê-las evoluir geracionalmente de forma rápida como preservar a educação — a mulher como educadora e mãe é a sua principal transmissora. Adorado como ninguém, Aga Khan III viu o seu peso ser-lhe doado em ouro no seu Jubileu de Ouro, em 1936, na cidade de Bombaim, e depois em diamantes e platina, nos jubileus correspondentes.

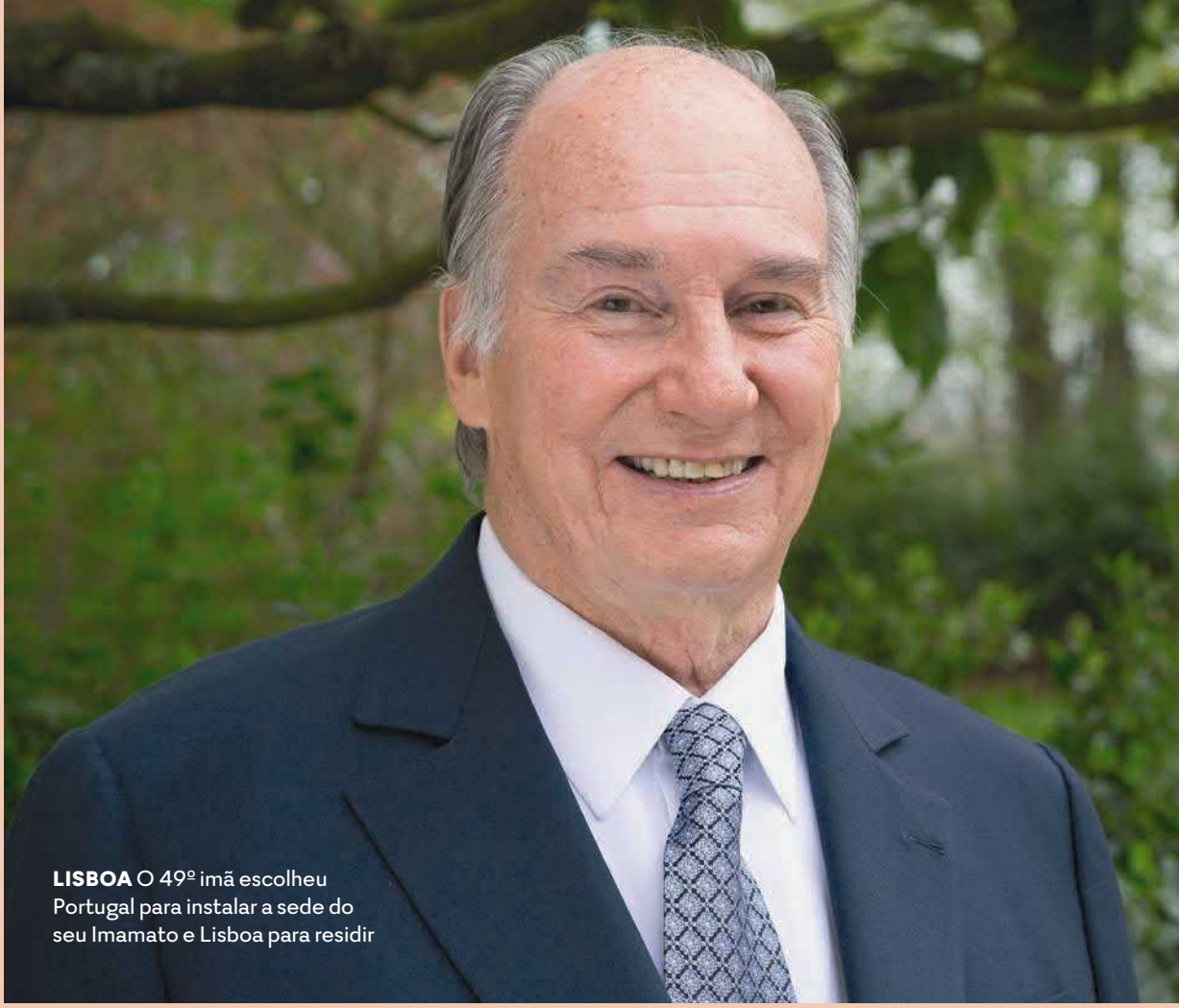
O mesmo não aconteceu a Karim Aga Khan IV. Mas os seus jubileus têm sido marcados por donativos muitíssimo substanciais para as obras da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento, que fundou há mais de cinco décadas. Este ano, em que se iniciam as comemorações do seu Jubileu de Diamante, as somas doadas pelos fiéis não foram contabilizadas, mas estima-se que sejam largas centenas de milhões. “Não se espera que um imã se retire da vida do dia a dia. Pelo contrário, dele é esperado que proteja a sua comunidade e contribua para a melhoria da sua qualidade de vida. Assim, a noção da divisão entre a fé e o mundo é estranha para o Islão. O Imamato não divide mundo e fé. E muito poucos compreendem isso fora do Islão. No Ocidente, os vossos sistemas financeiros são todos construídos segundo essa divisão”, explica o príncipe noutra entrevista, justificando ao mesmo tempo a preocupação constante com o bem-estar dos seus fiéis. A mesma afirmação serve ainda para fundamentar a existência de tanta riqueza e criação dela tanto na AKDN como na vida ativa de cada membro da comunidade, que se esforça sempre por uma vida melhor e menos carenciada.

Todas as diretrizes de Sua Alteza, de resto, vão nesse sentido. Se até 1995 os objetivos eram os de obter uma educação superior para o maior número possível de ismaelitas, hoje os mesmos objetivos, no que respeita ao campo educacional, são os de obter ensino superior de excelência para todos. Não é por acaso que Aga Khan tem vindo a criar as suas próprias instituições, desde as aAcademias às universidades (Universidade Aga Khan e Universidade da Ásia Central), abertas a toda a sociedade. Além delas, porém, uma nova diretriz toma conta das preocupações do príncipe: a educação parental, ou seja, aquela que tem início no ventre e se prolonga até aos 5 anos. É nessa idade que as crianças recebem mais estímulos intelectuais, cognitivos e motores, tornando-se essencial no seu desenvolvimento. Outra das suas prioridades é neste momento uma chamada de atenção para a saúde no campo das doenças psiquiátricas, neurológicas e oncológicas, além da normal medição dos parâmetros de saúde que sugere a todos os fiéis. Esta é só uma amostra do tipo



Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

OS MILHÕES DE AGA KHAN EM PORTUGAL



LISBOA O 49º imã escolheu Portugal para instalar a sede do seu Imamato e Lisboa para residir

"Os olhos do mundo islâmico estão em Portugal. O país passou uma mensagem de pluralismo cultural e de abertura social única. O impacto vai ser enorme. A começar pelo investimento, que nos últimos 17/18 meses já andou na ordem dos milhões de euros só no ramo imobiliário e que pode chegar a valores astronómicos." É assim que os representantes da comunidade ismaelita portuguesa reagem ao estabelecimento da sede do Imamato em Lisboa. Nazim Ahmad, embaixador do Imamato, Rahim Kassam, diretor executivo, Rahim Firozali, presidente do Conselho Nacional, e Karim Merali, administrador da Fundação Aga Khan Portugal, acreditam que o sinal dado pela República Portuguesa vai ao encontro da "ética cosmopolita" defendida pelo seu imã, Sua Alteza, o príncipe Karim Aga Khan IV. E não têm dúvidas de que o país vai estar no centro do mundo, depois de mais de quatro décadas no coração do seu líder. O anúncio foi feito em junho de 2015, logo depois de assinado um acordo com a República Portuguesa para a instalação da sede do Imamat Ismaili, e desde aí as expectativas são muitas, mas a emoção é ainda maior. Os ismaelitas portugueses olham para o acontecimento com júbilo e quase agradecem por viverem em solo nacional.

Foi o 25 de Abril que trouxe para Portugal a esmagadora maioria desses ismaelitas, hoje entre 8 a 10 mil no total da população portuguesa. E com eles recaiu sobre o país a atenção de Sua Alteza, o príncipe Aga Khan, que em 1983 fazia abrir em Lisboa uma agência da Fundação Aga Khan. Situada na Lapa, dedicou-se desde logo ao desenvolvimento social e à inclusão económica da população mais vulnerável e mais carenciada. A sua ação ao longo dos anos, contudo, especializou-se no apoio à educação e no desenvolvimento da infância, bem como no suporte do bem-estar da classe sénior. Mas desde 2004 o Programa Comunitário Urbano K'Cidade tem implementado, na Grande Lisboa, processos de trabalho que garantem a sustentabilidade das comunidades a longo prazo.

Em 1996, a ligação da Fundação Aga Khan a Portugal estreitou laços com a constituição da mesma como uma fundação portuguesa por decreto-lei. Na mesma data, a construção do Centro Ismaili, nas Laranjeiras, também em Lisboa, trouxe por várias vezes Sua Alteza ao país. Foi Aga Khan IV quem escolheu o terreno onde este haveria de crescer e quem ditou a sua arquitetura. Como é ele quem nomeia os ministros que ali se reúnem em Conselho Nacional e que gerem e determinam as atividades e prioridades da comunidade ismaelita portuguesa. De resto, as atividades no país operam no âmbito dos acordos estabelecidos entre o Imamat e Portugal, em particular o Protocolo de Cooperação com o Governo de Portugal, assinado em 2005, o Memorando de Entendimento com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, de 2008, o Acordo Internacional com a República Portuguesa, de 2009, e o Acordo com a República Portuguesa para o Estabelecimento da Sede do Imamat Ismaili em Portugal, em 2015.

"Em Portugal, sempre me senti em casa. Agora e em especial desde a assinatura, em 2015, de um acordo histórico entre o Imamat Ismaili e a República Portuguesa para o estabelecimento do acordo de sede, um marco importante nos 1400 anos de história do Imamat Ismaili. É o culminar da nossa relação longa e profunda em Portugal — uma relação que agora será ainda mais aprofundada", diz Aga Khan IV no seu discurso de doutoramento *honoris causa*, que recebeu na Universidade Nova de Lisboa no passado dia 20 de julho. Esse aprofundamento da relação já começou com a assinatura do acordo de cooperação com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Educação Superior, no valor de 10 milhões de euros, em maio do ano passado, com a doação de 200 mil euros ao Museu Nacional de Arte Antiga para a aquisição do quadro de Domingos Sequeira "Adoração dos Magos", ou com a contribuição de 500 mil euros para as vítimas do incêndio de Pedrógão Grande. Haverá muito mais, nomeadamente o investimento de 10 milhões de euros na criação de uma Academia Aga Khan na área da Grande Lisboa, cuja compra do terreno para a sua construção está por um fio. O acordo com a Câmara Municipal de Cascais para estabelecer a academia em Birre foi rompido à última hora. Os terrenos em causa estavam protegidos pelo Plano Diretor Municipal (eram terrenos agrícolas), mas, tendo em conta o propósito da fundação, a autarquia avançou com uma alteração ao PDM. O município de Cascais, a fundação Aga Khan e dono do terreno, o fundo imobiliário Lusofundo, chegaram mesmo a assinar um memorando de entendimento em 2014. Só que pelo caminho a fundação recuou na ideia. O proprietário do terreno não. A fundação Aga Khan declara, no entanto, que a "desistência ficou a dever-se ao facto de, a dada altura do processo, se ter apercebido de que uma parte das forças vivas locais não apoiava qualquer tipo de construção naquele local". Também ainda por conhecer está a residência do príncipe em Lisboa. Das várias hipóteses que já lhe foram apresentadas, falta-lhe escolher a que mais lhe agrada. Dinheiro não é problema, como não foi para comprar o Palacete Henrique Mendonça (antiga Reitoria da Universidade Nova de Lisboa), onde se vai instalar a sede, por 12 milhões de euros.

"O acordo para o estabelecimento da sede do Imamat Ismaili em Portugal não embaraça o Governo português e não embaraça o imã. É como se diz na gíria um *win win*, ou seja, é extraordinariamente bom para o Estado e muito bom para o Imamat", diz ao Expresso Nazim Ahmad, que acompanhou as negociações desde o início. "O entendimento foi muito franco e aberto, tudo decorreu com transparência, frontalidade e amizade", avança ainda. "A consciência social e ética de Sua Alteza contribuiu para que assim fosse. Se não fosse um bom acordo para Portugal, o acordo não se faria. Aga Khan tem sempre em conta o que o país com quem negoceia vai beneficiar", conclui Nazim. E se Portugal só tem a ganhar com a cooperação com o Imamat Ismaili, quer no que respeita a investimentos financeiros e criação de emprego quer no que se relaciona com a sua posição geoestratégica no quadro da política mundial, também Aga Khan tem muito a beneficiar com este acordo irrevogável nos próximos 25 anos, nomeadamente ao nível da isenção de impostos. Por exemplo, os rendimentos dos donativos oferecidos ao Imamat não pagam impostos, a remuneração do imã e dos altos funcionários do Imamat idem, os rendimentos com origem no estrangeiro também não. O Imamat e Aga Khan podem comprar e vender imóveis sem pagar IMI, IMT ou selo, desde que ligados às funções diplomáticas, como de resto acontece com a Igreja Católica; mas também podem transacionar carros, barcos e aviões sem pagar impostos sobre a compra, propriedade, registo, utilização ou venda. Com benefícios maiores do que os previstos na Lei da Liberdade Religiosa ao nível dos atributos aos Estados estrangeiros e aos seus corpos diplomáticos, que terão imunidade judicial (Imamat, imã, altos funcionários) e outras facilidades necessárias ao desempenho das suas funções, tais como tratamento cerimonial, residências com direito a inviolabilidade e proteção. Ainda em troca, o Imamat compromete-se a apoiar ativamente os esforços do Estado para melhorar a qualidade de vida de todos aqueles que vivem em Portugal. / **A.C.**

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

AKDN

Licenciado em Harvard, é imã há 60 anos. Protagonizou dois casamentos e dois divórcios milionários. Tem quatro filhos, que trabalham com ele

de normas que Sua Alteza dita, muitas vezes em campanhas de sensibilização, mas que não deixam de ser levadas à letra. Já num raio de ação vasto, as prerrogativas para os próximos 10 anos incluem ainda o combate à pobreza e a mobilização dos jovens para a cidadania (construtiva, ativa e consciente). Para que se tenha uma ideia da precisão destas orientações, fique a saber-se que são impressos manuais escolares em Londres, no Instituto de Estudos Ismailis, que estabelecem os currículos muito bem fundamentados academicamente, depois traduzidos nas várias línguas das comunidades e que significam uma estandardização perfeita da comunidade a nível mundial. Em Portugal, decorrem atualmente, por exemplo, cursos de orientação de carreiras para alunos do 8º ano. É-lhes ensinado até como poupar para o acesso a escolas de nível elevado, onde as propinas são caras. A ideia é que nem financeiramente lhes esteja limitado o acesso.

No entanto, Aga Khan IV trabalha diariamente a uma esfera global. O seu lema é o do pluralismo de culturas, credos e ideologias, e acredita que, aplicando estas noções básicas de ética, a sociedade pode evoluir, ajudando-se mutuamente. Acredita na solidariedade e na cultura do voluntariado. É nessa perspetiva que cria a AKDN, a operar em 30 países diferentes e empregando mais de 80 mil pessoas. Cinco centrais elétricas, companhias aéreas, empresas farmacêuticas, bancos, seguradoras, cadeias de hotéis de luxo, empresas de comunicação perfazem uma centena de empresas detidas pela Rede, que utiliza os seus lucros — cerca de 3,5 mil milhões de euros anuais — em benefícios das populações nos domínios do desenvolvimento social e económico e também cultural. Em pratos limpos, isto significa a criação e manutenção de fundos de crédito, de escolas e hospitais e ainda muitos postos de trabalho e micro/macroeconomias em países tão díspares como o Paquistão e o Afeganistão, onde ofereceram escolaridade às mulheres, por exemplo, até à Tanzânia, ao Mali, ao Burkina Faso, ao Uganda ou à Síria, à Índia, à Malásia e a Moçambique.

Karim Aga Khan recusa, porém, o epíteto de filantropo ou de praticante da caridade. Para o 49º imã, aquilo que faz é parte integrante do seu mandato e da sua responsabilidade de melhorar a qualidade de vida de todos os seus semelhantes de acordo com a ética do Islão. Pode parecer estranho ou ser de difícil compreensão para um ocidental a junção de dois mundos tão distintos: o espiritual e o material. É por isso que chamam a Sua Alteza com frequência capitalista crente. Ele explica-se de outra forma: "Todos nós já vimos exemplos da criatura mais maravilhosa de Deus, a pessoa, seja numa posição governamental, nos negócios ou numa agência de desenvolvimento privada, inspirada a contribuir generosamente de si próprio, a ir além dos requisitos mecânicos de uma tarefa. Tais homens e mulheres, remunerados ou não, expressam o espírito voluntário, literalmente a vontade de criar um produto melhor, uma clínica mais solidária e eficaz. O seu espírito, gerando novas ideias, resistindo ao desânimo e exigindo resultados, anima o coração de toda a sociedade eficaz." É esse o seu credo, a sua crença mais profunda e a sua interpretação do Islão.

Um Islão muito especial. Aga Khan IV, o imã hereditário dos muçulmanos xiitas ismaelitas, é descendente direto do profeta Maomé, o último profeta enviado por Deus à Humanidade e aquele que revelou o Sagrado Alcorão. Acreditam os xiitas ismaelitas que, depois da morte de Maomé, Ali, o seu primo e genro, se tornou o primeiro imã, o primeiro guia espiritual da comunidade muçulmana, e que essa orientação hereditária continua através dos tempos. Ao longo de 14 séculos de história, têm assim seguido os imãs hereditários descendentes de Ali e de Fátima, filha do profeta Maomé.

Nessa qualidade, Karim calcorreia o mundo praticamente de lés a lés. Encontra-se com altos dignitários, chefes de Estado, líderes religiosos, políticos, embaixadores, homens de negócios, mas também gente humilde, carenciada, professores, médicos, populações inteiras... Nas reuniões constantes, dizem, é sempre um diplomata. Um diplomata no discurso mas um soberano nas decisões, conseguindo levar a sua avante em praticamente todas as circunstâncias, afiançam os que com ele têm trabalhado. Aga Khan participa ativamente em todas as iniciativas da AKDN, e não há embaixador seu que não seja por si nomeado, desde os seus mais próximos colaboradores aos "ministros" tutelares de cada comunidade, nomeados por três anos para levar a cabo as suas orientações em cada nação. Escolhe os terrenos para a construção das escolas, dos centros ismaelitas (seis em todo o mundo, sendo o de Lisboa o terceiro a ser criado), dos hospitais, das creches, dos museus, de tudo... Designa os arquitetos, acompanha a obra, de sapatos sempre — as galochas não lhe assentam bem, acredita, conta um colaborador seu. E talvez seja por isso que as solas dos sapatos se gastam literalmente até que lhe chamem a atenção para trocar de calçado, como relata a sua irmã. Ou talvez seja pela falta de tempo.

Sua Alteza não para um instante. Verdadeiro *workaholic*, vive praticamente dentro do seu avião privado, que comprou para economizar viagens e tempo — voa entre 450 a 600 horas por ano, o equivalente a dois meses de trabalho. Com ele vai muito pouca gente: dois assistentes e uma secretária chegam-lhe para fazer todo o trabalho. "Desde que deixei Harvard que viajo todos os anos pela comunidade espalhada pelo mundo. Quatro ou cinco viagens às populações, dependendo de onde há mais problemas e da urgência de eu lá estar ou não. Geralmente, são visitas a escolas e a hospitais, a centros desportivos ou a mesquitas, durante a manhã, e reuniões e encontros com líderes para planear o desenvolvimento futuro da comunidade, mais tarde. E devo dizer que estar ali por inteiro é muito, muito pesado, até para quem acompanha este tipo de digressões", explicava numa entrevista de 1970. Vinte anos depois, em 1994, a sua vida não tinha mudado, afirmava ao "Paris Match". Continuava a levantar-se às 6h da manhã e a trabalhar praticamente sozinho até às 10h. Depois, até ao meio-dia fazia o ponto da situação com o seu secretariado, e as reuniões começavam. Almoçava, e o ritmo mantinha-se intenso, prolongando-se muitas vezes noite dentro. Nessa altura, ainda se queixava de não poder sair para visitar amigos à noite, devido ao trabalho que o esperava no dia seguinte, logo cedo. Hoje, aos 80 anos de idade, não. A sua agenda continua lotada e ele a não delegar muita coisa nos seus colaboradores, mas queixas sobre falta de tempo livre não há. Nem sobre falta de nada.

De facto, a Karim Aga Khan IV não lhe falta nada. A sumptuosidade e o luxo conhece-os de cor. Trata por tu os bens materiais que quiser. No entanto, humilde por natureza, como conta o seu embaixador em Portugal, é mesmo conhecido entre os seus como forreta. E desde sempre. É o seu colega de quarto de Harvard o primeiro a falar, mas seguem-se-lhe a mãe, a irmã e os amigos. Não compra nada, dizem, nem um par de sapatos, nem um fato novo, só gravatas, todas iguais. E se tivesse, ou pudesse, deslocar-se sozinho, escolheria os transportes públicos e pouparia no carro, no seguro e na gasolina.

Não só de pão vive o homem, talvez respondesse se não fosse muçulmano. A verdade é que, introspetivo, Aga Khan carrega com ele um fardo que nunca fez transparecer, pesada herança e destino traçado, um mundo de gente que o segue e um novo mundo a construir. O que tem feito sempre e sempre lhe foi reconhecido. ●

acarita@expresso.impresa.pt

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

+E

Que Lisboa é esta?

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

A capital está mais cosmopolita do que nunca e entrou definitivamente no mapa internacional. São cada vez mais os turistas que chegam a Lisboa, mas com a nova avalanche de visitantes começam a surgir também as crispações e as críticas à falta de critérios e excessos neste sector

Um casal de japoneses de meia-idade passa numa destas manhãs pela Rua dos Lagares, no castiço bairro da Mouraria, e é atraído por um prédio cor de salmão. Na janela do terceiro andar, um gato cinzento e branco insinua-se por trás de umas cuecas pretas de senhora que estão a secar ao sol. De máquina apontada para cima, fazem um disparo para memória futura. Mas a sua atenção demora-se mais nas dezenas de retratos a preto e branco dos moradores do prédio que ornamentam a fachada. Estes são os rostos dos despejados do nº 25, pode ler-se em português e em inglês. Junto às imagens estão cartazes que gritam palavras de ordem: "'Terramotourism' — instruções de emergência em caso de transformação urbana produzida por sismo turístico"; "Não queremos ser despejados da nossa Mouraria"; "Há proprietários de má-fé, comprem prédios devolutos, não se aproveitem dos prédios com inquilinos indefesos"; "Os bairros não podem morrer, e isso acontece por causa da lei de Assunção Cristas e Passos Coelho"… Claro que isto 'é chinês' para aqueles japoneses, que apenas sabem responder de onde vieram num muito mau inglês e parecem maravilhados com a velha e típica Lisboa.

O que eles talvez não suspeitem é que o mais certo é que, daqui a cinco anos, quem apontar uma máquina fotográfica (ou um *selfie stick*) a este mesmo prédio apanhará na janela outros estrangeiros a espreguiçar-se ao sol, a estender toalhas de praia ou a espreitar a vista, que chega até ao Castelo e à Igreja da Graça. Serão turistas a fotografar turistas, em mais um prédio que esteve para se transformar este ano num negócio de alojamento local. Mas, por intervenção da autarquia, o processo foi adiado por mais cinco anos.

É esta realidade que se observa atualmente nas principais zonas históricas da cidade, sobretudo nas freguesias lisboetas de Santa Maria Maior (onde se inclui Mouraria, Alfama, Castelo, Baixa e Chiado) e Misericórdia (Bairro Alto e Príncipe Real, entre outros), em que a pressão turística e a procura maciça dos estrangeiros pelo aluguer ou compra de casas está a acelerar a gentrificação dos bairros (processo de valorização imobiliária de uma zona urbana) e a respetiva saída dos moradores, uma população maioritariamente de classe média-baixa, carenciada, que não vê os seus contratos renovados. Esta realidade está a gerar uma crispação entre moradores e turistas, mas que ainda parece longe da tensão que se vive em Barcelona ou em Veneza, onde cresce a 'turismofobia' (aversão a turistas e ao turismo, pelos efeitos perversos da atividade na qualidade de vida dos moradores). Nas ruas de Barcelona há muito que os visitantes são agraciados com frases escritas nas paredes como: "Gaudi odeia-te", "Chega de estrangeiros" ou "Turistas voltem para casa, bem-vindos refugiados"…

Por cá, na capital, ainda não se chegou a esse ponto, mas há quem vaticine o mesmo caminho se não forem tomadas medidas para atenuar ou diminuir os impactos negativos do turismo.

Este ano, com o aumento das queixas e protestos na praça pública contra os efeitos do turismo massificado, a Câmara Municipal de Lisboa (CML) começou a tomar medidas. Desde 1 de agosto, os grandes autocarros turísticos que entupiam as ruas estão proibidos de circular na zona da Sé e do Castelo (à exceção dos autocarros panorâmicos), e este mês esta mesma proibição deverá estender-se ao eixo Cais do Sodré-Rua do Alecrim-Príncipe Real-Largo do Rato. Também os *tuk-tuks*, que têm sido alvo de inúmeros protestos das populações, estão interditos de circular nas imediações do Castelo, e o seu horário de circulação está limitado das 9h às 21h.

A verdade é que Lisboa está na moda, vibrante e mais internacional e disputada do que nunca. Até Madonna escolheu a nossa capital para morar. Na sua conta de Instagram, escreveu há poucos dias: "A energia de Portugal é tão inspiradora. Sinto-me muito criativa e viva aqui. Estou ansiosa por trabalhar no meu filme 'Loved' e quero fazer música nova." E juntou um coração à bandeira lusa.

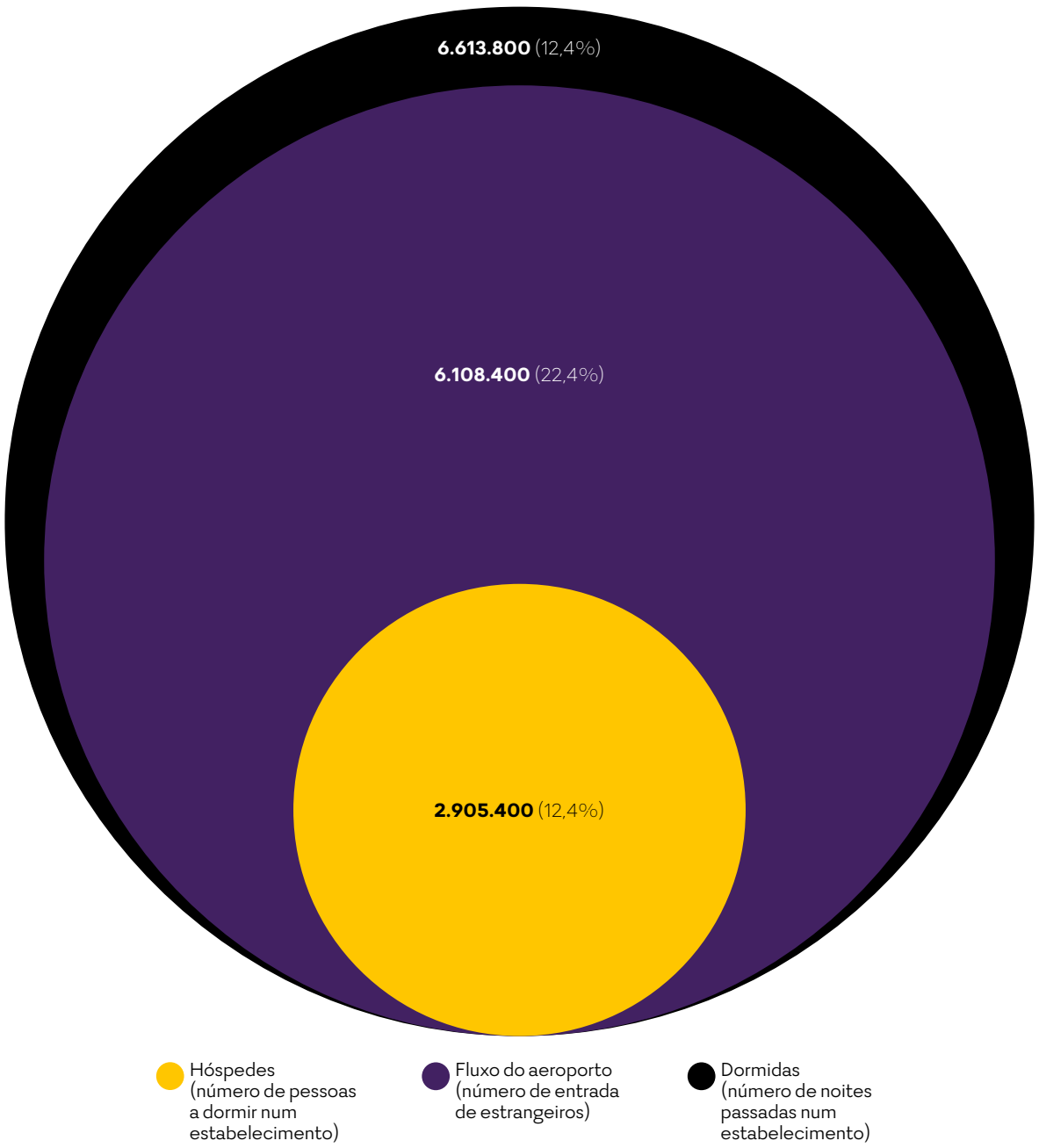
No ano passado estiveram 5,6 milhões de turistas na capital (Barcelona recebeu 32 milhões), e por todo o nosso país passaram 21 milhões, de acordo com números do INE. O Turismo de Portugal indica que no ano passado houve mais de 10 milhões de dormidas de turistas na cidade. E este

TEXTO **BERNARDO MENDONÇA**

ILUSTRAÇÃO **GONÇALO VIANA**
INFOGRAFIAS **JAIME FIGUEIREDO**
E **MÁRIO HENRIQUES**

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

CRESCIMENTO DO TURISMO EM LISBOA
(janeiro-junho de 2017)



PROVEITOS
(gastos e consumos no alojamento)

€466 MILHÕES

Percentagem de crescimento (22,1%)

FONTE: INE

ano, só nos dois primeiros meses, já houve mais de um milhão de reservas, o que representa um aumento de 14,3%. Números que deverão engrossar com a construção do novo aeroporto daqui a cinco anos, a realização de inúmeros eventos internacionais e a criação de um novo terminal de cruzeiros. Mas a que custo? Nem todos se mostram satisfeitos com a mudança que Lisboa tem sofrido. Estaremos já com turismo a mais?

A secretária de Estado do Turismo, Ana Mendes Godinho, é perentória: "Claramente temos muito espaço para crescer. Quer em Lisboa quer no resto do país." E aponta a criação do novo terminal de cruzeiros como uma aposta para captar as embarcações que começam ou que terminam viagem em Lisboa para que a capital deixe de ser apenas um porto de ancoragem e os turistas fiquem na cidade durante uns dias.

Sobre aqueles que apontam indícios de 'turistificação' e reações de 'turismofobia' em Lisboa responde: "Não caiamos em alarmismos. Basta compararmos a nossa Praça do Comércio com a Praça de São Marcos, em Veneza, para termos a noção de que estamos em estádios completamente diferentes. Estamos longíssimo desse fenómeno. O que não quer dizer que não devamos trabalhar para garantir que continuamos a ser aquele destino de que toda a gente gosta e que reconhece ser autêntico. O turismo não interessa como valor abstrato, mas como valor de criação de emprego, de mobilização do desenvolvimento regional e também da coesão territorial e envolvimento das pessoas." À sua voz junta-se Luís Araújo, presidente do Turismo de Portugal, que aponta um estudo recente da Associação do Turismo de Lisboa que "demonstra que 86% da população vê o turismo como uma atividade benéfica para a cidade. São os próprios residentes a reconhecer as potencialidades do sector".

O geógrafo Luís Mendes, académico do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa e coordenador do movimento "Morar em Lisboa", mostra-se menos entusiasta e diz-se preocupado com o facto de não haver uma regulação estatal eficaz no que diz respeito ao alojamento local. "Com este afluxo de turistas, os proprietários optam por retirar as suas casas do mercado de arrendamento a longo prazo, aproveitando a nova lei das rendas, e passam a orientar essa oferta para o mercado de alojamento turístico, que cresce proporcionalmente todos os anos. O problema é que é difícil contabilizar os desalojados dos bairros históricos, porque é um processo quase invisível, mas real e preocupante. E isso pode afetar o próprio turismo. A população dos nossos bairros históricos faz parte do próprio imaginário do turista do alojamento local, que quer imiscuir-se e estar na presença dessas populações. Para uma experiência mais típica. E se o despovoamento já existia há anos, foi certamente agravado pelo turismo."

De facto, não há números sobre este fenómeno de esvaziamento de moradores de certos bairros provocado pela 'turistificação', mas o último Censos, que data de 2011, aponta para outra realidade. Existiam muitos prédios devolutos, abandonados ou vazios nos bairros históricos, alguns dos quais vieram a ser requalificados com a nova vaga de turismo. Na freguesia de Santa Maria Maior existiam 3498 casas vagas e 1290 que eram segunda habitação. Hoje existem 2486 espaços para alojamento

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

local registados. Na Misericórdia acontecia o mesmo. Havia 2811 casas vagas e 1404 que eram segunda habitação. Atualmente contam-se 2077 espaços para alojamento local. Mas isto não significa que todos esses espaços vazios tenham sido aproveitados para esse fim.

Helena Roseta, presidente da Assembleia Municipal de Lisboa, conhece bem o terreno e assume que tem sido confrontada com muitas pessoas que estão a ser "postas fora de casa", porque os seus contratos de arrendamento não estão a ser renovados ou porque as rendas subiram para preços impossíveis. "É o resultado da liberalização das rendas do antigo Governo. São centenas de pessoas que estão nesta situação nos bairros históricos, o que é um drama, e é preciso tomar medidas." Roseta refere-se à lei aprovada por Assunção Cristas, no Governo de Passos Coelho, que entrou em vigor em 2012 e descongelou as rendas antigas para colocar mais casas no mercado. E, com isso, deu mais liberdade aos proprietários de cessar os contratos com os antigos inquilinos.

Este é o pior pesadelo de Carla Pinheiro, de 47 anos, a residente mais nova do tal prédio da Rua dos Lagares, lisboeta dos sete costados, a viver na Mouraria desde os 3 anos. Em novembro passado recebeu uma carta do senhorio, que adquirira recentemente o seu prédio, a comunicar "a oposição à renovação do contrato de arrendamento", informando-a que teria de sair de casa num prazo de um ano. As mãos de Carla tremem e os cigarros são consumidos rapidamente enquanto relata a angústia que ela e mais 15 famílias sentem desde então. A viver com a mãe e o filho de 16 anos num T2, por 250 euros — metade do seu ordenado mínimo —, sabe bem que se tiver de sair da atual morada não encontrará teto nenhum no seu bairro nem em qualquer outra zona do centro de Lisboa que possa pagar perante os elevados preços do mercado. Na sua freguesia, a média é de 12,80 euros por metro quadrado. Ou seja, uma casa como a sua, de 70 metros quadrados, vale cerca de 900 euros (896 euros, mais precisamente). Ou bem mais. Mas Carla e os vizinhos do nº 25 da Rua dos Lagares não baixaram a cabeça à sorte, juntaram forças e pediram ajuda à autarquia, ao vereador Manuel Salgado e à Assembleia Municipal de Lisboa. Depois de meses de reuniões, a Câmara ouviu os seus apelos e conseguiu entrar em acordo com o senhorio e resolver temporariamente a vida daquelas 40 pessoas. Isto porque havia a intenção por parte do proprietário de obter o licenciamento de um logradouro, anexo ao prédio, para exploração turística, e a Câmara concordou em fazer "uma análise rápida e expedita do processo" em troca da garantia de um contrato por mais cinco anos para aqueles moradores. "São os tubarões contra os peixinhos. Mas desta vez os tubarões não nos ganharam." Carla, que tem tatuada no braço esquerdo a Fada Sininho, de Peter Pan, espera que haja um pó mágico nesta história e uma abertura de olhos da autarquia para a situação. Não se imagina a viver noutro lugar da cidade. "Temos o direito de continuar a viver no nosso bairro. Nascemos e crescemos aqui. No nosso prédio somos todos como uma família, ajudamo-nos uns aos outros. Se precisar, posso pedir à minha vizinha de cima, a Olinda, para ir buscar a minha mãe ao Centro de Dia. Outra vezes, quando sei que outra vizinha, uma rapariga de 11 anos, está sozinha em casa, bato-lhe à porta e pergunto: 'Marlisa, está

PREÇO MÉDIO DE RENDAS EM LISBOA — T1/100M²
(1º trimestre de 2017)

Santa Maria Maior	**€1280** (€12,8m²)
Avenidas Novas	**€1250** (€12,5)
Parque das Nações	**€1230** (€12,3)
Misericórdia	**€1220** (€12,2)
Santo António	**€1160** (€11,6)
Campo de Ourique	**€1110** (€11,1)
São Vicente	**€1110** (€11,1)
Estrela	**€1110** (€11,1)
Campolide	**€1060** (€10,6)
Arroios	**€1040** (€10,4)
MÉDIA	**€1030** (€10,3)
Areeiro	**€1030** (€10,3)
Belém	**€1020** (€10,2)
Carnide	**€1000** (€10)
Alvalade	**€990** (€9,9)
São Domingos de Benfica	**€970** (€9,7)
Alcântara	**€950** (€9,5)
Lumiar	**€940** (€9,4)
Benfica	**€920** (€9,2)
Penha de França	**€910** (€9,1)
Ajuda	**€890** (€8,9)
Beato	**€880** (€8,8)
Olivais	**€860** (€8,6)
Marvila	**€770** (€7,7)
Santa Clara	**€750** (€7,5)

FONTE: SIR — CONFIDENCIAL IMOBILIÁRIO

PREÇO MÉDIO DE VENDAS EM LISBOA — T1 /100M²
(1º trimestre de 2017)

Misericórdia	**€348.900** (€3489m²)
Santa Maria Maior	**€343.000** (€3430)
Santo António	**€332.800** (€3328)
Parque das Nações	**€293.700** (€2937)
Belém	**€289.500** (€2895)
Estrela	**€279.400** (€2794)
Avenidas Novas	**€268.300** (€2683)
Campo de Ourique	**€251.100** (€2511)
Alvalade	**€251.000** (€2510)
São Vicente	**€245.400** (€2454)
MÉDIA	**€240.400** (€2404)
São Domingos de Benfica	**€237.500** (€2375)
Areeiro	**€231.200**(€2312)
Arroios	**€231.000** (€2310)
Lumiar	**€214.500** (€2145)
Carnide	**€213.100** (€2131)
Alcântara	**€212.700** (€2127)
Campolide	**€206.300** (€2063)
Ajuda	**€186.200** (€1862)
Benfica	**€183.700** (€1837)
Penha de França	**€182.700** (€1827)
Beato	**€170.200**(€1702)
Olivais	**€170.000** (€1700)
Marvila	**€145.600** (€1456)
Santa Clara	**€139.500** (€1395)

FONTE: SIR — CONFIDENCIAL IMOBILIÁRIO

NÚMERO DE ALOJAMENTOS LOCAIS EM LISBOA
(até agosto)

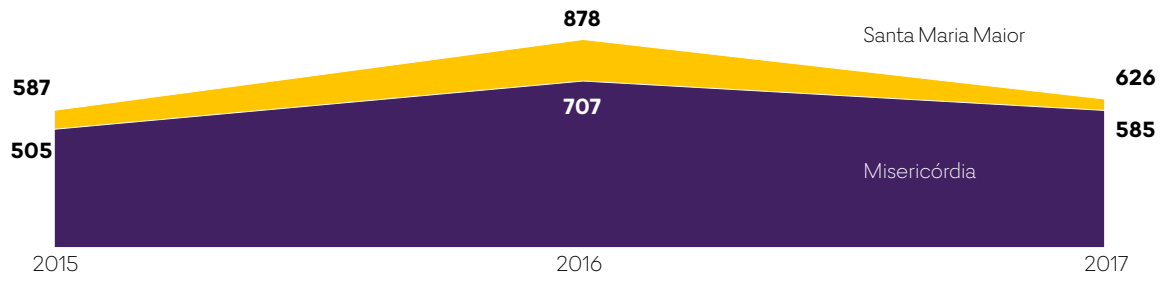
9389

O QUE A CIDADE LUCROU COM O AIRBNB?

O Airbnb, plataforma *online* para a intermediação de alojamento, entregou à Câmara Municipal de Lisboa 2,8 milhões de euros em taxas turísticas desde maio do ano passado.
Só entre maio e dezembro de 2016 deu à Câmara Municipal de Lisboa 1,74 milhões de euros (pela coleta da taxa de um euro por pernoita), e no primeiro trimestre de 2017 mais 1,1 milhões de euros.
Em Lisboa, o Airbnb registou no ano passado 718 mil hóspedes, que geraram uma faturação de 72 milhões de euros para os proprietários dos imóveis.
Segundo um inquérito do Airbnb, os hóspedes que ficaram alojados em Lisboa gastaram 404 milhões de euros, deixando um impacto na economia da capital da ordem dos 476 milhões de euros.

FONTE: AIRBNB

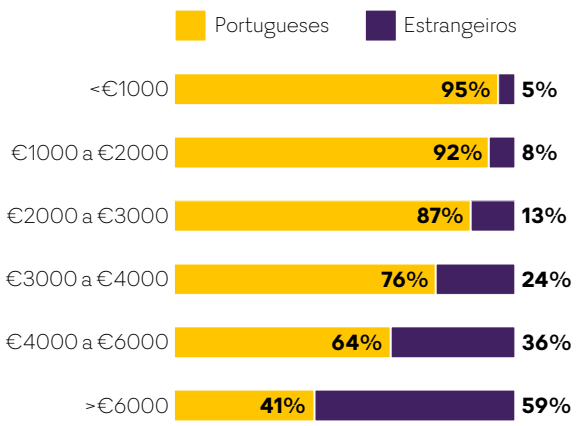
NOVOS REGISTOS DE ALOJAMENTO



FONTE: ASSOCIAÇÃO DO ALOJAMENTO LOCAL EM PORTUGAL

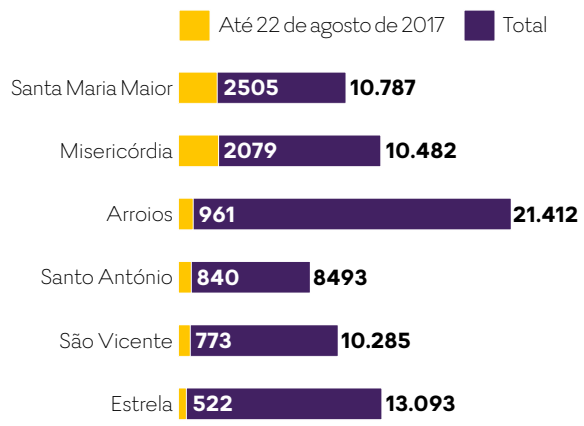
Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

INVESTIMENTO NO CENTRO HISTÓRICO DE LISBOA — EUROS/M²
(número de transações no 1º trimestre de 2016)



FONTE: SIR — REABILITAÇÃO URBANA

ALOJAMENTO LOCAL EM LISBOA
(número de registos)



FONTE: ASSOCIAÇÃO DO ALOJAMENTO LOCAL EM PORTUGAL

QUAIS AS NACIONALIDADES QUE MAIS COMPRAM IMÓVEIS EM LISBOA?

CHINESES

303,03

mil euros (valor médio gasto em habitação)

ONDE COMPRAM
Sobretudo em freguesias fora do centro histórico, sobressaindo Arroios com 20% do total de transações.
No entanto, destacam-se as compras que efetuaram na freguesia da Misericórdia (27% das transações)

FRANCESES

265,5

mil euros (valor médio gasto em habitação)

ONDE COMPRAM
Sobretudo no centro histórico: Misericórdia (23%), São Vicente (20%) e Santa Maria Maior (12%)

NÓRDICOS*

222,3

mil euros (valor médio gasto em habitação)

ONDE COMPRAM
Procuram freguesias fora do centro histórico, como Arroios, Alcântara e Estrela (10%).
Ainda assim, estão a comprar em força em Santa Maria Maior (19%) e São Vicente (14%)

*Bélgica, Holanda, Suécia, Áustria, Luxemburgo, Finlândia, Noruega e Dinamarca

tudo bem?' Tudo isto é bonito, é a alma do bairro, e não deveria ser destruído de forma cega em nome do dinheiro por senhorios de má-fé."

Carla caminha connosco pelas ruas da sua Mouraria e abana a cabeça ao facto de "prédio sim, prédio não" estar a ser transformado para acolher turistas ou residentes estrangeiros. "Eu não estou contra o turismo, mas está a haver um desequilíbrio, é uma avalanche, um terramoto. Transformaram o nosso bairro nisto. É só alojamento local. São só prédios de luxo. Chega! Qualquer dia não têm cá nenhum lisboeta, e isso não interessa aos turistas, porque deixarão de encontrar alguém para perguntar onde ficam os lugares que procuram na cidade."

O mesmo discurso tem Alessandra Almeida, uma brasileira de 39 anos a residir há 20 na Mouraria com o marido e os dois filhos. Ao balcão da sua mercearia, situada no Largo das Olarias, atende o senhor Luís, um velho freguês. Guardara para ele um pão, um queijo de Nisa e ainda lhe avia uma lata de atum. Também ela recebeu uma carta do senhorio a pedir-lhe que deixasse a casa. Foi como se lhe tirassem o chão debaixo dos pés. "Avisou-nos com dois meses de antecedência, disse-nos que não era a Santa Casa da Misericórdia e que se quiséssemos manter-nos na casa teríamos de pagar um oitavo das obras que iria efetuar no prédio. Fui informar-me com uma advogada da Junta de Freguesia, soube que isso não era legal e consegui prolongar o contrato por mais um ano. Mas sei que vamos ter de sair. Ele quer alugar o prédio a turistas e eu não estou a conseguir encontrar casa no bairro a um preço decente..." Atualmente, Alessandra paga pelo seu T3 400 euros.

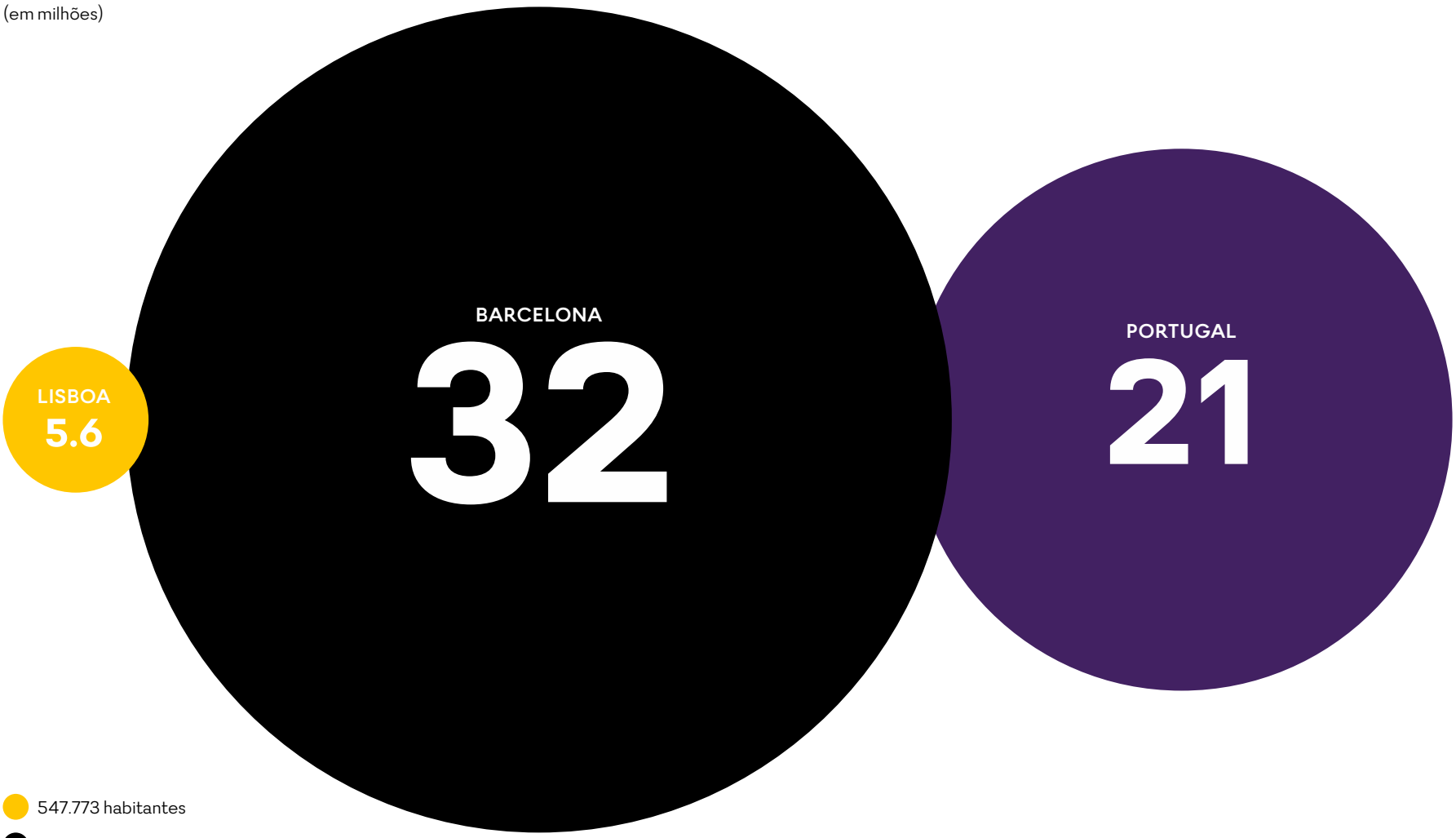
Entretanto, chega ao balcão um casal de jovens turistas. Pedem uma garrafa de litro e meio de água. Pela pronúncia, percebe-se que são franceses. Metemos conversa e ficamos a saber que Sandrine, de 28 anos, e Quentin, de 27, descobriram Lisboa este ano e que esta é a segunda vez que a visitam. Ou melhor, desta vez estão decididos a ficar. Ela quer desenvolver design por cá, ele quer trabalhar como chefe de cozinha num estabelecimento seu. Antes tinham passado uma temporada em Berlim. "Apaixonámo-nos pela vossa cidade e estamos à procura de casa para arrendar ou comprar num destes bairros. O sol, a atmosfera, a cultura mediterrânica, a história, a comida são algumas das razões. E Lisboa inspira calma. Não tem o stresse de Paris ou Londres." Alessandra encolhe os ombros. "Já viram? É demais. Os franceses estão a comprar o nosso bairro, todos os dias há mais casos destes, mas somos nós que votamos nos nossos políticos. Devia haver lugar para todos. Terei muita pena se tiver de sair desta zona. Escolhi morar aqui e é aqui que tenho o meu trabalho."

Helena Roseta está solidária com a causa destes moradores e os seus pedidos. "Não podemos destruir comunidades na cidade. Interessa a todos. Até ao turista, que quer ver cidadãos locais. De momento, a Câmara não pode intervir. Os proprietários não são obrigados a comunicar à Câmara a mudança de um edifício para alojamento local. Mas estou de acordo com a proposta de Fernando Medina para que o alojamento local passe a ser autorizado pelo município, para garantir a estabilidade e equilíbrio de certas zonas da cidade."

Eduardo Miranda, presidente da Associação de Alojamento Local em Portugal (ALEP), mostra-se

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

NÚMERO DE TURISTAS EM 2016
(em milhões)



FONTE: INE

sensível a esta questão. "Não queremos que nenhum bairro se torne monofuncional. Mas a população de que se fala ser a alma dos bairros históricos é socialmente carenciada e precisa de casas com rendas sociais, precisa de apoio estatal. A realidade do mercado de hoje não é compatível com rendas de 50 ou 150 euros. Por outro lado, é preciso trazer novos habitantes para estas zonas com incentivos reais. Posso adiantar que 75% das casas que estão para alojamento local são muito pequenas. E, tal como estão, não dariam para serem convertidas para alojamento tradicional de novas famílias de classe média, que procuram casas com espaço, elevador e garagem."

Não é preciso andar muito por Alfama para encontrar quem diga sem travão na língua: "Odeio turistas!" Kikas, de 39 anos, morena de longos cabelos pretos, empregada de limpeza, está sentada na soleira da porta de casa, na Rua de São Pedro. Vive num T3 que é da Câmara, por isso paga uma renda em conta, 230 euros. A mesma sorte não tem a sua mãe, que foi forçada a sair da casa onde vivia. "Transformaram o prédio onde ela estava num *hostel*. E ela teve de ir viver para uma casa muito pequenina. Os turistas invadiram o nosso bairro, fazem demasiado barulho, exibem-se nus à janela e não têm respeito por ninguém. Raios os partam."

A crescente pressão sobre o mercado de arrendamento em Lisboa levou a Câmara Municipal a reorientar a sua política em relação às casas que tem espalhadas pela cidade, principalmente no centro histórico. Se antes a prioridade era vender o património disperso, agora a preocupação é reabilitar e arrendar esses imóveis a preços controlados. A ideia é dar resposta à dificuldade de atualmente se encontrar casas a valores acessíveis, devido à especulação imobiliária e à maciça procura de turistas e de estrangeiros para alojamento ou compra de uma segunda habitação. Recorde-se que a CML é o maior proprietário imobiliário do país, com mais de 25 mil fogos. O atual presidente da Câmara, Fernando Medina, afirma que o aumento do turismo é em primeiro lugar "uma boa notícia" para a economia da cidade e "representa cerca de 80 mil empregos diretos". Mas a menos de um mês das autárquicas, em que será novamente candidato pelo PS, Medina afirmou ao Expresso que, para lidarmos todos bem com o crescente fluxo de turismo e para que seja preservada ou melhorada a qualidade de vida dos lisboetas, "é preciso mais investimento nas infraestruturas da cidade. Seja nos transportes públicos, que estão a sofrer a pressão de terem mais pessoas a utilizarem-nos, seja mais investimento na higiene urbana e mais habitação de promoção pública e regulação do mercado de habitação." E já fez a promessa de construir mais 6000 fogos ao longo do próximo mandato, se for eleito. "Mobilizámos cerca de 300 milhões de euros de património municipal. Trata-se de terrenos ou edifícios que vão ser reabilitados ou construídos e que permitem rendas entre os 200 e os 400 euros por mês, enquadradas no programa Renda Acessível. Queremos ajudar as

Em 2016 foram 10 milhões de dormidas (pernoitas). Este ano, só nos primeiros dois meses, houve mais um milhão de reservas, o que representa um aumento de 14,3%

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

classes médias e atraí-las para o centro da cidade."

Ricardo Robles, o candidato do BE à autarquia, recusa o conceito de 'turismofobia' para Lisboa, mas considera que não existe harmonia entre os cidadãos e o turismo por culpa da política de Medina. "Existe desconforto pela falta de limites e regras. E os conflitos começam a surgir. O sistema de transportes na cidade não está preparado para este aumento de população que nos visita. Basta passarmos no Martim Moniz e repararmos na fila com centenas de metros para o elétrico 28. Um drama para quem cá vive e para os turistas." Robles mostra-se igualmente preocupado com a habitação em Lisboa — "temos de salvaguardar o direito à habitação na cidade da pressão turística e especulação imobiliária" — e propõe que se distinga o que é alojamento local de turismo habitacional. "Vejamos: o princípio da partilha de casa, de alguém que tem um quarto vago e recebe um turista, é alojamento local. Outra coisa é quem adquire casas, compra prédios e explora-os numa lógica de indústria hoteleira. São realidades que deviam ser tratadas de maneira diferente."

João Ferreira, candidato pela CDU, junta outra crítica: a forma como tem sido gasta a taxa municipal turística, que já rendeu 16,7 milhões de euros desde janeiro de 2016 até março deste ano e que serviu nomeadamente para a conclusão das obras do Palácio da Ajuda e do Museu Judaico. "A taxa tem um fim diverso do publicitado. Isto fica mais evidente quando o seu uso tem sido direcionado primordialmente para a promoção de novos equipamentos turísticos, impulsionando o crescimento ainda maior do turismo, de forma desregulada e sem cuidar dos seus impactos." Robles e Assunção Cristas, candidata pelo CDS, ou Teresa Leal Coelho, candidata do PSD, são de opinião semelhante. Ao Expresso, Cristas acusa Medina de nada ter feito para preparar a cidade para o turismo. "Resumiu-se a fazer obra de cosmética, não essencial. Cavalgou a onda, arrecadando receita com as várias taxas, sem ter uma visão de médio e longo prazo." Quanto à relação dos lisboetas com os visitantes estrangeiros, considera que "os turistas são genericamente muito bem acolhidos na nossa cidade e sinalizam precisamente isso como um elemento muito positivo, mas em certos bairros há vozes críticas." Cristas, que criou a nova lei das rendas, também ela alvo de críticas, diz agora que é "a favor de uma diminuição da carga fiscal para estimular o arrendamento convencional, mas contra matar-se o alojamento local, sobretudo através de regras gerais que se aplicam ao país inteiro". Leal Coelho junta outra achega para "uma senhora Lisboa": "É preciso ação séria, conhecedora e coordenada, para evitar transformar a cidade num parque temático de massas, irreconhecível e vazio de residentes, como acontece com Veneza. Já Barcelona inverteu recentemente a política liberal e está a procurar compatibilizar o turismo com a identidade local. Lisboa vai a tempo de evitar repetir os erros dessas outras cidades."

O escritor, gestor e jornalista António Mega Ferreira, que chefiou a candidatura de Lisboa à Expo-98 e foi comissário executivo da Exposição Mundial, tem uma opinião "absolutamente positiva" em relação ao turismo que chega atualmente a Lisboa. "As mesmas vozes que gritam contra o turismo a mais são aquelas que durante décadas clamaram por uma política de turismo que não se limitasse a acolher os que procuravam o sol e a praia. Bom, aí têm, este é o retorno." A seu ver, Lisboa está incomparavelmente mais interessante do que há dez anos. "Porque tem mais gente, de diversos sítios, porque há uma ideia de movimento constante, de coisas novas, uma renovação de espaços que abrem e fecham e de novas zonas na cidade. Lisboa está a encontrar a sua melhor versão, que é a versão cosmopolita. Lisboa nunca foi tão brilhante como quando foi uma cidade cosmopolita, e isso é século XVI." Mas, no entanto, Mega Ferreira não acredita em entregar as decisões à lei do mercado, numa política de mão invisível. "Tem de haver regulação e enquadramento entre a procura e a oferta. Tanto no alojamento temporário como nas *low costs*. Porque, se não forem controladas, qualquer dia aterram no Rossio. São uma praga. Uma praga que transporta grande parte dos turistas para dentro da cidade."

O arquiteto Manuel Aires Mateus, que com o irmão Francisco foi autor da nova sede da EDP, na zona ribeirinha da cidade, considera "perigoso" o fenómeno da compra maciça de imóveis por parte de estrangeiros. "Estamos a vender as partes mais centrais da cidade. Como se estivéssemos a transformá-la num anúncio. Isso a prazo vai destruir uma certa essência. Se quisermos que Lisboa seja uma cidade onde os lisboetas vivem, tem de haver coragem na legislação e uma tomada de posição." Como exemplo positivo de uma obra na cidade, para português, inglês ou francês ver, o arquiteto elogia o trabalho de António Costa na requalificação do bairro do Intendente. "Não podemos ter uma cidade em que os turistas andem do Castelo para o Chiado e do Chiado para o Castelo. E depois vão ali aos Jerónimos e já está. O Intendente foi uma manobra absolutamente genial. Não me interessa o seu aspeto estético, se gosto do banco ou do candeeiro. Antes um lisboeta comum não ia ao Intendente passear ou beber um copo e hoje é uma atração na cidade. Não é tão interessante chegar a bairros consolidados e fazer uma intervenção. Devem abrir-se novas possibilidades."

A empresária Catarina Portas, há 12 anos à frente das lojas Vida Portuguesa, eterna curiosa pela história da capital e pelos espaços genuínos que resistem ao tempo e às modas, encontra-se neste momento a fazer um mapa com sugestões de locais para (re)descobrir em Lisboa, ilustrado pelo francês Marin Montagut. "Não acho que haja turismo a mais em Lisboa. Penso sobretudo que está mal distribuído. O problema é que há um turismo massificado, de grandes grupos, que é mais complicado de encaixar em cidades antigas como a nossa, com ruas estreitas, onde vivem pessoas. Lisboa é uma cidade com todas as qualidades para um turismo mais alternativo, de pessoas mais curiosas, que gostam de coisas diferentes, que não viajam para encontrar o mesmo restaurante e tirar apenas *selfies*. Creio que esse é o caminho para o turismo em Lisboa, não é tão obvio, mas é um caminho mais interessante." E conclui com uma pergunta: "Valerá a pena fazer um investimento de milhões num novo terminal de cruzeiros quando se sabe que o turismo de cruzeiros contribui bastante para criar pressão sobre determinadas partes da cidade? Um tipo de turismo que não deixa praticamente dinheiro nenhum. É por aqui que se deve apostar?" ●

bmendonca@expresso.impresa.pt

A TAXA QUE LISBOA COBRA AOS TURISTAS

VALOR DA TAXA
1 euro por noite até ao valor máximo de 7 euros (sete noites seguidas por dormida e por hóspede)

TAXA MUNICIPAL TURÍSTICA
16,7 milhões de euros obtidos com esta cobrança desde 2016 até março deste ano

QUANDO COMEÇOU A SER APLICADA
Aprovada em 2014, a Taxa Municipal Turística começou a 1 de janeiro de 2016, sobre as dormidas de turistas nacionais e estrangeiros nas unidades hoteleiras ou de alojamento local

QUEM PAGA
A taxa é aplicada por dormida e por hóspede, com idade superior a 13 anos, nos hotéis, *hostels* e apartamentos turísticos da cidade. A taxa sobre as chegadas ainda não passou do papel

QUEM COBRA A TAXA
A liquidação e arrecadação da taxa de dormida compete às pessoas singulares ou coletivas que explorem os empreendimentos turísticos e os estabelecimentos de alojamento local

ONDE TEM SIDO APLICADO O DINHEIRO
Em projetos, estudos, equipamentos ou infraestruturas para a promoção e qualidade do turismo em Lisboa. Boa parte do dinheiro tem sido investido no remate do Palácio da Ajuda, no Museu Judaico, na reabilitação da Estação Sul e Sueste e no programa Lojas com História

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

O bom

JESSE D. GARRABRANT/NBAE/GETTY IMAGES

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

gigante

Kevin Durant nasceu numa das mais violentas cidades da América e foi abandonado pelo pai quando tinha menos de um ano de idade. Parecia que estava tudo contra ele até que o basquetebol o salvou, acabando por conquistar a América dos bairros humildes a Silicon Valley. Campeão e eleito o melhor entre os melhores do mundo durante a última final da NBA, "aconteça o que acontecer ele já venceu", conta um dos seus treinadores

TEXTO **RICARDO LOURENÇO** CORRESPONDENTE NOS EUA

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

O número 108 da Sultan Avenue, em Seat Pleasant, a capital do crime do estado de Maryland, amontoam-se fãs e repórteres oriundos de mais de uma dúzia de países. A pequena casa forrada com tapumes de vinil amarelo é o ponto de partida para a viagem ao mundo de Kevin Durant, a estrela da Liga Profissional de Basquetebol Americano (NBA, sigla em inglês).

O ambiente festivo contrasta com o pesadelo vivido horas antes, após a morte de Jamal Barnes, um filho da terra, esfaqueado em plena luz do dia por dois homens que se puseram em fuga.

Confirmando a má disposição geral, uma matilha de rafeiros subnutridos rosna ao grupo de forasteiros que lida como pode com o choque cultural, meia hora depois de terem saído dos átrios luxuosos dos hotéis no centro de Washington. A polícia desconfia de um ajuste de contas levado ao extremo e reforçou a presença nas ruas da Cidade da Excelência, como lhe chamam os autarcas locais. Mais realistas e armados até aos dentes, os agentes caminham aos pares, certificando-se de que não há represálias contra amigos ou familiares dos atacantes.

Com direito a segurança privada, o evento, realizado em meados de maio, expôs de propósito as origens humildes do atleta, que, apesar das circunstâncias, insistiu em lançar os seus KD 10, a linha pessoal de ténis da Nike, no local onde nasceu, riscando do mapa cidades mais seguras e glamorosas como Nova Iorque ou Los Angeles.

Cinzentos e brancos, tamanho 55, Kevin exibia o primeiro par, preparando-se para servir de guia à comitiva. Enquanto oferecia balões às crianças, explicava aos mais velhos a razão de ser de tantas casas abandonadas. Mostrou o ginásio do centro comunitário, onde tudo começou, e parou na "colina", no cruzamento entre a rua L e a BalsamTree Drive, local conhecido como a 'câmara de tortura', onde o treinador Taras Brown o obrigava a ganhar músculo. Subidas a 'sprintar', 20 flexões no topo e descidas vertiginosas de costas. Cinquenta repetições. Sem pausa. Caso parasse, recomeçava de novo. E, quando Brown não podia vir, a mãe, Wanda, vestia o fato de treino e arrastava-o.

"Um dia, quando tiver filhos, ele voltará aqui para treinar com eles. É uma questão de honra", diz ao Expresso Charlie Bell, velho amigo e um dos assessores do jogador que coorganizaram aquele *tour* por Seat Pleasant.

Após uma curta sessão de perguntas e respostas no centro comunitário, regressariam todos à casa amarela, propriedade da avó Barbara e ponto de referência dos Durants. "Foi aqui, por exemplo, que a minha tia Pearl morreu após uma longa luta contra o cancro", lembrou Kevin, enquanto levantava a *T-shirt* para mostrar a imagem da habitação tatuada no abdómen.

Terminado o desabafo, KD voltou a concentrar-se no *merchandising*, uma das atividades paralelas que o levam a viajar por todo o mundo, principalmente durante o defeso, entre julho e setembro — em 2014, assinou um contrato de patrocínio com a Nike no valor de 300 milhões de dólares, válido até 2024.

Consagrado como o novo príncipe do basquetebol americano em junho, após vencer o seu primeiro título de campeão e arrebatar o troféu de Most Valuable Player (MVP), ou seja, o melhor entre os melhores do mundo, e logo na época de estreia ao serviço dos Golden State Warriors, Durant revitalizou uma carreira profissional que principiou há dez anos em Seattle e floresceu em Oklahoma City.

Visto como eterna promessa, KD somava recordes individuais, mas nunca atingira o topo da montanha. A mudança para os Warriors, equipa sediada em Oakland, arredores de São Francisco, serviu de atalho para lá chegar. Juntamente com Stephen Curry, Klay Thompson e Draymond Green o conjunto californiano foi rotulado de "Dream Team" (equipa de sonho), tal o domínio sobre os adversários. Quando, no terceiro jogo das finais (um frente a frente decidido à melhor de sete), ele bailou em frente a LeBron James e saltou sem balanço para um lançamento de três pontos, deu a entender que o equilíbrio de forças na rivalidade entre os dois estava prestes a alterar-se — ambos estão para o basquete como Ronaldo e Messi para o futebol.

O comentador Charles Barkley, uma velha glória da NBA, jurou a gritar que se tinha acabado de assistir a um número de circo, levado a cabo por um contorcionista com movimentações tão graciosas que parecia ter um corpo liquefeito.

Bailou frente a LeBron James e saltou sem balanço para um lançamento de três pontos. O equilíbrio de forças na rivalidade entre os dois estava prestes a alterar-se

As comparações com criaturas imaginárias são frequentes. No ano de estreia, em 2007, era conhecido como o unicórnio, graças ao talento mítico.

"Tornou-se o menino bonito da NBA. O bom gigante que põe todos à frente dele, que raramente diz não, que é incapaz de usar o tamanho para bater em alguém. Pela primeira vez, pensou em si próprio quando se mudou para Oakland. Percebeu que era tempo de ficar para a história. E ninguém o pode acusar de traição ou ingratidão, pois ele é o exemplo clássico do menino oriundo do bairro complicado, que, contra tudo e todos, venceu na vida", afirma ao Expresso Taras Brown, o velho treinador, que hoje trabalha para o pupilo na organização de eventos de caridade. "A vida dele começou como um filme de terror, mas teve um desfecho feliz. A sua ida a Seat Pleasant serve para lembrar isso mesmo. Que, no fundo, aconteça o que acontecer, ele já venceu."

UM CAFÉ ÀS TRÊS DA MANHÃ

Wanda possuía dois empregos, que lhe esticavam o dia das três da manhã às 19h. Mal ouvia o despertador, Kevin, ainda adolescente, pulava da cama, calçava os ténis estafados de tanto treino, vestia a *T-shirt* XXL, propositadamente gigante para que durasse, e ia buscar um café para a mãe à 7-Eleven (loja de conveniência).

Ordem cumprida, voltava a dormir. Quatro horas depois, partia para a escola de mãos dadas com o irmão, Tony, e a avó, Barbara, que passava temporadas com eles, garantindo que a rotina mascarava as dificuldades. Até porque Wanda não tinha alternativa, visto que Wayne, o ex-companheiro e pai de KD, desertara quando a estrela da NBA tinha menos de um ano, deixando a mulher com duas crianças nos braços e contas por pagar.

"O meu pai tinha 23 anos. A Wanda era dois anos mais nova. Ele não estava preparado para as responsabilidades", confessa-nos com ar nervoso, enquanto ajusta os óculos de massa. "A pensão de alimentos nunca faltou." O mesmo não se pode dizer da companhia, um distanciamento que justifica pelo facto de o pai ter refeito a vida com outra mulher e mais dois filhos. Mesmo assim, permaneceu na vizinhança. Por vezes, cruzavam-se. Amante das velocidades, Wayne gostava de acelerar em descapotáveis 'tunados' nas oficinas locais. Kevin olhava estarrecido. Wanda ignorava.

Segundo o último censos, de 2010, um em cada três rapazes cresce sem pai nos Estados Unidos, "uma epidemia de que poucos falam", afirmou Oprah Winfrey, a antiga imperatriz dos *talk shows* americanos, numa entrevista recente à "Vanity Fair".

Vítima deste sistema, a mãe-coragem improvisava, mudando várias vezes de casa na procura incessante da renda mais baixa, algo que os depositava em zonas pouco recomendáveis. De tal forma, que os serões em família eram atormentados pelos tiroteios nas ruas, onde os gangues disputavam supremacia na rota do narcotráfico — "gente de fora" que se está a marimbar para a qualidade de vida em Seat Pleasant, garantem ainda hoje os moradores.

Naquela altura, o crime organizado 'contratava' os mais novos para operarem como 'mulas' no transporte de estupefacientes ou 'sentinelas' na deteção de "five O" — alcunha dada aos agentes da

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

ESTRELA O nº 35 dos Golden State Warriors, onde joga desde 2016

EZRA SHAW/GETTY IMAGES

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

polícia. Quando sentia que o recrutamento dos filhos estava para breve, Wanda realojava a família.

Mas, ao contrário de Tony, Kevin não passava despercebido. Aos 10 anos já media 1,85m e o jeito desengonçado deixava-o na mira dos rufias, que se entretinham a gozar com ele, chamando-o potro, gazela, girafa... KD ficava calado. O trajeto casa, escola, ginásio fazia-o sempre cabisbaixo. E quando chegava tarde, já sabia que tinha de 'sprintar' em direção a casa, porque vinham atrás dele com *pit-bulls* pela trela.

Refúgio no princípio, o basquetebol tornar-se-ia uma paixão. De tal forma que aos nove anos prometeu à mãe que tudo faria para entrar na NBA. Wanda avisou-o: "Queres ser o novo Michael Jordan? Percebes a vida de trabalho que tens pela frente? Prepara-te! Eu não te darei um segundo de descanso", conta a própria num resumo de vida publicado no seu *site* 'Wanda Durant, the Real MVP'.

De imediato, matriculou o filho no centro comunitário de Seat Pleasant, cujos treinadores da equipa de basquetebol, os Jaguars, tinham fama de polir talento em direção aos grandes palcos.

Chucky Craig era um deles. Aos 35 anos seria assassinado por aqueles malfadados gangues, algo que ainda hoje KD não esquece, fazendo questão de jogar com aquele número na camisola.

Taras Brown, ou "Coach" Brown, o mentor sobrevivente, ainda se lembra da primeira vez que deitou o olho ao diamante em bruto. "Ele entrava mudo no ginásio e desatava a fazer lançamentos de três pontos. Só partia para o próximo exercício depois de acertar dez consecutivos, o que acontecia em 99,9% das vezes", diz-nos. "Era uma esponja. Todos os dias queria saber o que tinha feito de errado, mesmo quando ganhávamos os jogos com o dobro dos pontos da equipa rival." Brown reparou também no corpo que poderia ser moldado em algo nunca visto: um atirador certeiro com mais de dois metros, agilidade, toque de bola e "uma envergadura de um caça F-16 (2,25m)", parodia.

A entrega gerou um sucesso meteórico, de tal forma que até os chefes dos gangues se aperceberam que o tal trinca-espinhas carregava a equipa local às costas, ordenando a todos os membros para que o deixassem em paz.

Apesar do salvo-conduto, o jovem não se iludia e sonhava partir dali o mais cedo possível. De tal maneira que, nos dias em que conseguia sair um pouco mais cedo, viajava até ao final da linha do metro, até às profundezas do subúrbio de Washington, um trajeto que se assemelha a uma viagem num ascensor social.

Após passar-se pela cintura formada por cidades complicadas como Seat Pleasant, entra-se na América dos bairros *cookie cutter*, repletos de vivendas geminadas de estrutura prefabricada, copiadas umas das outras e rodeadas de campos de golfe.

Chegado ao destino, ele caminhava deleitado, fechando os olhos enquanto saboreava o perfume das flores frescas dos quintais. Depois parava para observar os miúdos brancos a jogar basquete, das poucas paixões em comum entre os dois mundos.

"Ele estava sempre a dizer que, quando chegasse à NBA e fosse pago condignamente, investiria em paz e sossego. Idealizava ter uma casa onde ele, os amigos e familiares mais próximos pudessem viver", conta-nos Charlie Bell.

Há três anos, durante o discurso de entrega do prémio MVP da época regular, KD, que hoje vive numa mansão com vista para a baía de São Francisco, celebrou a realização desse sonho. "Desde sempre que eu e a minha família vivemos tempos difíceis. Mas todos resistimos. Todos continuamos de pé."

SOLIDARIEDADE
Kevin Durant em 2015 a participar num evento de "food and fun" para crianças de Oklahoma City

A ABERRAÇÃO

A bem dessa serenidade, aos 16 anos KD fez as pazes com o pai, numa altura em que já era conhecido como uma das maiores promessas do basquetebol americano.

Quando saltava sem impulsão para fazer o lançamento, as pontas dos dedos da mão direita, que normalmente aconchegam a bola, ultrapassavam os três metros. E na hora de correr fazia-o com a mesma rapidez dos bases, os 'pequenotes' de um metro e oitenta que, por norma, organizam o jogo e se mantêm ao largo do reino de gigantes que orbitam o cesto. Como fazia tudo bem, batizaram-no de "Freak" (aberração), a tal ponto que quando saiu do liceu Montrose Christian School, em Maryland, colocou metade do país a roer as unhas à espera de saber qual a sua próxima paragem.

Em 2006, escolheria a Universidade do Texas, seguindo-se o ano da explosão ao vencer o troféu National Player of the Year (melhor jogador do ano).

Entretanto, a NBA salivava e na noite de 28 de junho de 2007, durante o *draft* (um sistema de alocação de jogadores nas 30 equipas da liga profissional, que normalmente permite aos conjuntos mais mal classificados na época anterior acederem aos melhores jovens), foi selecionado pelos Seattle SuperSonics.

Após a conquista do campeonato, a estrela decidiu baixar o salário de 36 milhões anuais para 26, para que os gestores pudessem manter outros jogadores

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

LAYNE MURDOCH/NBAE/GETTY IMAGES

O dinheiro começava a jorrar. Logo após aquela noite, ele assinou o primeiro contrato de patrocínio com a Nike por 60 milhões de dólares.

Os cifrões não o distraíam, que o diga a concorrência, pois logo na época de *rookie*, a primeira, conquistou o prémio revelação. O percurso ascendente de Kevin contrastava com o da equipa, que procurava reorganizar-se numa nova cidade, visto que Seattle perdera relevância económica.

Oklahoma City acenou com os petrodólares e a estrutura mudou-se do verdejante litoral Oeste para um estado recôndito, conhecido pela gastronomia rica em fritos e pelo vale dos tornados que todos os anos gera mortes e estragos abundantes.

Nove anos mais tarde, depois de várias finais perdidas, a estrela questionava se algum dia seria coroado campeão, numa cidade que nunca vencera nada desportivamente e ao leme de uma equipa que, à exceção de Russell Westbrook, a quem ele chamava "irmão mais novo", parecia não ter suficientes atores secundários. Em julho do ano passado, o herói de OKC anunciou a saída e transformou-se em vilão no estado cuja imagem no mapa se assemelha a um revólver.

Dono da Two Rivers Arms, uma empresa de armamento, o congressista Steve Russell, eleito pelo distrito que alberga Oklahoma City, explica ao Expresso como é que um fanático pelo clube viveu aquele momento. "Foi a cidade onde nasci e cresci. Foi aqui que comecei a minha carreira como militar e depois como político. Ver a nossa estrela sair, ver a possibilidade de vencer o campeonato desvanecer-se... Foi duro. Ele tinha posto OKC no mapa — bem sei que não é uma imagem muito simpática [risos]. A cidade nunca tinha sido tão falada. Sabia que a partir dali voltaríamos à estaca zero."

No último campeonato, os "Thunder" não passaram da primeira ronda dos *playoffs*, apesar da ascensão de Westbrook, o 'irmão', entretanto, desavindo. KD revelou que se juntaria aos Golden State Warriors, a constelação de estrelas que deixara fugir o título para os Cleveland Cavaliers de LeBron James.

Charlie Bell recorda como o amigo optou por se isolar, preferindo o silêncio à polémica ou discussões públicas com antigos companheiros. "Ele veio para a zona da baía e instalou-se numa mansão no alto de uma colina com a Wanda e o seu empresário Rich Kleiman, e com um grupo restrito, do qual faço parte."

No verão passado, num artigo do "The Players' Tribune", um projeto digital cujo conteúdo é escrito, exclusivamente, por atletas profissionais, Kevin pôs uma pedra sobre o assunto: "Estou numa fase da vida em que preciso de uma oportunidade para evoluir e ganhar títulos. Sair da minha zona de conforto, para uma nova cidade, para uma nova comunidade, onde essa possibilidade é real, é muito importante."

O MONGE

A solidão estendeu-se às redes sociais. Nada de Instagram ou Twitter, onde, entretanto, regressou para agrado dos cerca de 17 milhões de seguidores. Um ano antes terminara o noivado com Monica Wright, também ela jogadora profissional de basquetebol, culpabilizando-se pela rutura: "Não conseguia amá-la. Não a amava da maneira certa."

A vida regrada com pouco para contar além dos treinos e das tardes a descontrair no gigantesco terraço com um churrasco em inox do tamanho de um autocarro, granjeou-lhe uma nova alcunha: o "monge". Apesar do luxo acumulado, do Tesla preto estacionado na garagem à piscina com vista para o Pacífico, a rotina, mas não só, lembrava-lhe a vida em Seat Pleasant.

Sempre que descia lentamente no carro elétrico de sonho pela avenida 73 em Oakland, junto à interceção com o MacArthur Boulevard, os miúdos do sopé da colina largavam tudo, pegavam nas bicicletas e ensaiavam corridas com ele. Dada a má fama, nem todos gostam de passar por aquela zona da cidade. KD, pelo contrário, sente-se em casa. "É como se tivesse regressado às origens", considera Bell.

Com mais de 150 milhões de dólares amealhados até hoje na NBA — cerca de 200 milhões estão a caminho fruto da ligação aos Warriors —, juntou o útil ao agradável na Califórnia, somando aos títulos no campo a oportunidades de negócio em Silicon Valley, assegurando-se que Seat Pleasant é apenas uma memória terna do passado e não um plano B de futuro.

Vários jogadores profissionais de basquetebol arruinaram fortunas e acabaram no buraco de onde saíram. Allen Iverson, por exemplo, o base dos Philadelphia 76ers, que brilhou na NBA entre 1996 e 2010, queimou 200 milhões de dólares, a tal ponto que durante uma audiência em tribunal em 2012, a propósito de um divórcio litigioso, o juiz concluiu que o indivíduo não tinha dinheiro nem para comprar um *cheeseburger*.

KD entrou em Silicon Valley aconselhado pelo colega de equipa Andre Iguodala, um dos mais temidos defesas da liga, astuto no roubo de bola, mas também na gestão de poupanças, investindo no Twitter, Facebook e na Tesla. A ligação entre ambos estreitou-se a tal ponto que, após a conquista do campeonato em junho, a estrela decidiu baixar o salário de 36 milhões anuais para 26, de maneira a que os gestores da equipa pudessem manter peças como Iguodala.

Numa entrevista ao *site* da NBA justificou a decisão. "Quero que esta equipa se mantenha. Quero também ter a certeza que o Andre, o Shaun (Livingston) e o Steph (Curry) recebem o que lhes é devido. Todos tinham salários inferiores ao que mereciam e a certa altura é natural que eles queiram mais. É legítimo. Portanto, decidi dar um passo atrás, deixar cair os cifrões e ajudar a direção a manter esta equipa. Além disso, a decisão é minha, o dinheiro é meu e faço com ele o que bem entender."

Os conselhos de Iguodala foram o primeiro capítulo da aventura empresarial, algo que fez com que ele reconstruísse o seu grupo de amigos, hoje repleto de titãs do sector tecnológico.

São os casos de Ben Horowitz e Ronald Conway, dois dos mais conhecidos *venture capitalists* americanos (investidores que fornecem capital a *startups* ou pequenas empresas com necessidade de expansão), Joe Lacob, sócio maioritário dos Golden State e investidor em Silicon Valley, e Tim Cook, o diretor executivo da Apple.

Aparentemente oriundas de universos distintos, as faunas de *techies* e de atletas misturam-se com facilidade. "Talvez porque, em alguns casos, partilhamos origens humildes e sabemos o trabalho que deu chegar aqui", esclareceu Durant, numa entrevista ao canal desportivo ESPN. Cook, por exemplo, nasceu em Robertsdale, no estado do Alabama, no seio de uma família humilde, cujo parco orçamento forçava-o a estudar e a trabalhar.

Com pouco para oferecer, a povoação celebra, ainda hoje, o filho pródigo, tendo oficializado a data de 10 de dezembro como "o dia do senhor Timothy Cook". Seat Pleasant também não esquece KD.

No passado dia 17 de agosto, realizou-se na Cidade da Excelência a Parada do Dia de Kevin Durant. A banda do liceu Montrose Christian School agitou as ruas e pôs toda a gente a dançar, acompanhada por músicos locais espalhados por uma dúzia de palcos, ligados por bancas de comida, onde imperavam a galinha frita, os hambúrgueres e os cachorros quentes. A melhor, aparentemente, estava montada em frente à casa da avó Barbara, que, embora já não viva ali (aluga a casa a amigos), fez questão de marcar presença, mostrando-se incansável sempre que alguém lhe pedia uma foto ou um autógrafo.

Bell representou KD, explicando que ele estava numa ação de promoção da NBA, na Índia. Quando lhes contou pormenores de outras longas viagens em nome do basquetebol americano, os presentes arregalaram os olhos, embevecidos. No final, recordou-lhes as palavras do astro em 2014, na entrega do prémio MVP: "Não se esqueçam: apesar das dificuldades, todos iremos resistir e todos continuaremos de pé. O Kevin recorda Seat Pleasant todos os dias. Ele tem muito orgulho em vocês." ●

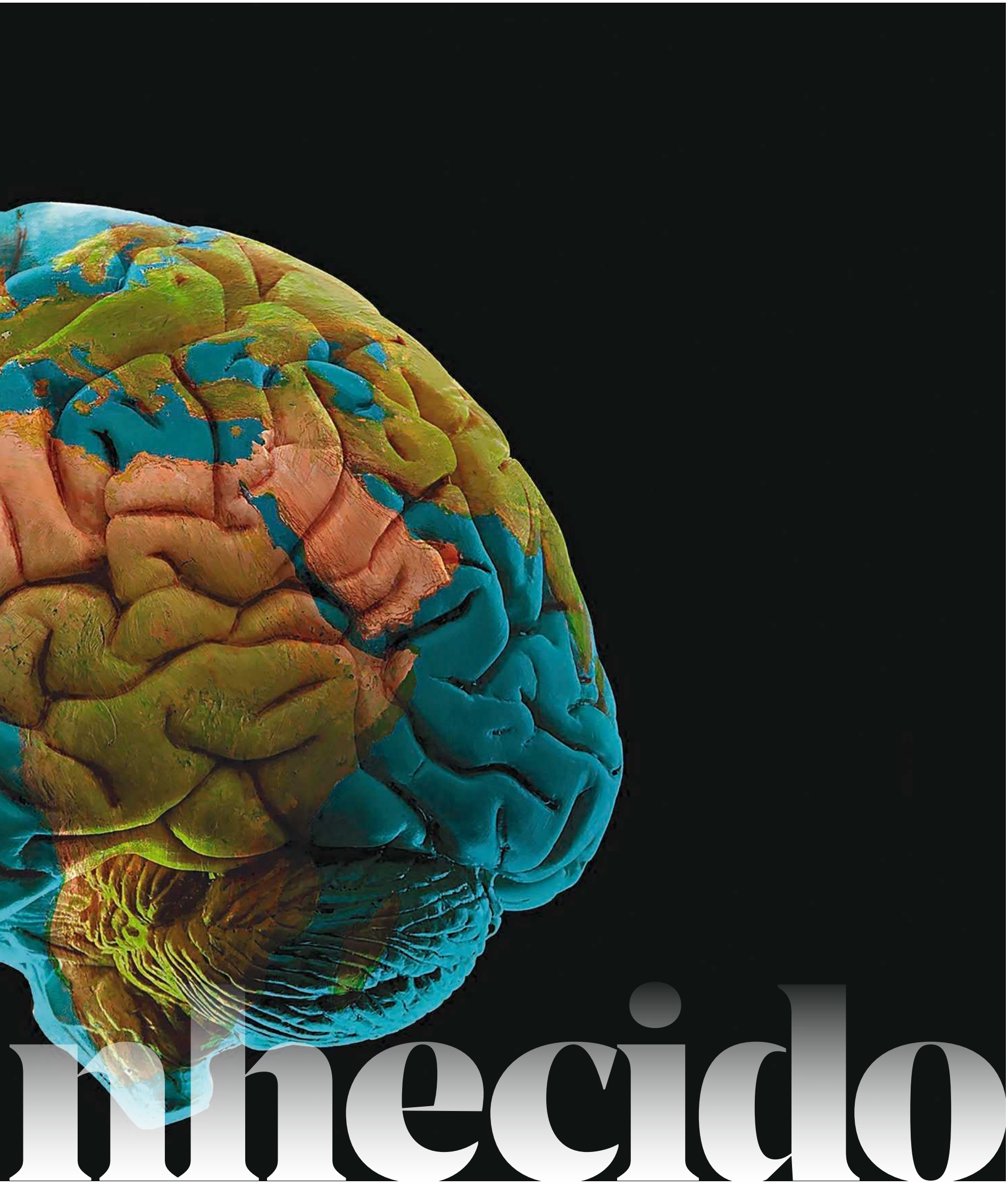
e@expresso.impresa.pt

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Imagine que tem um universo dentro da cabeça.
O que é que faz para o conhecer e estudar? A resposta
é a que os cientistas do Programa de Neurociências
da Fundação Champalimaud estão a dar há dez anos

O desco

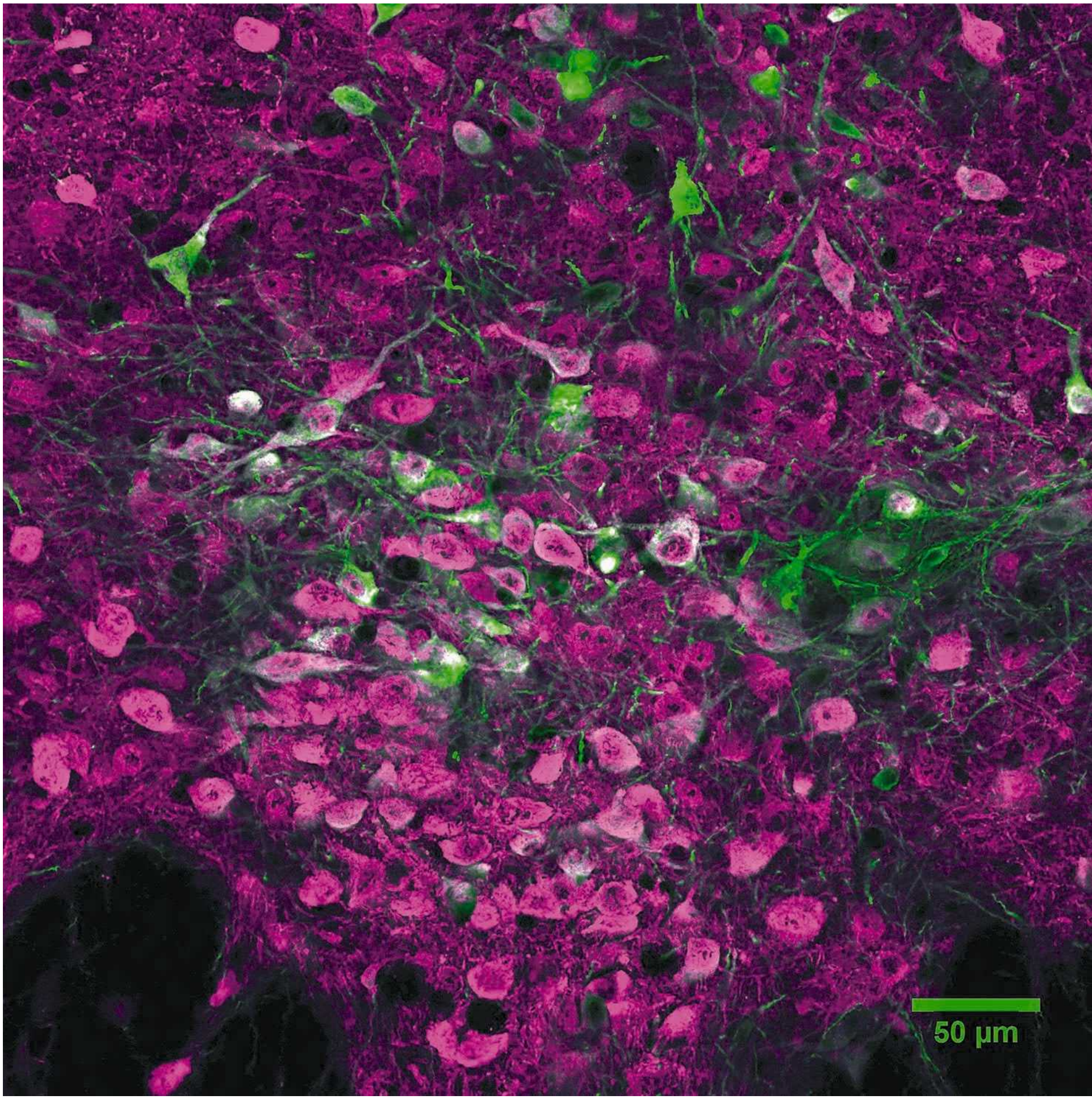
Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net



GETTY IMAGES

nhecido

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net



NEURÓNIOS Nos trabalhos mais cerebrais, com as *deadlines* mais apertados, fazemos o contrário do treino saudável. Estamos sempre a queimar o cérebro e os neurónios

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

D

TEXTO
ALEXANDRA CARITA

O cérebro tem dez triliões de conexões. Tem dez mil milhões de células em correspondência umas com as outras. E só conseguimos observar e perceber muito poucas

e que falamos quando falamos de cérebro? Falamos do mais complexo órgão jamais criado no mundo tal como o conhecemos. Mas falamos também do mais misterioso e desconhecido dos órgãos que compõem o ser humano. Os estudos avançam, e sabe-se hoje muito mais do que ontem sobre ele, no entanto, ao mesmo tempo, crescem as limitações para o estudarmos. As questões multiplicam-se e são a melhor forma de partir para qualquer projeto científico que tenha o cérebro no centro de análise.

No Programa de Neurociências da Fundação Champalimaud trabalham vários grupos de cientistas na procura de respostas para as mais variadas questões que o cérebro levanta. Falámos com seis deles para tentar entender o que é que já se sabe sobre ele. Pouco, muito? Depende do nosso grau de conhecimento e depende também de quão fascinante essa informação pode ser. Uma coisa é certa, o cérebro ainda é esse desconhecido.

"Sabe-se hoje muito mais do que já se soube sobre o cérebro, sobretudo a nível de ligações e da geografia das coisas. Ou seja, onde é que estão certo tipo de células e neurónios e quais são as ligações deles a outras zonas do cérebro. Mas, em termos de função e de processos, ainda temos muito para descobrir. Sabemos mais ou menos como funciona a memória, por exemplo, sabemos como decidimos e fazemos ações. No entanto, num contexto do dia a dia, está por descobrir como é que conseguimos tomar tantas decisões muito rapidamente ou como conseguimos perceber e reconhecer a cara de uma outra pessoa muito mais rápido do que qualquer computador no mundo. Isto porquê? Porque há processos em termos de dinâmica que vão para lá do que é computacional que acho que ainda não compreendemos", começa por dizer Rui Costa, codiretor do Centro de Neurociências e vencedor da Medalha de Ariëns Kappers atribuída pela Academia Real de Artes e Ciência da Holanda, tornando-se, depois de António Damásio, o segundo português a recebê-la.

"À medida que se conhece mais, mais noção se tem das limitações", frisa o investigador. Porém, "começamos a saber hoje melhor o que é que é desconhecido. Pensava-se que se conhecêssemos exatamente todas as ligações de áreas do cérebro a outras áreas e de uns neurónios a outros que iríamos perceber como é que ele funciona. Mas não. Estamos a chegar à conclusão de que isso é insuficiente. Ou seja, é necessário fisicamente saber como é que o cérebro está ligado, mas não é suficiente para percebermos como funciona".

E são várias as razões por que é tão difícil aceder a esse mistério. Uma delas é porque o cérebro como órgão, o sistema nervoso em si, é muito, muito complexo. As sinapses, que são as ligações entre os neurónios, são da ordem de grandeza do número de estrelas no universo. "É como se cada um de nós tivesse um universozinho dentro de nós e tivéssemos que o descobrir e estudar", continua Rui Costa.

Já Albino Maia, outro investigador principal da Fundação Champalimaud, cujo programa de Neurociências faz agora precisamente dez anos, considera que não há distinção entre nós e o nosso cérebro. "Nós somos também o nosso cérebro. E aquilo que somos é em grande medida determinado pelo nosso cérebro em interação com aquilo que temos à nossa volta", diz. "O cérebro é classicamente visto como uma estrutura que recebe e interpreta a informação do ambiente em que se encontra e que produz comportamentos, emoções e respostas menos tangíveis de acordo com esse ambiente e esse envolvimento. No entanto, começa a ser cada vez mais evidente que o cérebro não é apenas isso no sentido de ser uma estrutura de *input* e *output*. É também uma estrutura que produz alguns elementos de comportamento que são autónomos, que não dependem apenas do que está a acontecer fora mas que existem por si só."

As imagens utilizadas para definir o cérebro são muitas, mas nenhuma se afasta da complexidade que ele enceta. "O modo como penso sobre o cérebro é como uma coleção de neurónios interconectados que transportam informação e que a processam e transformam", afirma Megan Carey, que estuda a base neural do movimento, um trabalho que o cérebro faz ao retirar informação dos nossos sentidos e do ambiente que nos rodeia e, através de circuitos de neurónios conectados, transforma esses *inputs* em movimento.

Zachary Mainen, o nova-iorquino que dirige o Programa de Neurociências da Fundação Champalimaud, diz que o cérebro é o órgão do pensamento, das emoções e de praticamente tudo. "Toda e qualquer experiência que façamos está de alguma forma ligada ao cérebro. Tudo o que nos acontece tem que acontecer também no cérebro. Mas a relação daquilo que experimentamos e o nosso cérebro é algo que ainda não compreendemos. E é difícil percebermos isso, porque o cérebro é a coisa mais complicada que conhecemos. Tem dez triliões de conexões, tem dez mil milhões de células em correspondência umas com as outras, a falarem e a dialogarem. E só conseguimos observar e perceber muito poucas desses mil milhões de cada vez."

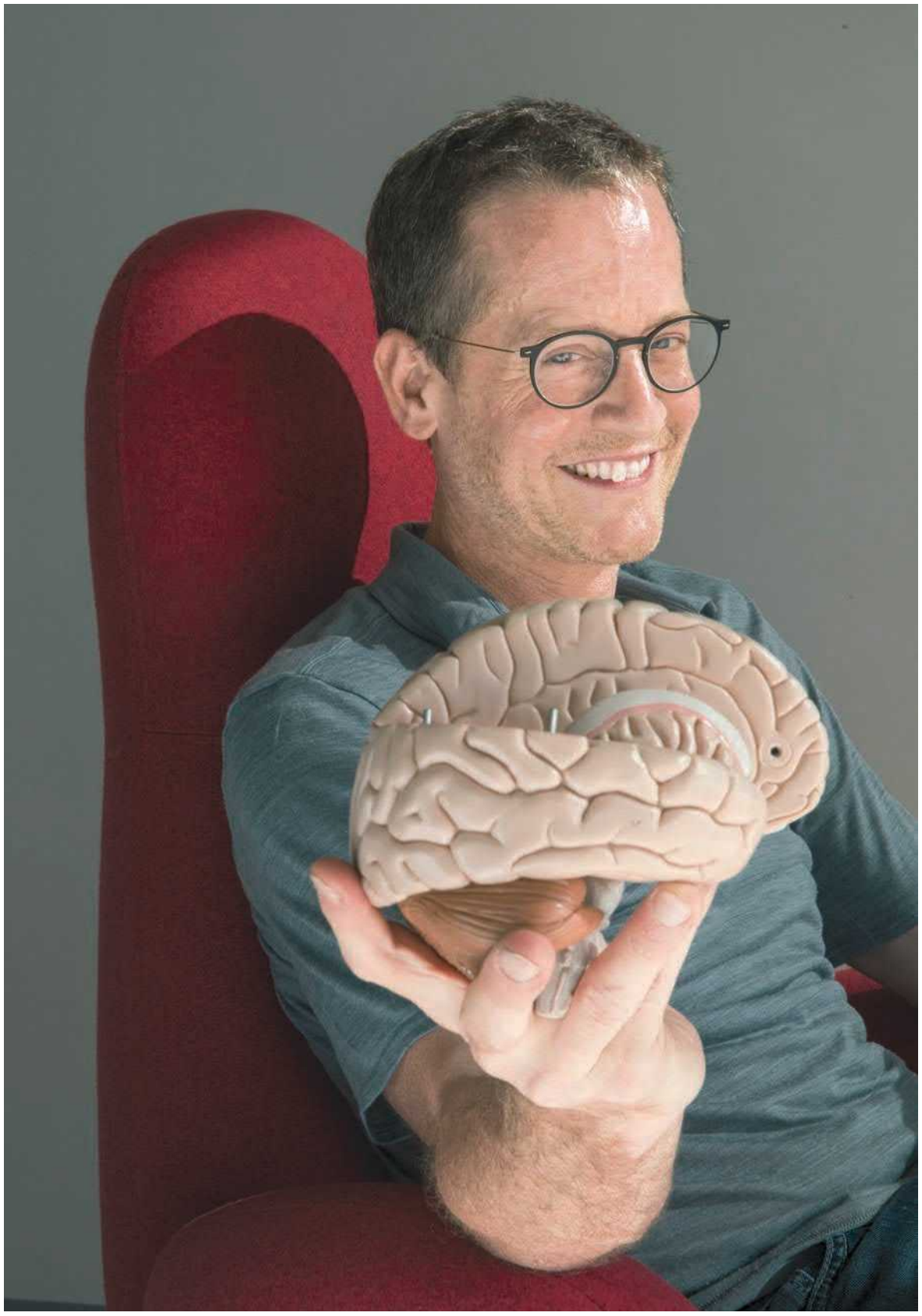
Por outro lado, avança Rui Costa, nós usamos o cérebro para descobrir como é que o nosso cérebro funciona. "Será que há aí alguma limitação também? Será que uma coisa não se pode compreender a ela própria?", filosofa. "Uma estrutura de uma certa complexidade consegue compreender-se a ela própria?", insiste e responde. "Neste momento toda a gente tenta formas criativas de se aproximar da explicação de como funciona e para que serve essa estrutura."

Para uma primeira abordagem ao estudo do cérebro, a tecnologia é muito importante para sabermos como é que as coisas funcionam e para medirmos e conhecermos a geografia e os mapas que lá existem. Mas o ponto de vista da complexidade é tal que tem que haver outras disciplinas como a Matemática e a Física a ajudar. "Imagine como estudar um universo em que há leis ou regras que são mais independentes da nossa própria opinião ou observação? Como é que as explicamos. Isso é verdadeiramente importante de saber", continua Rui Costa, contando-nos quais são as áreas onde se avançou mais no estudo do cérebro: "As áreas dos sentidos, ou seja, as que nos permitem perceber quais os sectores do olfato, do gosto, quais é que são os fotorrecetores na retina, como é que se processam certos processos auditivos. É o mais fácil porque nós percebemos esse processo, é o sentir o mundo. Tinha que haver ali qualquer coisa mecanicamente falando que permitisse que isso acontecesse", explica.

COMO FUNCIONAM OS SENTIDOS

Mas é Zachary Mainen quem nos explica como funcionam os sentidos. Comecemos pelo cheiro. Existem no nosso cérebro milhares de genes diferentes e cada um deles tem um recetor codificado — um recetor é como um buraco com uma molécula que

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net



TIAGO MIRANDA

INVESTIGADORES Zachary Mainen, nesta página, e Joe Paton, na página ao lado, são dois dos seis investigadores principais da Fundação Champalimaud com quem falámos sobre o cérebro

aí encaixa como uma chave. Os cheiros são pequenas chaves a flutuar por aí e que encaixam num buraco desses, umas vezes num, outras em muitos. É o padrão de interação entre as chaves e os buracos que define de que cheiro se trata. Tudo começa no nariz, mas, depois, a abertura de um buraco ativa determinada célula que envia uma mensagem para o cérebro. "Imaginemos um teclado de piano. Diferentes acordes nesse teclado correspondem a um cheiro. Esse cheiro pode abrir a porta a uma memória que estava presente quando éramos novos, o cheiro da escola, do bolo da avó, da relva do nosso jardim. Cada vinho tem a sua sinfonia de cheiros. O truque para sermos bons a classificar um vinho não é ter um bom nariz mas sim ser capaz de nomear e catalogar aquilo que se está a cheirar." O gosto é muito mais simples. Existem cinco sabores: salgado, doce, amargo, ácido e umami (o chamado quinto sabor que permite que as coisas saibam melhor, é quase como um refogado). A transmissão desses sabores para o cérebro funciona do mesmo modo que o cheiro. Vamos ao ouvido. O som começa no ouvido com uma onda de pressão, passa por uma membrana que vibra como um tambor ou um microfone, e transforma-se em frequências. Há células para baixas frequências e para altas frequências (sendo estas as que desaparecem quando ficamos velhos e por acaso fomos a muitos concertos de rock). Esses sinais são recebidos pelo cérebro que os lê como um espectro de frequências, como uma aparelhagem estéreo. Dentro do cérebro há áreas especializadas para a fala, o discurso, outras para a música e por aí fora. Já a visão é um sentido muito interessante para nós, porque somos seres especialistas em ver. Como em todos os sentidos, temos os recetores, neste caso os fotorrecetores para a luz, de diferentes tipos e para cada cor. Eles enviam um sinal ao cérebro e uma vez lá, diferentes zonas lidam com diferentes componentes da imagem visual. Algumas células na zona visual do cérebro excitam-se com umas imagens e não com outras. Há células que interpretam as linhas, outras as curvas, outras as formas. Há outra zona para os rostos, para a seleção dessas caras e por aí fora. Mas há mais. Podemos mexer os olhos de duas formas, de forma suave, como uma linha contínua, e de forma rápida fixando pontos ao longo de uma linha. Da primeira forma vemos tudo como num *travelling* lento, da segunda saltamos episódios visuais e o cérebro elimina alguns deles. Pode parecer-nos que estamos a ver uma grande cena, mas o que realmente está a acontecer é que só vemos partes dela de cada vez. Achamos sempre que vemos mais do que realmente vemos. Já o tato mexe com a ação, e não é que os outros sentidos não sejam também ativos de certa forma, porque o são, mas o tato é o mais ativo deles todos. Precisamos de tocar para experimentar algo com o tato. Temos que integrar no cérebro a experiência do que sentimos com os dedos, por exemplo. Depois, o cérebro coloca em cima da mesa um modelo. Se nunca tivéssemos visto uma cadeira provavelmente desenhá-la-íamos tal como ela é só por senti-la e tocá-la. É por isso que neste caso sentir não é só receber é também fazer.

A TOMADA DE DECISÃO

Porque decidimos fazer isto ou aquilo, uma coisa em vez de outra é mais uma das grandes áreas de estudo dos cientistas. As decisões chamam-se processos periféricos de sensação e estão associadas ao que explorar, ao que comer, com que parceiros nos devemos reproduzir, que ações fazer, que estímulos procurar. Vejamos porque decidimos. Será que o nosso cérebro ainda manda em tudo? Pelo menos é essa a perceção que temos. Mas estamos errados. O cérebro *per se*, isolado, não é tudo. Mas a sua interação com o mundo e com o organismo sim. Mesmo assim, se estamos sentados e não há nada a acontecer à nossa volta, o que é que nos faz levantar e fazer outra coisa? É na área do cérebro chamada gânglios da base, que recebe atividade dos neurónios dopaminérgicos, que tudo se passa. Esses neurónios estão ativos antes de nos começarmos a mexer mas não dizem que ação devemos fazer, dizem só que devíamos fazer algo. E outros neurónios no córtex também estão ativos e dizem o que devemos fazer. Combina-se

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

LUÍS BARRA

Há neurónios que medem o tempo através de sinais que ativam células em momentos diferentes e essa combinação altera a perceção do tempo

tudo nos gânglios da base numa área que se chama estriado, para decidir o que fazer. "Sabemos que há um mapa de todas as ações que se fazem e onde essas ações mais semelhantes estão mais próximas umas das outras do que as ações muito diferentes que estão mais afastadas. No entanto, quando a pessoa seleciona o que fazer aciona a ação. Esse mapa é muito importante para selecionar o que vamos fazer. É um mapa completo e que representa tudo o que fazemos. É, portanto, necessária a ativação desses neurónios para selecionar o que vamos fazer a nível motor", explica o codiretor do Programa de Neurociências. Há programas genéticos de desenvolvimento que determinam depois as ligações aos sistemas sensitivos, motores e aos músculos. E há ainda um processo de aprendizagem que é o mapeamento de certas ações com certas consequências. "As sinapses dos *inputs* que chegam ao estriado estão sempre a ser mudadas, baseadas na nossa experiência com as ações. Eu posso fazer muito uma coisa, jogar ténis, por exemplo, e você pode fazer muito outra coisa, escrever, por exemplo. Nós desenvolvemos, embora a representação do nosso reportório esteja lá, riqueza em aspetos diferentes. Essa plasticidade leva a esse enriquecimento. Portanto, cada um de nós terá um mapa muito individual. Um mapa que se desenvolveu de acordo com as nossas próprias apetências e mais comuns ações. Imagine um mapa geral muito pouco detalhado que diz isto aqui é o braço, isto aqui é a perna, aqui o pé, ali o dedo. Todos nascemos com isso. Mas depois o que vamos fazendo tem consequências no mundo e nós aprendemos baseados nas consequências a melhorar as ações. Cada um de nós tem a sua experiência individual. Vamos, portanto, refinando as sinapses e os *inputs* para o mapa e no fundo ele muda. É um mapa dinâmico, e que está aprendido. Agora, quão aprendido é e quão geneticamente determinado é, ainda não sabemos."

E como aprendemos a fazer movimentos suaves e coordenados? Coisas que aprendemos sem sequer darmos por ela. "São processos que tendem a ser inconscientes mas fazemo-los constantemente e a nossa capacidade de fazer determinado movimento de forma coordenada depende da nossa capacidade de estarmos sempre a aprender, calibrar e afinar", explica Megan Carey. Que vai muito mais longe naquilo que já sabe sobre este tipo de movimentos. "Por forma a movermos diferentes partes do corpo, uma parte do corpo tem que saber o que a outra está a fazer e tem que conseguir prever as consequências do outro movimento que a outra parte do corpo está a fazer, para que a possa controlar. Se não conseguirmos prever isso, ficamos instáveis e podemos perder o equilíbrio. É por isso que a previsão é importante para a correção do movimento." É o que uma criança faz quando aprende a andar ou o mesmo

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

que acontece quando andamos de bicicleta. Aprendemos a prever que todos os outros movimentos, à parte de fazermos rodar os pedais, contribuem para o nosso equilíbrio e como isso pode mudar a posição da bicicleta. A razão por que caímos é porque precisamos que os outros sentidos percebam o que estamos a fazer e quando isso acontece é demasiado tarde para fazer a correção. Mas se prevermos, não temos que esperar pelos sentidos para que estes se apercebam do que está a mudar, já sabemos que vai mudar e corrigimos o movimento antes que ele seja o errado. Mas precisamos sempre do *input* sensorial e conseguimos prever qual será. "O que o cerebelo faz é aprender a fazer estas previsões para que as usemos para formas simples de aprendizagem ou podemos usá-las para controlar as ordens. Essas previsões são enviadas do cerebelo para outras zonas do cérebro para que sejam utilizadas em formas simples de aprendizagem e padrões de locomoção e até para a cognição e a linguagem."

PERCEÇÃO DO TEMPO

Às vezes o tempo voa, outras vezes parece que para. O tempo real é o mesmo, mas a nossa perceção dele pode mudar radicalmente. Porque será? A resposta à pergunta é o trabalho que Joe Paton, investigador principal, tem vindo a desenvolver. E traduz-se no seguinte raciocínio: os neurónios que produzem dopamina, associada à recompensa e ao movimento, também sinalizam a passagem do tempo. Imagine que está muito aborrecido, no sentido de muito enfadado, de não ter nada interessante para fazer, esses neurónios da dopamina, que respondem às coisas interessantes e às ações, estão muito menos ativos e a perceção do tempo é muito lenta. Imagine que está à espera que alguém lhe telefone mas que não pode sair e fazer outras coisas, ou que está numa sala de espera (porque é que pomos lá revistas ou televisões?), a sua perceção do tempo vai ser muito lenta. Agora imagine que está a jogar um desporto de que gosta ou a ver um filme que lhe agrada ou a fazer qualquer coisa que o recompensa, esses neurónios, agora, estão muito mais ativos e de repente o tempo que é o mesmo parece-nos muito menor, parece-nos que passou mais rápido. Há neurónios que medem o tempo através de sinais que ativam células em momentos diferentes e essa combinação altera a perceção do tempo. O tempo normal, digamos assim, o que está marcado pelo relógio, não existe a nível do cérebro, só existe a perceção que dele temos. É como se fosse uma memória. Nós quando olhamos para uma coisa não vemos a coisa, temos recetores e vemos aquilo que é a nossa perceção da coisa. Com o tempo passa-se o mesmo. Nós não representamos o tempo, temos essa tal perceção dele que pode ser mais ou menos ajustada ao tempo real.

Isso não só explica que os neurónios dopaminérgicos ajudam a essa perceção de quanto tempo passou, como explica porque é que os ambientes aborrecidos e com pouca ação nos causam demora e nos ambientes excitantes pressa. Todos os acontecimentos marcam o tempo de uma forma ou de outra. O tempo é como um rio que corre, cada *splash* ou cada corrente representa mais um acontecimento. Se o rio está parado não há nada que marque o tempo. É porque ele corre que temos a noção de que há um passado e um presente e de que ele se mexe.

É como a memória. Mas, o que é a memória? "É uma espécie de arquivo de ficheiros. As coisas acontecem, nós escrevemo-las e guardamos num ficheiro nesse arquivo. Quando nos lembramos disso, vamos ao arquivo e tiramos o ficheiro e lemo-lo. Depois devemos guardá-lo outra vez mas podemos estar a guardar alguma coisa um pouco diferente daquela que tirámos ou nem voltar a guardá-la", explica Zachary Mainen. Pois, a memória é dinâmica, como acredita Rui Costa. Se interrompemos alguém quando está a lembrar-se de um determinado acontecimento e o distrairmos, podemos evitar que ele volte a guardar aquela memória. Imaginemos uma memória má e traumática da nossa infância, ou uma fobia, alguma coisa que não gostamos de ter. Há métodos para destruir o processo de reconstrução desse acontecimento.

PORQUE É QUE COMEMOS DETERMINADOS ALIMENTOS

Na alimentação dita homeostática, ou seja, na alimentação para manter um equilíbrio orgânico, "o organismo, tendo formas de saber se tem muito ou pouco de determinado nutriente, ou se tem muita ou pouca energia, poderá modificar o comportamento para repor aquele equilíbrio. É o equivalente a se o organismo deteta que está com pouca água ativar mecanismos que levam a pessoa a ter sede", esclarece Albino Maia. Imagine-se que há um nutriente que precisamos de comer, mas que é pouco abundante, o que acontece é que vamos comer muito daquela comida. Na verdade, estamos saciados, do ponto de vista clássico, mas se temos uma deficiência de um aminoácido continuamos a comer até ele chegar ao nível certo.

A fome é, no fundo, algo que nós definimos como uma sensação, é algo que sentimos e que nos leva a ter determinado comportamento. Muitas vezes quando se diz comer sem ter fome, na prática o que se está a querer dizer é comer sem ter necessidade metabólica ou biológica. "A distinção entre o que é homeostático e o que não é trata-se de uma distinção biológica. Significa que percebemos que há circuitos do sistema nervoso central que são os circuitos relacionados com o prazer e que estão envolvidos, por exemplo, em situações patológicas como o abuso de substâncias, cocaína, heroína, nicotina, álcool, etc., que estão muitíssimo relacionados também com o consumo de alimentos.

Temos mecanismos no cérebro que nos dizem — através da sinalização, da insulina, da glicemia, e a própria distensão do estômago — que estamos saciados e que não devemos comer mais. Normalmente, a pessoa deixa de comer. No entanto, pode chegar uma altura em que, devido ao stresse e ao próprio reforço em termos de recompensa, prazer, com comidas muito calóricas, a pessoa continue a ingerir comida independentemente de já estar saciada. "Não é que tenha mais fome, é que a ação de comer ficou independente do estado de saciedade. Os ratinhos continuam a carregar no pedal para pedir comida e as pessoas continuam a ir ao frigorífico à procura dela. Isso é aquilo a que chamamos o hábito. A procura de comida compulsiva deixou de estar ligada à fome. Passou a ser uma recompensa em si própria, pensamos nós. É quase como fumar um cigarro. A pessoa pode já saber que aquilo é mau mas fuma para atingir um certo estado de bem-estar no cérebro, tornou-se um hábito e a pessoa não controla. No caso dos hábitos alimentares, não é que a pessoa tenha fome, no sentido literal da palavra, não é que a pessoa não saiba que não deve comer, perde o controlo das ações", avança Rui Costa.

O que fazemos ao ensinar é treinar o cérebro. Se não soubermos como é que ele aprende podemos estar a ensinar pior do que conseguiríamos

E quais são os genes que fazem com que gostemos mais de comer uma comida do que outra? "Descobrimos, por exemplo, um gene que existe na mosca da fruta, nos ratos e no ser humano, que quando é retirado ou não funciona faz com que queiramos comer muito mais aminoácidos, mais proteínas, mais bife. As moscas que não têm esse gene morrem muito mais cedo", adianta Carlos Ribeiro, um suíço lusodescendente. As grávidas têm preferências nutricionais completamente diferentes. Mulheres grávidas preferem comida mais salgada, porquê? "Porque estão a formar muitas células e o líquido que está dentro das células é água com sal. Existem uns neurónios que vão do sistema reprodutivo do útero da fêmea até ao cérebro e que o informam que está grávida e lhe dizem: agora tens que comer mais sal!", continua Carlos Ribeiro.

PARA QUE SERVEM AS NEUROCIÊNCIAS

E podíamos nós continuar a dar exemplos de descobertas e de razões por que fazemos isto ou aquilo. No entanto, o rol de pormenores que o cérebro apresenta tem no seu estudo uma base importante de consequências. É por isso mesmo que as neurociências são tão importantes. "A nossa capacidade de amar, de odiar, de comer, gostar, estar feliz, não estar, tem tudo a ver com o sistema nervoso. Perceber isto é perceber o que nós somos. Portanto, é fundamental

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

TIAGO MIRANDA

EXPERIÊNCIAS Carlos Ribeiro, investigador suíço-descendente, mostra uma mosca da fruta, um dos animais com um cérebro semelhante ao nosso, onde, como nos ratinhos, se fazem muitas experiências laboratoriais

percebermos o cérebro", conta-nos Rui Costa. De resto, é ele que nos torna únicos.

Por outro lado, hoje em dia, até já mais do que o cancro, a maioria dos problemas de saúde com que gastamos dinheiro e tempo são as doenças neurológicas, as perturbações do cérebro, quer como neurodegenerações quer como perturbações a que chamamos mentais ou psiquiátricas. Estão a atingir-se proporções muito maiores à medida que a nossa esperança média de vida aumenta e o mundo se torna mais complexo. "Esta caixa começa a criar outro tipo de perturbações e começamos a entrar em idades em que muitos dos neurónios morrem. Portanto, as neurociências servem para termos a informação que nos irá ajudar a resolver o problema." Depressões, Alzheimer, Parkinson e muitas demências estão neste rol de distúrbios.

Há ainda outra aplicação das neurociências que não é do foro da medicina, mas sim da educação. O que fazemos ao ensinar é precisamente treinar o cérebro. Se não soubermos como é a aprendizagem, a memória, a tomada de decisão, e por aí fora, podemos estar a ensinar pior do que conseguiríamos. Aplicar o conhecimento das neurociências à educação é, pois, fundamental. "A aplicação dos conhecimentos que temos de como o cérebro funciona pode servir para melhorar o mundo, a justiça, a sociedade, a educação. Mas isso ainda não está a acontecer", diz o codiretor do Programa de Neurociências da Fundação Champalimaud. "Sabemos que para a aprendizagem e memória é fundamental o sono. Sabemos que na adolescência a hora normal de acordar, ou aquela a que o cérebro gostaria de acordar, não é muito cedo, é mais tarde. Mas continuamos a insistir em horários muito matinais em que as duas primeiras horas vão para o galheiro, como se costuma dizer. Não é por falta de interesse, não é porque os alunos são mal-educados ou tenham alguma rebeldia, é uma incapacidade de estar com o mesmo nível de atenção", continua. "Sabemos que o treino espaçado é muito melhor do que o treino intensivo. Ou seja, se um professor der uma matéria, fizer uma pausa e voltar a dar a mesma matéria, tem muito melhores resultados do que se insistir. Mas continua a lecionar-se em blocos de 90 minutos."

A maioria do nosso trabalho é com o cérebro, mas não temos uma educação de como usar o cérebro, explica ainda Rui Costa. "Um atleta de alta competição quando tem uma prova, no dia anterior não vai correr para se estafar. Mas nós, nos trabalhos mais cerebrais, com as *deadlines* mais apertados, fazemos o contrário do treino saudável. Estamos sempre a queimar o cérebro e os neurónios!" Mas descanse! Não terá queimado neurónios ao ler este artigo. Sobretudo se ele lhe tiver dado prazer. ●

acarita@expresso.impresa.pt

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

+E

Entrevista
Ana Paula Vitorino

A minha preocupação foi dizer a António Costa que tinha cancro e estava disponível para sair”

Foi quase em simultâneo. Há quase ano e meio tornou-se ministra do Mar e doente oncológica. Acumulou as pastas sem faltas ao trabalho. Negociou em ambas as frentes — adora um bom braço de ferro, seja com estivadores ou com a doença que lhe ensinou que não se pode adiar a vida. O cancro perdeu

POR **JOANA MADEIRA PEREIRA** E R**AQUEL MOLEIRO** (TEXTO)
E **LUÍS BARRA** (FOTOGRAFIAS)

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

LISBOA Menina de Maputo, veio com doze anos para a capital. Os pais, alentejanos, queriam os filhos na Universidade e Portugal ainda era um país centralista — era ali ou Coimbra. Os dois mais velhos foram para Medicina, Ana Paula, do contra, foi para Engenharia. Como secretária de Estado dos Transportes mandou repor o Cais das Colunas

Ana Paula Vitorino recebe-nos no seu gabinete, no Terreiro do Paço. Para as fotografias basta descer a escadaria de pedra, virar à direita, dar uns passos até ao Cais das Colunas que ela mandou repor, em 2008, quando era secretária de Estado dos Transportes, no governo Sócrates. Agora, aos 55 anos, é ministra do Mar, ela, menina de Maputo, que não sabe viver sem ele. Muito tempo longe e surge o desconforto, um vazio. Gosta de portos, navios, contentores, do vento salgado. Ali a aragem é quente, doce, de rio, mas serve. Desce quase até molhar os pés e sorri. Ri-se até. Fala de assuntos sérios à mistura com piadas. É preciso brincar com a vida, e com a morte também. Esteve próxima. O cabelo curto não é opção, é o lado de fora do cancro que lhe diagnosticaram dentro, agressivo, há pouco mais de ano e meio. Não tinha ainda dois meses de Governo. Fala pela primeira vez sobre o assunto. Há coisas que conta a poucos. Contou logo ao Eduardo, o marido, que é também ministro. E a António Costa. Ali naquele gabinete. Só mudaram os sofás. Agora que está bem quer dizer que o combate é duro, vai-se às cordas mas nem sempre se cai no chão. Não deixou de trabalhar. Enfrentou duas greves de estivadores, negociou com Bruxelas sardinha suficiente para todos os Santos, deu mais um passo (dos grandes) no alargamento de Portugal pelo mar. Porque aí não há piadas. No trabalho é exigente, combativa, intolerante ao erro. Esta semana recebeu em Lisboa os seus congéneres internacionais, no Oceans Meeting. Ana Paula era das poucas ministras. A conferência internacional foi na Fundação Champalimaud. Ali, no exato sítio onde o médico lhe disse que o cancro regrediu.

O mar ainda é um mundo de homens?
O mundo do mar tem cada vez mais mulheres. Este verão, por exemplo, entraram duas na comissão de limites da plataforma continental das Nações Unidas, que atualmente analisa a extensão do território marítimo português para lá das 200 milhas. São as primeiras. No meu Ministério, uma boa parte das nomeações para 'número 1' foi para mulheres: para a administração dos portos de Lisboa e de Setúbal, para a Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma, para a presidência da Docapesca, na Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos há duas mulheres subdiretoras. E eu, a ministra. É um sinal dos tempos.

Nomeia mulheres de forma consciente?
Sim. Obrigo-me a ter sempre opções entre homens e mulheres, com vários currículos, para fazer equipas coerentes em termos de competências e valências. Mas nesse *puzzle* tento que um terço sejam mulheres — até porque agora é assim que dita a lei. Aliás, já fiz finca-pé porque num organismo, de tutela conjunta, iam ser nomeados apenas homens. Não permiti. Ainda me disseram que a lei ainda não estava em vigor, mas expliquei que era uma questão de princípio. Outras, antes de mim, ajudaram a mudar esse cenário e eu também estou a fazer o mesmo.

Concorda com as quotas?
Não posso deixar de concordar. Como muitas mulheres que construíram as suas carreiras a ferro e fogo, ao princípio sentia-me muito incomodada com as quotas. Mas quem tem contactos com a política sabe que não pode deixar de ser a favor. E nós, que chegamos a estes lugares, não podemos ser *golden skirts* (saias douradas), não podemos achar que, se nós fizemos este percurso as outras mulheres também o podem fazer sem ajuda. Não é verdade.

Tirou Engenharia no Instituto Superior Técnico, seguiu aí a carreira académica, foi secretária de Estado na área dos Transportes. Sentiu-se discriminada neste percurso?
Senti e ao longo de muitos anos. A discriminação não existe quando tiramos cursos ou mestrados, nem quando fazemos o doutoramento. O problema são as escolhas e isso vê-se bem à medida que nos dirigimos para o topo. Quando toca a escolher os *petit comités* de decisão, administradores de empresas, dirigentes e ministros, há uma tendência para escolher perfis masculinos, porque se considera que são mais adequados

“Como mulher que construiu a carreira a ferro e fogo, no início sentia-me incomodada com as quotas. Mas quem tem contacto com a política sabe que não pode deixar de ser a favor”

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

para essas funções. A nossa sociedade ainda é construída com base nestas discriminações ocultas. Até no Técnico, no início dos anos 80, a interpretação do comportamento era diferente conforme fossemos rapazes ou raparigas. Os rapazes podiam fazer tudo, as raparigas não tanto.

Como assim?
Se falássemos a um professor de forma mais simpática era porque, eventualmente, estávamos a 'fazer olhinhos'. Tive um professor que, numa oral de defesa de nota, disse a uma colega: "A menina, se fosse para casa"... Não a mandou ir coser meias, mas insinuou. Ainda assisti a estas coisas, até por parte de alguns colegas. Mas aqui estou, ministra. Tive de abdicar de uma série de coisas da minha vida, trabalhar de dia e de noite, para provar que uma mulher é tão boa quanto um homem.

De que abdicou?
Desde logo, em termos familiares. Não tive filhos. Havia e há um problema de compatibilização da maternidade com a ascensão na carreira em alturas e idades em que é importante a presença e o empenhamento. Não é numa mulher de 55 anos. Quando se tem 30 e se trabalha em áreas mais próximas do poder de quem decide, quando se fica grávida tem-se menos disponibilidade para a profissão. Não se pode estar a fazer noitadas nem a acabar um relatório urgente. E, quando se dá por ela, aquele colega homem passou-nos à frente. E é o relógio biológico a dizer que é agora ou já não é, mas também é a nossa carreira a dizer ou é agora ou já não é.

Optou pela carreira. Foi difícil?
Não foi uma decisão, foi um processo. Adia-se, adia-se, adia-se até ao momento em que já não se adia mais porque a idade decidiu por nós. Não estou a dizer que isso para mim foi um custo ou não foi. Adoro crianças, mas o meu instinto maternal fica satisfeito com os meus sete sobrinhos e quatro enteadas.

É sempre tão firme nas decisões?
As minhas características profissionais mais marcantes são a resiliência e a combatividade.

Gosta do combate?
Não é bem gostar... Bem, gosto um bocadinho.

Olhando para as notícias, parece que está sempre em negociações. Quais foram as mais desafiadoras?
Há umas que não posso contar. [risos]. Mas lembro-me da greve de pilotos da TAP, em 1997, quando era chefe do gabinete da Secretaria de Estado dos Transportes. A concessão do Metro Sul do Tejo também foi dura e difícil. Mas eu não me deixo intimidar. Há pessoas que se deixam. Eu não. Não tenho cedências fáceis. Não me considero pior negociadora por não conseguir chegar ao fim de uma negociação com sucesso. Não chegar a acordo pode ser uma solução. Se tivermos de abdicar de mais do que aquilo que é razoável, então não vale a pena.

No início do mandato teve logo de lidar com as greves dos estivadores do Porto de Lisboa...
Se fosse fácil não era para mim. Nunca ninguém me deu nada fácil para fazer. Quer operadores portuários quer trabalhadores representados pelos sindicatos estavam muito radicalizados, com as áreas políticas a dar a força a cada uma das partes. Mas foram sérios, sentaram-se

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

à mesa para assumirem compromissos, com cedências de ambas as partes. Apesar da pressão pública, assumi-me como fiel da balança.

Por essa altura surgiu outra luta. Soube que tinha cancro.
Há coincidência horríveis. Quando fui secretária de Estado [de 2005 a 2009] também tive um cancro. E ninguém soube, a não ser o primeiro-ministro da altura. Mas foi diferente, menos agressivo. Não tive de fazer quimioterapia, como agora. Por isso, brinco: nada de cargos mais elevados! Não posso ser Presidente da República, porque então nem sei o que me acontecerá! [risos]

Estava no Governo há menos de dois meses.
Foi-me diagnosticado a 13 de janeiro de 2016. Descobri por acaso, como acontece às vezes nestas coisas. Foi muito complicado. Além da minha irmã, que é médica, e do Eduardo, que é o meu marido, o meu sentido de urgência foi para com o doutor António Costa. Disse-lhe que tinha de falar com ele, perguntou-me se podia ser por telefone. Respondi que poder, podia, mas não era muito conveniente. E falámos, ali naquele sítio [aponta]. Eram outros sofás, ainda mais horríveis do que estes [de veludo verde]. Por muito que seja uma mulher de armas, estava numa situação mais fragilizada. A minha primeira preocupação foi dizer-lhe que tinha cancro e que estava disponível para sair do Governo. Ele foi de uma solidariedade à prova de bala. Respondeu-me: "Não, quero muito ter como ministra do mar a Ana Paula Vitorino. Agora, quem vai decidir são os médicos".

Sentiu-se confortável com a decisão?
Senti. Sou uma mulher prática, já sabia que ia viver momentos muito complicados com a quimioterapia, mas também sabia quando é que ocorriam. E os médicos foram absolutamente fantásticos.

Onde foi acompanhada?
Na Fundação Champalimaud. A minha irmã é médica aí e, por coincidência, o médico que me diagnosticou ia começar a trabalhar lá naquela semana. Têm sido fora de série.

Isso é importante…
É, mas também depende muito da forma como nos colocamos. Ou uma pessoa se dá por vencida ou não se dá. Eu quis logo saber quais eram as probabilidades [de sobreviver]. Fiz as continhas todas. No princípio, o médico não me queria responder. Mas tratei logo de dizer: "Ó amigo, vamos lá a ver se a gente se entende…" Foi mesmo assim.

Foi mais uma negociação.
Foi. A probabilidade de me safar era muito baixa, era um cancro muito agressivo. Perguntei ao médico se aquela probabilidade era calculada com base nas estatísticas europeias ou mundiais. Era global. Por isso, descontando os dados de África e da América Latina, fiz as contas. Nesse caso, a probabilidade há de ser mais elevada. É o dobro. É uma boa base de trabalho.

Seguiu estritamente as ordens dos médicos?
Isso é que era doce! É fazer o que se tem de fazer, com a opinião dos médicos e, pelo meio, contando umas anedotas para eles se rirem e para eu me rir também. Qual é o segredo para sermos felizes? É viver com a maior garra possível. Há uma coisa que aprendemos logo na primeira vez em que ficamos doentes e que,

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

O POMAR Trabalha na Praça do comércio, no coração da vida urbana, mas vive no campo, em Almoster (Santarém) com o marido, Eduardo Cabrita, ministro-adjunto de Costa. Tem uma horta e dois limoeiros, mas a geada afetou-lhe a produção

depois de adoecermos uma segunda vez à séria, consolidamos: estamos sempre sujeitos a que nos aconteça alguma coisa. Estamos habituados, por uma questão de sanidade mental, a não pensar na nossa dimensão finita. Mas ela existe.

Já está controlado?
So far, so good. Mas sei lá o que me vai acontecer. Mas agora esse assunto deixou de me interessar. Faço os exames de controlo de três em três meses e está tudo bem. Vivo com o meu marido em Almoster, no concelho de Santarém. Temos uma casa muito engraçada, no campo. Adoro plantar coisas. Já tenho dois limoeiros em grande produção. É bom ter um espaço para pensar, porque ganhamos um certo distanciamento em relação às coisas.

Não deixou de trabalhar. Como foi possível?
Tive do meu secretário de Estado [das pescas, José Apolinário] um apoio inexcedível. O mal de se fazer quimioterapia não é quando se está a fazer, mas sim nos dias a seguir. Encostava as sessões à sexta-feira, para poder ter o sábado e o domingo para descansar. E acontecia algo de divino: ressuscitava ao terceiro dia! [risos]. A chatice maior foi engordar desalmadamente. Mas houve dias muito complicados. O dia mais difícil [25 de fevereiro de 2016] foi na semana de preparação do Conselho de Ministros dedicado aos assuntos do mar, com o então presidente Cavaco Silva. Coincidiu com um Conselho de Ministros, duas sessões de radioterapia, uma sessão de quimioterapia e sete horas de discussão do Orçamento do Estado na minha área. Fiz rádio, fiz quimio, depois fui para o Conselho de Ministros, mais tarde arranquei para a Assembleia para discutir o Orçamento do Mar, e depois voltei à Fundação Champalimaud, às 21 horas, para fazer a segunda sessão de rádio. O pessoal médico foi fantástico. A Fundação fecha às 17h30, mas eles estiveram a ver-me na televisão até às 21h, esperaram por mim, fizeram a segunda sessão, e depois fui para casa. Na semana seguinte, utilizei pela primeira vez a peruca e lá fui para o Conselho de Ministros dedicado ao Mar. Esse cabelo é seu?, perguntaram-me. É meu é, que já foi pago! [risos]

Usou peruca porque não queria perguntas?
Não faço comentários sobre o cabelo dos outros e, por isso, espero que os outros não façam sobre o meu. Se me apetecesse agora pintar o cabelo de loiro, pintava; se me apetecesse pintar de preto, pintava. Tirei-a quando me começou a incomodar muito. Estava demasiado certinha para mim e fazia muito calor. Agora gosto do cabelo curto. E já cresceu bastante, já tive de o cortar duas vezes. Até comprei uma daquelas máquinas para cortar rente.

Ao tirar a peruca assumiu o cancro. Antes era tabu. Agora já é mais normal?
Há uma desmistificação. As pessoas devem assumir aquilo que têm. E é bom para todos que a sociedade não rejeite nem discrimine esta ou qualquer doença. As pessoas que estão doentes não estão impedidas de trabalhar.

A doença levou-a a repensar alguma coisa?
Com a idade ficamos mais tolerantes, mas também menos dispostos a abdicar de princípios. Só devemos estar nas coisas quando vale a pena estar nas coisas, quando achamos que somos um valor acrescentado, por um lado, e que estamos a trabalhar a bem de qualquer coisa, por outro. Não vale a pena estar nos sítios para ter prestígio. Reforcei a certeza de que este era o caminho. E também sou um pouco mais assumida em algumas coisas. Costumo dizer que não me vendo em separado: ou me querem assim, com frontalidade, ou não me querem de todo.

Não mudou nada, então?
Continuo a ser exigente como era, mas reposicionei as minhas relações pessoais. Não podemos abdicar das nossas pessoas, não as podemos deixar para trás, irmãos, maridos, filhos. Uma coisa é trabalhar, fazer noitadas, levar trabalho para casa, mas não se pode adiar a vida. E temos de ter tempo. Se uma pessoa precisa de uma palavra de conforto, é hoje que temos de a dar e não daqui a dois anos, quando sairmos do Governo.

De onde vem essa resiliência?
Acho que as características não se ganham só por via genética mas também por aculturação. A minha resiliência vem de Moçambique e do Alentejo. Nasci em Maputo e sou alentejana por via genética — os meus pais são de uma terrinha chamada Vila do Cano, em Sousel. Quer os alentejanos quer os

> **Num dia fiz rádio, fiz quimio, depois fui para o Conselho de Ministros, mais tarde para a Assembleia discutir o Orçamento do Mar, às 21h voltei à Fundação para mais rádio”**

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

moçambicanos são gente resiliente. São duas origens de vistas largas. Em África, os horizontes tinham sempre vista para o mar e o ar cheiro a terra.

Viveu em África até que idade?
Até aos 12. O meu pai é militar. Eu e a minha irmã nascemos na primeira comissão que ele fez em Moçambique. O meu irmão mais velho tinha quatro meses quando os meus pais foram para lá. Foi em Maputo que fiz parte da escola primária e do ciclo preparatório. Viemos para Lisboa em 1974 quando a comissão do meu pai terminou. Os meus pais queriam que os filhos entrassem para a Universidade. A minha mãe sempre disse às filhas: "Minhas queridas, vocês podem fazer o que quiserem, mas há uma coisa que é fundamental: a independência económica."

Porque escolheu Engenharia Civil e a área do planeamento urbanístico?
O meu irmão e a minha irmã, mais velhos, foram para Medicina. Como eu era a mais nova, achava-se que também era para aí que devia ir. Quanto mais me diziam que "isso é para homens", mais eu achava piada. Quando entrei para o ensino secundário, fiz logo questão de blindar a minha escolha e escolhi Geografia em vez de Ciências Naturais, obrigatória para Medicina. Foi aquela fase da adolescência... Já na universidade tive professores que foram determinantes na minha escolha pelo urbanismo e planeamento territorial. Além da carreira académica, comecei a fazer estudos como consultora internacional.

E quando se deu a sua entrada na política?
Com os Estados Gerais do engenheiro António Guterres. O doutor Francisco Murteira Nabo era responsável pela área dos transportes e, em 1993, resolveu inovar e criar um grupo de trabalho com jovens, que não tivessem cargos partidários. E foi ao Técnico buscar uma jovenzinha de 30 anos. Foi assim que entrei na política, para fazer a estratégia de transportes do Partido Socialista.

Já era filiada no PS?
Filiei-me quando ainda estava a fazer o mestrado, influenciada por uns colegas ex-lutadores antifascistas. Sou filiada há mais de 30 anos. Sou daquelas pessoas que acham que, em termos ideológicos, não existem independentes. Independentes são os não assumidos. Era docente do Técnico e durante anos ninguém soube o que é que eu era ou deixava de ser. Acho que nem quotas pagava. Lá acabei por regularizar a situação. É nessa altura que surge o engenheiro João Cravinho [ministro do Equipamento, Planeamento e Administração do Território, no primeiro Executivo de Guterres]. Adoro-o, é uma referência profissional, ética, política, de carácter. No ano passado, quando fez 80 anos, um grupo de amigos juntou-se e fez um livro com depoimentos pessoais. Escrevi-o em jeito de brincadeira, mas é o que sinto: o engenheiro Cravinho é a pessoa que eu gostava de ser quando for grande. O Eduardo, o meu marido, também escreveu um texto e lembrou aquilo que eu não tive coragem de escrever: foi o engenheiro Cravinho que fez com que nos conhecêssemos.

Está a falar de Eduardo Cabrita, o atual ministro-adjunto.
Há pessoas que criticam o facto de sermos família, mas a verdade é que temos percursos de vida completamente autónomos. Conheci o doutor António Costa quando tinha 17 anos, tínhamos amigos comuns. Já o meu marido conheci-o muito mais tarde. Ele tem a sua carreira feita. Entrou para a política ativa como alto-comissário do engenheiro João Cravinho e eu chego por via dos transportes. É como em tudo na vida: acabámos por coincidir no tempo. O Eduardo é uma grande referência para mim, independentemente dos sentimentos que tenho por ele enquanto sua mulher. É uma pessoa e um político que admiro muito, pelo seu carácter, pela ética republicana e socialista.

Coincidiram como secretários de Estado, agora como ministros. Como lidam com as críticas?
Antes da formação do Governo, há um camarada que me diz: "É uma chatice esta coisa das oportunidades. Tu só não vais para ministra porque de certeza que o Eduardo Cabrita vai." Achei aquilo uma coisa bizarra. Primeiro, porque eu nunca entrei naqueles jogos de quem vai ser o quê. Eu sou livre, nunca fiz nada, isto ou aquilo, para ser ministra. Nunca me ocorreu ser secretária de Estado há 10 anos, quanto mais ser ministra! Agora, não me parece que as pessoas se tenham de tapar umas às outras, como não me parece que seja por via conjugal que as pessoas devam ser nomeadas para este ou aquele lugar.

Falam de política em casa?
Porque temos de preservar a nossa independência em termos de carreira, há coisas sobre as quais não falamos. Não discutimos pastas. Não falamos nem perguntamos. Vemos o Telejornal e vamos comentando, mas assim como eu comento com o meu secretário de Estado ou com um ou outro ministro de quem sou amiga.

Mas tinham falado sobre a hipótese de ambos virem a ser ministros?
Não. É como o Eduardo diz: é tudo uma gestão de expectativas. Só se põe a fasquia muito alta para aquilo que está nas nossas mãos fazer e tentar. Fiz muita questão de ajudar António Costa a preparar a agenda para a década na área do mar e a transpô-la para o programa eleitoral. Na altura, não tinha expectativa rigorosamente nenhuma. Devo dizer que até tinha recebido um excelente convite de trabalho fora de Portugal.

Com a pasta de ministra do Mar recebeu o dossiê da extensão da plataforma continental portuguesa, em discussão nas Nações Unidas. Portugal pode ganhar 3,8 milhões de km². O que ganha a economia?
Quero deixar clara uma coisa: é mais mar mas não é para furar, ao contrário do que tem sido noticiado. Essa

> **Antes da formação do Governo, um camarada disse-me: 'Só não vais a ministra porque de certeza que o Eduardo Cabrita [marido] vai'. Não me parece que um tenha de tapar o outro"**

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Os portugueses têm uma relação de amor-ódio com o mar. Querem ir à praia mas não a limpam. Querem o curso da escola náutica mas passam a vida a querer emprego em terra”

não é a nossa prioridade. O que existe no fundo do mar não é só petróleo, nem minerais, ouro, cobre, cobalto, manganês. Parece que temos tudo isso e muito de tudo, principalmente minerais, mas em matéria de aproveitamento económico, o que nos interessa é a exploração de organismos vivos, genéticos, biológicos para a farmacêutica, para a biotecnologia azul. O nosso alvo são os medicamentos, a área da saúde e da cosmética. E para isso não é preciso abrir crateras. Também podemos potenciar as energias oceânicas. E isso não cria problema nenhum ambiental, bem pelo contrário. Não estamos a matar linces e a extingui-los.

Com a pesca esse problema põe-se, daí as quotas obrigatórias. Os pescadores portugueses podem ficar sem matéria-prima?
68% das nossas espécies sujeitas a quotas têm o *stock* em bom estado. Quanto ao resto, temos problemas muito semelhantes aos que existem noutros países da União Europeia. E isso tem que ver com as alterações climáticas.

É o caso da sardinha?
Esse é um caso muito interessante, que estamos a analisar. Aliás, determinei que este ano se realizasse mais um cruzeiro de monitorização dos *stocks*. Porque as alterações no clima não estão a fazer apenas com que as espécies migrem para outros sítios com água mais quente. Também levam a transformações nos ciclos de vida, fazendo com que os períodos de desova e de crescimento sejam diferentes. E pode acontecer que o estado dos *stocks* da sardinha esteja melhor do que o indicado, a acreditar nas informações empíricas dos pescadores. As espécies estão a desovar mais tarde.

Mais do que reduzir quotas de pesca, a solução pode passar pela mudança dos períodos e época de pesca?
Exatamente. Existe uma certa arrogância da sociedade face a determinadas classes profissionais e devo dizer que os pescadores têm sido exemplares em termos de comportamento. O secretário de Estado das Pescas criou uma comissão de acompanhamento da pesca do cerco, que se reúne com frequência. São os próprios pescadores que fazem sugestões relativas à gestão de *stocks*. Agora, por sua sugestão, vamos diminuir a quantidade semanal e diária de sardinha, para prolongar o período de pesca.

Para o ano, não vai faltar sardinha para os Santos Populares?
No ano passado, Portugal e Espanha, em conjunto, fixaram 17 mil toneladas para a quota de sardinha. A sugestão da UE eram 1500 toneladas, não dava nem para os Santos. Temos de ser razoáveis e questionar qual a taxa de reposição que queremos: se colocarmos a taxa de aumento nos 4% e não nos 6%, por exemplo, já temos alguma margem de manobra. Queremos pescar agora e no futuro, mas não aceito que me digam que é preciso proibir a pesca até me darem provas científicas em contrário. Defendi isto junto de Bruxelas, visto que há preocupações de natureza social que têm de ser ponderadas. As políticas têm de ser o melhor para os *stocks*, mas também o melhor para as pessoas.

É possível tirar os pescadores do ciclo da pobreza?
Não existem comunidades de engenheiros ou de médicos. Mas temos comunidades piscatórias que tendem a manter as profissões dos pais, para o bem e para o mal. Temos de pensar na promoção da atividade económica e ao mesmo tempo garantir que aquelas pessoas tenham remuneração adequada a uma vida com qualidade. Já existia um fundo de compensação para os pescadores, que lhes garante rendimento em alturas em que não podem trabalhar, mas alterámos as regras: o tempo em que estão parados por imposição da época de defeso ou mau tempo passa a contar em termos de proteção social, para a reforma e tudo o resto. Por outro lado, estamos a apoiar a diversificação da atividade: vamos, por exemplo, permitir que os pescadores possam acumular a pesca com atividades turístico-marítimas, sem que isso represente perda de regalias.

Quando deixar o Governo, quer ficar conhecida por quê?
Eu não quero ficar conhecida. Mas quero que o mar seja reconhecido pela sua grandeza. Quero que estes quatro anos, com um Ministério exclusivo para o mar, marque a forma como a sociedade portuguesa olha para ele. A minha ambição é que o mar ganhe uma dignidade diferente.

E como olham agora os portugueses para o mar?
Não valorizam nem querem nada do mar. Ai, que agora vamos alargar o porto: não pode ser porque fica com contentores. Agora, vamos apostar na aquacultura, mas não pode ser porque queremos sair de barco por ali e só atrapalha. Agora vamos fazer um corredor de separação de tráfego portuário [para transportar matérias mais sensíveis], como existe no mundo civilizado e como também já temos, mas vêm daí não sei quantas organizações não-governamentais criticar. Se vamos apostar em energias oceânicas e precisamos de ter uma plataforma no mar, lá se vem falar no impacto da mesma. Já para não falar das minerações. Existe uma relação de amor-ódio com o mar. As pessoas querem ter acesso à praia, mas não a querem limpar. É vergonhoso, a meio do verão, já serem mais as beatas, as latas e as garrafas do que conchas no areal. As pessoas gostam de ter o curso da Escola Náutica, mas passam metade da vida a querer arranjar um emprego em terra. Tem de se perceber porquê e combater essas razões. Na verdade, até acho normal: se as pessoas não têm boas condições quando estão embarcadas, é natural que queiram voltar para terra. Por isso, há que criar-lhes boas condições para estarem no mar. Esse é o meu desafio.

E qual a sua relação com o mar?
Fico angustiada se estiver muito tempo sem o ver. Gosto de tudo o que tenha que ver com ele: gosto de nadar e de andar de barco, gosto de portos, gosto de paisagens com contentores, de navios de carga. Pode não ser bonito, mas gosto. Gosto da gente do mar. No outro dia, na ilha da Culatra [Ria Formosa], onde existe uma sociedade muito matriarcal, diziam-me: “Você é uma mulher tão simples.” Não sou necessariamente. Gosto é daquela gente, tenho uma aculturação muito rápida. Gosto de pescadores, dos capitães de porto, do pessoal da Marinha. É uma relação muito vertical: não é terra a terra, mas é mar a mar. ●

jmpereira@impresa.pt

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

ESTREIA
18 SETEMBRO

SIC 25 ANOS

PAIXÃO

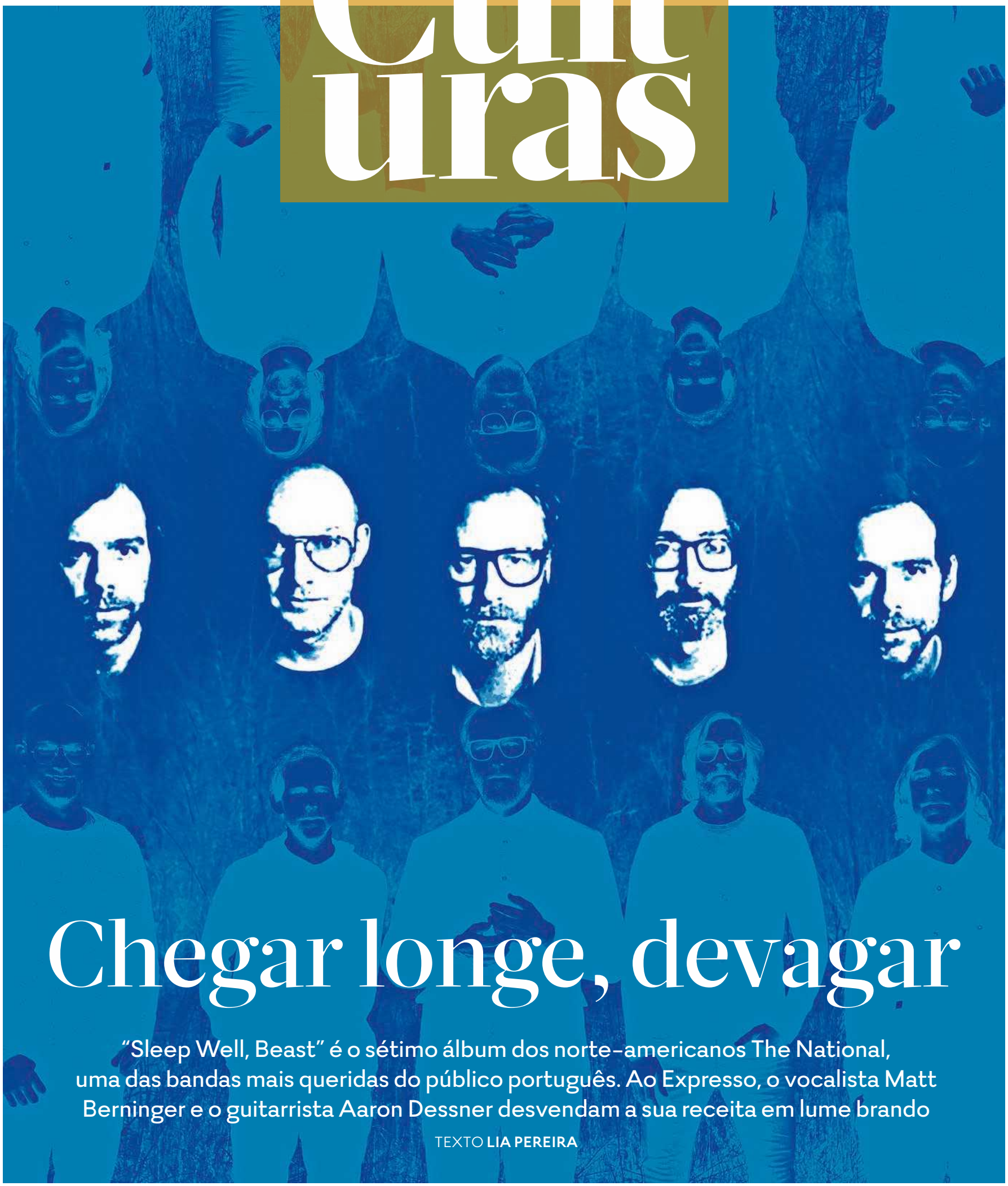
FORÇA DE VIVER

@paixaosic

@paixao_sic

sic.pt/paixao

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net



Chegar longe, devagar

"Sleep Well, Beast" é o sétimo álbum dos norte-americanos The National, uma das bandas mais queridas do público português. Ao Expresso, o vocalista Matt Berninger e o guitarrista Aaron Dessner desvendam a sua receita em lume brando

TEXTO **LIA PEREIRA**

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

GRAHAM MACINDOE

Scott Devendorf, Bryan Devendorf, Aaron Dessner, Matt Berninger e Bryce Dessner

Durante muitos anos, habituámo-nos a acoplar aos The National o epíteto de "banda de Cincinnati via Brooklyn". Naturais daquela cidade do Ohio, os norte-americanos assentaram, durante vários anos, arraiais num dos *buroughs* de Nova Iorque, metrópole que continua a inspirar algumas das mais sentidas letras de Matt Berninger. Em 2017, porém, os músicos vivem a milhares de quilómetros uns dos outros. Se o vocalista se mudou para Los Angeles, Aaron Dessner, um dos guitarristas e produtor não só dos The National como de artistas como Sharon Van Etten, divide o seu tempo entre uma zona montanhosa do estado de Nova Iorque e Copenhaga, na Dinamarca, ao passo que o seu irmão, Bryce, vive com a família em Paris e Scott Devendorf, o baixista, firmou raízes em Long Island, outra das peças do *puzzle* que é a Grande Maçã. Apenas Bryan, irmão de Scott e um dos bateristas mais elogiados do *indie rock*, continua em Cincinnati, onde os cinco membros dos The National se conheceram, no que agora lhes parecerá outra vida. Quando Aaron Dessner nos confidencia que escreveu parte do novo disco, "Sleep Well Beast", enquanto viajava, não contávamos porém com a coordenada que nos dá. Imaginávamo-lo a usar o seu "tecladozinho modular" durante uma qualquer digressão, mas enganámo-nos. "Escrevi algumas coisas quando estava nas Caraíbas, a tentar descansar a cabeça depois da digressão. Fui com a minha família para uma ilha pequenina — nada de especial, ficámos numa barraquinha", acrescenta, como quem pede desculpa. "À noite punha-me a beber e a brincar com o teclado. O resto escrevi no norte do estado de Nova Iorque, nas montanhas, onde tenho uma quinta e onde construímos um estúdio. Trabalhámos no meio da natureza, sem pressão", revela. "Ninguém queria fazer outro disco, a menos que fosse realmente especial. Sentimos necessidade de ter ideias novas. Felizmente, foi o que aconteceu."

Sétimo álbum para a banda que abandonou o anonimato em 2005, com "Alligator", e se tornou um nome de culto dois anos mais tarde, com "Boxer", "Sleep Well Beast" nasceu, como habitualmente, de parto difícil. Numa conversa separada, Matt Berninger, voz & palavra do grupo, reconheceu que "raras são as canções que escrevemos de forma rápida. Geralmente demoramos muito tempo e, como já vamos sabendo isso, desta vez trabalhámos sem prazos", revela, explicando que a decisão os libertou. "É sempre caótico e tenso, o processo, mas faz parte", acrescenta o vocalista, que diz ter mudado a sua forma de trabalhar, explorando uma improvável vocação madrugadora. "Tenho escrito a maior parte das canções em sítios sossegados, como quartos de hotel, no autocarro de digressão ou em casa, onde a minha mulher e a minha filha estão a dormir. Acordo muito cedo, todas as manhãs, e já há bastante tempo que é assim. Não sou um animal noturno, sou mais um animal matutino", ri-se. "Dou por mim a escrever letras, ideias e melodias enquanto, à minha volta, as pessoas dormem. Por isso, acho que aprendi a sussurrar-cantar numa canção. A simples proximidade de pessoas a dormir mudou a forma como escrevo", analisa, entre mais risos. "E a forma como canto. Mas gosto!", garante o homem que não toca qualquer instrumento, mas que acredita que "o tempo e a tecnologia alteram de forma significativa a arte. O GarageBand [software de produção de áudio], os auscultadores *in-ear*, tudo isso mudou a forma como escrevo canções".

Ainda que "Sleep Well Beast" esteja a ser apresentado como o disco em que os The National decidiram controlar menos o resultado final, divertindo-se em vez de se afligirem, Matt Berninger salienta: até pode haver canções que nascem de *jams*, mas o *modus operandi* da banda é sempre um bico de obra. "Uma arquitetura ligeira e trapalhona, mas é arquitetura." Aaron Dessner, que Berninger considera ter sido o verdadeiro 'parteiro' deste álbum, concorda. "Temos de partir sempre de uma ideia. Desta vez, mais do que nunca, andámos a construir coisas, a mandar tudo abaixo, a mudar as janelas e o telhado... Tentámos trabalhar as subtilezas de tom e textura, e este disco também envolveu uma grande dose de experimentalismo, ao longo de um grande período de tempo. Mas, sim, é arquitetural, porque primeiro construímos as fundações e depois é que temos de casar tudo: a música com o que o Matt andou a escrever. E é aí que a coisa se complica às vezes."

Apesar do experimentalismo a que se refere, e da estreia da banda em soluções como *loops* eletrónicos e baterias programadas, há em canções como 'Walk It Back' um certo regresso ao intimismo dos primeiros dois álbuns, antes de "Alligator". Não parecendo concordar, Matt Berninger concede que "há partes do disco novo que têm aquelas reviengas e ideias diferentes todas juntas, tal como nos primeiros álbuns, quando seguíamos por várias direções". Aaron Dessner concorda que, aquando de "Sad Songs for Dirty Lovers", de 2003, a banda ainda tentava "encontrar o seu som. Andávamos a perceber como fundir a nossa coleção de discos numa só coisa. E ainda consegues ouvir isso mesmo, anos mais tarde, mas com um controlo muito mais forte. Em 'Walk It Back' ou 'I'll Still Destroy You', há sons eletrónicos e uma certa ambição estrutural, na composição", defende. "A primeira parte de 'Walk It Back' foi escrita há uns anos e a segunda só foi acrescentada muito mais recentemente. Neste disco fizemos muito isso", confessa. "Eu escrevia o início, o Bryce escrevia o fim, ou vice-versa. Houve muito mais colaboração na escrita e, por isso, os resultados são interessantes. Já não é tão previsível o que vai acontecer. E já não é tão estrofe-refrão, estrofe-refrão-ponte. As novas canções têm mais reviravoltas."

Filhos de um baterista jazz, Aaron e Bryce cresceram encarando a música como "algo natural, como comer. Mas fazíamo-lo por diversão, nunca planeámos fazer disto o nosso ganha-pão. Se calhar foi por isso que acabámos

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

“Ninguém queria fazer outro disco, a menos que fosse realmente especial. Sentimos necessidade de ter ideias novas. Felizmente, foi o que aconteceu”

AARON DESSNER

aqui — porque nunca deixámos de nos divertir”, considera Aaron, que diz tocar com qualquer pessoa que o convide. “Gosto tanto de dar concertos gigantes com os The National como de tocar com amigos e pessoas que não conheço!” Nos seus verdíssimos anos, Aaron tocava baixo, tendo-o trocado pela guitarra para “imitar e fazer pouco” do irmão gémeo. “Mas entretanto tornámo-nos bastante bons. Eu já conseguia harmonizar, podíamos tocar à desgarrada e fazer coisas que não conseguiríamos fazer com outros guitarristas, porque temos mãos parecidas e capacidades semelhantes”, sublinha. “Conseguimos tocar de forma a parecermos uma só pessoa. Se ouvires as canções com isso em mente, reparas que fazemos muito isso — é um jogo entre irmãos, e sempre foi.”

Curiosamente, “Sleep Well Beast” oferece ao cancioneiro da banda os primeiros solos de guitarra gravados em disco. E um deles — o do single ‘The System Only Dreams in Total Darkness’ — até lhes valeu a estreia na liderança de um top da “Billboard”. “É verdade. Devia ter começado a fazer solos há 18 anos!”, brinca Aaron, que atribui o sucesso da canção ao facto de encaixar “numa certa fórmula. Mas nos concertos tocamos sempre solos. E quando éramos miúdos estávamos sempre nisso. Quando criámos a banda é que os abandonámos, porque a forma como tocamos, aqui, é mais entrelaçada. Ou é muito textural, ou é um *fingerpicking* mais intrincado”. O solo de ‘The System...’ surgiu-lhe quando estava “no celeiro, a beber cerveja” — a diferença perante outras epifanias do género foi que, desta vez, sentiu que a ideia o atingira “como um relâmpago.” E, como o entusiasmo se estendeu aos companheiros, o solo sobreviveu à cruel edição final. “Felizmente as pessoas até gostaram. Mas no passado talvez o tivéssemos evitado, com medo de parecermos indulgentes.”

Convencido de que este é o melhor disco de sempre da banda (“Ouço nele todo o nosso potencial”), Aaron não esconde a satisfação por, ao contrário de outros grupos surgidos em Nova Iorque, no início do século, ainda se sentir em fase de crescimento. “Estamos gratos por termos conseguido resistir. Mas nunca nos enamorámos do nosso próprio reflexo”, atira. “Como tal, não estagnámos criativamente. Não somos obcecados por nós mesmos”, sentencia, elogiando “a curiosidade e a coragem” de uma banda “aberta a colaborações e à energia vinda de fora. Somos como a tartaruga: chegámos aqui devagarinho, e se calhar há bandas cuja estrela brilhou mais intensamente, mas a música que fazemos diz-nos algo a nós e às pessoas que se apaixonaram por ela. E isso não desaparece facilmente”, argumenta. “Eu adoro os Strokes ou os Interpol. Têm grandes discos do início das suas carreiras, e ainda adoro vê-los tocar. Há muitas formas de fazer as coisas, mas eu preferia ter uma banda que ainda cá esteja dentro de 10 ou 15 anos. Mas nunca sabemos. É uma colaboração frágil. E este até pode ser o nosso último disco.”

Semanas antes, Matt Berninger, falara da forma como a sua mulher, Carin Bessner (que inspira a canção ‘Carin at the Liquor Store’), tem editado todas as suas letras desde “Boxer”. “Sobre a sua mulher, o Tom Waits diz: ela lava, eu dobro. No meu caso, é mais: eu lavo, ela dobra”, ilustrou. “O resto das canções é, também, sobre o meu ‘casamento’ com o Aaron, o casamento criativo da banda.” O ‘maestro’ Dessner não nega o papel de, nas suas palavras, “liderar as tropas” e deixa um elogio a Matt, o mestre das palavras: “Neste disco, ele escreve algumas das coisas mais diretas e intimistas dos últimos anos. Está muito mais autobiográfico e pessoal. Lembra-me o ‘Alligator’.” ●

lipereira@blitz.impresa.pt

Sem corpo a corpo

Era claramente um progresso desde os tempos em que, acabado de chegar a Nova Iorque, Matt Berninger fora habitar num *loft* de Gowanus, zona industrial desclassificada no sul de Brooklyn, onde os locais incendiavam os automóveis para receber o dinheiro do seguro e cujas ruas as produtoras de laticínios usavam como local de despejo para produtos fora de prazo: agora, Aaron Dessner tinha uma casa em Ditmas Park, um dos Distritos Históricos de Brooklyn, e alugava o andar de cima a Matt que, sozinho e alcoolicamente estimulado q.b., o ocupava como sala de partos poética. Bryce Dessner morava num apartamento da mesma rua (era ele quem cozinhava para Aaaron e Matt e lhes deixava as refeições à porta) e os irmãos Devendorf também não viviam longe. Quando chegava o momento de dar corpo a um álbum, a garagem no jardim de Aaron estava mesmo ali à mão. Foi assim durante cerca de dez anos e cinco discos — “Sad Songs For Dirty Lovers” (2003), “Alligator” (2005), “Boxer” (2007), “High Violet” (2010) e “Trouble Will Find Me” (2013). Hoje, os cinco elementos dos National vivem dispersos pelo mundo, separados por milhares de quilómetros. Não serão os primeiros a quem tal acontece. Mas, no caso deles, nota-se.

Segundo a versão oficial, nada disso teria implicado qualquer perda criativa. Quando necessário, dizem, juntam-se em locais vários para sessões de trabalho coletivo nas quais a velha alquimia da banda volta a borbulhar nas retortas. Mas, na verdade, escutando “Sleep Well Beast”, é difícil não reparar que, se o espírito e a tensão de “Alligator” ou “Boxer” não se extinguiram, tudo é muito mais calculado do que instintivo, mais jogo de guerra digital do que combate corpo a corpo. Continua a haver nervo mas há menos nervos à flor da pele, o que, aliás, em entrevista à “Stereogum”, Bryce Dessner, falando sobre o trabalho de composição do grupo, eloquentemente explica: “É como construir um edifício no interior de outro edifício. Depois, demolimos o edifício exterior e construímos outra estrutura semelhante a primeira, fazemos ajustes nas janelas e retiramos o telhado.” As canções dos National nunca foram, de facto, matéria para arrebatamentos adolescentes, mas também nunca como hoje música tão adulta para náufragos que, numa jangada à deriva, insistem em conhecer os minutos e segundos exatos em que abandonaram o navio. Se Berninger não abdica da ironia para se referir à linguagem cada vez mais elíptica e desbastada dos seus textos (“Não escrevo prosa nem escrevo poesia. Escrevo bons *e-mails* e envio mensagens com piada”) é em consequência dessa cerebral frieza que ‘Walk It Back’ é um prometedor esboço que não chega a descobrir o rumo e disfarça o desnorte com um solo de guitarra, ‘Guilty Party’ e ‘The System Only Dreams in Total Darkness’ são o género de canções que têm tudo para nos submergir mas apenas nos deixam a reparar na sobrenatural inteligência das extrassístoles rítmicas de Bryan Devendorf e ficamos a desejar que, por exemplo, a via de ‘The Day I Die’— uns Joy Division mais ricamente texturados — ou o descontrolo de ‘Turtleneck’ tivessem sido privilegiados. /**JOÃO LISBOA**

★★★

SLEEP WELL BEAST

The National

4AD/Popstock

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Um mundo cheio de cólera

Bastante bom cinema, neste festival de Veneza que se revigora ano após ano

TEXTO **JORGE LEITÃO RAMOS** EM VENEZA

A meio do Festival de Veneza, no momento em que escrevo, duas coisas são certas: uma é que a seleção da 74ª Mostra Internazionale d'Arte Cinematografica é a melhor desde há bastos anos; outra é que o mundo, visto daqui, está cheio de dor e, muitas vezes, cheio de cólera. Dor global, civilizacional, histórica, como mostra o documentário ("Human Flow") que Ai Weiwei andou a fazer por todo o lugar onde há migrações humanas em massa, da Grécia ao Sudão, da Itália à Turquia, da fronteira sul dos Estados Unidos a Mossul com os poços de petróleo em chamas. É um inventário (quase) sistemático de uma realidade que assusta, interpela e comove e para a qual o artista chinês não tem resposta outra que não seja a de que migrar é um direito fundamental de todo o ser humano. Só que, ao não querer fazer política, ao não querer ir às causas do que empurra milhões de pessoas a sair de casa e partir sem saber se a estrada ou o mar concedem abrigo do outro lado, Ai Weiwei limita o alcance do seu filme. Arrecada descrições detalhadas de factos, não mobiliza o espectador.

Houve, ainda, a dor metafísica, transcendental, que trespassa o protagonista de "First Reformed" de Paul Schrader, pastor de uma pequena comunidade no interior americano que não consegue salvar um paroquiano em desespero pelo estado em que pusemos o mundo ("Deus perdoar-nos-á o que fizemos à sua Criação?", pergunta terrível no pântano ético em que muitas confissões cristãs se atolam). E o filme, no espartano rigorismo com que Schrader o formata (a lembrar que o realizador, em tempos, era um apaniguado dos universos de Ozu, de Bresson e de Dreyer), é, também ele, uma busca de remissão dos pecados de um cineasta que demasiados ínvios caminhos tem trilhado.

Em Veneza, houve mesmo um filme a falar de uma dor — como dizer? — histórica, tomando os anos em que parecia mesmo que a América era Grande (a América que, agora, Trump diz querer reencontrar), o princípio da década de 60, e colocando uma reflexão larga sobre a intolerância nos carris fantásticos de uma história de 'monstros' ("The Shape of Water" de Guillermo del Toro). Foi uma das mais gratas surpresas de Veneza/2017 — decerto um dos grandes filmes americanos desta temporada que, ou muito me engano, ou vamos ver em bom destaque na na rota para os Óscares.

Mas Veneza mostrou também dores íntimas, histórias privadas. Como a demencial história de um homem e de uma mulher que vivem a produzir filhos para imediata venda — um filme italiano, "Una Famiglia" de Sebastiano Riso, que poderia ser muito forte se não se desgarrasse nas teias extenuadas de um melodrama mal sustentado. Ou como a solidão de um homem e

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

uma mulher, viúvos e já bem depois do patamar dos 70, a inventar uma forma de fazer com que as noites não sejam tão penosas antes de adormecer ("Nós, ao Anoitecer" de Ritesh Batra), brando filme de alguma maneira romântico que levou à Sereníssima Jane Fonda e Robert Redford, devidamente agraciados com um bem merecido Leão de Ouro à Carreira. Outra gente de também terceira idade terá outros caminhos, como o suicídio partilhado de "La Villa" do francês Robert Guédiguian ou a viagem terminal do casal Helen Mirren/Donald Sutherland, pela estrada fora para ver a casa de Hemingway em Key West que ele toda a vida quisera visitar. Ele está a esquecer-se de tudo, ela está com um cancro em estado avançado, mas o filme ("The Leisure Seeker" de Paolo Virzì) tem, até certo ponto, um registo de quase comédia que os intérpretes sustentam com todo o talento e manha de que são capazes — e muito capazes são, como se sabe. É um daqueles filmes a dizer que tudo vale a pena mesmo até o fim, a conjugar sorrisos com um peso no peito, com os limites inerentes.

FILMES DE RAIVA

Esteve alta a fasquia nos filmes de raiva, isto é, nos filmes onde a intolerabilidade da realidade se transforma em violência. Não, não estou a pensar naquela cena de "The Leisure Seeker" em que o quase demente John/Sutherland se junta a um comício eleitoral de Trump e até aceita um badge na lapela que, logo a seguir, Ella/Mirren arranca e lança ao chão, com força, como lixo repelente — ele que sempre fora democrata, ela que até votara por Reagan. Essa é uma pequena violência quase doméstica...
Estou a pensar no pai a quem vêm dizer que o filho caiu ao serviço da Pátria ("Foxtrot", do israelita Samuel Maoz) e que, perante insuportabilidade do facto, parte numa espécie de *rêverie* recalcatória, onde até a negação da morte tem lugar.
Eis um filme estranho, surreal, musical, que nos faz flutuar como se exalasse vapores de álcool, com que Maoz, oito anos após ganhar o Leão de Ouro (com "Líbano"), volta a Veneza e à competição, agora com improváveis hipóteses de chegar ao palmarés.
Estou a pensar na mãe de família a quem mataram uma filha adolescente — queimada e violada enquanto morria — e a quem a polícia local não dá um culpado na cadeia. Um dia, vendo três grandes painéis publicitários praticamente abandonados numa das entradas secundárias da cidadezinha onde reside, Mildred/Frances McDormand resolve alugá-los e pôr frases a interpelar diretamente o xerife local. O homem (Woody Harrelson) até nem é mau tipo, nem um profissional relaxado dos seus deveres, o mesmo não se dirá dos seus homens e de alguns outros habitantes do lugar. Mas o gesto de Mildred vai desencadear uma espiral onde muitas coisas acontecem que não deviam acontecer, em particular o que, provavelmente, acontecerá depois do genérico final nos lembrar que o filme acabou, embora a história não tenha encontrado desfecho certo.
"Three Billboards Outside Ebbing, Missouri", escrito e realizado por Martin McDonagh, vai tendo muitos sorrisos, porque a raiva de Mildred não tem papas na língua e invetiva a torto e a direito, sempre tendo as suas razões, mesmo quando não tem razão, mas o seu fulcro é um quotidiano insuportável onde acontece racismo e abusos policiais, violência doméstica e homofobia, crimes de guerra e fogo posto — além do assassínio hediondo que dá o empurrão inicial à ficção. Parece escrito pelos Coen com menos graçolas e muito fel — nada que se compare ao argumento antigo dos autores de "Fargo" que George Clooney filmou ("Suburbicon") e que dissolve em inconsistências o que poderia ser um olhar muito corrosivo sobre a América dos anos 50. Apesar do seu potencial de entretenimento, "Suburbicon" acaba por ser uma desilusão, só matizada pelo bom trabalho dos atores, Julianne Moore, Matt Damon, Oscar Isaac brilham.
Raiva, raiva com décadas, é a que faz explodir o conflito de "L'Insulte" do libanês Ziad Doueiri, uma história onde se confrontam um palestiniano e um libanês católico, a partir de um incidente de rua, sem qualquer importância, mas a que a História das duas comunidades vem deitar combustível para que o fogo irrompa. A configuração dos personagens é cheia de cambiantes, o desenho do seu passado é destilado no tempo do filme com grande sageza dramática, de tal modo que o filme (e o espectador com ele...) que começa por se colocar mais de um lado do que do outro, mais do lado palestiniano que do lado católico, vai pondo em causa as suas próprias simplificações e dando a perceber que a realidade de Beirute é muito complexa — tal como a História do Líbano nas últimas cinco décadas.
Por sobre um cinema que agarra a turbulência, foi bonito, todavia, ver a serenidade de Frederick Wiseman nas três horas e dezassete minutos que dura "Ex Libris: New York Public Library", o documentário onde aborda uma instituição que, na Big Apple, se dedica a um trabalho contínuo — um daqueles trabalhos que mais raízes lançam para um mundo de paz. ●

Frances McDormand em "Three Billboards Outside Ebbing, Missouri", de Martin McDonagh: um dos grandes filmes de Veneza/2017 (à esq.); Adel Karam em "L'Insulte", de Ziad Doueiri: o Líbano em carne viva (em cima); e Robert Redford e Jane Fonda em Veneza: vedetas com eterno *glamour* (em baixo)

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Deixar o fado e ser feliz

Marco Rodrigues quis fazer um disco alegre. Gravou canções em vez de fados

Marco Rodrigues já deu provas de ser um senhor do fado. Agora mandou tudo isso para trás das costas e resolveu celebrar a vida. O resultado é um disco de altos e baixos, onde a canção tomou conta do som

TEXTO **ALEXANDRA CARITA**

Marco Rodrigues diz que 'Não Podia Estar Melhor' e apresenta um trabalho de acordo com esse estado de espírito. Longe do fado, só três temas são fados tradicionais e são os melhores musicalmente — 'A Tua Estátua' (fado Tamanquinhas), 'Vapores' (fado Pena) e 'A Ruga' (fado Latino) — o músico avança por terrenos movediços dos quais se sai bem de vez em quando e nos quais se atola outras tantas vezes. No entanto, tem o condão de manter uma coerência na variedade de ritmos, divertidos é o adjetivo, que assentam muito no piano e na harmónica.

Risco assumido, o fadista brilha neste "Copo Meio Cheio" pela inovação nas letras, convidando letristas e também compositores que não esperaríamos ver a colaborar com uma guitarra portuguesa. Boss AC é um deles, Capicua outra. E tudo faz sentido nas letras bem humoradas destes dois músicos, que até com a métrica jogam. Palavras difíceis, que Marco interpreta sem se engasgar (*Biscuit*, croqui, Drácula...) marcam presença numa divertida forma de estar.

Com a frescura da idade e a felicidade de acabar de ter um filho, o fadista reparte alegria com muita gente. Agir é uma surpresa agradável com 'Por Ti'. A composição agrada (filho de peixe sabe nadar), só a letra se revela demasiado óbvia e simples. Mas o disco vai abaixo com 'Mal Dormido', letra e música de Pedro Silva Martins, o tema que Marco dedica ao filho e que poderá espelhar essa vida de pai recente, mas que peca por uma leviandade a toda a prova e a rondar a festa de aldeia. Assim influenciado, como assume o músico, o disco "tinha de falar de coisas boas e alegres, embora se sinta a tensão nalguns temas". Fugindo ao fulgor da voz de Marco Rodrigues, "propositadamente", o álbum, diz o intérprete, "ultrapassa a fase de querer mostrar tudo o que se sabe fazer", para, sim, não "perder o ambiente de cada tema". "A partir de certa altura, cantar tem que servir a música e não servir-se dela. Não quis cantar para me sentir bem comigo próprio e dizer-me que sou capaz de fazer isto e aquilo", continua Marco Rodrigues. "O que quis foi estar tranquilo e mostrar essa tranquilidade, essa serenidade."

De muito mais gente vive o disco, porém. Nomes como Mariza Liz, com nota positiva, Guilherme Alface e João Direitinho, idem aspas, Diogo Piçarra, nos antípodas, ou Jorge Fernando, Luísa Sobral e Carlão, a meio termo, também fazem parte de um vasto conjunto eclético de músicos ao serviço de Marco Rodrigues. "Foi muito fácil convencê-los. Aceitaram de imediato. E as letras começaram logo a aparecer e alguns deles nem os conhecia pessoalmente como é o caso do Agir." A justificação para o fenómeno Marco também a tem. "O fado deixou de ser uma música à parte. Deixou de estar fechado num nicho. Os fadistas, os letristas e os compositores tiraram-no desse nicho. Deixou, portanto, de haver uma barreira tão alta entre os outros géneros musicais e o fado. As pessoas de todas as outras áreas aproximaram-se."

O fadista já se tinha aproximado delas ao tocar — também é guitarrista — para vários intérpretes. E, sendo um apaixonado da guitarra portuguesa (razão por que se apaixonou pelo fado), sempre quis trazer para os instrumentos tradicionais do fado abordagens diferentes, timbres e sons distintos dos históricos. Isso fá-lo, de facto, no disco e com toda a liberdade musical. Aquela que não teve quando ganhou a Grande Noite do Fado ou quando aos 16 anos já cantava no café Luso, era então o mais novo fadista do Bairro Alto. E aquela que não tem ainda hoje cada vez que vai, e vai muitas vezes, cantar e tocar a uma casa de fados.

"Hoje o fado sofre outras influências e tem outro tipo de preocupações com o som. É diferente de há 40 anos, não é melhor, nem pior. Mas faz-se muito bem." Tiago Machado, produção, arranjos e direção musical, teve um papel decisivo neste trabalho de encontrar uma sonoridade própria para o disco e aqui fica a referência ao esforço.

É assim, de avanços e recuos, de altos e baixos, que vive o "Copo Meio Cheio". Depende de quem o olha, como o melhor do título pode querer significar. ●

acarita@expresso.impresa.pt

★★

COPO MEIO CHEIO

Marco Rodrigues

Universal

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

O ar que respiramos

Durante um fim de semana, Serralves abre-se para uma experiência de artes do aqui e agora em "O Museu como Performance"

TEXTO **CLAUDIA GALHÓS**

Imagem de "The Forgettin of Air", da italiana Francesca Grilli

Num suspiro de choro é-se arrancado para a vida. Num suspiro de apagamento é-se arrancado da vida. O ar que partilhamos é matéria de uma das propostas da terceira edição de O Museu como Performance, de Serralves, "The Forgettin of Air", da italiana Francesca Grilli (Capela de Serralves, hoje, 18h; amanhã, 16h e 18h30). Na respiração tudo nasce e tudo morre, lembra a artista, que sugere a ideia do ar como território de partilha e reflexo dos processos contemporâneos de migração. No seu *statement* artístico, Francesca sublinha a importância da perspetiva política na presença de *performers* que são artistas que arriscaram a vida para fugir do seu país e incluindo, em cada nova cidade, dois a três refugiados para participarem da ação. Este 'esquecimento do ar' é apenas uma das propostas situadas entre a poesia, o pensamento e o gesto cívico que moderam formas alternativas de abordar o mundo por via da arte, num contexto onde a disciplina artística é, por natureza, interrogada, se não indisciplinada.

O Museu como Performance é programado conjuntamente por Cristina Grande, Pedro Rocha e Ricardo Nicolau. Esta edição, dizem ao Expresso, "confirma a importância da performance no ecossistema da arte contemporânea. Mais uma vez, apresentam-se propostas de artistas que se situam num espaço difícil de catalogar, entre artes visuais, teatro, dança, música, desrespeitando disciplinas, chamando a atenção para novos campos de experiência e de conhecimento, sempre enfatizando a importância da prática em tempo real, do aqui e agora. 'O Museu como Performance' reflete e questiona direções e sentidos para o performativo no contexto da instituição museológica, mas estes podem ou não ter origem e/ou destino no campo das artes visuais. Interessam-nos particularmente a exploração dos territórios mais escorregadios e difusos." Desta vez, o programa estende-se a mais espaços de Serralves, como a Casa, a Capela e o antigo campo de ténis, que assim se somam aos lugares já habitados por este evento, como o Parque, as Galerias do Museu e o Auditório, "permitindo aprofundar e diversificar o tipo de relações entre os trabalhos e os lugares que os acolhem", como explicaram ao Expresso. "Se em edições anteriores, a tónica dessa relação estava no questionamento do lugar do museu, a multiplicação dos espaços estimula novas abordagens à relação entre artes visuais e performativas. O papel do Museu continua obviamente a ser refletido, mas tendo em atenção a própria história de Serralves, que desde a sua génese sempre se distinguiu pela liberdade que deu a artistas (visuais e performativos) para que trabalhassem em contextos que não as galerias do museu ou o palco do seu Auditório." É assim que a cartografia da ocupação de Serralves se diversifica nesta edição. Há propostas que encontram um espaço específico para habitar, há outras que existem num movimento contínuo e de sugestão de criação de significados em permanente metamorfose, conforme também o seu enquadramento físico. É o caso de "A Possibility of an Abstraction: Square Dance", da holandesa Germaine Kruip, que hoje se apresenta no Parque (14h), na Casa (17h30 e 19h); e amanhã nas Galerias do Museu (12h30) e na Casa (17h e 20h). Da pesquisa que desenvolve desde 2011 sobre os significados associados a formas geométricas, Germaine introduz a forma quadrada na dança circular ritualística dos bailarinos sufis. Cruzam-se nestas presenças temporalidades e estruturas de pensamento diversas, nomeadamente mais contemporâneas, entre elas a referência à "Square Dance", de Bruce Nauman (1967). Por outro lado, o Teatro Praga/André e. Teodósio instala-se nas Galerias do Museu com "()", peça para três intérpretes que decorre ao longo de cinco horas (hoje, das 14h30 às 19h30). Neste caso, o espaço de apresentação é questionado enquanto lugar que contribui para uma convergência em direção à unicidade, gerando um lugar de emergência do que está fora da norma, "um local de paisagens desejadas, de outros objetos-corpo e das suas relações", aprofundando a temática das teorias e práticas *queer*. O português Projecto Teatral, com a sua marca num território visual e poético que não se rende a simples categorizações, apresenta a nova criação, "Arca", no Auditório, numa coprodução de Serralves com La Ferme du Buisson (Paris), onde estreou em junho. Então, era apresentado como "uma 'ação' que navega entre a instalação, a performance e o ritual, confrontando o espectador a uma espécie de 'pré-história' do teatro". ●

O MUSEU COMO PERFORMANCE

Vários

Serralves, Porto, hoje e amanhã

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

TNSC TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

23 SET 21H
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Assinatura sinfónica 2017–18 já à venda.
www.saocarlos.pt

Joana Carneiro

Adquira a sua assinatura lírica 2017–18, entre 4 e 15 de setembro.
www.saocarlos.pt

19 OUT 20H
COLISEU DOS RECREIOS

21 OUT 20H
COLISEU PORTO

2017–18

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA
oart ORGANISMO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA, EPE
NISSAN

Elisabete Matos

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

TEMPORADA SINFÓNICA

SINFONIA Nº 9 EM RÉ MENOR OP. 125 Ludwig van Beethoven

RESTART Nuno da Rocha

CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS
maestro titular GIOVANNI ANDREOLI

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA
maestrina titular JOANA CARNEIRO

M/6

soprano CARLA CARAMUJO meio-soprano CÁTIA MORESO tenor MARCO ALVES DOS SANTOS
baixo ANDRÉ HENRIQUES direção musical JOANA CARNEIRO

GIACOMO PUCCINI

TURANDOT

CONCERTO ENCENADO

M/6

direção musical DOMENICO LONGO
encenação ANNABEL ARDEN

Turandot ELISABETE MATOS Calaf RAFAEL ROJAS
Liù DORA RODRIGUES

CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS
maestro titular GIOVANNI ANDREOLI
CORO JUVENIL DE LISBOA (EM LISBOA)
Maestro Titular NUNO MARGARIDO LOPES
ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA
maestrina titular JOANA CARNEIRO

TEMPORADA LÍRICA

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Livros

Neste romance, Han Kang explora os limites da experiência humana, com uma escrita de grande plasticidade e beleza

ROBERTO RICCIUTI/GETTY

A voz dos mortos

Depois do sucesso de "A Vegetariana", Han Kang desenterra as histórias de um massacre ocorrido em 1980 na cidade onde nasceu

TEXTO **JOSÉ MÁRIO SILVA**

★★★★★

ATOS HUMANOS

Han Kang

D. Quixote, 2017, trad. de Maria do Carmo Figueira, 227 págs., €14,90

O nome da escritora sul-coreana Han Kang (n. 1970) impôs-se na cena literária mundial o ano passado, quando a tradução para inglês do seu romance "A Vegetariana" venceu o Man Booker International Prize, batendo candidatos mais óbvios – da italiana Elena Ferrante ao Nobel turco, Orhan Pamuk. Editado pouco depois em Portugal, "A Vegetariana" narra o percurso bizarro de uma mulher comum, sem nada que a distinga, até ao dia em que decide, depois de um sonho grotesco, deixar de comer carne. Com uma escrita ao mesmo tempo clínica e lírica, atravessada por imagens poderosíssimas, Kang multiplica as perspetivas (do marido, do cunhado, da irmã) sobre o ato de rebelião passiva da protagonista, detendo-se nas várias formas de violência física e psicológica que põem em causa a liberdade de uma mulher dispor do seu corpo.

Vivendo muito do efeito de estranheza, "A Vegetariana" é sem dúvida um bom livro, mas o *hype* à sua volta foi manifestamente exagerado. Que esperar então do segundo romance de Kang a chegar ao Ocidente, também ele rapidamente traduzido para português? A eventual desconfiança — alimentada por outros 'fenómenos' editoriais que logo redundaram em *flops* – dissipa-se ao fim de meia dúzia de páginas. Abordando um tema incómodo, mesmo passadas quase quatro décadas sobre os acontecimentos, "Atos Humanos" foca-se nos massacres de Gwangju, ainda hoje uma ferida aberta na consciência coletiva dos sul-coreanos. E Kang não se limita a resgatar a memória das vítimas, a voz dos mortos, como outros escritores e cineastas vêm fazendo. A partir da matéria terrível dos factos, dessas atrocidades quase impossíveis de imaginar, ergueu uma estrutura romanesca sólida, em que encontramos pessoas de carne e osso, homens e mulheres concretos, engolidos por um limbo onde os extremos da experiência humana se tocam: a máxima crueldade dos soldados, capazes de espetar baionetas na cara de raparigas indefesas; e a dignidade absoluta dos cidadãos, esperando em filas ordeiras para dar sangue, sem medo das balas.

A revolta de Gwangju aconteceu em maio de 1980, numa altura em que a Coreia do Sul era liderada com mão de ferro pelo general Chun Doohwan, sucessor de Park Chung-hee, o ditador que fora assassinado uns meses antes. A opressão agravou-se, com o fecho de universidades, restrições à liberdade de imprensa, e o prolongamento da lei marcial. Depois de vários protestos estudantis e sindicais, reprimidos brutalmente pelas forças

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

policiais, a população de Gwangju insurgiu-se, criando milícias civis que expulsaram as autoridades da cidade. Durante dez dias, criou-se uma ilusão de mudança, uma bolha democrática que acabaria por rebentar da pior forma. Quando o exército regressou em força, dizimou toda e qualquer resistência. Ainda hoje não se sabe ao certo quantas pessoas morreram, mas terão sido milhares. Durante anos, quem pusesse em causa os números oficiais (cerca de 200 mortos), era preso e torturado. Só em 1997, já em democracia, é que foi construído um memorial e as famílias puderam cumprir os ritos fúnebres.
Nascida em Gwangju, Han Kang mudou-se com a família para Seul quatro meses antes dos massacres. A 'culpa do sobrevivente' talvez tenha contribuído para a certeza de que um dia teria de contar as histórias dos caídos. No último capítulo de "Atos Humanos", assumindo-se como mais uma das personagens deste romance polifónico, a escritora explica o caminho que teve de fazer, desde a infância até aos meses de investigação nos arquivos, para escrever este livro. E conta como encontrou o centro de gravidade da narrativa na figura de um rapaz de 15 anos, Dong-ho, que existiu mesmo (é junto à sua campa que o livro acaba), viveu na casa que a sua família deixara, e se transforma numa personagem de uma dimensão trágica simplesmente extraordinária.
No primeiro capítulo, acompanhamos Dong-ho na tarefa de identificar e registar os cadáveres que se acumulavam no ginásio municipal de Gwangju, transformado em morgue improvisada, depois dos primeiros recontros. Entre os mortos, ele procura o corpo de um amigo, de quem se separou durante a carga dos militares. Mais tarde, ele próprio fará parte da longa lista de desaparecidos. E o resto do livro, que vai saltando no tempo até à atualidade, convoca as vozes de várias figuras que se cruzaram no seu caminho: amigos, companheiros de luta, a mãe. Muitos deles hesitam, entre a recusa de regressar ao horror a que foram sujeitos e a necessidade de deixar testemunho do que aconteceu, de lutar contra o esquecimento.
Cada capítulo traz-nos um relato com várias camadas, e cada relato articula-se com os restantes, todos ecoando uns nos outros, com a força de uma melodia triste que atravessa a espessura da História. "Há memórias que nunca saram. Em vez de se esbaterem com a passagem do tempo, essas recordações tornam-se a única coisa que sobra quando tudo o resto se corrói. O mundo escurece, como lâmpadas elétricas fundindo-se uma a uma." Contra essa escuridão, a luz deste belíssimo romance assemelha-se à vela que Kang acende junto à campa de Dong-ho: "Não rezei. Não fechei os olhos, nem fiz um minuto de silêncio. (...) Fiquei a olhar fixamente e em silêncio para o contorno titubeante da chama, esvoaçante como a asa translúcida de um pássaro." ●

★★★★

RAUL BRANDÃO ÍNTIMO

Vitorino Nemésio

Opera Omnia, 2017, 48 págs., 5€

Ensaio

Vitorino Nemésio, ilhéu da Terceira, conheceu Raul Brandão em 1924, a bordo de um paquete que rumava aos arquipélagos portugueses. Uns anos mais tarde, compreenderia de imediato "As Ilhas Desconhecidas" (1927) como um momento de viragem na obra brandoniana, que passava da lama e das catacumbas, ou seja, do simbolismo grotesco e fantástico, ao domínio da reportagem impressionista e andarilha: "'Os Pescadores' [1923] é um livro de pintor; 'As Ilhas Desconhecidas' também. Cansado talvez dos fantasmas do 'Húmus' e de 'A Farsa', Raul Brandão refugiou-se em tarefas de escritor itinerante, transpondo o halo trágico dos comparsas das suas histórias dos guetos urbanos e da vila petrificada para a aura de sonho das manhãs do litoral português (...)." Esse e outros episódios biográficos iluminam as cinco crónicas e o ensaio reunidos em "Raul Brandão Íntimo" (extraídos dos volumes "Sob os Signos de Agora", 1932, e "Jornal do Observador", 1974), textos de crítica e de evocação, géneros que Nemésio não gostava de distinguir por completo. Em certos casos, trata-se sobretudo do Brandão-indivíduo, com quem Nemésio se correspondeu, e que visitou na vimaranense Casa do Alto (uma casa com brios mas sem luxos). Reservado, "afectadamente altivo", contemplativo, hipocondríaco, socialmente sonâmbulo, egotista empático, cônjuge devotado, "dolorido e inquieto, atónito e sedento", Brandão era um homem de contradições. E o Brandão-escritor usava essas antinomias. Estenógrafo do tumulto íntimo, aforista da fatalidade social, testemunha do arrivismo cortesão, tornou-se "a individualidade mais forte da literatura portuguesa, mau grado um estilo sem plano, um ideário desfeito em nebulosas sentimentais e um instinto que deformava a realidade para tratá-la a seu gosto". Hesitando "entre o quadro histórico à Oliveira Martins e à Michelet, e a novela desgrenhada, introspetiva", Brandão desmultiplicou-se em páginas de jornalismo incisivo, em ficções assombradas, em memórias radicalmente documentais e em perfis de aventureiros e oprimidos, de intriguistas e desgraçados. Mas claro que, tratando-se de Nemésio, estas apreciações judiciosas são frequentemente interrompidas por divagações, algumas vezes graves, mas em geral levíssimas: os "encontros alvissareiros de porta de livraria" com Aquilino, Régio revisitado, o legado dos "seareiros", o "miltónico" Pascoaes, um Unamuno quase transmontano, uma festa de casamento ou umas "veleidades de equitação". Um estilo de erudito irrequieto que transcende qualquer "tema", mesmo quando o tema é Brandão. / **PEDRO MEXIA**

ISTO ANDA TUDO LIGADO

QUANDO EM DÚVIDA, DIGA A VERDADE

/ ANA CRISTINA LEONARDO

Para falar verdade, não recordo a última manifestação em que participei. Não falo de 'passeatas'. Falo de manifestações em que não era conveniente aparecer de saltos altos ou desembarcar de táxi. Indiscutivelmente, uma das últimas teve que ver com a Rádio Renascença. Deu-se em Lisboa ali ao Chiado e, mal era chegada, perguntaram-me: "Vens para a manifestação?" Com certeza, disse eu. Deram-me um capacete e mandaram-me para o piquete das pedras.
As pedras, ao contrário do que sucedia em "A Vida de Brian", dos Monty Phyton, eram de borla. E, como no filme, os participantes eram maioritariamente barbudos, embora estes fossem de barba rija e não mulheres a querer passar por homens. Indo sem mais rodeios ao assunto: não tendo aparecido ninguém para ser apedrejado, não houve apedrejamento. Ressalve-se: não houve apedrejamento, mas havia pedras. "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades..." (cito respeitosamente Camões) e passou-se à inversa: não há pedras, mas há apedrejamentos. A lei mosaica ressuscitou virtualmente no mundo civilizado, legitimada agora não pela Torá, mas as mais das vezes pela 'pós-verdade', essa expressão que fez parangonas aquando da eleição de Trump e que, como tudo, ao banalizar-se se vai esvaindo de sentido (cf. o caso do *political correctness* que de tão elástico significa tudo, incluindo o seu contrário). Se fizermos equivaler pós-verdade e propaganda não podemos dizer que a coisa seja nova. Já Goebbels (que por vezes imagino a bater palmas no túmulo...) estava farto de saber que a (boa) propaganda se mede pelo seu êxito sem que a verdade seja chamada à conversa. O que parece fazer hoje toda a diferença é a velocidade da propagação. Se no tempo de Goebbels a medida era a velocidade do som — é difícil imaginar o sucesso das infâmias nazis sem a rádio — nos dias que correm é difícil conceber o sucesso da(s) pós-verdade(s) sem as redes sociais, essa entidade virtual que, no entanto, esbraceja, esperneia, grita e (se for preciso) apedreja com consequências tangíveis. Se lhes somarmos a falência acelerada dos jornais, é lícito interrogarmo-nos sobre a relação entre verdade e palavra impressa. A questão sugere um tema psicológico interessante: será que é mais fácil mentir virtualmente do que num meio com existência palpável? Sendo assim, a quem interessa o desaparecimento dos jornais e dos jornalistas e a redução da informação ao *show business*? ●

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

DWAYNE SENIOR/EYEVINE

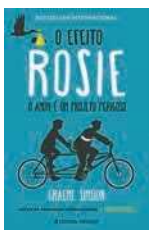
Os romances de Graeme Simsion, sugeridos por celebridades como Bill Gates, tornaram-se *best-sellers*

Cabeça, coração e estômago

Ninguém pode acusar este livro de tardar a estabelecer o tom. Ele começa assim: "O sumo de laranja não estava agendado para as sextas-feiras. Embora eu e a Rosie tenhamos abandonado o Sistema Padronizado de Refeições, que resultou numa melhoria da 'espontaneidade' à custa do tempo passado em compras, do inventário e do desperdício de comida, concordámos que devia haver três dias por semana sem álcool. Na ausência de uma calendarização formal, e tal como eu previra, este objetivo revelou-se difícil de alcançar."

A voz pertence a Don Tillman, o professor de genética que já conhecíamos de "O Projeto Rosie". Este romance, igualmente editado na Presença, inaugurou o que deverá ser pelo menos uma trilogia. Isto porque o êxito espetacular da série — com um milhão de exemplares vendidos, adaptações previstas ao cinema, louvores de gente conhecida, incluindo Bill Gates — poderá determinar a existência de mais alguns volumes, sobretudo se os filmes forem mesmo realizados. Tillman é um herói para o nosso tempo: levemente autista (com aquilo a que costumamos chamar Asperger), os seus problemas giram sempre à volta da dificuldade em entender os outros. Sobretudo, de os entender ao ponto de não lhes tentar impor as suas soluções meticulosas para tudo e mais alguma coisa. Tillman vive obcecado com planos, sequências e repetições. Embora no casal de que ele faz parte o sexo seja um dos poucos elementos não agendáveis ("por acordo tácito", explica o professor), a verdade é que constitui uma parte muito importante da relação e tende ele próprio a acontecer como elemento de uma rotina fixa. O advento inesperado de um bebé pode ameaçá-lo. Também o ameaça a impreparação básica do prospetivo pai, que ao longo dos meses de gravidez se esforça por compensar essa falha, ao ponto de quase provocar a ruína do casamento. Não vamos dizer como a história termina, mas podemos adiantar que não há aqui nada suscetível de ameaçar, por implicação, a instabilidade de casais de classe média que apreciam cozinhar e outros prazeres domésticos ao mesmo nível dos protagonistas. Até experiências um pouco mais alheias à maioria das pessoas soam confortavelmente familiares. A solidão compulsiva, o desprezo intelectual ou a falta de flexibilidade são traços habituais de pessoas inteligentes que vivem centradas nelas próprias. Quanto à incapacidade emocional, é uma fonte tradicional de humor, como sabe quem recorda, por exemplo, o velho filme "Ninotchka". Aí, a doença não era o autismo e sim o fanatismo ideológico, mas, tal como na história de Tillman, o amor era a solução. Em "O Efeito Rosie", o caminho passa ainda por ajudar os outros a encontrarem-no ou a recuperarem-no; e, curiosamente, é também por essa via que se chega ao coração desejado. Sentimentais q.b., como convém a Hollywood, estes livros têm outra característica que os torna populares: a quantidade de lições sociais e psicológicas, entre o elementar e o subtil, que apresentam em versão cómica. "O Gene é um especialista em interação social. Dirigiu-se na minha direção como que para me abraçar; depois, detetando a minha linguagem social ou recordando-se dos nossos protocolos do passado, limitou-se a apertar-me a mão."

/ **LUÍS M. FARIA**



★★★★

O EFEITO ROSIE

Graeme Simsion

Presença, 2017, trad. de Pedro Elói Duarte, 342 págs., €17,90

★★★★

CÉUS NEGROS

Ignacio del Valle

Porto Editora, 2017, trad. de Alcinda Marinho, 320 págs., €17,70

Romance

O capitão Arturo Andrade é um homem dividido, mas não perdeu o norte da decência. Na Espanha de 1950, na província de Cáceres, dois cadáveres de meninas assassinadas levam-no a uma investigação sem tréguas. Neste quarto volume da série do escritor asturiano Ignacio del Valle (n. 1971), em que o capitão é protagonista, a ignomínia é apresentada como uma coisa natural, protegida por uma rede de interesses, por "lacaios viciados na sua própria loucura". Na base dos crimes está uma ideologia racista, decretando "uma hipotética condição biológica" atribuída pelo regime aos que perderam a Guerra Civil, e que tinham de ser "purificados" e "regenerados". O escândalo das instituições ditas de acolhimento social, com a total cumplicidade da Igreja, que davam ou vendiam as crianças órfãs ou retiradas às mães presas, não podia ser exposto à luz do dia, muito menos se alguém bem colocado se dava ao desvario de matar inocentes. "O controlo da realidade começa pelo controlo da linguagem", e "se repetimos muito a verdade, acabamos por duvidar dela, e se se repete muito uma mentira, acabamos por acreditar nela". O capitão está ciente dos poderes que enfrenta nesta investigação, mas não desiste de um módico de justiça nem que seja à sua maneira. Com o ajudante Manolete, sobrevivente como ele da campanha russa, não deixa pedra por virar, incluindo a presença de uns restos de guerrilha nas serras. Nada é a preto e branco sob o céu azul e o calor impenitente da Extremadura rural, pobre e oprimida pelos poderes vigentes. "Está fodido, capitão, muito fodido, muito mais do que pensa", diz-lhe um preso, "porque já não acredita nas ideias e, o que é pior, os seus preconceitos já não o deixam acreditar nos homens". Ele esforça-se por provar o contrário, extraindo-se da roda do sofrimento, "que imensa dor e desalento atestam, soberba empedernida, ódio constante"(Milton, "Paraíso Perdido").

/ **JOSÉ GUARDADO MOREIRA**

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

★★★★

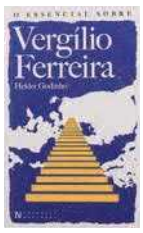
NOTAS PARA UM PREFÁCIO...

Vítor Silva Tavares

Viúva Frenesi, 2017, 28 págs., €7

Ensaio

Divulgado agora pela primeira vez, este texto de Vítor Silva Tavares é uma tentativa de prefácio ou posfácio para "Relógio de Cuco", de Virgílio Martinho (Estampa, 1973), que os editores preferiram não publicar. Por "tentativa" entenda-se, aqui, uma admirável sucessão de "rabiscos" feitos por quem não tem qualquer pejo em afirmar: "É que não gosto de prefácios, mesmo daqueles que, enfim, escapam." Ou ainda: "O tempo (assim a prazo) oprime-me." O que se dá a ler, nestas "Notas para um prefácio (a haver) com pedido de posfácio", texto nómada que "remete para o companheirismo, a amizade, a irmandade e outros acidentes de fortuna e azar", é a atitude extremamente vertical de Vítor Silva Tavares, para quem "a literatura, por si só, não deve nem pode preencher uma existência inteira". Estamos perante "um irremediável inimigo da literatura-quando-frete", coisa que se tornou raríssima. Porém, enquanto foge exemplarmente da sua missão de prefácio, este texto desmonta sem complacências os bolores burgueses de certo neorrealismo, ao qual contrapõe o "realismo poético" (aqui e ali surrealizante, mas nunca ortodoxo) de Virgílio Martinho. E confronta-nos com sínteses cirúrgicas e inapeláveis como "fixar na escrita a memória da infância é de certo modo fotografar a morte". Além do seu mérito próprio, que é imenso, estas "notas" deveriam convidar-nos a revisitar a obra não muito lembrada de Virgílio Martinho, que tem em "Relógio de Cuco" um dos seus momentos cimeiros, mas que é também autor do magnífico "Rainhas Cláudias ao Domingo". E mantém-se válido, para não dizer urgente, o seguinte repto: "Mas que importa a literatura se não tiver por trás um destino humano que se cumpre?" De modos diferentes, mas solidários, Vítor Silva Tavares e Virgílio Martinho cumpriram esse destino, saindo o mais que podiam da literatura. / **MANUEL DE FREITAS**



★★

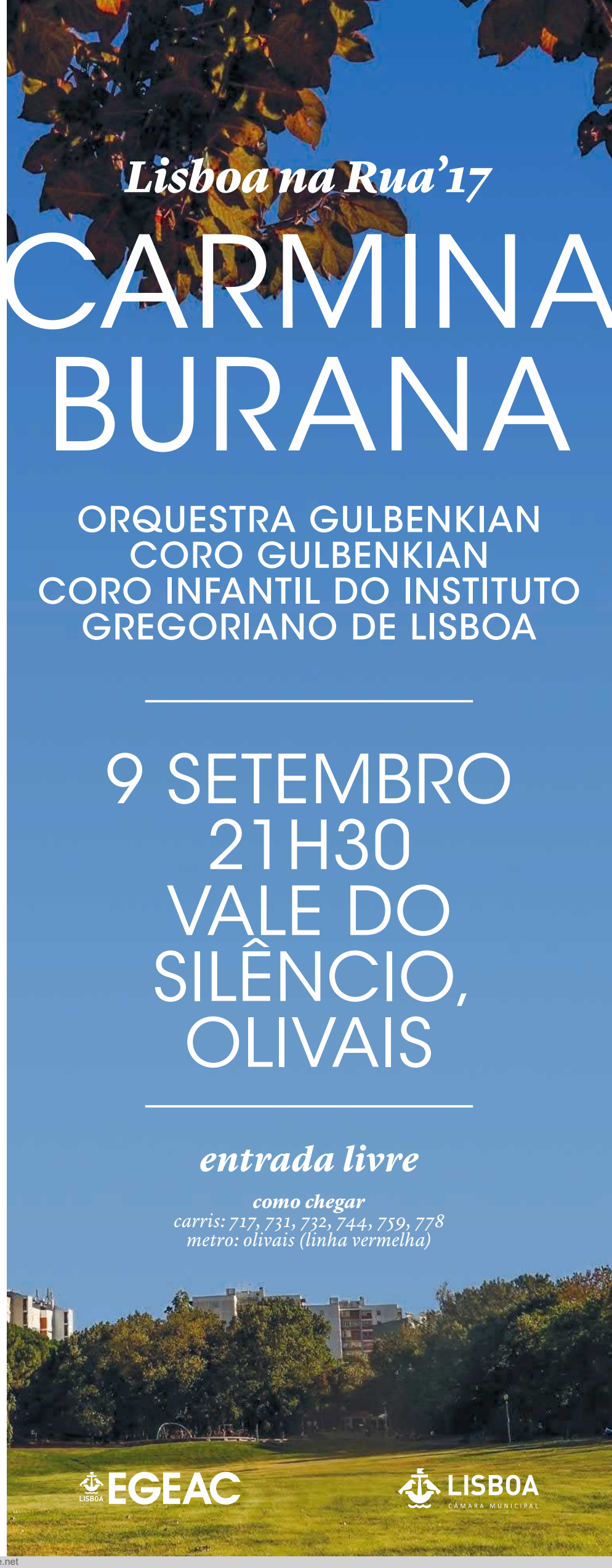
O ESSENCIAL SOBRE VERGÍLIO FERREIRA

Helder Godinho

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2017, 73 págs., €6

Ensaio

Terminada a leitura deste livro, fica-se com a sensação de que foi escrito sem grande brio, como quem cumpre mecanicamente um compromisso ou encomenda. Se a ideia era despertar o interesse de potenciais novos leitores de Vergílio Ferreira, a intenção ficou pelo caminho, ao mesmo tempo que defrauda as expectativas de quem, já conhecendo a obra do autor de "Aparição", pretende compreendê-la melhor. Helder Godinho é um especialista na obra de V. F., com vasta bibliografia 'vergiliana', e o seu conhecimento do tema não está em causa. O que se questiona é a adequação do seu discurso ao formato da coleção "O Essencial sobre...", cujo propósito consiste em oferecer, de forma sucinta, rigorosa e apelativa, a síntese de um determinado tema. Ora, esta abordagem à escrita de Vergílio Ferreira é tudo menos apelativa. Após um brevíssimo esboço biográfico, Godinho traça o percurso intelectual de V. F., sinalizando a passagem, logo nos primeiros livros, do neorrealismo ao existencialismo (após a leitura de Sartre e Hegel), bem como a noção de "romance-problema", a evolução de uma "arquipersonagem" que atravessa toda a obra (marcada pela busca de uma "presença ausente", reflexo de perdas concretas, inscritas na biografia do autor), um trajeto que parte da inquietude do contínuo questionamento para chegar a uma espécie de aceitação, nos romances finais, da "vivência simples na ordem universal". Pena é que esta panorâmica se perca numa prosa excessivamente densa, opacamente académica e estilisticamente descuidada, com ideias repetidas e linhas argumentativas confusas, funcionando em circuito fechado (a esmagadora maioria dos trabalhos citados são do próprio autor). Injustamente esquecido pelas gerações mais novas, Vergílio Ferreira merecia uma introdução ao seu universo que fosse estimulante e atrativa. Em vez disso, coube-lhe este mal amanhado estudo. Uma oportunidade perdida. / **JOSÉ MÁRIO SILVA**



Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Daniel Craig e Adam Driver em "Sorte à Logan" (à dir.), de Steven Soderbergh (em baixo, a dirigir Seth MacFarlane e Sebastian Stan no mesmo filme)

Eficiência saloia

O novo filme de Soderbergh é a versão pacóvia de "Ocean's Eleven"

TEXTO **VASCO BAPTISTA MARQUES**

Quatro anos após o anúncio da sua retirada do cinema, Soderbergh regressa com um filme de produção independente, que reata laços com a mais popular das suas obras. Entenda-se: o que "Sorte à Logan" nos propõe é, na verdade, uma espécie de versão *white trash* e 'desglamourizada' de "Ocean's Eleven", um *caper movie* provinciano onde a competência anda de mãos dadas com a vacuidade.

No centro do filme, está um dos membros da família de *losers* do título. Falamos de Jimmy Logan, um trintão da Virgínia Ocidental que pouco tem a que se agarrar: uma lesão no joelho que o força a coxear impediu-o de jogar na NFL; a sua ex-mulher trocou-o por um seboso vendedor de automóveis... Como se não bastasse, este pobre diabo sem qualidades notáveis tem ainda de percorrer diariamente centenas de quilómetros, para trabalhar nas obras de reparação dos túneis do autódromo de Charlotte, na Carolina do Norte. Não se estranhe pois que, quando o patrão o despede por motivos irrisórios, Jimmy sugira aos irmãos (um taciturno *bartender* maneta que combateu no Iraque e uma cabeleireira que anda sempre seminua) que embarquem com ele num projeto arriscado: o de assaltarem o cofre que está situado sob o autódromo, no dia em que nele se disputará uma corrida de NASCAR. De modo a consumarem o furto, os irmãos urdirão também um plano para, nesse dia, retirarem por algumas

★★

SORTE À LOGAN

De Steven Soderbergh

Com Channing Tatum, Adam Driver, Daniel Craig (EUA)

Comédia/Thriller M/12

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

horas da prisão um criminoso local, que — acham eles — é a peça-chave da operação.
O que daqui nasce é um *heist movie* em tom humorístico (mas, cujos *gags* são frouxos), que passa a vida a dinamitar as nossas expectativas: assim que pensamos que a coisa vai por fim dar para o torto, eis que um milagre providencial trata de assegurar a continuidade do assalto. A precisão mecânica com que o roubo decorre acabará por contagiar o próprio filme, que não pretende ser mais do que um relógio suíço perfeitamente calibrado (jogo de espelhos: a eficácia do furto reflete — deliberadamente? — a eficácia de Soderbergh).
De facto, embora evite seguir pela via mais fácil, recusando gozar de forma primária com as personagens (às quais carinhosamente empresta uma boa dose de esperteza-saloia), "Sorte à Logan" sobressai, apenas, pela extrema competência da sua realização. Ela quer-se a tal ponto escorreita e transparente, que recai na pura e simples neutralidade: sentimos sempre a falta de um ponto de vista claramente definido sobre a ação, que parece estar somente ao serviço das exigências de um exercício de género muito 'correto', mas, também, muito anónimo e pouco ousado (não há um único plano que se destaque do conjunto).
Tão preocupado está Soderbergh com a fluidez narrativa do filme, que se esquece do essencial: de desvincular as personagens das toscas caricaturas que o argumento lhes impõe, oferecendo-lhes um contexto e uma cultura que exista além do estereótipo. Com efeito, o que realmente queríamos saber é: quem são, afinal, aquelas figuras? Como vivem elas o seu quotidiano? Que imaginário as move? A estas perguntas, "Sorte à Logan" responderá da maneira mais fácil e mais pobre, dizendo-nos: são *hillbillies*, gostam de concursos de beleza, das canções de John Denver e de unhas de gel. Parece-nos — salvo melhor opinião — que não é dizer muito. Sobretudo, quando quem o diz é um cineasta que consegue fazer filmes destes com uma perna às costas. ●

Vinte anos de silêncio

Na sua curta anterior, a notável "A Story for the Modlins" (venceu o Curtas — Vila do Conde em 2012), Sérgio Oksman, cineasta brasileiro há muito radicado em Espanha, investigava a vida de Elmer Modling, um desconhecido ator secundário americano que passou em Madrid as últimas décadas da sua existência. O filme entrelaçava uma base verídica (Modling existiu de facto) com sugestões de ficção (lançadas pelo argumentista Carlos Muguiro), deixando-nos presos à dúvida: a história era real ou imaginada? Era as duas coisas. Em "O Futebol", primeira longa-metragem estreada em Locarno 2015 (e que o DocLisboa agora distribui em colaboração com o Cinema Ideal), o cineasta aprofundou o mesmo método e acrescentou-lhe um aspeto autobiográfico que sentimos estar perto do osso. É que o cineasta, que não pisava solo brasileiro nem falava com o pai há mais de vinte anos, decidiu retomar contacto com este, Simão Oksman, propondo-lhe acompanhar, em São Paulo, os jogos do Campeonato do Mundo de futebol que o Brasil acolheu em 2014. Se a paternidade faz o realizador regressar às origens, cedo se percebe também que há um gelo naquela relação: pai e filho, expostos para a câmara, são estranhos um para o outro. Esse constrangimento está no ecrã. O que é curioso em "O Futebol" é que, tal como em "A Story for the Modlins", este filme é uma ilusão, um trabalho sobre a verosimilhança. De futebol, mero pretexto para a reaproximação afetiva, quase nada se vê. Pai e filho são tanto figuras reais como personagens de um filme que começamos a perceber ter sido encenado por ambos desde o primeiro instante. O tempo que julgamos seguir pelas marcações do filme (o do campeonato, jogo a jogo, até à final) também não coincide com o tempo que os dois homens terão estado juntos, embora a montagem nos leve a acreditar nisso. Oksman projeta no presente resignado do filme um passado esquecido, memórias de infância comoventes em certas passagens, mas jamais há aqui terapia, psicologia — o filme autobiográfico anula-se. A história de "O Futebol", no fundo, conta-nos a tentativa de reconstrução de uma relação perdida que não chegou a acontecer na realidade mas que os artifícios do cinema tornaram

Sérgio Oksman (à dir.) com o pai, Simão Oksman, em "O Futebol"

★★★

O FUTEBOL
De Sérgio Oksman
Com Sérgio Oksman, Simão Oksman (Espanha/Brasil)
Documentário M/12

O CINEMA DÁ O QUE A VIDA TIRA

UMA LISTA CONSERVADORA

/ MANUEL S. FONSECA

1. A boa moral
Abomino, pelo aborrecido que me palpita ser, a ideia de um mundo libertino. Defendo, por amor ao insidioso pecado, o modelo conservador que Jean Renoir recomendava aos seus financiadores: "É do interesse dos produtores manterem um adequado padrão moral, sem o que os filmes imorais deixarão de vender."
2. A apetecível costureira
Em "Man Hunt", filme de Fritz Lang sobre um caçador inglês que queria matar Hitler, a heroína fazia o *trottoir*, se a expressão ainda diz alguma coisa. Os censores mostraram a Lang o cartão vermelho. "Tivemos de lhe pôr uma máquina de costura no quarto, para que parecesse uma modista e não uma puta", queixou-se Fritz. Abençoados censores: a máquina de costura, pedal, tampo e agulhas, conferem ao jogo de ancas da personagem uma duplicidade erótica que a mais santa puta não alcançaria.
3. Seda e jóias
Já andei de chinelos, calções rotos e flores no cabelo. Ainda hoje estremeço de vergonha a pensar nesses anos *hippies* — haja Deus que nunca desisti do banho diário. É verdade que Chaplin filmou a tão bonita Paulette Godard tisnada e pobre. Mas ela pisava como uma rainha, por jamais ter esquecido o conselho de De Mille: "Lembra-te que és uma estrela. Nunca atravesses a rua para despejar o lixo, a não ser que vás coberta de seda e jóias."
4. O bom gosto
É inevitável pecarmos. Mas nem todos reúnem os atractivos físicos ou os meios materiais para prevaricar com variedade e ardor — *hélas*! Resta-lhes a riqueza da imaginação. Homens e mulheres tiveram em Greta Garbo a amante de sonhos inconfessáveis. O jornalista Alistair Cooke redimiu-os desse pecado: "Ela dava-nos um consolo: já que a nossa imaginação tinha de pecar, ao menos que o fizesse com o mais irrepreensível bom gosto."
5. A coerência moral
Há lições morais no imoralíssimo "Design for a Living", de Lubitsch. Dois homens e uma mulher, lindos, cheios de humor, fazem um acordo de cavalheiros: sexo entre nós não. Mas há uma noite em que ela, Miriam Hopkins, está sozinha com um deles, Gary Cooper. Acende-se-lhe um fogo nada fátuo e já se revolve, provocadora, no tão bom sofá: "Bem sei que temos um acordo de cavalheiros — sussurra ela —, mas devo confessar que não sou um cavalheiro." A coerência moral talvez não seja um valor absoluto.

Manuel S. Fonseca escreve de acordo com a antiga ortografia

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Charlie Sheen em "9/11", um filme baseado numa peça de teatro

O cárcere do cliché

Na base de "9/11" está uma peça teatral de Patrick Carson ("Elevator", de seu nome). Nela — como no filme que a adapta — somos devolvidos à Nova Iorque do dia 11 de setembro de 2001, para seguir o suplício de cinco personagens (um abastado casal em processo de divórcio, um estafeta, um porteiro…) que, naquela manhã, se descobrem encurralados num dos elevadores do World Trade Center, sem saberem o que nós sabemos: que o estrépito que precedeu a paragem do elevador foi provocado pelo embate de um avião contra o edifício.

De modo a encenar o drama deste grupo de figuras, o argentino Martin Guigui abraçará a lógica teatral da peça, condensando o espaço e o tempo (um único *décor* central, um par de horas) e encerrando a câmara no elevador, para descrever as reações dos seus ocupantes à situação. Estamos perante um dispositivo cujo carácter claustrofóbico será atenuado por duas 'condutas de ventilação', isto é, pelo contacto que o grupo estabelece com a gestora dos elevadores do World Trade Center (que depressa os informará acerca da verdade dos factos), mas também por uma série de planos que reproduzem as imagens televisivas da tragédia e as reações dos familiares das personagens aos eventos. Neste ponto, o filme tem sérias dificuldades em libertar-se do *kitsch* do 11 de setembro, articulando imagens da colisão dos aviões contra as Twin Towers com uma banda sonora musical delicodoce e repetindo assim — em piloto automático — um movimento mil vezes realizado, à época, pelas estações de televisão de todo o mundo (que, como se sabe, adoram espetacularizar o trágico).

No entanto, mesmo quando a câmara de Martin Guigui permanece ancorada àquele exíguo elevador, as coisas não correm melhor. Desde logo, porque só muito raramente conseguimos investir a nossa fé na autenticidade das personagens, que compõem uma espécie de mostruário da diversidade racial da Big Apple (um latino, um negro, uma russa…). Na realidade, os seus atos e as suas palavras serão quase sempre tolhidos pela força gravitacional dos clichés e dos lugares-comuns: alguém acredita que, numa situação como aquela, cinco criaturas começariam de livre e espontânea vontade a contar as suas vidas umas às outras? Há, é verdade, um ou dois planos que nos ficam na memória (como, por exemplo, aquele que fixa o esforço das mãos de um bombeiro em missão de resgate), mas eles são a tal ponto esparsos que dificilmente chegam para justificar uma ida ao cinema. Uma última nota, ainda, para o *casting* do filme, que, num bonito gesto — deliberado ou não, pouco nos interessa —, volta a dar visibilidade a alguns atores (Charlie Sheen, Gina Gershon, Whoopi Goldberg…) que, de 2001 para cá, foram progressivamente caindo no esquecimento de Hollywood.

/ **VASCO BAPTISTA MARQUES**

[redacted]

★

9/11

De Martin Guigui

Com Charlie Sheen, Gina Gershon, Whoopi Goldberg (EUA)

Drama M/12

Ricas vidas

Em 2010, Michael Winterbottom teve a peregrina ideia de filmar Steve Coogan e Rob Brydon a percorrerem restaurantes gulosos e a divertirem-se com a viagem de turismo gastronómica que o primeiro deveria descrever nas páginas de um jornal britânico. Esse filme, que não tardou a cair no goto, chamou-se "The Trip" e tornou-se popular no cinema e na série de TV complementar. A um ponto tal que, quatro anos depois, lá foram os compinchas para Itália, em aventura semelhante, para mais seis repastos que arrancavam na Liguria e terminavam em Capri. Para quem não está familiarizado com o projeto, sublinhe-se que Coogan e Brydon, atores britânicos sobejamente conhecidos (mas não vedetas do *star system*, do qual até fazem pouco), respondem pelos seus próprios nomes, isto é, simulam ser eles próprios, diluindo a personagem no *cameo*. Este "A Viagem a Espanha" é o terceiro capítulo da empreitada. É pedido a Steve que dê continuidade à 'receita milagrosa', e este volta a desafiar o amigo Rob para uma viagem ao país de *nuestros hermanos*. Dito e feito: metem o Range Rover londrino num *brittany ferry* para Santander e dali, da Cantábria, rumam a leste, para o paraíso gastronómico que é o País Basco, descendo depois na península, de Rioja à Castela-Mancha de Dom Quixote até à Andaluzia. Tal como os tomos anteriores, "A Viagem a Espanha" poderia reduzir-se à fórmula do 'quanto mais espontâneo melhor'. É claro que não é bem assim (o resultado depende, e de que maneira, da inspiração do guião que o filme vai 'escondendo'), mas Coogan e Brydon têm estaleca suficiente para aguentarem a parada, fingindo que falam de tudo e de nada só porque lhes apetece. A vida dos dois homens é distinta: Coogan, solteirão, está livre para a aventura, fala de *affairs* e do envelhecimento; já Brydon deixou família e filhos pequenos em casa e, talvez por isso, parece mais tenso. Ao longo do *road movie*, estas diferenças vão-se sedimentando, e o par cresce com elas. Nem tudo o que cai no prato é iguaria, contudo. Sorri-se dos sonhos de Coogan com os Óscares (ele que foi nomeado em 2014 pelo argumento de "Philomena") ou das piadas que mencionam o facto de Mick Jagger ter sido pai aos 72 anos. Tudo desliza como faca em manteiga. Mas, no fundo, a ambição do filme também se queda aí, nesse *name dropping* incessante, nessa cansativa mecânica de referências mais ou menos inspiradas à vida dos famosos. O divertimento está lá, mas é superficial, a curto prazo. Quanto à gastronomia, francamente, pouco ou nada se aprende. Neste aspeto, o filme é um desperdício.

/ **FRANCISCO FERREIRA**

[redacted]

★★

A VIAGEM A ESPANHA

De Michael Winterbottom

Com Steve Coogan, Rob Brydon, Rebecca Johnson, Marta Barrio (Reino Unido)

Comédia M/12

Rob Brydon e Steve Coogan em "A Viagem a Espanha", de Michael Winterbottom

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

[redacted]

★

OS CRIMES DE LIMEHOUSE

De Juan Carlos Medina
Com Bill Nighy, Olivia Cooke, Douglas Booth (Reino Unido)
Drama/Thriller M/12

ESTREIA A segunda longa de Juan Carlos Medina instala-nos na Londres vitoriana do fim do século XIX, para seguir os passos de um velho inspetor homossexual da Scotland Yard (Bill Nighy), que é incumbido de dar caça ao *serial killer* que atua no bairro do título. Mas quando a mulher de um dos suspeitos (uma jovem vedeta do *music hall*, interpretada por Olivia Cooke) é acusada de ter assassinado o marido, o inspetor chamará a si a tarefa de provar que o seu alegado crime foi motivado pela descoberta da identidade do *serial killer* (que, nessa hipótese, seria o cônjuge já morto). Daqui nascerá um *procedural* que, destacando-se embora pela maquilhagem gótica que impõe às ruas de Londres (fotografadas em tons quase sempre escuros), deixa muito a desejar quanto à narração. De facto, não será preciso esperar muito até que esta adaptação de um romance do inglês Peter Ackroyd comece a multiplicar inutilmente os subenredos e as personagens para fazer render o peixe, e para preparar um desenlace que o espectador vê chegar com cerca de uma hora de antecedência (o que acaba por esvaziar o filme de tensão). Um exercício de género rotineiro, que não aquece nem arrefece. / **V.B.M.**

[redacted]

★

NEGRA SEDUÇÃO

De Benedict Andrews
Com Rooney Mara, Ben Mendelsohn, Ruby Stokes (Reino Unido/EUA/Canadá)
Drama M/16

ESTREIA Após uma noite de copos e *rough sex* com um desconhecido, uma mulher de vinte e oito anos, Una, percorrerá quilómetros de carro, até chegar a um armazém isolado. Aí, ela confrontará pela primeira vez o homem com o qual, no passado, teve um *affair* sexual impróprio: ela tinha treze, ele tinha quarenta, e a sua paixão acabou no tribunal, que sentenciou o adulto presente na equação a uma pena de quatro anos. Eis a premissa maior de um filme que parece estar equivocado acerca da sua própria natureza: todos os seus elementos narrativos chamam pelo *thriller* sexual, mas, em vez disso, ser-nos-á oferecido um estudo psicológico das personagens, onde a claustrofobia gerada pela condensação do espaço-tempo (quatro *décors*, um dia) é sabotada pelo constante recurso a subenredos inúteis e *flashbacks* explicativos. Pior do que isso é, porém, o modo como Benedict Andrews soterra as personagens sob sucessivas camadas de verborreia teatral (o filme é a adaptação de uma peça do escocês David Harrower), apenas para tentar camuflar o facto de não ter, um ponto de vista sobre a situação que retrata. É só garganta. / **V.B.M.**

ESTRELAS DA SEMANA

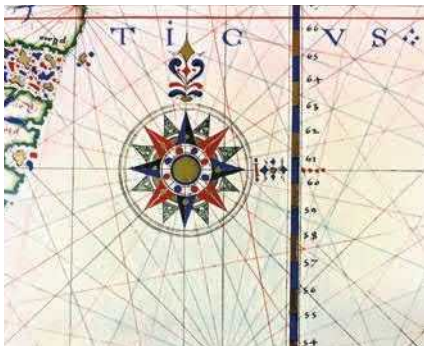
	Francisco Ferreira	Jorge Leitão Ramos	Vasco Baptista Marques
9/11			★
Barry Seal: Traficante Americano			★★
Como Cães Selvagens	●	★★★	●
Os Crimes de Limehouse			★
Os Desastres de Sofia	★		★★
Dia de Surf 2		★★	
O Futebol	★★★		
Índice Médio de Felicidade		★	
Mean Dreams: Sonhos Perdidos	★★		★★
O Meu Nome É Michael		★★	★
Sorte à Logan			★★
Stop Making Sense	★★★★		★★★★
Una — Negra Sedução			★
A Viagem a Espanha	★★		

DE ● MÍNIMO A ★★★★★ MÁXIMO

EXPRESSO

FUNDAÇÃO ORIENTE MUSEU

SETEMBRO
MUSEU DO ORIENTE



EXPOSIÇÕES

INAUGURAÇÃO | 28 SETEMBRO | 18.30
O MUNDO DE NORIO FUJISHIRO

ATÉ 24 SETEMBRO
DESTA CANÇÃO QUE APETEÇO
OBRA DISCOGRÁFICA DE JOSÉ AFONSO 1953/1985

ATÉ 22 OUTUBRO
LAÇOS - MAIS DO QUE VIAJAR
RETROSPECTIVA DE NUNO LOBITO

CURSOS E CONFERÊNCIAS

26 E 28 SETEMBRO | WORKSHOPS
ORIGAMI DOBRAS E BASES I E II

27 SETEMBRO | WORKSHOP
CALIGRAFIA JAPONESA

28 SETEMBRO | CONFERÊNCIA
RE-DISCOVER CHINA
THE PEOPLE, LAND, AGRICULTURE AND TRADITIONAL WISDOM
Pelo Prof. Ge Jianxiong
ENTRADA LIVRE

ESPECTÁCULOS

CICLO CONCERTOS A ORIENTE
DIRECÇÃO ARTÍSTICA GABRIELA CANAVILHAS

30 SETEMBRO | 21.30 | AUDITÓRIO
RECITAL COM GILDA OSWALDO CRUZ [PIANO]
Obras de Villa-Lobos, Chopin, Gagneux, Mignone

SERVIÇO EDUCATIVO

16 OU 23 SETEMBRO | OFICINAS
PROFISSÕES TRADICIONAIS ORIENTAIS
PARA CRIANÇAS [7-12 ANOS]

22 SETEMBRO | VISITA ORIENTADA
PATRIMÓNIO E NATUREZA
GRATUITA

23 SETEMBRO | ATELIÊ
UM TIGRE, DOIS TIGRES...
PARA BEBÉS [ATÉ 12 MESES]

29 SETEMBRO | VISITA TEMÁTICA
DICIONÁRIO DE CORES NA ÓPERA CHINESA
[M/16 ANOS]

mecenas principal NOVO BANCO
mecenas dos espectáculos Central Cervejas e Bebidas
seguradora oficial CARAVELA COMPANHIA DE SEGUROS

museudooriente.pt

CONTACTOS Av. Brasília Doca de Alcântara (Norte) | Tel. 213 585 200 | info@foriente.pt | **BILHETEIRA** Tel. 213 585 244 | bilheteira@foriente.pt

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Tele visão

Aqui nasceu a pornografia

A HBO pegou no nascimento da indústria pornográfica e transformou-a em série com James Franco como protagonista. "The Deuce" tem estreia mundial marcada para o TVSéries

TEXTO **JOÃO MIGUEL SALVADOR**

HBO

James Franco interpreta os gémeos Vincent e Frankie Martino em "The Deuce"

Conhecemos um homem que tinha tido um bar em Times Square nessa altura, no despontar da indústria pornográfica em Nova Iorque", conta George Pelecanos, cocriador de "The Deuce", que explica como tudo se precipitou e levou a que a série da HBO se desenvolvesse tão depressa. "Quem o trouxe até nós foi outro homem, o Mark Henry Johnson" — que trabalhou com a dupla formada por Pelecanos e David Simon em "Treme" (sobre os eventos posteriores ao furacão "Katrina", em Nova Orleães) — "mas recebemo-lo com alguma relutância porque não queríamos fazer uma história sobre porno". Talvez só achassem que não queriam, porque acabaram por fazê-la. Em declarações disponibilizadas ao Expresso, Pelecanos explica que tudo mudou depois daquela tarde e que souberam logo o que se seguiria. "Estivemos com ele durante algumas horas, saímos, e eu disse logo que havia alguma coisa aqui." E não se tratava apenas da vontade de criar uma história em torno de uma época. A história estava mesmo ali, diante deles. "Ele conhecia toda a gente, porque teve um bar onde ia todo o tipo de pessoas. E isso era algo pouco habitual para aquela altura." Na verdade, o espaço gerido por esta fonte histórica até era propriedade da máfia, mas "como ele era um bom homem de negócios puseram-no a gerir também outras coisas, como por exemplo salões de massagens, então ele tinha acesso a tudo." George Pelecanos e David Simon também passaram a conhecer ao pormenor o que estava relacionado com este mundo, mas por tempo limitado. "Acabámos por nos sentar com ele numa sala durante uma semana e depois ele morreu", conta Pelecanos. "Ele" era o homem que lhes mostrou tudo o que estava em causa

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

neste submundo nova-iorquino, mas "ele" nunca ganhou nome e esse é um dos segredos bem guardados da série. Era tempo de o projeto de "The Deuce" continuar a ganhar forma, com a realidade nova-iorquina a mostrar-se em todas as suas dimensões.

O brilho de Times Square ofuscava os que por lá passavam, mas era nas ruas em volta (42nd Street incluída) que grande parte da ação acontecia. Aquela zona de Nova Iorque tinha sido tomada pela prostituição e a segurança no local nem sempre era garantida, com a violência dos proxenetas sobre as prostitutas, o consumo de drogas e o posterior aparecimento do VIH a mancharem a vida daqueles que por lá trabalhavam (ou se divertiam).

Eram necessárias alternativas àquela vida e foi assim que nasceu a indústria da pornografia — e consequente luta pela sua legalização. No centro da trama estão os gémeos Vincent e Frankie Martino (interpretados por James Franco), donos de um estabelecimento noturno, e Eileen 'Candy' Merrell (Maggie Gyllenhaal), uma prostituta independente que olha para os filmes pornográficos como um escape à prostituição.

É exatamente aqui que tudo começa a mudar, com os irmãos Martino a criarem um bar em que juntavam outras atividades. O facto de terem funcionárias com roupas mais provocantes dava uma ajuda. Sem saberem, os Martinos estavam a dar uma nova vida a The Deuce — nome pelo qual era conhecida a 42nd Street, em Manhattan, entre os anos 1950 e 1980 —, mas este não era um lugar para fracos. O diabo morava ali e era preciso enfrentá-lo ou juntar-se a ele. A indústria dos filmes pornográficos parecia ser o caminho.

NA PELE DE DOIS GÉMEOS

James Franco foi o nome escolhido para protagonizar "The Deuce", numa proposta que trazia o desafio extra de dar vida a duas personagens. Apesar de semelhantes, tinham uma forma diferente de olhar para a vida e era necessário captá-la assim que possível. Era preciso distingui-las fora do *set* de filmagens, para que tudo o que acontecesse em cena fosse o mais real possível (mesmo que fossem necessários efeitos especiais para colocar os dois gémeos a contracenar). "O Vincent era o mais responsável, aquele que é baseado no homem com quem o George falou, e o Frankie é o degenerado, o jogador, que tem dívidas à máfia. O irmão tem de estar sempre a pagar-lhe fianças."

A responsabilidade de Vincent, que se esforça para pagar as dívidas de Frankie, acaba por chamar a atenção da máfia e é neste ponto que os maiores mafiosos de Nova Iorque lhe propõem uma missão. O homem que vive dentro da lei terá de fugir dela e tornar-se um pião de um jogo maior do que ele, enquanto gere os negócios daqueles que vivem do crime. Para James Franco, a trama de "The Deuce" não seria a mesma se não existissem as duas personagens — até porque também na vida real existiam dois gémeos —, mas o ator vai mais longe e explica a importância de a série contar as histórias dos dois irmãos.

"O Frankie não podia existir sem o Vincent", diz, concluindo que não seria possível "ter uma série em que Frankie estivesse no centro" porque "o Frankie só existe por causa do Vincent". Pode parecer confuso que assim seja, mas também está em causa o público-alvo para quem a série foi pensada. "Penso que um telespectador mais maduro vai perceber que é através do Vincent que se consegue o drama — é de onde se suga, emocionalmente, mais sumo —, porque é ele que esta a passar por tudo isto." Por oposição, James Franco considera que "Frankie não se preocupa com nada" nem se responsabiliza "por qualquer coisa que tenha feito, pelo que nunca poderia estar no centro" da narrativa.

A série dramática da HBO — protagonizado por James Franco e que conta ainda com Maggie Gyllenhaal, Gary Carr, Margarita Levieva, Lawrence Gilliard Jr., Dominique Fishback, Emily Meade e Gbenga Akinnagbe no elenco — tem estreia mundial marcada para este fim de semana. A transmissão da produção televisiva em Portugal acontece em simultâneo com os Estados Unidos e está marcada para a madrugada de amanhã para segunda-feira, pelas duas horas da madrugada. A transmissão da série em horário nobre acontecerá às segundas-feiras, pelas 22h50, e prolongar-se-á por oito semanas, sem que haja ainda luz verde para uma segunda temporada. ●

THE DEUCE
De George Pelecanos, David Simon
Com James Franco, Maggie Gyllenhaal, Gary Carr, Margarita Levieva (EUA)
TVSéries, estreia na madrugada de amanhã para segunda-feira, 2h
(Temporada 1)

FORÇADEPRODUÇÃO
FOI BOM, NÃO FOI?
Avenida Q
NOVA TEMPORADA
AVISO
A SAGRES NÃO PATROCINA ESTE ESPECTÁCULO!
AUDITÓRIO DOS OCEANOS
CASINO LISBOA
M/16
JOAQUIM MONCHIQUE
MAIS RESPEITO QUE SOU TUA MÃE!
de HERNÁN CASCIARI
TEATRO SÁ DA BANDEIRA
14 SET A 22 OUT
FILHO DA TRETA
JOSÉ PEDRO GOMES e ANTÓNIO MACHADO
DESPEDIDA DE LISBOA
TEATRO VILLARET
TERÇAS E QUARTAS
M/16
m80 Lux mac CEMUSA publiroda publitaxis eps
BRAND DIGITAL EGEAC SP etic

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

James Murphy, 47 anos. Depois de vários anos de silêncio, os seus LCD Soundsystem regressam com estrondo

A festa depois da festa

Como fintar o fado e voltar com fome. A magistral lição dos LCD Soundsystem em 2017

TEXTO **LUÍS GUERRA**

★★★★★

AMERICAN DREAM
LCD Soundsystem
Columbia/Sony

Jarvis Cocker, um dos grandes, sabe da lide como poucos. Depois de mais de 15 anos na penumbra, entrou pelo salão de festas adentro e fez daqueles anos 90 da Inglaterra de fato de treino o palco do seu teatro pop voyeurístico. Levou consigo os casacos em segunda mão, os óculos de massa e o calor de alcova de um trintão maroto. O malabarista de cintura fina dos Pulp era um astro pop por estrear, guardado para aquele momento. E, naquele momento, estava toda a gente à espera do número de Jarvis Cocker, o prestidigitador. "Aah, sing your song about all the sad imitations that got it so wrong/ It's like a later 'Tom & Jerry' when the two of them could talk/ Like the Stones since the Eighties, like the last days of Southfork", deixou em jeito de epitáfio numa "Bad Cover Version" que punha termo ao percurso discográfico dos Pulp em 2002. Antes 'morto' do que mau.

Tal como Jarvis Cocker em 1995, também James Murphy já tinha passado dos vintes quando 'Losing My Edge', a reflexão de um homem aterrorizado pela sua inadequação à contemporaneidade, aterrou sob a bola de espelhos da primeira década do século XXI. "Uma banda sobre uma banda a fazer música sobre fazer música" — a tirada é lapidar — transformou-o, nos cinco anos que vão do primeiro álbum de LCD Soundsystem a "This Is Happening" (2010), num 'profeta' desses tempos: Murphy era um homem capaz de narrar a ansiedade do agora, sem escapes, com medos. Estávamos à espera dele. O fim dos LCD Soundsystem, em 2011, foi um plano perfeito. Murphy não acreditava na manutenção da sua relevância e marcou uma despedida pomposa que resultaria num documentário ("Shut Up and Play the Hits"), desenlace desenhado com a obsessão do *micromanagement* ("um mal que aflige organizações e destrói carreiras", responde o Google). O plano perfeito esboroou-se quando, há dois anos, Murphy anunciou inesperadamente o regresso ("Não quero ser como o Sting que, para não ter de tocar com o Andy [Summers] e o Stewart [Copeland], passou a tocar jazz", disse ao "Guardian"). Ora bolas. Cortando a direito, a reunião 'condenada' é, depois de deglutido "American Dream", uma grande notícia de 2017. E não, não está aqui uma nova banda ou, para retirar desde já algum manto de mistério, o futuro. "American Dream" é tão LCD Soundsystem que há, desde o primeiro martelar de teclas de 'Oh Baby', uma sensação de familiaridade. O temor dissipa-se pelo efeito quase milagroso de superação do que está para trás, carregando-se na densidade emocional, travando-se na recompensa instantânea, distribuindo-se graciosamente canções que — novamente — tratam os detritos do dia a dia com inteligência. Dentro de "American Dream" está um autossuficiente James Murphy que recupera o *cowbell* numa 'Other Voices' de esplendor punk-funk; que mergulha no David Bowie *funky* de 'Fashion' em 'Change Yr Mind'; que põe Alan Vega a conversar com Bowie ('fantasma' repetido) em 'Black Screen'. E que, num álbum tão longo (68 minutos) como empolgante, se dá ao luxo de embarcar numa sequência de quase meia hora, repartida por quatro temas que comunicam entre si: 'How Do You Sleep', terror gótico do fundo do poço a digladiar-se com uma fria pop eletrónica; 'Tonite', engenho de propulsão seca; 'Call the Police', um épico que qualquer banda com pretensões de urdir um clássico pop (U2?) se desunharia para fazer hoje; o tema-título, balada electro com caixa de ritmos, o Rivotril depois da insónia. "American Dream" não é uma imitação; é o original a partir do qual o passado dos LCD Soundsystem se erigiu. Isto está tudo ao contrário — e, afinal, é assim que está bem. ●

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

FRANCESCA PFEFFER

Aruán Ortiz cruza ritmos afro-cubanos com jazz e música erudita

Cubismo cubano

Subindo ou descendo um degrau, Jesús Alemañy esticava bem os braços e fazia sucessivos enquadramentos com as mãos. Estávamos numa coxia do Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, em 1999, e o líder dos Cubanismo verificava a disposição em palco dos seus músicos durante o ensaio. "Isto não é muito diferente da pintura", dizia-me. "Olho para as secções da orquestra como se fossem cores numa paleta: os sopros ali, o piano acolá, o par de bailarinos ao centro. É o mesmo que representar volumes coloridos numa superfície plana. E, depois, na hora do concerto, tudo ganha vida com o som." Como numa composição cubista, sugiro, algo inutilmente. "Pois claro", responde. "Um cubismo cubano." Agora, através da intromissão de um discreto parêntese no título deste seu CD, é a vez de Aruán Ortiz se socorrer da analogia, remetendo para a obra de Wifredo Lam, arauto da arte afro-cubana. Aliás, em termos afetivos, dir-se-ia, até, que este "Cub(an)ism" evoca a geração de Nicolás Guillén, Alejo Carpentier ou Emilio Ballagas, herdeira do modernismo finissecular, dada à observação dos escritos de Fernando Ortiz e que teve, na música, Amadeo Roldán e Alejandro García Caturla como expoentes. Bastará lembrar o que, em "Music in Latin America and the Caribbean", escreveu Malena Kuss acerca dos dois: "Ao jeito dos cubistas, trataram de agrupar e justapor padrões rítmicos e blocos tímbricos como se fossem formas abstratas, estilhaçando o que na música tradicional se enunciava de modo contínuo." Também Aruán Ortiz descontextualiza materiais, apropriando-se de marcadores encontrados na semântica da rumba ou da tumba, por exemplo, e colocando-os lado a lado com os do serialismo e indeterminismo. Há estruturas que se contraem, outras que se expandem, alusões a motivos familiares, mas não se busca tanto o transe quanto a transição: o piano, como diria Lorca, tornado uma "harpa de troncos vivos". / **JOÃO SANTOS**

★★★★

CUB(AN)ISM — PIANO SOLO
Aruán Ortiz
Intakt/Distrijazz

★★★★

THE COMPLETE ARGO RECORDINGS
The Choir of St John's College, George Guest (d)
42 CD Decca

Quando George Guest morreu, em 2002, o seu obituário no "The Guardian" trazia à lembrança um "homem de exuberante riqueza — um nacionalista galês, a viver em Cambridge, que revolucionou a forma de se interpretar música francesa por intermédio de um dos maiores coros ingleses". Aprecia-se o guisado de aparentes contradições, na frase, mas nada é assim tão simples nem tão complicado. No entanto, a referência à sensibilidade gálica do coro de St John's College, da Universidade de Cambridge, que Guest dirigiu por quatro décadas, é absolutamente certeira, conquanto pudesse tê-la o artigo localizado num contexto mais competitivo, comparando-a, por exemplo, com a prática de um coro rival, como o de King's College, em que nos anos 60 se cantavam línguas vivas como se provocassem abcessos dentários. Era um coro muito mais humano, o de St John's, por vezes gerando todo o tipo de perplexidades, como naquele instante irrepetível, em 1974, em que grava o "Requiem" de Maurice Duruflé, na versão para coro e órgão (com Stephen Cleobury), de modo a abalar o próprio espaço-tempo, eras medieval e coetânea subitamente transformadas noutra coisa qualquer, sob influência de feitiços. Será um dos pontos altos da presente integral, não obstante gostos mais canónicos procurarem antes conforto nas missas de Haydn acompanhadas pela Academy of St Martin in the Fields, de Neville Marriner: a "Theresienmesse", a "Harmoniemesse", a "Heiligmesse", a "Schöpfungsmesse" e a "Paukenmesse" — registos de tal maneira exemplares que o primeiro-ministro inglês Edward Heath decidiu oferecê-los a Paulo VI na sua visita ao Vaticano de 1972, adquirindo o último deles, mais conhecido por "Missa em tempo de guerra", e tendo em conta o assunto na agenda (o conflito na Irlanda do Norte, no ano do Domingo Sangrento), uma ressonância atual. É uma sensação extensível a muito do que se reúne aqui, com cerca de 400 anos de música (de Tallis a Britten e de Palestrina a Langlais) encerrados numa cápsula multivitamínica. / **J.S.**

A DESARMONIA DAS ESFERAS

DESPERTAR

/ JOÃO LISBOA

Desde há anos que os R.E.M. (via Peter Buck) e as Sleater-Kinney (via Corin Tucker) alimentavam uma discreta sociedade de mútua admiração. Tanto assim que, logo a seguir ao *harakiri* do grupo de Michael Stipe, em 2011, e durante a suspensão de atividades das pós-*riot grrrls* de Olympia, entre 2007 e 2014, Buck e Tucker começaram, sem demasiada pressa, a reunir as peças para o que, sob o nome de Filthy Friends, haveria de ser a mais recente encarnação de uma das assombrações da história do rock: o 'supergrupo'. Acolheriam a bordo Scott McCaughey, Bill Rieflin (antigos *compagnons de route* dos R.E.M.), Kurt Bloch (veterano da cena alternativa de Seattle), e, episodicamente, Krist Novoselic (Nirvana). Se, de início, o pretexto era o de atuar como banda de *covers* de David Bowie — e foi nessa qualidade que, em janeiro do ano passado, uma semana após a morte de Bowie, se apresentaram no Todos Santos Music Festival, anualmente organizado por Peter Buck na Baja California —, ainda em 2012, Buck e Tucker tiveram uma visão do futuro e ele era assustador. E, meio século depois de Dylan, decidiram-se a escrever a 'The Times They Are a-Changin'' contemporânea. Só a publicariam, porém, em 2016, no último mês da campanha presidencial, no *site* "30 Days 30 Songs — Musicians for a Trump Free America", declarando: "Já antes de Trump anunciar a candidatura, apercebemo-nos de quanto o país estava a mudar cultural e politicamente. A realidade é ainda mais feia e desanimadora. Desejamos de todo o coração poder dizer *adiós* a Trump no dia da eleição." Como bem o sabemos, não puderam. Mas, agora que os Filthy Friends publicam o primeiro álbum ("Invitation"), na voz de Corin — algo entre Grace Slick e Patti Smith —, 'Despierta' soa, paradoxalmente, ainda mais poderosa: "Despierta, senador, the time is nearly here, the gold watch strapped around your wrist must have stopped some time ago, the day is fading quickly and the hour is nearly here, the whitest chalk upon this land is about to disappear, holding onto the past won't make it repeat, it's time to get up, I think you're in my seat (...), your time is over, your power's peaked, adios, senador, I have come to get the keys." Será, inevitavelmente, a bandeira que irá à frente num desfile de 12 belíssimas canções sobre as quais, naturalmente, a sombra dos R.E.M. paira. Mas também as dos Television, dos T. Rex ou dos Pixies contribuem para que, neste caso, 'supergrupo' deva ser lido literalmente. ●

lishbuna@gmail.com

INVITATION
Filthy Friends
Kill Rock Stars/Popstock

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Dois dias de fado para dar e vender

O fado, dizem, nasceu em Lisboa, lá para os lados de Alfama. Pelo menos, é lá que sempre se cantou e que sempre encantou. Nas próximas sexta-feira e sábado, dias 15 e 16, o festival Caixa Alfama regressa às suas ruas. São dez palcos a receber mais de 40 fadistas em dois dias. Cartaz cheio, portanto, com Gisela João, António Zambujo e Marco Rodrigues a abrilhantar a festa no palco principal. Mas há muito mais. Destaque para os concertos dos irmãos Pedro e Helder Moutinho, na noite de dia 15, no Palco Santa Casa, que também recebe, no dia seguinte, a atuação de Alexandra, Rodrigo Costa Félix e Bárbara Santos. No Largo do Chafariz de Dentro há violas e guitarradas com concertos de Luís Guerreiro e Pedro de Castro, na sexta-feira, e de José Manuel Neto e Paulo Soares, no sábado. Músicos como Diogo Clemente e Miguel Ramos, no Palco Ermelinda Freitas, atuam também na sexta-feira. Ainda no mesmo palco mas no sábado, há fado a sério e um pouco mais alternativo para ouvir. São concertos de Paulo Bragança, Edu Miranda Trio e o Júlio Resende Fado Ensemble. Filipa Cardoso e Carolina atuam no Palco Amália, no auditório Abreu Advogados, na sexta-feira, e Ana Sofia Varela dá vida ao mesmo palco, no dia seguinte. Este ano, a programação do palco do Grupo Sportivo Adicense está nas mãos de quem melhor conhece os fadistas do bairro de Alfama, a própria Junta de Freguesia de Santa Maria Maior. Esperam-se duas noites em que o lado mais bairrista do fado surge num espaço cheio de passado. A 15, a jovem Ana Marta, uma filha de Alfama, partilha o palco com Jaime Dias, uma voz bem conhecida de todos aqueles que vivem o fado no terreno. E, na mesma noite, também sobem ao palco os fadistas Pedro Galveias e Vera Monteiro. O primeiro traz na bagagem um disco novo editado este ano e a segunda promete mostrar porque é uma das vozes mais promissoras da atualidade. Já no dia 16, a responsabilidade fica a cargo de Vítor Miranda e Henriqueta Baptista, artistas que aliam a garra à experiência. Nota ainda para os concertos de Gonçalo Salgueiro e Maria Ana Bobone, no sábado, na Igreja de São Miguel. / **ALEXANDRA CARITA**

CAIXA ALFAMA

Vários locais, Alfama, Lisboa, dias 15 e 16
www.caixaalfama.pt

RITA CARMO

Gisela João atua sábado à noite no Palco Caixa, o mais importante do festival

FESTIVAL CANTABILE

Fundação Calouste Gulbenkian, Museu do Dinheiro, Lisboa, e Palácio Nacional de Sintra, de 14 a 16. Entrada livre

Vamos para um festival que já se encontra com uma boa rodagem, entrando agora na sua oitava edição e tendo visivelmente conquistado uma assistência regular que, desta feita, usufruirá de três espetáculos de entrada livre. Não é um 'navio' gigantesco a atrair milhares de 'passageiros', tratando-se de um curto festival com programas muito criteriosamente selecionados no seu trio de concertos. O primeiro dos espetáculos do Festival Cantabile está marcado para a noite de quinta-feira (Auditório da Fundação Gulbenkian, às 21h) com um programa festivo e generoso onde se encontram o "Concerto para oboé e violino BWV 1060" de J. S. Bach, o "Concerto para viola, coro e orquestra" ("Styx") do compositor georgiano Giya Kancheli e ainda o "Concerto para violino, violoncelo e orquestra em Lá menor Op. 102" de Brahms. Estabelecida a parceria com as equipas do Goethe Institut e a da Fundação Gulbenkian, a diretora artística do festival criado em 2010 é a violetista alemã Diemut Poppen (Munster, 1960) — na foto —, uma aluna de mestres ilustres como Yuri Bashmet, Bruno Giuranna e Peter Schidlof do Amadeus Quartet. O festival prossegue (sexta, Sala dos Cisnes do Palácio Nacional de Sintra, 21h30) com as "Variações Goldberg" de Bach interpretadas em versão para trio de cordas. Para o último concerto está agendado um programa onde se encontra a "Serenata nº 10 em Si bemol maior KV. 361, Gran Partita" de Mozart e também o "Sexteto para cordas Op. 4" ("Noite Transfigurada"), de Schoenberg (Museu do Dinheiro situado no edifício do Banco de Portugal, dia 16, 21h). Desta forma, o festival despede-se do público com a afamada peça composta em 1899 pelo compositor vienense que se inspirou no poema germânico "Verklärte Nacht" de Richard Dehmel. Ao longo de 30 minutos, verso a verso, a partitura segue a inquietação do poema, escutando-se, através das metáforas musicais, como dois amantes se metamorfoseiam, ao caminharem numa sublime noite cintilante. / **ANA ROCHA**

TOMÁS MONTEIRO

FESTIVAL MONTEVERDI

CCB, Lisboa, de 14 a 17

Claudio Monteverdi foi, 'só', o pai da ópera. E se em termos de revoluções isso não bastasse, compôs também alguns dos mais belos madrigais de todos os tempos. Nasceu em Cremona, em 1567 — há 450 anos que não podem deixar de ser celebrados. É isso que está a fazer o CCB, com um programa dedicado à sua música e outro integrado no ciclo de literatura e pensamento. Para o primeiro, convidou-se o agrupamento que mais tem investido na interpretação das suas obras: La Venexiana, ao qual irão juntar-se o Officium Ensemble, o Coro Ricercare, o Ludovice Ensemble e o Olisipo Grupo Vocal para três dias de concertos que começam esta quinta-feira, às 21h, com o Ludovice a tocar as "Vésperas de Nossa Senhora". Esta obra monumental, que Monteverdi escreveu em 1610, ainda em Mântua, viria a ser tocada na Basílica de São Marcos, em Veneza — e é este o ambiente que o Grande Auditório do CCB tentará recriar. No dia 16, às 20h, apresenta-se "Orfeu", a primeira obra catalogada como ópera, composta em 1607 para a corte de Mântua. São cinco atos e um prólogo sobre o mito grego de Orfeu, com libreto de Alessandro Striggio. Cabe aos italianos de La Venexiana, conduzidos por Davide Pozzi, levá-los a bom porto, ao lado de um elenco com nomes como Riccardo Pisani, Emanuela Galli e Sophia Patsi. Por fim, oito concertos em dois dias — 16 e 17 — é quanto basta para a execução dos oito livros de Madrigais, que congrega o Coro Ricercare, o Grupo Vocal Olisipo, o Officium Ensemble e La Venexiana em torno desse objetivo comum. Estas peças de puro artesanato musical, criadas entre 1587 e 1638, atravessam quase toda a vida do compositor. Do outro lado desta programação estão as conferências proferidas por Miguel Santos Vieira ("O Mito de Orfeu na Literatura e na Música", às segundas-feiras, dias 11, 18, 25 e 2 de outubro) e por Maria Alzira Seixo ("O Barroco na Literatura", às terças-feiras, dias 10, 17, 24 e 31 de outubro), sempre às 18h. / **LUCIANA LEIDERFARB**

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

MARCELO MACHUCA

Isabel e Tita Parra, acompanhadas pelos músicos Greco Acuña e Juan Antonio Sánchez

Parra canta Violeta

Cem anos depois, ela é ela. E mais ninguém. O seu nome continua ligado às raízes de uma música que só conhecemos graças ao seu impulso e curiosidade. Falamos de Violeta Parra, "La Violeta", essência musical do Chile, que esquadrinhou os recantos mais remotos do país para esclarecer o seu som, as notas que sempre estiveram lá, o timbre que se cola àquela terra como a voz a uma pessoa. E a que soa o Chile de Violeta? Aos circos populares, à guitarra que aprendeu com os pais, no campo da sua infância; à investigação sobre o folclore empreendida nos anos 50, que lhe renova o repertório e a torna pioneira na interpretação de um cancioneiro até então pouco valorizado. Curiosamente, cem anos depois da sua morte trágica, tudo o que Violeta fez em vida continua atual. "Vigente é a palavra usada no Chile para descrever a sua obra", diz ao Expresso a neta Tita Parra, ao telefone desde Paris, onde está em digressão com a sua mãe, Isabel Parra. A próxima paragem será Portugal — Lisboa na terça-feira e Loulé na quinta —, para dois concertos em homenagem à pessoa "genial" que foi a avô.

"A atualidade de Violeta tem que ver com a lucidez com que abordou os problemas do seu país — a injustiça social, a desigualdade —, que ainda continuam. A América Latina continua, mais do que nunca, a precisar de Violeta Parra. É um continente abandonado, à mercê de interesses alheios às pessoas. Não são ditaduras militares, mas de pensamento, de educação, de propaganda e de controlo", prossegue Tita Parra.

Isabel Parra, filha de Violeta, dá-nos um retrato do que foi crescer sob a sua influência: "A minha mãe era uma mãe normal, que se preocupava connosco, com o sustento do lar, e por outro lado compunha a sua música, bordava as suas tapeçarias e pintava os seus quadros. Era a mesma pessoa, que fazia sozinha todos os trabalhos domésticos e que encetava os projetos artísticos com a mesma cabeça, as mesmas mãos, o mesmo coração." As recordações, diz Isabel, são "infinitas", mas são mais do que isso: "São situações de tal forma marcantes que nos fazem seguir um caminho similar."

De facto, tanto Tita como Isabel seguiram os passos de Violeta Parra. São cantautoras que se movimentam no mesmo espectro musical. "Em geral, os filhos de músicos não têm grande apoio em casa. Os pais nem sempre querem que os filhos também sejam artistas. Violeta era justamente o contrário: estimulou-nos de forma permanente, para que aprendêssemos com ela. E a minha filha desde muito nova foi integrada neste grupo familiar estranho, que fazia digressões, concertos, que viajava e gravava discos. Sempre em família — isso espelha o modo como Violeta foi criada, sempre a cantar com os irmãos", diz Isabel. Em família também ouviremos as suas canções — quem não se lembra de 'Gracias a la vida'? — num concerto que, segundo Tita, é "uma síntese o mais rica possível" do trabalho das três Parras. / L.L.

ISABEL E TITA PARRA — CONCERTO PARA VIOLETA PARRA

CCB, Lisboa, terça, 21h; Cine-teatro Louletano, Loulé, quinta, 21h30

Instituto Confúcio
da Universidade de Lisboa

Cursos Livres de Chinês

Início a 09 de outubro
Ano letivo 2017/18

Novos Cursos

Curso de Chinês para a área Empresarial (Business Chinese)
(120 horas - 450 euros)

Curso de Chinês para a área de Turismo (Tourism Chinese)
(1.º semestre - 60 horas - 300 euros)
(2.º semestre - estágio na China, na cadeia de hotéis Marriott)

Curso Básico 1
Curso Básico 2
Curso Intermédio 1
Curso Intermédio 2
Curso Avançado 1
Curso de Língua e Cultura Chinesa
(120 horas - 375 euros)

Calendário de Aulas:
09 out. 2017 - 02 fev. 2018
19 fev. 2018 - 29 jun. 2018

Férias:
Natal; Carnaval; Páscoa
18 dez. 2017 - 02 jan. 2018
26 mar. 2018 - 30 mar. 2018

mais informações: www.confucio.ulisboa.pt

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA | INSTITUTO CONFÚCIO 里斯本大学孔子学院

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Imagem de "Ato 2 — Resistir" da "Trilogia Antropofágica"

NACHO CORREA

Canibalismo amoroso

A antropofagia como possibilidade de relacionamento com 'O Outro' no regresso de Tâmara Cubas

TEXTO **CLAUDIA GALHÓS**

O que fazemos com o que amamos e queremos possuir?" A questão chega do Uruguai, pela voz da coreógrafa Tamara Cubas, ao Skype com o Expresso, que está de volta a Lisboa com mais uma proposta mal comportada para desestabilizar ideias feitas. Em 2014, no Próximo Futuro (Gulbenkian), apresentou "Puto Gallo Conquistador". Era então programador António Pinto Ribeiro, o mesmo que a traz de volta, agora no contexto da Lisboa, Capital Ibero-Americana da Cultura 2017, de que é coordenador-geral. A conversa é sobre "Trilogia Antropofágica", três peças que Tâmara apresenta no São Luiz.

A voz vibrante de Tâmara carrega uma experiência de vida no coração da turbulência política, com a ditadura, o exílio em Cuba e a história de família com episódios de desaparecimentos. Nasceu em 1972 e diz que faz parte de uma geração de transição: "A anterior tinha ideia de futuro, de utopia e coletividade" e uma outra que há de vir. Nesse estado intermédio, interroga "como se formula o coletivo constituído de heterogeneidade". A sua experiência é de vida numa imposição de "homogeneidade". Interroga ainda como se articula o presente. Um hoje sistematicamente interrompido por esse passado dos que desapareceram, que "é mais forte do que qualquer coisa que façamos". Prossegue: "Perdemos muito quando fomos colonizados. Não temos indígenas, não temos língua, não temos cultura. O que aconteceu foi um 'epistemicídio'. Esta é a maior destruição, o arrasar uma forma de conhecimento profundo." Por tudo isto, Tâmara procura "uma língua que já não existe e uma forma de conhecer o mundo". Desse caminho de investigação poética artística e do viver chega à "Trilogia Antropofágica". Inspirou-se na teoria de Suely Rolnik (psicanalista e crítica de arte brasileira) sobre a "antropofagia" e encontrou nesta "uma possibilidade de relacionamento com 'O Outro', que está do outro lado, que é colonizador, que hoje pode ser 'colonialismo capitalista'." Os atos antropofágicos são, assim, "processos de relacionamento amoroso com 'O Outro'". Para Tâmara, neste caso, 'O Outro' consta de três peças de dança, de coreógrafos brasileiros, pelas quais se enamorou. O primeiro, que corresponde ao "Ato 1 — Permanecer" (dias 15 e 16), tem por inspiração "Vestígios", de Marta Soares. O segundo, "Ato 2 — Resistir" (dias 19 e 20), parte de "Matadouro", de Marcelo Evelin. O "Ato 3 — Ocupar" (dias 23 e 24), a estrear, debruça-se sobre "Pororoca", de Lia Rodrigues. No final, o que procura é algo que não é identificável com a obra original e também não é uma expressão pessoal. "É isso que procuravam os índios quando faziam o ritual de antropofagia. Eles reconhecem que o outro os pode modificar. Está relacionado com reconhecer a possibilidade de afetação desse outro em você." As peças podem ser vistas individualmente ou como um todo. Tâmara apresenta: "No 'Ato 1' há um chão de carvão, é um lugar onde tudo está queimado. O 'Ato 2' seria como um passo anterior, em que está tudo coberto de madeiras, com cinco *performers* e um cão, que fazem um percurso de um lado ao outro à procura de um corpo selvagem. No 'Ato 3' fazemos um muro com as mesmas madeiras do 'Ato 2'. Se for visto do fim para o princípio tens um muro, as madeiras no chão e, por fim, vês tudo queimado." Qualquer que seja a ordem, ainda estamos antes de tudo isso: o que fazer com o amor? ●

TRILOGIA ANTROPOFÁGICA
De Tâmara Cubas
São Luiz Teatro Municipal, Lisboa, de 15 a 24

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

MIGUEL MARES

ADOECER

A partir de Hélia Correia

CCB, Lisboa, de 15 a 18; Vale dos Barris, Palmela, de 5 a 15 de outubro

Os pré-rafaelitas eram um grupo de artistas que tiveram o seu momento fundador em 1848, e do qual Dante Gabriel Rossetti era um dos membros mais proeminentes. As suas ideias essenciais provinham de uma reação contra a pintura de Rafael e de Miguel Ângelo, que viam como uma maneira demasiado artificial, falsa mesmo, de criar artisticamente. Preconizavam um retorno ao natural a partir de uma observação cuidada da natureza, e uma revisão da paleta de cores, que pretendiam mais vibrantes, mais 'naturais', mais perto daquilo que a realidade para eles era. Contudo, há neles uma grande parte não apenas daquilo que julgavam ser realismo, como de uma sensualidade que chocou muita da sociedade e dos artistas da época. Elizabeth Siddall, mais tarde Siddal, apenas com um 'l', vinha de famílias muito modestas, e trabalhava numa loja de chapéus. Foi também a modelo do quadro de Millais "Ofélia", de 1852. Rapidamente se tornou não apenas a modelo preferida de Rossetti, como sua amante; casaram-se em 1860. É a partir dela que Hélia Correia escreve o seu livro "Adoecer", e que Miguel Jesus cria o espetáculo com o mesmo nome. As palavras de Hélia Correia foram o que primeiro atraiu o encenador, e a doença referida na obra — ou melhor, no livro e no espetáculo — é vista como aquilo que, na criação artística e na própria vida de todos os dias, desafia o que está demasiado regulamentado, organizado, quase que espartilhado. Se Lizzie Siddal está no centro da obra, a doença como metáfora para aquilo que desafia as regras estabelecidas também lá está. Interpretam Catarina Câmara, Miguel Moreira e Sara de Castro. / **JOÃO CARNEIRO**

DIDIER CRASNAULT

FESTIVAL MATERIAIS DIVERSOS

Vários locais, Minde, Alcanena, Cartaxo, de 14 a 23

"Encontramo-nos na esperança de partilhar o mundo imaginado, entre entendimentos e diferendos, para nos transformarmos em ambos os sentidos e em novas direções." É assim que Elisabete Paiva, diretora artística do Festival Materiais Diversos, entende este acontecimento, que vai na nona edição. A arte, na sua múltipla expressão, é a plataforma desse encontro, vivenciada a partir de perspetivas e lugares muito distintos, seja enquanto artista, espectador, participante... A proposta de abertura, "O Gatilho da Felicidade" (na foto, criação de Ana Borralho & João Galante, Cine-Teatro São Pedro, Alcanena, quinta-feira), é concretização desse gesto de aproximação: 12 jovens do concelho de Alcanena partilham as suas histórias e interrogações, fazendo da sua experiência de viver íntima o texto deste espetáculo. No calendário incluem-se duas estreias — "Nova Criação", de Filipe Pereira e Teresa Silva (Centro Cultural do Cartaxo, sexta), e "Antropocenas", de Rita Natálio e João dos Santos Martins (Centro Cultural do Cartaxo, dia 22) —, peças de criadores estrangeiros, como "55", de Radouan Mriziga, de Marrocos (Fábrica de Cultura de Minde, dia 16), ou "Folk-s", do italiano Alessandro Sciarroni (Centro Cultural do Cartaxo, dia 16). E há muitos mais nomes, como Marco da Silva Ferreira, Lígia Soares, Teatro do Vestido... A festa faz-se assim de espetáculos que, de modo diverso, interpelam o espectador enquanto cidadão, mas também de um conjunto vasto de atividades paralelas, que abrem outras portas de acesso a uma arte que respira vida: é o caso das aulas diárias, em diferentes espaços, de dança, teatro, ecologia ou corpo e voz; é o caso também da exibição de filmes com conversas, entre outros... / **C.G.**

TNSJ TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO PORTO

Setembro 2017

Teatro Nacional São João

Teatro Carlos Alberto

Mosteiro São Bento da Vitória

Teatro Carlos Alberto · 7-30 set

Teatro de Rua

Exposição de cartazes TeCA 2003-17

Teatro Nacional São João

14-24 set · qua+sáb 19:00 qui+sex 21:00 dom 16:00

Quem Tem Medo de Virginia Woolf?

de **Edward Albee**
direção **Diogo Infante**
produção **Força de Produção**
M/12 anos

Teatro Carlos Alberto

O MEXE no TNSJ

IV Encontro Internacional de Arte e Comunidade

TeCA · 18 set · seg 19:30 · Estreia

O Que Acontece Quando a PELE se Mexe?

um documentário de **Nuno F. Santos**
coprodução **PELE, TKNT**
M/6 anos

TeCA · 21 set · qui 21:00

Fuenteovejuna

de **Lope de Vega**
direção **Pepa Gamboa**
produção **Atalaya-TNT** (Espanha)
M/12 anos

TeCA · 22 set · sex 21:00

Eles Não Usam Tênis Naique

direção **Isabel Penoni**
produção **Companhia Marginal** (Brasil)
M/14 anos

TeCA · 23 set · sáb 21:00

Quando o Mar É Mais

direção artística **Hugo Cruz, Susana Madeira**
coprodução **Câmara Municipal de Esposende, Triumph'arte**
M/6 anos

TeCA · 24 set · dom 16:00

La Vida en Una Maleta

direção **Arantxa Iurre**
produção **Aullidos de Otxar** (Espanha)
M/6 anos

Mosteiro de São Bento da Vitória

Ocupação Días Hábiles

MSBV · 20-23 set · qua-sex 21:00 sáb 19:00

Nacional-Material, Paisagem com Argonautas

direção artística **Alfredo Martins**
coprodução **teatro meia volta..., TNDM II, Festival Internacional de Almada**
M/12 anos

MSBV · 27-30 set · qua-sex 21:00 sáb 19:00 · Estreia

Días Hábiles

direção artística **Alfredo Martins**
coprodução **teatro meia volta..., TNSJ**
M/16 anos

MSBV · 30 set · sáb 15:00 · Antestreia

Manoel Congo

um filme de **Alfredo Martins, Rui Santos**
seguido de conversa com o público
M/12 anos

dobra

www.tnsj.pt

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA

O TNSJ É MEMBRO DA UNIÃO DE TEATROS DA EUROPA

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

"Useless Wonder" (2006), de Carlos Amorales; "Turbulent" (1998), de Shirin Neshat (em baixo, à esq.); "Vitrine Murale (Goya)" (2008), de Thomas Hirschhorn (em baixo, à dir.)

Ex posi ções

Um mundo perigoso

Os conflitos de hoje e as injustiças de sempre ecoam em obras pertencentes a uma grande coleção de um banco espanhol

TEXTO **CELSO MARTINS**

Mesmo quando criada por uma única pessoa, o que não é o caso, uma coleção é uma grande encruzilhada, com múltiplas ramificações e visões parciais passíveis de serem ativadas. Pela diversidade de pontos de vista que permite, a coleção espanhola La Caixa, pertencente à fundação bancária com o mesmo nome, é um desses casos.

Na verdade, não é a primeira vez que obras suas se veem em Lisboa. Em 2008, o Museu Coleção Berardo recebeu "Espaços Sensíveis" com obras escolhidas em torno da ideia de espaço e, em 2015, Isabel Carlos mostrou, na Fundação Gulbenkian, "Tensão e Liberdade" para onde confluíam obras daquela instituição, do MACBA de Barcelona e da própria Gulbenkian.

Agora, integrada na programação da Lisboa Capital Ibero-Americana 2017, chega a Lisboa "Turbulências", mostra comissariada por Nimfa Brisbe, diretora da coleção, e que reúne cerca de 40 obras no espaço da Cordoaria Nacional. A exposição tem um tema ou, se se preferir, um mote, que o título de algum modo sumariza. São maioritariamente obras de artistas ibero-americanos (mas sem portugueses) que nelas têm inscritas signos de conflito, instabilidade política, injustiça social ou perseguição e preconceito, ou seja, a quase totalidade do espectro da crítica social progressista que vê na obra de arte um motor transgressivo e transdigressivo.

Que um banco se proponha a adquirir obras deste género e a mostrá-las sob esta temática genérica pode parecer um paradoxo, em tempos de tardocapitalismo, mas há muito que a instituição aproximou a sua coleção de uma zona mais crítica e contundente da arte contemporânea.

Sem estar organizada por secções ou subtemas, que por vezes orientam demasiado a leitura das obras, a exposição conduz-nos por um percurso que marca o seu compromisso com o presente logo no seu momento inicial.

★★★★

TURBULÊNCIAS — OBRAS DA COLEÇÃO LA CAIXA DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Cordoaria Nacional, Lisboa, até 3 de dezembro

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Trata-se do curto mas impactante vídeo "Centro de Permanência Temporária" (2007), do albanês Adrian Paci — no qual se vê um grupo de refugiados subindo para uma escada de avião que não dá para lado nenhum — obra que faz uma clara alusão ao destino claustrofóbico e desumano dos migrantes no mundo contemporâneo.
Entre os trabalhos mais intensos da exposição conta-se o que lhe inspira o nome, "Turbulent" da autoria da artista iraniana Shirin Neshat que utiliza o canto (um contraponto entre um homem e uma mulher) para denunciar — entre o sublime e a melancolia — a desigualdade de género no seu país, uma obra que possui um lugar emblemático na arte contemporânea pela forma emocional mas não alienada com que nos sintoniza com a evidência dessa injustiça.
A referência a uma visão mais performativa e comunitária chega-nos da obra mais antiga da exposição. Trata-se da documentação de uma performance realizada em Buenos Aires, em 1983, pela argentina Marta Minujín aquando da queda da ditadura militar. "Partenon de Livros" é isso mesmo, uma réplica do edifício grego símbolo da democracia feita em livros que foram a seguir distribuídos à população.
Algumas das intervenções investigam as relações paradoxais da política com as suas imagens. A partir de uma fotografia em que Hitler surge beijando uma menina, Carlos Garaicoa criou uma coleção filatélica com selos em que líderes mundiais (Saddam, Obama, Juan Carlos, Francisco, Chávez, entre outros) se mostram na companhia de crianças ironizando uma estratégia conhecida destinada a amenizar a imagem do poder.
Paulo Nazareth apresenta-nos uma floresta de 19 televisores cuja única imagem é uma bandeira rasgada pelo vento, espécie de embate entre o simbolismo nacionalista com a realidade e a erosão provocada por ela.
Outros estabelecem a sua própria genealogia doutrinária como Thomas Hirschhorn que criou uma paráfrase em cima da memória seminal de alguns dos desenhos e pinturas mais politizados de Francisco Goya, sobrepondo à linearidade realista dos primeiros novas camadas materiais, visuais e linguísticas que acusam a descaracterização do político.
Do mexicano Carlo Amorales mostra-se a dupla projeção "Useless Wonder", com uma animação onde uma energia pagã se mistura ao erotismo e onde fecundidade e morte se dissolvem em imagens próximas de um realismo fantástico repleto de violência e vitalidade, enquanto no verso assistimos a uma sistemática montagem e desmontagem de um mapa-mundo.
Vem da Venezuela, um dos trabalhos, porventura, mais fortes da exposição. Trata-se de "La Hermandad" (1994), de José Antonio Hernández-Díez que nos conta a história da vida de um *skate* numa cidade que podia ser Caracas. O artista criou *skates* feitos em courato de porco que são fritos, postos à solta na cidade e comidos por cães em três momentos em vídeo consecutivos enquanto alguns desses objetos nos surgem pendurados e pingando gordura no espaço da instalação numa poderosa metáfora da violência e do abandono a que estão sujeitos os adolescentes que crescem nas ruas das grandes cidades latino-americanas.
A exposição termina com um filme-instalação de Apichatpong Weerasethakul estruturado nas relações entre guerra e memória. Em "Primitive" (2006), vários monitores vão mostrando o trabalho do realizador junto de um grupo de adolescentes de Nabua, cidade fronteiriça entre a Tailândia e o Laos, onde historicamente a guerra é a norma. Weerasethakul cria com eles uma narrativa e uma mitologia alternativas, fazendo deste "multifilme" o contexto de uma recuperação e reinvenção individual e coletiva.
A estas obras junta-se ainda trabalhos de Bleda y Rosa, Walter Dahn, José Damasceno, Cao Guimarães Asier Mendizabal, Gabriel Orozco, Damián Ortega, Walid Raad e Juan Ugalde que alargam o leque de temas e perspetivas num conjunto naturalmente dominado por propostas ibero-americanas.
Violência, guerra, injustiça e desmemória. "Turbulências" estabelece um retrato múltiplo de um mundo colhido entre o sobressalto e o sonambulismo e as obras que a compõem refletem uma profunda esperança de que a arte seja ainda um lugar de produtiva instabilidade. ●

KURT WEILL
ADRIANA QUEIROZ
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
COM FRANCISCO SASSETTI
LISBOA - TEATRO TIVOLI BBVA
16 SET. 21H - 17 SET. 17H
BILHETES À VENDA: NOS LOCAIS DO ESPECTÁCULO - TICKETLINE.PT RESERVAS E INFO LIGUE 1820 (24 HORAS)
FACEBOOK.COM/MUSICA.UGURU WWW.UGURU.NET
M/6
ADRIANA QUEIROZ · SMOOTH FM · Embaixada da República Federal da Alemanha Lisboa · JOSÉ ANTONIO TENENTE · ALTIS HOTELS · LUIS LEMOS

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Culturas

Obrigatório

Cinema

THX 1138
De George Lucas
Jardim do Palácio Pimenta — Museu de Lisboa, hoje, 21h30

Num futuro distópico, a Humanidade vive sob a tirania de polícias-androides e o efeito de drogas que anulam qualquer emoção. Este *cult movie* de ficção científica foi a primeira longa-metragem de George Lucas. Com Robert Duvall e Donald Pleasence.

OUTUBRO
De Sergei M. Eisenstein
Cinemateca Portuguesa, Lisboa, hoje, 21h30

Dez anos depois da Revolução Russa de 1917, Eisenstein recebeu de Estaline a encomenda deste filme para o jubileu daquele aniversário e reconstituiu os acontecimentos de Petrogrado até à vitória definitiva dos bolcheviques. Embora duvidoso no plano histórico, cristalizou a Revolução no cinema.

SILVESTRE
De João César Monteiro
Cinemateca Portuguesa, Lisboa, segunda, 19h

Baseado em lendas e histórias tradicionais portuguesas, "Silvestre", realizado em 1981, é um dos mais belos filmes de César Monteiro. A Cinemateca programa-o no âmbito da homenagem a Luís Miguel Cintra.

Música

DANIEL DENT

LISBOA SOA
Estufa Fria, Lisboa, de 14 a 17

O Lisboa Soa — Encontro de Arte Sonora, Urbanismo e Cultura Auditiva ocupa durante quatro dias o jardim da Estufa Fria, no Parque Eduardo VII, com *workshops*, instalações *site-specific* e performances. Música ao vivo por Adriana Sá & John Klima (quinta, 18h30), Mileece (quinta, 19h30), Jen Reimer & Max Stein (sexta, 18h30), André Gonçalves (sexta, 19h30), Juan Sorrentino (dia 16, 18h30, na foto), AGAPEA *aka* Sasa Spacal (dia 16, 19h30) e Sonoscopia (dia 17, 17h30). Muitos destes performers também conceberam instalações (acrescentem-se os nomes de Cláudia Martinho e de João Ricardo) e irão dar *workshops* ou orientar passeios sonoros (outros nomes a reter: Peter Cusack, Sam Auinger, Luís Antero, Maile Colbert & Ana Monteiro e Joana Estevão).

NITE JEWEL
ZDB, Lisboa, hoje, 22h

Um noite de nostalgia para matar saudades de divas tipo Sade ou Whitney Houston com a cantora de Los Angeles a apresentar o álbum "Real High", editado este ano (e no qual colaboraram Dâm-Funk, Droop-E e Julia Holter). A ZDB promete que nessa noite se vai transformar no "melhor clube noturno da cidade".

Teatro & Dança

LEVI MARTINS

UM D. JOÃO PORTUGUÊS — AS ÁRVORES (DOS DESGOSTOS)
A partir do "D. João", de Molière
Teatro Viriato, Viseu, quinta e sexta

É a terceira parte do projeto que Luís Miguel Cintra concebeu depois do final da Cornucópia. D. João encontra-se em fuga, depois de ter abandonado D. Elvira. A permanente mobilidade da personagem parece coincidir com a estrutura do projeto, que se passa em quatro lugares diferentes do país, antes de a totalidade vir a ser apresentada em 2018. O ponto de partida é uma tradução anónima de "D. João", de Molière, que circulou em Portugal como teatro de cordel. E cada parte funciona, também, como um espetáculo independente e fortemente heterodoxo.

BIOGRAFIA DE UM POEMA
A partir de Carlos Drummond de Andrade
Teatro do Bairro, Lisboa, de 13 de setembro a 8 de outubro

Carlos Drummond de Andrade publicou, em 1928, na "Revista de Antropofagia", o poema 'No Meio do Caminho', mais tarde incluído no livro "Alguma Poesia". O poema provocou um escândalo, e o poeta foi guardando tudo aquilo que, sobre esse texto, se foi publicando. Para assinalar os 40 anos da publicação de tão polémica obra, foi publicado o livro "Uma Pedra no Meio do Caminho — Biografia de Um Poema", que consta de uma seleção daquilo que sobre esse famoso texto modernista foi escrito. É a partir deste livro que António Pires cria o espetáculo "Biografia de Um Poema", com os atores Chico Diaz e Cassiano Carneiro e com a atriz Rita Loureiro.

Televisão

BOJACK HORSEMAN
Netflix
Já em streaming
(Temporada 4)

Will Arnett dá voz a BoJack nesta série de animação para adultos sobre "Horsin' Around".

FEAR THE WALKING DEAD
AMC
Estreia segunda, 22h10
(Temporada 3 — Parte B)

Série pós-apocalíptica, mostra a luta pela sobrevivência entre os Estados Unidos e o México.

PRIMEIRO, MATARAM O MEU PAI
Netflix
Estreia sexta

Angelina Jolie realiza um filme baseado nas memórias de Loung Ung, que relata a sua fuga.

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Exposições

RYAN GANDER

I SPEAK TO PEOPLE ON THE TELEFONE

Ryan Gander e Jonathan Monk

Galeria Cristina Guerra, Lisboa, até 28 de outubro

Uma colaboração entre artistas a partir da ideia de falar ao telefone enquanto lugar de intimidade, mas essa é também uma referência ao jogo do "Telephone" (passa-palavra) que é, no fundo, um jogo conceptual assente na linguagem e que aqui se constitui em trabalhos em materiais diversos.

TENSÃO E CONFLITO. ARTE EM VÍDEO DEPOIS DE 2008

Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa, de 13 de setembro a 19 de março

O museu apresenta uma mostra alargada da produção videográfica contemporânea com obras de Patrícia Almeida, Halil Altindere, Marilá Dardot, Bofa da Cara, Burak Delier, Melanie Gilligan, Lola Gonzàlez, Hiwa K, Silvia Kolbowski, Nikolaj Bendix Skyum Larsen, Marc Larré, Jorge Macchi, Paulo Mendes, Mario Pfeifer, Francisco Queirós, Anatoly Shuravlev, Federico Solmi, Pilvi Takala, Maria Trabulo, Dragana Zarevac, Artur Zmijewski, e Yorgos Zois.

PAS DE DEUX

Ana Jotta

Gabinete, Lisboa, até 14 de outubro

Uma artista que foi prémio fundação EDP em 2013 e prémio AICA em 2014 apresenta um conjunto de gravuras recentes num espaço dedicado ao múltiplo.

TABOO

AMC

Sexta, 13h

(Temporada 1)

Maratona de oito episódios, apresenta a história da série oitocentista britânica protagonizada por Tom Hardy.

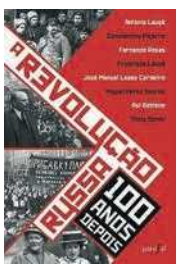
Livros

O SIGNO

Umberto Eco

Presença, €13,90

Umberto Eco foi também um académico importantíssimo na área da Semiótica. Este livro denso é um bom exemplo desse labor intelectual, ao fazer uma síntese das grandes teorias em torno do conceito de "signo", mostrando como ele tem implicações não apenas na linguística, atravessando toda a história do pensamento filosófico.



REVOLUÇÃO RUSSA, 100 ANOS DEPOIS

Vários autores

Parsifal, €16

Além dos textos analíticos de Francisco Louçã, Miguel Pérez Suaréz, Fernando Rosas, José Manuel Lopes Cordeiro, Thaiz Senna, António Louçã e Constantino Piçarra, destaque neste livro para o excelente ensaio de Rui Bebiano ('Não Há um Outubro — Paradigma e Variações').

Top10

Livros

Semana 34 | De 21/8 a 28/8

Ficção

	Semana anterior		
1	1	**Escrito na Água**	Paula Hawkins
2	2	**Nada Menos Que Tudo**	Afonso Noite-Luar
3	4	**O Ano da Morte de Ricardo Reis**	José Saramago
4	-	**A Profecia de Istambul**	Alberto S. Santos
5	3	**Uma Mulher em Fuga**	Lesley Pearse

As categorias consideradas para a elaboração deste top foram: Literatura; Infantil e Juvenil; BD e Literatura Importada

Não ficção

	Semana anterior		
1	3	**O Caderno das Piadas Secas**	V.A.
2	1	**Receitas com Segredo**	Marco Costa
3	2	**Chegar Novo a Velho**	Manuel Pinto Coelho
4	-	**Sapiens — História Breve da Humanidade**	Yuval Noah Harari
5	-	**As Primeiras Vítimas de Hitler**	Timothy W. Ryback

As categorias consideradas para a elaboração deste top foram: Ciências; História e Política; Arte; Direito, Economia e Informática; Turismo, Lazer e Autoajuda

Estes tops foram elaborados pela GfK Portugal, através do estudo de um grupo estável de pontos de venda e de dois canais de distribuição: livrarias/outros (hipermercados e supermercados). Esta monitorização é feita semanalmente, após a recolha da informação eletrónica (EPOS) do *sell-out* dos pontos de venda. A cobertura estimada do total do mercado é de 75%

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

/ JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

O ELOGIO DO DESENCONTRO

EXISTE NO DESENCONTRO A POSSIBILIDADE DE UMA COMUNICAÇÃO A OUTRO NÍVEL QUE NÃO FICA COARTADA PELA AUSÊNCIA

Também nos acontece pensar que combinámos encontros e, afinal — depois compreendemos —, eram desencontros o que empenhadamente estávamos a organizar. Claro que há desencontros dececionantes e que lamentámos por muito tempo, mas o mesmo se pode dizer de certos encontros. Existe, porém, no desencontro a possibilidade de uma comunicação a outro nível que não fica coartada pela ausência. O vazio, por incómodo que seja, pode revelar-se um dom. Idealizamos demasiado o contacto com a alteridade, enredamo-nos em expectativas, projetamos tanto que a relação se torna um precipitado jogo de sombras. O desencontro corrige muitos desses equívocos internos. Deixa-nos de mãos vazias, é verdade, mas dessa maneira devolve-nos a nós e recoloca-nos, perante o outro, mais conscientes da irredutível distância que nunca é vencida, mesmo na intimidade.
Fernando Pessoa escreveu que "falar é o modo mais simples de nos tornarmos desconhecidos", relativizando assim as ilusões imediatistas da viagem entre o eu e o tu. O caminho para o outro é sempre uma longa estrada. Por isso, à medida que os anos passam, aprendemos a agradecer não apenas o que os encontros nos trouxeram — que foi quase tudo —, mas também o que nos chegou através de desencontros.
Há um curioso entre Fernando Pessoa e Cecília Meireles. Em finais de 1934, a poetisa veio pela primeira vez a Portugal e marcou um encontro com Fernando Pessoa ao meio-dia na Brasileira do Chiado. Passando já das duas, e sem que Pessoa aparecesse, Cecília Meireles levantou-se e foi para o hotel.
Ao chegar, tinha em seu nome, na receção, um exemplar autografado da "Mensagem" e um bilhete com as desculpas de Pessoa. Este captara vibrações mediúnicas e, tendo consultado o seu horóscopo, percebeu que os dois não se deviam encontrar.
Ela retorquiu com um cartão lacónico: "Cecília Meireles — cumprimenta e agradece". Mas o desencontro deles foi um encontro que não acabou ali. De regresso ao Brasil, Cecília escreve um dos primeiros textos críticos a respeito do universo pessoano na antologia "Poetas novos de Portugal" (1944) e, duas décadas mais tarde, publica uma crónica no "Jornal do Brasil" intitulada "Fernando Pessoa me ajudando" (1968), partindo das noções de fingimento e de sinceridade.
Cada um de nós pode contar os seus desencontros estimáveis. Por exemplo, estive em Belo Horizonte cinco vezes. Em cada visita, e sem que eu o sugerisse, houve sempre alguém a oferecer-se para levar-me ao encontro de Adélia Prado. Telefonaram para o filho, o marido, para ela própria diante de mim. O gosto existia, mas nunca se efetivou: o dia em que eu podia ela não; por minha parte, estava prisioneiro dos compromissos que me prendiam a Belo Horizonte (ela mora numa cidade satélite, Divinópolis) e tinha pouca flexibilidade de tempo; o melhor seria adiar. Mas também não estive quieto: tentei trazer Adélia Prado a Portugal. Removi mundos e fundos: articulei o projeto com a embaixada do Brasil, ela recebeu um convite do Ministério da Cultura do seu país, participei na organização de uma antologia da obra dela que a Assírio publicou. À última hora Adélia escreveu, depois de tudo acertado, passagens reservadas inclusive, confessando uma impossibilidade de viajar. Não fiquei menos feliz do que se ela tivesse desembarcado. Acho que percebi a grandeza do desencontro.
Este mês de setembro voltei a Belo Horizonte. Sem esperar, no final de uma conferência, uma pessoa que eu nunca vira veio oferecer-se para promover um (des)encontro com Adélia Prado. E eu sorrindo disse: "Mas ela não lhe contou que eu já a encontrei?" ●

À MEDIDA QUE OS ANOS PASSAM, APRENDEMOS A AGRADECER NÃO APENAS O QUE OS ENCONTROS NOS TROUXERAM, MAS TAMBÉM O QUE NOS CHEGOU ATRAVÉS DE DESENCONTROS

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Especial Experiências à medida

O céu é o limite

Chama-se Luxury Concierge e quer estar uns furos acima da experiência turística habitual para usufruir em Lisboa (e não só). A ideia é proporcionar experiências inesquecíveis — qualquer que seja a sua definição do luxo

TEXTO **KATYA DELIMBEUF**

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

O lugar é improvável, isolado, surpreendente. Num beco desconhecido em Marvila, ao fundo de uma rua, um edifício meio *délabré*, com o encanto das casas imponentes em que são visíveis os sinais da passagem do tempo, abre-se para um corredor com um pátio em fundo. O espaço interior, com toldos a criar sombras, tem mesas e cadeiras dispersas, janelas que dão para um jardim espontâneo de figueiras e catos. Faz lembrar a Toscana, à luz dura do meio-dia. Há quadros nas paredes às quais falta caliça, e vinho branco, chá frio e maça fatiada com canela para dar as boas-vindas aos que chegam a este lugar — que ninguém supunha existir ali. Uma mesa, impecavelmente posta, com lugares designados, espera uma dezena de convidados.

Surpreender e agradar, criando impacto e boas recordações. Esta é a essência do Luxury Concierge, o novo projeto de Xana Nunes, empresária que detém a XN Brand Dynamics há 20 anos. (Diga-se, já agora, a quem possa não saber, que o *concierge* é aquela figura dos bons hotéis encarregue de organizar tudo aquilo que um hóspede desejar e quiser saber). Xana Nunes, ex-modelo e bailarina, move-se há muito entre os bastidores e as luzes de cena — há tempo suficiente para ter adquirido o conhecimento que oferecer propostas diferenciadas e mais trabalhadas aos turistas que procuram cada vez mais Portugal. Adquiriu-a, em primeiro lugar, graças à relação que manteve com as marcas de luxo, suas clientes, que lhe pediam eventos fabulosos em locais inesperados. Também acontecia, de vez em quando, chegarem-lhe celebridades como Miuccia Prada e o seu grupo, e ter de improvisar três dias exclusivos e memoráveis… Mais tarde, foi a vez do Lisbon Week, criado em 2012, que todos os anos elege um bairro da capital para dar a conhecer aos moradores segredos desconhecidos e abrir portas até aí fechadas. Isso ofereceu a Xana "um molho de chaves *premium* de lugares da cidade", assim como acesso a historiadores e profundos conhecedores da Olissipo antiga e moderna. É esse acesso privilegiado que Xana Nunes considera ser a oportunidade para preencher uma lacuna, dirigida a "turistas exigentes, que procuram mais cultura".

Há já várias propostas estruturadas, para satisfazer apetites selectos em matéria de experiências. A Secret Lisbon possibilita visitas a lugares especiais e recônditos, acompanhados por pessoas que conhecem alguns segredos da cidade; o Art-astic promete um *tour* eclético de rotas que interessam a artistas ou apreciadores de arte contemporânea — seja passando por alguns museus ou galerias pouco óbvios, seja com visitas a ateliês de pintores ou outros criadores; o Shopping Perfection aponta baterias a quem adora compras, mas sempre com uma mais-valia — como a visita da loja onde a princesa Diana comprava linho para a Casa Real. Outros, como o Regresso à Terra, prometem cruzar programas rurais como a vindima, a apanha da azeitona

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Uma mesa posta no local que se quiser, com uma ementa cuidada e atenta aos pormenores; uma visita guiada ao interior de um sítio que desconhecia existir; uma visita de arte urbana, por espaços que não existem nos guias, acompanhados por especialistas de arte; ou um programa de natureza, em que apanhar cerejas, azeitonas ou uvas se pode mesclar com momentos de meditação ou ioga são alguns dos serviços possíveis do Luxury Concierge

Uma palavra fundamental impõe-se no Concierge: personalização. Tudo é adaptado à medida dos desejos de quem procura. Isto sim, é luxo

ou da cereja com a vertente da meditação, do ioga e do relaxamento. Há ainda a opção Ocean, para todos os que desejam praticar um desporto náutico — do surf à vela ou ao mergulho com golfinhos, e uni-la à 'arte' tão portuguesa de comer bom peixe e marisco.

Uma palavra fundamental impõe-se no meio disto tudo: personalização. Tudo é adaptado à medida dos desejos de quem procura. Se apetecer a quem vier comer ouriços do mar ou lagostins na praia, regados a champanhe fresco, isso arranja-se... Em pouco tempo, monta-se o cenário — à semelhança dos piqueniques que 'brotam' no meio da savana africana. Nada é impossível — e o objetivo do Luxury Concierge é "nunca oferecer nada igual", explica Rosa Mello Rêgo, que durante 19 anos trabalhou em Londres nesta área. Na atual equipa de 12 pessoas, incluem-se especialistas em arte contemporânea, em história ou arquitetura, que permitem tornar especial uma "rota de azulejos" ou uma viagem de arquitetura através das obras de Pardal Monteiro. Inês Pais desenha as experiências do Secret Portugal; Rita Almeida Freitas é a *expert* de arte e Margarida Cruz é a *prima donna* da arte urbana. Susana Marques Pinto é a especialista em estilo e Ricardo Lopes trata do segmento de música (opção Lisbon Night Manager). Tudo em parceria com um *rent-a-car* de luxo (preço-base €300 por dia) e hotéis a condizer — com tendência para se alargar a todo o país. Além do Luxury Concierge, a XN também não descura a vertente dos eventos *premium* exclusivos para empresas. De volta ao nosso ponto de encontro quase secreto, a mesa posta de forma eclética e descontraída. Aqui, haverá qualidade mas sem *bling-bling*. As cadeiras de madeira pintadas, os copos de várias cores, o gafanhoto de prata poisado no meio das plantas decorativas, os marcadores que apontam os lugares. Tudo é memorável. Com simplicidade e arte. A arte de bem receber. ●

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

RECEITA

POR **JOSÉ AVILLEZ**

TIAGO MIRANDA

Choco em tempura com maionese de malagueta e cebolinho

Reinventar o clássico

4 pessoas | Tempo de preparação: 45 minutos | Tempo de confeção: 30 minutos

Ingredientes

1 kg de tiras de choco congeladas; 1 dente de alho; 1 cebola; 1 folha de louro; 20 ml de azeite; 800 ml de óleo para fritar; 1 l de leite; 1 l de água; raspa de limão q.b.

PARA A MAIONESE DE MALAGUETA E CEBOLINHO

1 gema; 250 ml de óleo amendoim; 15 ml de vinagre de arroz; sal q.b.; pimenta q.b.; 1 malagueta; 2 g de cebolinho

PARA O POLME

160 g de farinha; 2 ovos; 2 colheres de sopa de cebola finamente picada; água q.b. e vodka q.b. em partes iguais; sal fino q.b.

Descongele e lave as tiras de choco. Leve ao lume uma panela com um litro de água e um de leite, o azeite, o alho, a cebola e a folha de louro e tempere com sal. Quando levantar fervura, junte as tiras de choco e deixe cozinhar em lume brando durante cerca de 20 minutos.

Prepare a maionese juntando num recipiente a gema, o vinagre de arroz, sal e pimenta. Misture com a ajuda de uma varinha-mágica e, em seguida, vá juntando o óleo em fio, emulsionando até obter a consistência pretendida. Retifique os temperos, se necessário. Corte a malagueta ao meio e retire as sementes. Pique o cebolinho e a malagueta finamente e junte à maionese.

Para preparar o polme, coloque a farinha numa taça, tempere com um pouco de sal fino e envolva. À parte, bata levemente os ovos. Gradualmente, junte os ovos batidos à farinha, mexendo sempre. Quando os ovos estiverem bem envolvidos com a farinha, acrescente, pouco a pouco, água e vodka em parte iguais, até obter a consistência de um polme homogéneo. Por fim, acrescente a cebola picada e envolva novamente.

Quando as tiras de choco estiverem cozidas, retire do lume, coe e deixe arrefecer ligeiramente. Passe cada tira por farinha e, em seguida, pelo polme. Leve a fritar em óleo bem quente. Quando as tiras de choco estiverem douradas, retire e seque em papel absorvente.

Finalize as tiras de choco frito com um pouco de flor de sal e raspa de limão. Sirva com a maionese de malagueta e cebolinho. ●

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

VINHOS

POR **JOÃO PAULO MARTINS**

Festa bairradina até amanhã

A região mostra-se aos consumidores e renova aposta no espumante

Neste fim de semana todos os caminhos vínicos levam ao velódromo de Sangalhos onde está a decorrer uma festa de vinhos e sabores da região. A entrada é livre e quem quiser pode comprar um copo à entrada que depois servirá para provar nos vários *stands* onde é possível contactar com os produtores. Hoje e amanhã, das 15h às 22h é possível provar vinhos mas também conhecer outras iguarias da região. Todos sabemos que a Bairrada é conhecida pelo seu espumante. Aqui terão sido feitas as primeiras experiências, ainda no século XIX, por Tavares da Silva, estando estabelecida a data de 1890 como a que marca a produção do primeiro espumante feito pelo método usado em Champanhe. Tal designação (método champanhês) deixou de poder aparecer nos rótulos, uma vez que Champanhe designa uma região e existe a proteção legal do nome idêntica proteção existe com o nosso Porto; por isso aparece no rótulo a designação Método Clássico. As inúmeras caves existentes na região cedo se dedicaram à produção deste tipo de vinho. Muitas entretanto desapareceram e os espumantes atravessaram nos anos 70, 80 e 90 um período menos interessante, vinhos sem graça a que apenas o gás natural ajudava. Exceções havia mas o panorama era algo desanimador. Atualmente temos uma situação bem diferente. Os produtores aprimoraram a escolha de uvas para os vinhos-base e deu-se um salto qualitativo. Mais recentemente foi criada a designação Baga-Bairrada, uma aposta na casta típica da região mas aqui para fazer espumantes brancos. A adesão tem sido grande e neste momento já existem 17 espumantes de 14 produtores diferentes com aquela designação. Destes escolhemos três para a nossa seleção da semana. A casta Baga, característica dos tintos da região, era outrora difícil e indomável em nova e precisava de anos e anos em cave para que os vinhos resultassem equilibrados. De facto é uma casta muito plástica e polivalente que gera desde bons rosés até bons tintos, uns mais carregados e densos e outros mais abertos e que se ligam muito bem com outras castas, como a Touriga Nacional, por exemplo. Para espumantes as provas da Baga já estão dadas mas também dá bons resultados em destilados. É essa variedade de estilos que será possível provar hoje na Bairrada — vinhos e sabores. Por experiência de anos anteriores, é expectável que apesar de estarem em vindimas, os produtores não deixem de estar presentes, sendo assim possível o contacto direto. Bem que a restauração e os responsáveis pelos vinhos podiam aproveitar para conhecer novos produtos, estabelecer contactos e provar novidades. Uma boa gestão da carta de vinhos obriga a um trabalho atento e permanente, algo que é muito fácil neste tipo de encontros. Neste e noutros que terão lugar até ao fim do ano. Também vão ter lugar provas comentadas mas estas estão sujeitas a inscrição. Não só provas de vinhos como ligações vinho/comida, um tema que cada vez interessa a mais consumidores. ●

(OS PREÇOS, MERAMENTE INDICATIVOS, FORAM FORNECIDOS PELOS PRODUTORES)

Espumante Qta. do Poço do Lobo Baga-Bairrada 2014

Região: Bairrada
Produtor: Caves S. João
Enologia: José Carvalheira
Casta: Baga
PVP: €9
Esta quinta te 32 ha, dos quais 27 em produção. Também produz brancos e tintos tranquilos.
Dica: delicado na espuma, vigoroso no perfil. Bom como aperitivo ou à mesa.

Espumante Marquês de Marialva Baga-Bairrada Blanc de Noir 2015

Região: Bairrada
Produtor: Adega Coop. de Cantanhede
Enologia: Osvaldo Amado
Casta: Baga
PVP: €6,99
Leve tonalidade rosada. Leve no corpo, perfeito na acidez.
Dica: com esta elegância de conjunto o sucesso está garantido. Para aperitivo.

Espumante São Domingos Baga-Bairrada 2012

Região: Bairrada
Produtor: Caves do Solar de São Domingos
Enologia: Susana Pinho
Casta: Baga
PVP: €8,50
Aroma fino e convidativo, todo ele muito delicado, leves notas de groselha.
Dica: perfeito para canapés de peixes fumados, servido como aperitivo.

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

SOBRE MESA

POR **FORTUNATO DA CÂMARA**

ANTÓNIO BERNARDO

Oh là là! Sorrir, pourquoi?

A Ladurée foi o chamariz para divulgar o JNcQuoi, um espaço que valoriza a cidade

Abrir portas na avenida mais cara e exclusiva da cidade já é um ponto de partida para as pretensões e expectativas com que abriu o JNcQuoi. O *foyer* do Teatro Tivoli está transfigurado na sala de refeições deste espaço luxuoso do grupo Amorim que se desdobra num bar para refeições ligeiras na parte de baixo com um recanto dedicado às especialidades de pastelaria da parisiense Maison Ladurée. e numa loja de roupa. Com poucos dias de abertura, o balcão do DeliBar parecia um *plateau* de ficção. Os clientes pareciam ter estado ali desde sempre, agindo com a 'naturalidade' dos figurantes que preenchem ambientes de cenas bem coreografadas.

A casa soube comunicar-se, e tantos os clientes potenciais — a comunidade francesa triplicou na região de Lisboa, além de haverem novos moradores cosmopolitas e abastados — como os eventuais, acorreram assim que as portas abriram. Ambiente requintado e decoração exuberante para sublinhar o carácter especial da casa. Embora seja um local publico o recato é subjetivo, pois os tetos exibem várias câmaras de vigilância sem que seja visível a placa indicadora de que se está a ser filmado como é habitual nestes locais. Por via das dúvidas é melhor sorrir... *Pourquoi?*

Porque Lisboa não tinha muitos espaços assim. A chegada da Ladurée cria uma bitola para se aferir a fraca qualidade dos muitos curiosos que andam por aí a fazer *macrons*, *naperons... oh là là!*, qualquer coisa indefinida e presunçosa que pode ter qualquer nome, menos 'macarons'. Depois, a carta do restaurante tem uma oferta abrangente em pratos de cozinha francesa, portuguesa e internacional. Veja-se o arranque com um quinteto de "Espargos brancos" (€15), naturalmente tenros e adocicados, guarnecidos por um molho forte de mais, à base de pasta de trufa e vinagre balsâmico, cujo cariz acídulo retirou espaço aos aromas trufados. Muito boa a "Terrina de foie gras de pato" (€22) com pedaços evidentes do valioso e saboroso fígado, acompanhado de uma compota de cebola pouco doce (e ainda bem) e pão brioche em fatias torradas. Das entradas quentes, a "Bisque de lavagante" (€18) veio de cúpula folhada, pronta a ser rompida para que se libertassem os belíssimos aromas do crustáceo. O creme rosado tinha alguns pedaços de lavagante, mas a porção veio demasiado contida para o tamanho avantajado da taça.

Uma curiosidade foi ver na carta um "Arroz malandrinho com bolinhos de bacalhau" (€18), que era um arroz de tomate correto, feito com bago carolino e pedaços do fruto fresco, mas que pedia um sabor mais vivo. Já os cinco pastéis (bolinhos) estavam impecáveis de feitura e fritura, sendo o prato um escape aos preços elevados da carta. A "Paletilha com arroz de forno e grelos" (€32) era uma perna de cabrito tenra e suculenta, ladeada com grelos e acompanhada por um belo arroz de forno com chouriço e bacon, numa porção que pode ser partilhada ou saboreada com saudável avidez. O "Tournedó" (€28) não era nada de 'virar costas' como a expressão que está na origem (*tourner le dos*) deste corte nobre de um medalhão do lombo de novilho. Carne deliciosa e rosada ao centro, com um aliciante molho de cogumelos morilles e umas crocantes 'barras' (corte 'ponte nova') de batata frita de excelente qualidade, a parecerem da variedade gaulesa 'agria'.

Carta de vinhos muito completa a preços elevadíssimos, apenas com um ou outro escape para aligeirar a conta. O serviço está uns furos abaixo da ambição evidenciada. Descoordenação na sala, ausência de informação do que está a ser servido, e falta de referência de 'quem é quem' através dos uniformes. As mesas são abordadas por empregados sem padrão de roupa de brigada de sala, o que se estranha.

As sobremesas, porém, entranham-se com um belíssimo "Pudim Abade de Priscos (€9) vindo de um pasteleiro de Braga, um delicado e deliciosamente frutado "Cheesecake de alperce" (€9), e o poderoso "Plaisir sucré" (€9) com camadas de chocolate e avelã (em pasta e pedaços crocantes), a formarem um retângulo divino.

O JNcQuoi dá à cidade um *spot* que mistura *glamour* e uma cozinha de produto certinha, mas sem cativar logo à primeira. Sairá 'satisfeitinho' quem espera encontrar uma grande cozinha, 'satisfeito' quem quiser comer corretamente num espaço atraente, ou 'satisfeitíssimo' quem buscar sair deslumbrado pela vizinhança do lado. ●

JNcQuoi

Av. da Liberdade, 182-184 — Lisboa
Telefone: 219 369 900
Encerra ao domingo (reserva recomendada)

ACEPIPE

Tónico de fim de verão

Há dois meses a imprensa inglesa noticiava que o "Port & Tonic" era a bebida eleita para refrescar este verão. O "The Independent" sugeria até que o *cocktail* à base de Vinho do Porto (branco, seco), com água tónica e limão, se preparava para ser "o novo G&T" (*gin* tónico) dos *pubs* ingleses. O "Evening Standard" sublinha a adição de folhas de menta ao "porto tónico" para aromatizar, enquanto o "The Telegraph" argumenta que o facto de ser menos alcoólico, ter uma doçura mais equilibrada, e o preço ser mais baixo colocam o vinho do Porto em vantagem sobre os *gins* e as *vodkas*. Este *cocktail* não é uma novidade por cá, apesar de a alguns lhes parecer que está fora de moda. São iniciativas como o Port Wine Day que fazem ressurgir bebidas como "P&T" — além dos magníficos Portos clássicos — que agora está a conquistar os ingleses, e certamente irá cativar os turistas que estiverem no Porto por estes dias. O auge das comemorações é amanhã, pois foi a 10 de setembro de 1756 que o Marquês de Pombal iniciou o processo de criação da Região Demarcada do Douro. O quarto ano deste evento bem merece um Porto Tónico pela tarde, e um Porto com indicação de idade (10, 20, 30 anos, etc.) em parceria com um pouco de queijo Stilton, a fechar o jantar, e assim celebrar esta boa e velha aliança diplomática e... económica.

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

AS NOSSAS RECOMENDAÇÕES

Saiba mais sobre estas e outras sugestões em *boacamaboamesa.expresso.sapo.pt*

BOA CAMA BOA MESA

Conceitus Winery Restaurant

Quinta Nova de Nossa Senhora do Carmo, Covas do Douro. Tel. 254 730 430

Nos dias amenos, nada melhor do que aproveitar a zona exterior deste restaurante assumidamente vínico, ou não estivesse numa propriedade produtora. Os menus, ao almoço e ao jantar, seguem a linha orientadora dos vinhos da Quinta Nova, bem como a sazonalidade dos produtos desta região, dos peixes do rio ao azeite, chás e doces de fruta, assim como legumes da horta, que o chefe Rui Frutuoso prepara diariamente com dedicação. A carta dos vinhos oferece várias opções, entre a prova a copo e a degustação das novidades do ano. Preço médio: €35.

DOURO

Cêpa Torta

Rua Doutor José Bucelas da Cruz, Alijó. Tel. 259 950 177

Quem ainda não provou o bacalhau com broa e o arroz de línguas de bacalhau, a bochecha de porco bísaro, o famoso pudim de azeite com gelado do mesmo e as canilhas de leite-creme deve fazer-se ao caminho. E até pode ser que consiga aproveitar um jantar temático ou vínico. Preço médio: €30.

O Tachinho da Té

Rua Conde Ferreira, Tabuaço. Tel. 254 787 082

Tudo o que aqui se pode provar é típico e tradicional, feito com a única regra que impera, que é a de não adulterar os bons produtos que a natureza oferece. Na época, há uma açorda de perdiz digna de ser provada. Conte sempre com o cabrito assado e a posta arouquesa. Preço médio: €20.

SUS Douro

Rua José Vasques Osório, Loja C1, Peso da Régua. Tel. 254 336 052

Fica junto ao local onde se apregoam os famosos rebuçados e deu uma vida nova aos antigos armazéns dos caminhos de ferro. Um espaço que promete colocar o leitão como novo conquistador da região. Faz-se assado no forno, como mandam as regras de um bom assador, mas usa-se apenas o porco pequenino, de raça bísara, para servir os comensais. Durante a semana obriga a marcação com três horas de antecedência. Ao fim de semana é servido a todas as refeições. Preço médio: €30.

Cais da Villa

Rua Monsenhor Jerónimo do Amaral, Vila Real. Tel. 259 351 209

Quando olhamos para a carta, identificam-se os produtos da cozinha tradicional com uma roupagem contemporânea. Exemplos disso são o lombo de bacalhau cozinhado a baixa temperatura e as bochechas de porco bísaro com risoto. Preço médio: €30.

Castas e Pratos

Rua José Vasques Osório, Peso da Régua. Tel. 254 323 290

Sorri para as influências internacionais, da mesma forma como preserva os melhores tesouros da nossa tradição, da açorda de alheira ao premiado cabrito ao vinho do Porto. Preço médio: €30.

The Wine House Restaurante

Quinta da Pacheca, Cambres, Lamego. Tel. 254 313 228

Muito apetecível, a entrada é composta por um marmoreado de foie-gras e marmelada ácida, redução de vinho do Porto Tawny e flor de sal. Nos principais, referência para o naco de novilho sauté, com cogumelo Portobello e risoto de salpicão. Preço médio: €40.

Toca da Raposa

Rua da Praça, 72 A, Ervedosa do Douro, São João da Pesqueira. Tel. 254 423 466

Na carta surgem sugestões regionais e familiares, como os milhos de bacalhau com filetes de bacalhau ou a massa meada de cabrito. Deixe espaço para o pudim de Tawny Poças Júnior. Preço médio: €20.

Terra de Montanha

Rua 31 de Janeiro, 28, Vila Real. Tel. 259 372 075

Glorifica a gastronomia regional, onde os presuntos, os chouriços e as alheiras introduzem com mestria iguarias como as favas à terra de montanha, o joelho da porca e o bacalhau à moda da casa, que recupera uma receita antiga. Preço médio: €20.

Vindouro

Rua Macário Castro, 39, Lamego. Tel. 254 401 698

Localizado no centro histórico, inspirou-se nas encostas do Douro para oferecer uma evocativa decoração das vinhas das redondezas. Oferece serviço à carta, mas harmoniza algumas especialidades em menus de seis pratos, com o vinho produzido na região. Preço médio: €30.

DOC

Cais da Folgosa, EN 222, Folgosa do Douro, Armamar. Tel. 254 858 123

À mesa percebe-se o longo caminho percorrido por Rui Paula, que a partir daqui deu a conhecer a nova cozinha de Trás-os-Montes. Na época das vindimas estão agendados diversos jantares vínicos. Preço médio: €40.

Cozinha da Clara

Quinta de La Rosa, 215, Pinhão. Tel. 254 732 254

Conhecedor da matriz gastronómica duriense, o chefe de cozinha Pedro Cardoso está apostado em servir uma gastronomia de raiz portuguesa, privilegiando produtos locais e sazonais, sem esquecer a herança gastronómica da família. Preço médio: €40.

Tasquinha do Matias

Lugar da Ponte, Ucanha. Tel. 254 678 241

Na esplanada ou na sala, servem-se petiscos e pratos que remetem para o passado e a tradição locais, como os milhos, o bazulaque à abade de Cister, o cordeirinho em forno a lenha, a marrã à Matias ou as tripas com feijão branco. As sobremesas continuam na senda da tradição: recomendam-se o arroz-doce e o leite-creme. Preço médio: €20.

ONDE DORMIR

Hotel Rural Quinta do Marco

Sítio do Marco, Santa Catarina da Fonte do Bispo, Tavira. Tel. 281 971 500

Perto de Tavira, mas numa zona mais interior, este hotel ganhou uma nova alma em 2016. Aqui pretende-se mostrar o mais genuíno Algarve rural, com diversas atividades e experiências associadas. Cada um dos 24 quartos (a partir de €165) foi batizado com o nome de uma planta da região, que serve de inspiração para a decoração. Ao pequeno-almoço poderá perceber a diferença dos sabores, uma vez que grande parte dos produtos é oriunda da propriedade. Aprofunde o conhecimento da gastronomia local no restaurante panorâmico.

A NÃO PERDER

Rota das Adegas

Com o objetivo de unir o turismo de natureza ao universo vínico, decorre amanhã mais uma "Rota das Adegas", que através de dois percursos permite visitar diversos produtores da região de Torres Vedras. Em época de vindimas, os participantes (€8) podem optar por um passeio de 5 km, por uma caminhada de 10 km, ou por uma corrida de 20 km, sempre num contexto ligado à produção de vinho. Os produtores de portas abertas são a Quinta da Viscondessa, a Adega Mãe, a Quinta da Almiara, a Adega Cooperativa de São Mamede da Ventosa e a Quinta do Vale Galegos. Às 13h estão marcadas degustações. Esta é uma iniciativa da Associação de Marchas e Passeios (tel. 969 841 310), com o apoio da Comissão Vitivinícola da Região de Lisboa.

"BOA CAMA BOA MESA" NA SIC NOTÍCIAS: A BELEZA NATURAL DA RIA DE AVEIRO

COM ESTREIA ESTE SÁBADO NA SIC NOTÍCIAS E REPETIÇÕES AO LONGO DA SEMANA TAMBÉM NA SIC MULHER E NA SIC INTERNACIONAL, O PROGRAMA LEVA-NOS À DESCOBERTA DA BELEZA DA RIA DE AVEIRO, COM PARAGEM EM SÃO JACINTO E NA POUSADA DA RIA-AVEIRO. CONHEÇA AINDA AS FAMOSAS CONSERVAS DE ENGUIA E A SABOROSA CALDEIRADA DO RESTAURANTE A CAVE.

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

DIÁRIO DE UM PSIQUIATRA
POR **JOSÉ GAMEIRO**

Uma história para o verão

A nossa irmã

Pensei voltar para trás, podia estar a começar uma viagem sem regresso

Agora sim, já me recordo da visita que lhe fiz.
Deve ter sido há uns dois meses, confesso que ia com muita ansiedade. Não sou muito dado a histórias clandestinas, causam-me mal-estar, mas não fazia sentido nenhum dizer à Margarida, olha, hoje vou ao Alentejo.
A meio do caminho, chovia torrencialmente, pensei voltar para trás, podia estar a começar uma viagem sem regresso.
Sempre tive uma regra na vida, se achas que pode vir a ser uma grande confusão, para antes de começares, depois já é muito mais difícil.
Não foi fácil dar com o local, um estradão cheio de lama, lá no alto um monte (?) isolado. Só quando cheguei mais próximo me apercebi que era um edifício todo branco, em quadrado, quase sem janelas para fora.
O portão estava aberto, entrei com o carro e toquei o sino. Abriram e perguntaram-me:
— O seu nome é Pedro?
— Sim.
— Siga-me sff.
Entrei num claustro lindíssimo, a luz da manhã entrava pelo meio das colunas, criando zonas de luz e sombra, que tornavam o ambiente quase pronto a ser o *plateau* de um filme sobre a espiritualidade.
Passaram por nós dois ou três homens que, sem falarem, me cumprimentaram com um ligeiro aceno de cabeça.
Recebeu-me numa sala quase nua, uma mesa de madeira maciça, duas cadeiras. Perguntou-me se queria um chá, agradeci-lhe o me receber.
— Sei porque é que vem aqui falar comigo, suponho que iremos ter várias conversas, qualquer de nós é livre de propor que terminem, está de acordo?
— Claro que estou.
Era um homem de meia idade, com um sorriso aberto, de calças de ganga e camisa, que não escondeu o que já sabia de mim.
— Tanto quanto sei quer pensar comigo a sua vida e eventuais caminhos alternativos.
Fui completamente sincero. Falei-lhe das angústias que me tinham assolado ultimamente, rematando com uma banalidade, mas verdadeira.
— Isto não faz qualquer sentido, vivo na Europa, o continente mais tranquilo do mundo, não tenho o direito de me preocupar com estas ninharias pessoais, quando o mundo está como está.
Respondeu-me logo, como se já estivesse à espera do meu dilema.
— Uma coisa não tem a ver com a outra, nós também nos preocupamos com a paz no mundo, mas o nosso intermediário é Deus. É através da oração que procuramos que Ele nos oiça e aja na humanidade.
Apeteceu-me dizer-lhe que não têm tido grande sucesso, mas calei-me.
Ouviu-me durante mais uma hora, procurou saber mais sobre a minha vida, pareceu-me estar à procura de uma espécie de fuga para a frente, que eu estivesse a fazer.
— Sabe que nós passamos grande parte do dia em oração, é necessário estar muito disponível para que o Senhor nos possa iluminar a viver com Ele e para Ele.
Ficou à espera que eu lhe dissesse alguma coisa, mas não reagi.
Propôs-me que voltássemos a falar daí a umas semanas.
Aceitei. Antes de nos despedirmos, já de pé, disse-me uma coisa que me deixou intrigado:
— Quando a vir, dê os meus cumprimentos à nossa irmã. ●
(Continua para a semana)

josemanuelgameiro@sapo.pt

Parem de alimentar o papão da matemática

Para que os alunos melhorem a matemática, os pais e os professores não podem dizer que é difícil

Esta é a altura do ano em que as crianças ainda pensam nas férias, enquanto a cabeça dos pais e dos professores já está no ano letivo que se aproxima. E a maior das suas preocupações é o ensino da matemática. Por isso é que agora vários pedagogos vêm dizer que é exatamente por esse motivo que os alunos têm mais dificuldades nesta disciplina. Os pais alimentam o monstro.

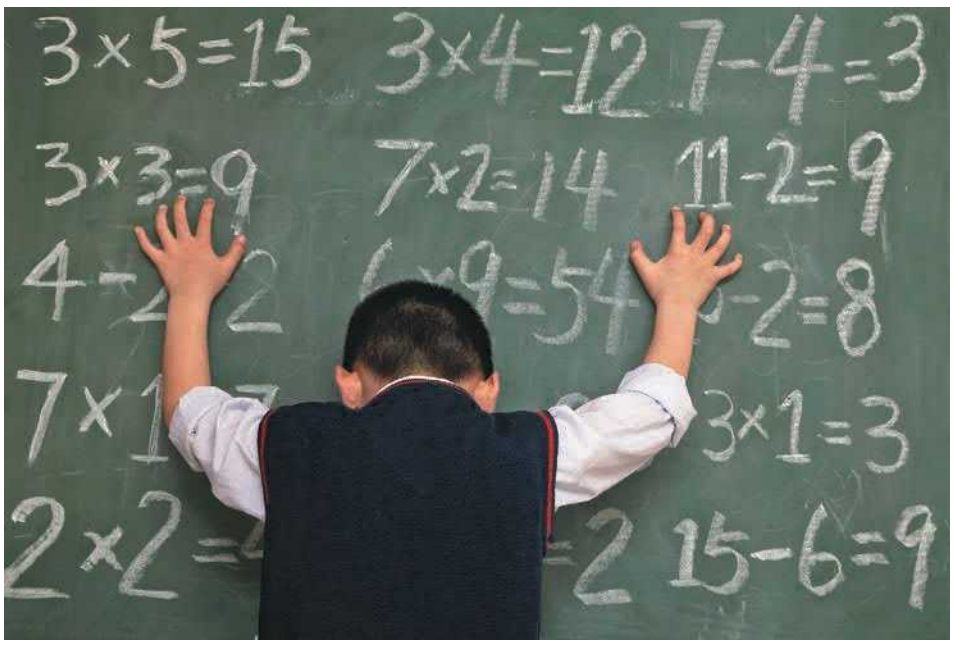
Este tropeção curricular é comum a vários países e gerações e, por isso, este verão juntaram-se em Madrid 1600 professores de 16 países, no Congresso Ibero-americano de Educação Matemática, para tentarem perceber como lidar com este monstro feito de números e equações. Entre as várias causas que os especialistas identificaram, os livros com critérios empresariais em vez de pedagógicos, e algumas das estratégias usadas pelos professores para ensinar as várias linguagens matemáticas que estão totalmente desadequadas ao dia a dia dos alunos. Mas acima de tudo o pesadelo ganha força na atitude que os alunos têm perante a disciplina.

O preconceito existe e por se continuar a diabolizar a disciplina não terá fim à vista. A argentina Cecilia R. Crespo, do Instituto Nacional Superior del Profesorado Técnico da Universidad Tecnológica Nacional, disse que a atitude dos alunos só muda quando a dos responsáveis mudar.

Do congresso ecoa que é preciso dizer basta para que as crianças tenham gosto na aprendizagem da disciplina em vez de a verem como um pesadelo. Em casa, os pais dizem que é difícil, que é preciso estar atento. E o medo começa. Na escola os professores salientam as diferenças e os alunos consolidam a resistência. Começam a pensar que não vale a pena.

Olimpia Figueras, professora e investigadora do Centro de Investigación y de Estudios Avanzados do Instituto Politécnico Nacional da Cidade do México, salientou que o primeiro passo é dentro da sala de aula. E que se os alunos respeitarem o professor, começam a respeitar a disciplina. Usou como paralelismo a cultura asiática dos génios matemáticos, onde o docente é rei.

Pelo Japão usa-se nas escolas públicas o LessonStudy que ajuda os professores a levarem a matemática aos alunos. Os professores mais novos e os mais antigos assistem às aulas uns dos outros e avaliam-se. Discutem mudanças a aplicar dentro da sala de aula de forma a melhorar o processo de aprendizagem de uma disciplina que por aquelas terras é igual às outras. / **ANA MARIA PIMENTEL**



GETTY IMAGES

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

HÁ HOMEM

POR **LUÍS PEDRO NUNES**

GETTY IMAGES

O espermatozoide cobarde

Acabou o mito do campeão invencível. Ei-lo stressado e sob ameaças várias

Sei que aparentemente o ciclo noticioso tem dado coisas mais importantes para nos ralar. A eventual guerra nuclear com a Coreia do Norte (uma excitação), os saltos altos da senhora Trump nas cheias (um *must*) ou as batalhas pela razão no caso dos labirintos do género nos livros para infantas e infantes (a luta pelo Bem e pelo Mal, pois está claro). Mas perante esta profusão temática que vai do Apocalipse a qualquer momento ao nosso desprezo civilizacional atirado à dama norte-americana — sem esquecer a luta de valores morais pela igualdade cromática — eis que um título do "El País" capta o meu olhar: "Los espermatozoides van con guardespaldas", os girinos masculinos tem guarda-costas. Eh lá! Ora, isto sim, se não é uma revolução copérnica, anda lá perto.

Ainda só escrevi um parágrafo e já sinto ondas telúricas de choque vindas do repúdio de dois tipos de leitores: o primeiro a perguntar-se porque diabo este tema pode interessar; o outro, que se dedica às coisas da Ciência, a questionar-se, porque raio um leigo se atreve a entrar em temas que obviamente não domina — com riscos evidentes de dizer asneiras. Tenho saco para responder. A ideia de que somos fruto de um estupendo espermatozoide vencedor, que derrotou toda a concorrência para chegar ao óvulo — o melhor dos melhores — e que, numa corrida insana, se atirou de cabeça e a abanar a caudinha feito doidão, é uma imagem redutora e mera propaganda sexista à ideia de um vencedor que faz o seu destino com a sua própria cabecinha cónica. Basta ter uma oportunidade, estar na hora certa no momento certo, para vencer a concorrência (e quantos milhares de milhões não tiveram as suas hipóteses cerceadas por uma pílula ou um preservativo). Isto era mais o espermatozoide *american dream* dos meados do século passado, quer-me parecer.

Tenho constatado que a teoria dominante tem vindo a mudar. Lembro-me de ter ficado a matutar com o depoimento de um cientista a alertar que o comportamento tribal dos espermatozoides em direção ao óvulo não era o mesmo que se via na lâmina vidrada bidimensional de um microscópio. Os bichos, no seu meio natural, teriam reações *national geographic* mais diversas que não apenas aquela do acelerar unidirecional louco, sem olhar para trás.

Estive até agora a omitir deliberadamente o livro "Guerra do Esperma". Quem está interessado neste tema sabe que o espermatozoide nunca mais foi o mesmo desde que, em 1996, o biólogo evolucionista *best-seller*, Robin Baker, conseguiu vender a ideia que há um "mortal kombat — you win!" pelo ovo feminino, tanto fora como dentro da mulher. Esqueçamos a questão exterior — pois é disso que falamos todos os dias quando falamos de comportamentos —, mas, dentro, Baker defendeu que o sistema reprodutivo masculino está feito para tentar anular a presença de outros machos (a forma do pénis é a de falo que suga matéria) e os espermatozoides travam uma guerra na qual uma espécie serve para matar os rivais de outros machos — caso os encontre dentro da mulher. Estudos posteriores não encontram estes *kamikazes* nos humanos.

Ora, isto já por si era complicado. A meu ver. Em vez da analogia olímpica do "que vença o melhor bichinho", não. Havia uma pré-escolha dinástica. No interior das profundezas masculinas haveria um sistema de castas, nada democrático, nada casuístico. O escroto masculino seria tipo Downton Abbey. Havia a classe dos que poderiam chegar ao "prémio". E os outros, a ralé, os que serviam apenas para proteger o "o eleito".

Eis-nos, pois, chegados à notícia do "El País". E o que nos diz ela? Que os espermatozoides necessitam de guarda-costas. Os pobrezinhos. Para fazer o caminho até ao óvulo, os fulanos careceriam de um corpo de segurança — compostos por uns tais de macrófagos —, não vão ser atacados, ai, tadinhos. Sinto uma certa aproximação do húmus trumpiano ao sistema reprodutor masculino.

Se fosse um tipo com eles no sítio, diria que a ciência está a copiar os movimentos da sociedade. Do espermatozoide musculado *yuppie* que seguia só e valente a assobiar até ao óvulo, passou-se a um ungido que necessita de ser conduzido e finalmente a um acagaçado que tem de contratar uns matulões para o levar até ao porteiro. Mas não o faço porque não sou tão afoito assim.

E nada disto é para rir. Note-se outra notícia recente e que tem a ver com a queda a pique do número de espermatozoides nos países ocidentais – números revelados há três semanas. Segundo estes dados , e com base em 185 estudos realizados em cinco continentes, a quantidade e qualidade do esperma dos homens dos países ocidentais caiu abruptamente, na ordem dos 50%. Passou-se de qualquer coisa como 99 milhões por mililitro para 47 milhões. Imagine que era a dívida pública. Estávamos aos saltos de alegria. E não é só a quantidade, é a qualidade. É que os bichinhos estão stressados, cansados, desanimados. E sim, o culpado "é o estilo de vida ocidental". Ora, já disse que não vou entrar em questões de género, nem tomar as dores dos homens. Mas isto não vai acabar bem. Para todos.

Ah, e tenha cuidado, leitor. Sabe que, com a idade, vai perdendo ainda mais capacidade de produzir os ditos? A juntar a essa quebra civilizacional, qualquer dia ainda lhe vêm dizer que tem uma dívida ao Estado de alguns biliões de espermatozoides. ●

lpnunesxxx@gmail.com

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

PASSATEMPOS

POR **MARCOS CRUZ**

Sudoku Fácil

		9		1		6		
	3		9				1	
7					2			8
		3	4	6	7		8	
1			5		3			9
	2		1	9	8	4		
8			6					4
	6				9		7	
		4		7		3		

Sudoku Muito difícil

				7			9	
5								
		6	8		4	2		
	9			6		4		
6			4		8			5
		2		1			7	
		3			5	9		
			3					
	6			2				7

Soluções

Fácil

6	5	3	1	7	8	4	9	2
1	7	8	9	4	2	5	6	3
4	9	2	5	3	6	1	7	8
5	3	4	6	9	1	7	2	8
9	6	1	3	5	7	8	4	2
2	8	7	4	8	2	9	3	6
8	1	5	7	6	3	2	8	4
3	4	6	2	1	9	8	5	7
7	2	9	8	2	4	6	1	9

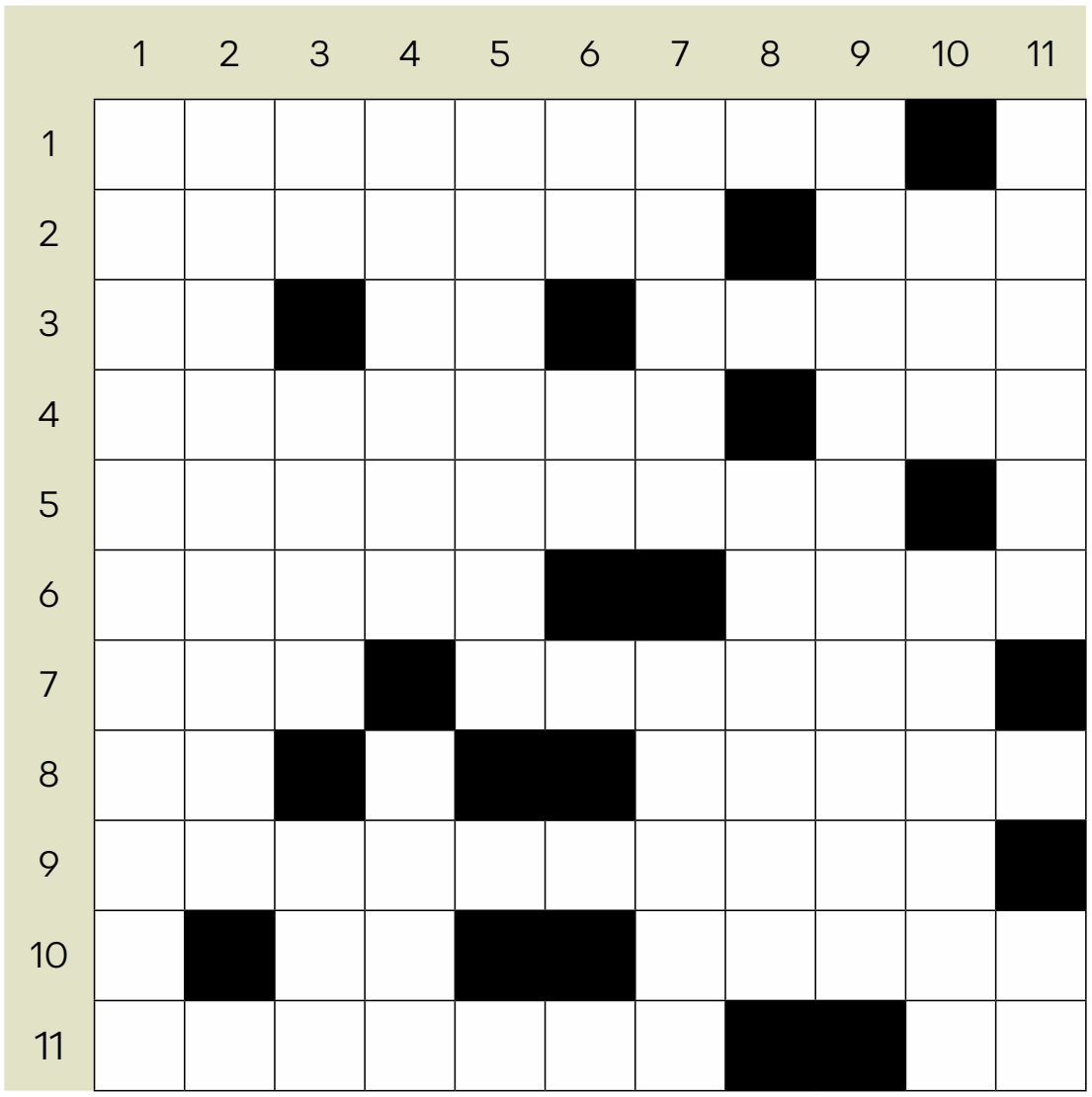
Muito difícil

4	8	1	2	9	3	5	7	6
2	5	9	3	4	7	6	8	1
7	1	3	6	8	5	9	4	2
8	4	2	5	1	3	6	7	9
6	3	7	4	9	8	1	2	5
1	9	5	7	6	2	4	3	8
9	7	6	8	5	4	2	1	3
5	2	4	9	3	1	7	8	6
3	8	1	6	7	9	5	6	4

Palavras Cruzadas Premiados do nº 2183

"Para Lá das Palavras", de Carl Safina, para Rui Gonçalves, de Santo António dos Cavaleiros; "Vitória — A Jovem Rainha", de Daisy Goodwin, para Isabel Melo, do Porto; "Os Últimos Dias do Rei", de Nuno Galopim, para Manuel Cruz, de Vila Nova de Gaia.

Palavras cruzadas nº 2186



Horizontais

1. Põem o país a arder **2.** Decompõe o todo em partes. Os muçulmanos invocam-no **3.** Era o dó. Em sete há dois. Sistema que gravita em torno do astro-rei **4.** A paciência tem-nos. Metal que o dinheiro é **5.** Sem mancha **6.** Ilha de que só o Leste é independente. Modernas de Antero de Quental **7.** No meio das mesas. Todos os batráquios o são **8.** Princípio de imortalidade. É um arbusto **9.** Tornar forte **10.** O quente sobe. Em ovos, quando toda a cautela é pouca (inv.) **11.** Tudo o que vem fora de época. Vogal repetida

Verticais

1. Dançam em Miranda **2.** Estilo focado na vida doméstica **3.** Iluminava os faraós. Chama-se à progenitora. Onde se bebe à barra **4.** Ácido do azeite. O de Berlim dividia a cidade **5.** São precisas pelo menos duas para fazer uma **6.** Tem uma pinta. Antecedia o rei **7.** Contração. Osso do ombro **8.** Ordem arquitetónica **9.** Nadadores que assistem banhistas **10.** Poema medieval. Quando a fibra da pele é destruída **11.** Rei assassinado. Apanha lixo

Soluções nº 2185

HORIZONTAIS

1. espantalho **2.** nervo; Trofa **3.** trauma; ser **4.** etílico; pra **5.** aoa; nó; eito **6.** dr; calista **7.** ais; tinta **8.** sou; IT; riso **9.** árvores **10.** navio; al; aa **11.** além; Isabel

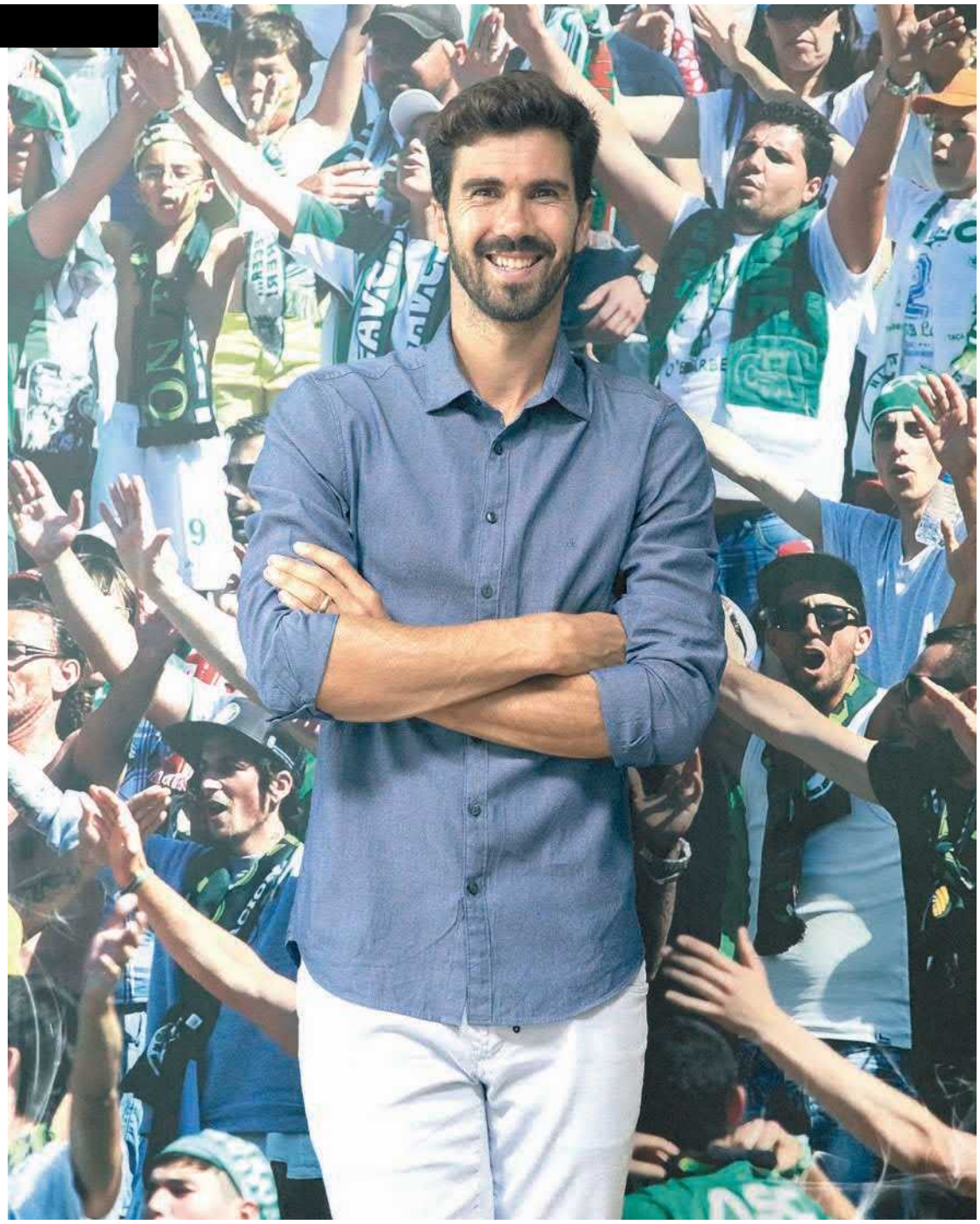
VERTICAIS

1. enteados; na **2.** Sertório; al **3.** Praia; suave **4.** avul; rim **5.** nominativo **6.** acólito **7.** at; in; Rãs **8.** Ir; estrela **9.** hospitais **10.** oferta; ae **11.** Arão; coral

Participe no passatempo das Palavras Cruzadas enviando as soluções por correio para **Rua Calvet de Magalhães, 242, 2770-022 Paço de Arcos** ou por e-mail para ***passatempos@expresso.impresa.pt***

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

TARANTINI
"SOU MUITO COMPETITIVO MAS JUSTO"



RUI DUARTE SILVA

Tarantini, capitão do Rio Ave, está no clube há nove anos. Em 2014 concluiu o mestrado em Ciências do Desporto. O Rio Ave é um dos clubes sensação desta temporada

1. NO MEIO DE TANTA ADRENALINA E DESGASTE O JOGADOR NUNCA SE ESQUECE DE QUE É CAPITÃO?
Passo por momentos que me apetecem esquecer. Mas o gosto de sentir sucesso no resultado final, aquele prazer do contributo vale por tudo. Sinto que tenho de ligar as coisas e se cada um de nós acrescentar coisas diferentes para o todo estamos no caminho certo.

2. QUANDO É QUE A FORÇA NAS PERNAS TE FALTA, ANTES MESMO DE O JOGO COMEÇAR?
Não sinto falta de força nas pernas, mas sempre um nervosismo antes de a bola rolar. Depois lembro-me de que é só um jogo, mas nunca será igual àqueles que temos na infância. Lá atrás ficou a essência da paixão.

3. NA ARBITRAGEM AS FERRAMENTAS ESTÃO CADA VEZ MAIS APERFEIÇOADAS... A FALHA É SÓ HUMANA?
Eu sou muito competitivo, mas justo. Já falhei, falho e irei falhar. A falha irá ser sempre humana.

4. COMO SE LIDA COM UM RESULTADO INJUSTO?
Só o tempo o cura. Na clareza das coisas, um resultado injusto é sempre quando planeamos algo e conseguimos cumprir. Mas obviamente que as sensações de uma vitória injusta são diferentes das que sinto numa derrota injusta. Se por um lado o resultado leva a um sentimento de esquecimento rápido, por outro o esmiuçar dos acontecimentos ajuda a lidar com a situação.

5. QUANDO É QUE TE COMEÇASTE A PREOCUPAR COM O FUTURO DOS OUTROS JOGADORES?
Eu preocupo-me com a vida dos jogadores, essencialmente dos mais novos. Há muito tempo que absorvo e preocupo-me com os mais queridos à minha volta, mas acredito que chegou a hora de despertar toda uma geração de jogadores. Gostava de chegar ao topo também para mostrar que o futebol não acaba no verbo "ter".

6. TAMBÉM SE JOGA MUITO BEM DEPOIS DOS 30. A IDADE É PRECONCEITO NO FUTEBOL?
Concordo, eu jogo melhor. Direi que a idade é negócio no futebol e desculpa preconcebida. Vivemos constantemente sob análises pouco profundas ao sabor da maré.

7. ESCOLHESTE FICAR NO RIO AVE?
Escolhi ficar porque ainda não tive uma melhor opção de carreira. Custa-me interiorizar que atingi o meu topo de carreira como jogador, mas também quero acreditar que o futebol é justo para me dizer que ninguém acredita que posso jogar a outro nível.

8. O MESTRADO EM CIÊNCIAS DO DESPORTO DEU-TE CONFIANÇA. E PARA O EXTERIOR, QUE MENSAGEM PASSASTE?
O mestrado ajudou-me a sair novamente da bolha do futebol para a vida real. Passei uma mensagem de possibilidades para aqueles que querem mesmo "fazer acontecer".

9. ATÉ A TUA MULHER TE CHAMA TARANTINI. QUANDO É QUE ÉS RICARDO MONTEIRO?
Quando tenho de assinar. Acho que nunca mais voltarei a ser.

10. QUAL É A MELHOR MANEIRA DE FESTEJAR UMA VITÓRIA?
Chegar ao balneário e dar um abraço.

INÊS MARIA MENESES

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

/ PEDRO MEXIA

ABANDONO VIGIADO

OS ENSINAMENTOS BUDISTAS E OS AFORISMOS DE PASCAL AVISAM QUE "EU" É UMA MALDIÇÃO, E QUE A FELICIDADE ESTÁ EM SAIRMOS DO "EU"

Estou irreconhecível, ensanguentado da cabeça aos pés, como se viesse da batalha de Hastings, ou como se, viking anafado, transportasse um javali aos ombros. Na verdade, a situação é bem menos heróica, bem menos brutal, e quem vir com atenção, ou mesmo sem atenção, há-de notar os ténis baratuchos, as manchas grumosas, os óculos de mergulho. Estou em Buñol, arredores de Valência, em manhã de Tomatina, peixe fora de água como todos fazem questão de comentar, incluindo uns portugueses em despedida de solteiro que me lançam um "ó Mexia" afavelmente atónito.

Os ensinamentos budistas e os aforismos de Pascal avisam que "eu" é uma maldição, e que a felicidade está em sairmos do "eu". Acredito, mas sou avesso a multidões, manifestações, colectivos. Então como é que me fui meter aqui? Bem, já não vou para novo, e esta, parafraseando David Foster Wallace, é uma coisa supostamente divertida que nunca mais hei-de fazer. Além do mais, a Tomatina é especial. Talvez não seja um caso de "invenção da tradição", mas quase. Começou espontaneamente, em 1945, com uma briga de rapazes que, recorrendo ao que tinham à mão, atiraram tomates uns aos outros. No ano seguinte, gerou-se a expectativa de que o evento se produzisse outra vez. E assim aconteceu, ainda que a Guarda Civil franquista tenha desmobilizado os foliões. Ano após ano, a Tomatina torna-se um hábito. As autoridades ainda a interditaram em 1957, mas dois anos depois a proibição caiu. Cooptada pelo Ayuntamiento de Buñol, a festa acabaria por se tornar uma atracção turística nacional, e depois internacional, com bilhete pago.

Este ano, como todos os anos, uns milhares de pessoas, 22 mil desta vez, apresentaram-se ao serviço na última quarta-feira de Agosto. Dois terços éramos estrangeiros. A organização recomenda como vestimenta uma *T-shirt* velha, calções, sapatos fechados e óculos de protecção. Assim apetrechados, com algumas variantes de inventividade e exibicionismo, acotovelámo-nos nas ruas do centro histórico, a Calle de San Luis e a Calle del Cid, e estacionámos numa rampa. À janela das casas, protegidas com plásticos, os locais observam e fotografam a fauna. Há muitos americanos, muitos orientais. O ambiente é de animação e expectativa. Embora não esteja calor nenhum, uns "puestos de bombeo" varrem a multidão com jactos de água, para que nos refresquemos. Com este friozinho, as mangueiradas são um choque. Dobrado, defensivo, sinto-me como um manifestante anti-G8. Além do mais, das varandas e das janelas os moradores atiram baldes de água, escusados agora, mas providenciais mais tarde, quando estivermos imundos.

Há outros festejos europeus que envolvem projécteis: uvas, ovos, laranjas. Mas estes é que se tornaram populares. Dão-nos tomates maduros pequenos, que devemos esmagar e que depois lançamos uns aos outros. Mas demora o seu tempo. Esperamos mais de uma hora sem munições, gente jovem ou de meia-idade, quase todos vestidos de branco, gozando ou antecipando o culto dionisíaco do caos e da catarse. Às 10h54 um petardo anuncia o início das festividades. Dos terraços, membros da organização despejam, um a um, uma imensidão de tomates. Lutamos por agarrar algum, como se fossem notas de cinquenta. Por enquanto as pessoas ainda ficam com os tomates na mão, porque ainda é um bem escasso, mas a situação está prestes a mudar. Ouve-se um clamor, lá do fundo, e as hordas saúdam as descomunais camionetas, seis ou sete, que transportam, ao todo, 162 toneladas de tomates, que voluntários, dentro dos camiões, atiram, desvairados, às ruas ávidas. A oferenda é saudada como se viesse de Baal ou de um desses deuses ameaçadores de épocas longínquas.

Já não vivemos em sociedades repressivas, como em 1945 ou 57, mas mantém-se a vontade de quebrar as normas de comportamento estabelecido, de instituir uma espécie de igualdade. Aqui toda a gente "transgride", uma transgressão socialmente aceite, codificada, e que implica estar pouco vestido ou de tronco nu, aos pulos, aos gritos, aos encontrões. A igualdade que nos une é a da sujidade, que transforma os corpos em objectos que se distinguem apenas como massa corporal, não nas feições ou em qualquer atributo. É isso que se celebra em La Tomatina: o abandono vigiado, para citar um poeta português. Não é uma festa religiosa, nem cívica, nem de "calendário", não há pedidos aos céus nem acções de graça: são milhares de pessoas em trajes progressivamente nojentos, ou rasgados, esmagando tomates, atirando tomates, levando com tomates na cabeça, por vezes caindo de bruços no rio vermelho que inunda as ruas, como se o sangue corresse pelas calçadas em forma de vitamina C. É bom estar no meio deste entusiasmo infantil, dissolvidos numa massa de gente, encharcados de água, encardidos de tomate, cuja acidez fica na boca e faz arder os olhos. Mas o tempo passa veloz, e quando se ouve o petardo das 11h58, terminando os folguedos, um brado unânime anuncia, desapontado, que voltámos ao "eu". ●

pedromexia@gmail.com

Pedro Mexia escreve de acordo com a antiga ortografia

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Digressão

SIC DE TODOS NÓS

SIC 25 ANOS

O melhor ainda está para ver

PORTALEGRE

8 e 9 setembro

PRIMEIRO JORNAL EM DIRETO
SEXTA-FEIRA ÀS 13H

AV. DA LIBERDADE
(PRAÇA DO ROSSIO)
SEXTA-FEIRA 12H | 20H E SÁBADO 11H | 20H

CAMIÃO COM ATIVIDADES INTERATIVAS / PRESENÇA DE CARAS SIC
PROGRAMAS EM DIRETO / CASTING NACIONAL

MISERICÓRDIA DE PORTALEGRE
SEXTA-FEIRA E SÁBADO 21H30 / 22H / 22H30

ESPETÁCULO MULTIMÉDIA by OCUBO

ENTRADA LIVRE
CONSULTE MAIS INFORMAÇÕES EM SIC.PT

Celebramos os 25 anos com:

NOS

Ford Go Further

FIDELIDADE

sauda

IMPRESA

Trabalhamos para ti visita nos em tugafree.net

Panthère
de
Cartier

BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS
20 ANOS

Tel. 217 122 595 - 229 559 720